

JOSEPHINE ANGELINI

“A gorgeous, haunting saga.”

—Lauren Kate, *New York Times*
bestselling author of *FALLEN*

STARCROSSED



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

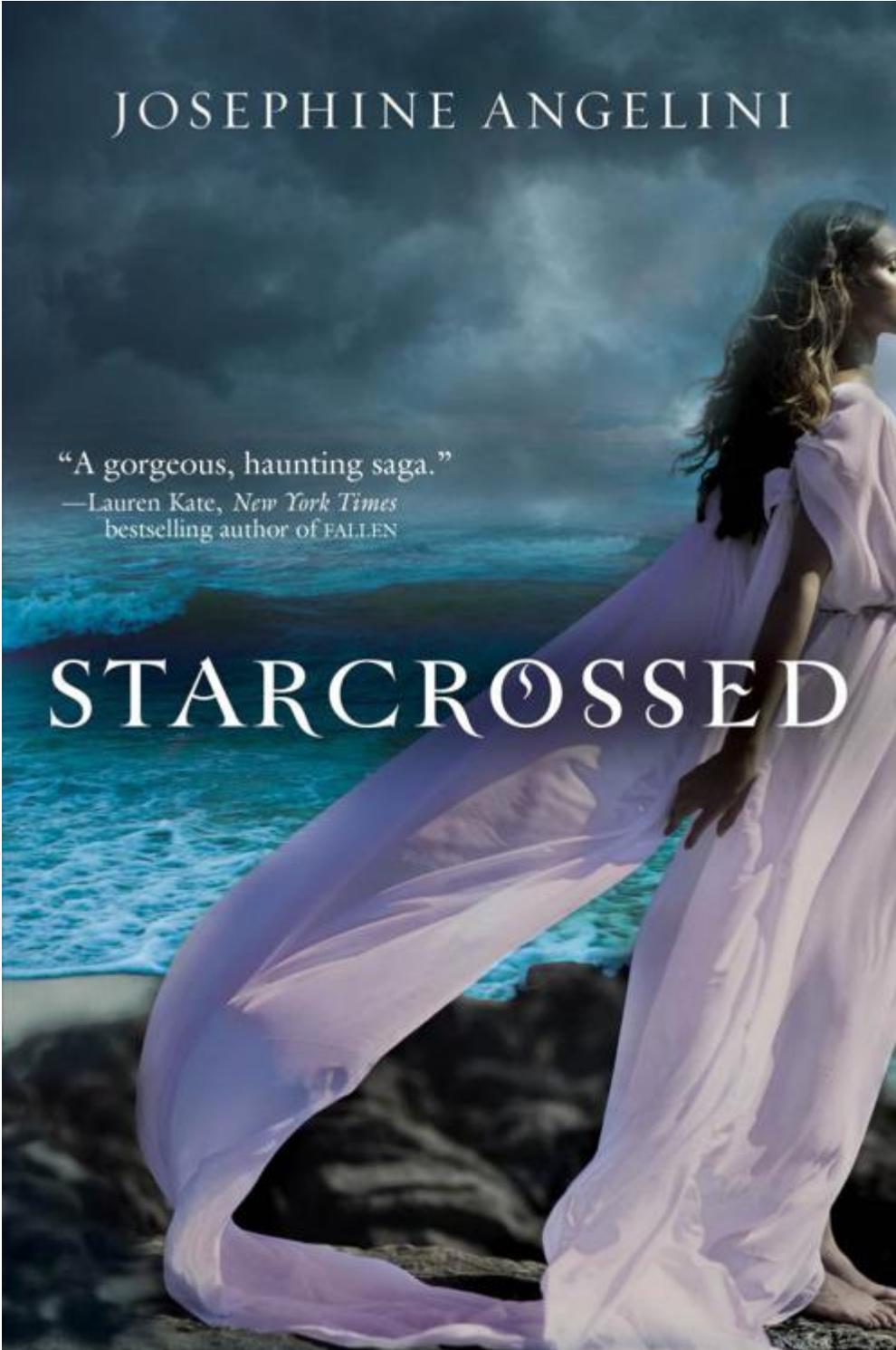
Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.



AFTER DARK



JOSEPHINE ANGELINI

“A gorgeous, haunting saga.”

—Lauren Kate, *New York Times*
bestselling author of *FALLEN*

STARCROSSED



AFTER DARK

STARCROSSED

2

PREDESTINADOS

Josephine Angelini



SINOPSE

Helen Hamilton passou a vida inteira tentando disfarçar o fato de que é uma garota diferente, mas agora, aos dezesseis anos, isso está cada vez mais difícil. Não apenas por causa de sua força sobre-humana ou porque às vezes, sem motivo aparente, pessoas estranhas simplesmente a atacam, mas também porque ela teme que seu juízo esteja seriamente comprometido. Pesadelos recorrentes com uma estranha viagem pelo deserto e a visão de três mulheres derramando lágrimas de sangue a tem atormentado noite e dia. Ao mesmo tempo, um impulso inexplicável, incontrolável, passa a dominar seus pensamentos: Helen quer matar Lucas, um dos rapazes da glamorosa e misteriosa família Delos. À medida que descobre mais sobre sua verdadeira origem, ela percebe que a relação dos dois está submetida não só à sua vontade, mas a forças e tradições ancestrais.

Predestinados é inspirado na Ilíada, de Homero. A feliz combinação de mitologia grega e romance faz com que o livro seja

imediatamente comparado a Crepúsculo e Percy Jackson e os olímpianos.



4

... para meu amado marido.



5

01

Mas se você me der um carro agora, ele será seu quando eu for para a universidade daqui a dois anos. E estaria quase novo.

Helen estava otimista, mas infelizmente seu pai não era nada bobo.

— Lennie, não é porque o estado de Massachusetts acha

correto que adolescentes de dezesseis anos dirijam... — Jerry começou a se explicar.

— Quase dezessete — lembrou Helen.

—... Que eu tenho que concordar com isso.

Ele ganhava a batalha, mas para Helen a guerra ainda não estava perdida.

— Você sabe que Pig vai aguentar no máximo mais um ou dois anos. — Helen se referia ao jipe Wrangler do pai e que devia ser mais velho que o rascunho da Bíblia. — Além disso, imagine quanto vamos economizar de combustível se comprarmos um híbrido, ou até mesmo um carro elétrico. É o futuro, pai.

— U-hum — foi tudo o que ele disse.

Agora, sim, ela havia perdido.

Helen Hamilton resmungou baixinho consigo mesma enquanto olhava a paisagem por cima do parapeito da balsa que a levava de volta para Nantucket, prevendo mais um ano de pedaladas até a escola e de caronas no inverno, quando nevasse demais. Mas pior ainda era ter que pegar o ônibus. Ela sentiu um calafrio, antecipando o sofrimento, e tentou não pensar no assunto. Alguns turistas que aproveitavam o feriado do Dia do Trabalho a

encaravam. Isso não era raro, e Helen sempre tentava ser sutil ao desviar o rosto. Quando se olhava no espelho, tudo o que via era o básico: dois olhos, um nariz, uma boca. Mas era comum, pessoas que não eram da ilha ficarem encarando Helen, o que era muito irritante.



6

Para sorte de Helen, a maioria dos turistas estava na balsa durante aquela tarde para apreciar a paisagem, e não seu rosto. Eles estavam tão determinados a desfrutar de um pouco da beleza do cenário antes do final do verão que se sentiam obrigados a aclamar com "Ohs" e "Ahs" cada uma das maravilhas do oceano Atlântico, apesar de nada daquilo impressionar Helen. Até então sua experiência dizia que crescer em uma ilhota era mesmo muito chato. Ela mal podia esperar pelo momento de entrar para a universidade e sair daquele lugar, sair de Massachusetts e, se possível, da Costa Leste.

Não que Helen detestasse a vida em sua terra natal. Ela e o pai se davam muito bem. A mãe os abandonou quando ela era bebê, mas Jerry logo aprendeu como dar à filha a quantidade certa de atenção. Ele não vivia grudado em Helen, mas estava sempre por perto quando ela precisava. Mesmo um pouco chateada com ele por causa da história do carro, Helen sabia que não poderia ter um pai melhor.

— Ei, Lennie! Como está aquela sua alergia? — gritou uma voz familiar. Era Claire, que caminhava na direção de Helen. As duas eram melhores amigas desde pequenas. Com empurrões certos, ela tirou do caminho os turistas meio desequilibrados.

Aqueles turistas deslumbrados com o mar desviavam-se de Claire como se ela fosse um zagueiro de futebol americano, e não uma garotinha que mais parecia um gnomo, delicadamente empoleirada no alto de saltos plataforma. Ela deslizou com facilidade por entre o empurra-empurra que criara na multidão e parou perto de Helen, encostada no parapeito.

— Risadinha! Estou vendo que você também fez compras para a volta às aulas — falou Jerry enquanto puxava Claire e seus pacotes para um abraço. Claire Aoki, também conhecida como

Risadinha, era durona.

Qualquer um que levasse em consideração apenas sua estrutura de um metro e meio e a delicada fisionomia asiática e que não percebesse o quanto ela era briguenta, corria o risco de sofrer nas mãos de um adversário altamente subestimado. O apelido Risadinha era sua sina desde bebê. Em defesa de seus familiares e amigos, era impossível resistir e não chamá-la assim. Claire tinha,



7

sem dúvida, a melhor risada do universo. Não era estridente nem forçada; era uma risada que fazia qualquer pessoa por perto sorrir também.

— Claro, progenitor da minha melhor amiga — respondeu Claire. Ela retribuiu o abraço de Jerry com genuína afeição, ignorando o apelido que detestava. — Posso dar uma palavrinha com sua rebenta? Desculpe por ser tão grosseira, mas é ultrassecreto, altamente confidencial. Eu até contaria para o

senhor... — começou a dizer.

— Mas aí teria que me matar — completou Jerry sabiamente.

Na mesma hora ele se retirou em direção à lanchonete para comprar um refrigerante normal, enquanto sua filha, chefe da polícia da alimentação, não estava olhando.

— Cara, o que você tem aí dentro? — perguntou Claire. Ela tomou a sacola das mãos de Helen e começou a vasculhar.

— Jeans, casaco, camiseta, calci... epa! Você sai para comprar roupa de baixo com seu pai? Credo!

— Como se eu tivesse escolha! — reclamou Helen enquanto pegava a sacola de volta. — Eu precisava de sutiãs novos! Meu pai se esconde na livraria enquanto eu experimento. Mas acredite, só saber que ele está ali no fim da rua enquanto eu compro calcinhas já é incrivelmente ruim — disse com um sorriso, corando.

— Não pode ser tão horrível assim. Até parece que você já tentou comprar qualquer coisa sexy. Meu Deus, Lennie, você se veste como minha avó! Claire levantou duas calças brancas de algodão.

Helen tomou das mãos dela as calcinhas de vovó e enfiou no fundo da sacola, enquanto Claire soltava sua magnífica risada.

— Já sei, eu sou tão nerd que já virou doença — respondeu Helen. — Você não tem medo de se contaminar andando comigo? — Não. Eu sou tão incrível que sou imune. E nerds são demais. Vocês são deliciosamente corruptíveis. E adoro o jeito como você fica vermelha quando falo de calcinhas.

Claire foi obrigada a se firmar no chão quando dois turistas com câmeras fotográficas tentaram se aproximar do parapeito, enfiando-se entre elas. Aproveitando o balanço do deque, Claire afastou-os com uma de suas cotoveladas ninjas.



8

Eles tropeçaram para o lado, rindo das “águas agitadas”, sem nem fazer ideia de que Claire os empurrara. Helen estava mexendo no pingente de coração que sempre usava e aproveitou a oportunidade para se apoiar no parapeito e, assim, ficar da mesma altura da amiga baixinha.

Infelizmente a tímida Helen chamava muita atenção com seu

metro e setenta e cinco, e não dava sinais de parar. Já tinha rezado para Jesus, Buda, Maomé e Vixnu para fazerem-na parar de crescer, mas ainda sentia nos braços e nas pernas as fisgadas quentes e os músculos distendidos de outro estirão noturno. Ela pensava que, se chegasse a um metro e oitenta e cinco, pelo menos teria o consolo de ser alta o suficiente para escalar o parapeito e se jogar do alto do farol de Siasconset.

Vendedores viviam lhe dizendo o quanto era sortuda, mas nem mesmo eles conseguiam encontrar calças que servissem nela. Helen já havia aceitado o fato de que, para comprar um jeans comprido o suficiente a um preço acessível, precisaria escolher alguns números acima do dela, mas, se não quisesse que a calça escorregasse quadril abaixo, precisaria suportar uma leve brisa batendo em seus tornozelos. Tinha certeza de que as vendedoras “loucas de inveja” não andavam por aí com tornozelos gelados. Ou com o cofrinho à mostra.

— Fica em pé direito! — Claire automaticamente chamou sua atenção quando a viu se abaixando, e Helen obedeceu.

Claire tinha mania de boa postura, alguma coisa ligada à mãe japonesa e supercorreta e à ainda mais correta avó, que só usava

quimono.

— Certo! Vamos ao assunto principal — anunciou Claire. —

Sabe aquela mansão enorme, de “zilhões” de dólares, que era daquele carinha do New England Patriots?

— Aquela em Sconset? Claro. O que é que tem? — perguntou Helen, imaginando a praia particular da mansão e sentindo-se aliviada por seu pai não ter ganhado dinheiro suficiente com a loja para comprar uma casa mais perto do mar.

Helen havia quase se afogado quando criança e desde então acreditava secretamente que o oceano Atlântico estava tentando matá-la. Ela sempre tinha escondido essa pequena paranóia...



9

mesmo sabendo que era uma péssima nadadora. Justiça seja feita, ela conseguia nadar “cachorrinho” por alguns minutos, mas até nisso era péssima. Acabava afundando como uma pedra, não importando a salinidade do oceano nem o quanto batesse os

braços.

— Finalmente foi vendida para uma família grande — disse Claire. — Ou duas famílias. Não tenho certeza, mas parece que são dois caras, e eles são irmãos. Os dois têm filhos; então os filhos são primos? — Claire franziu a testa. — Não importa. A questão é que quem quer que tenha se mudado tem um bando de crianças. E são todos mais ou menos da mesma idade. Parece que tem dois meninos que estão no mesmo ano que a gente.

— E, me deixe adivinhar — falou Helen com cara de deboche —, você leu no tarô que os dois vão se apaixonar loucamente por você e então vão lutar em um trágico duelo até a morte.

Claire chutou a canela da amiga.

— Não, sua boba. Tem um para cada uma.

Helen esfregou a perna, fingindo que doía. Mesmo que Claire tivesse chutado com toda a força, não teria conseguido deixar nem uma marca.

— Um para cada uma? Isso é muito pouco dramático para você — provocou Helen. — Está simples demais. Não me convenceu. Mas que tal isso: nós duas vamos nos apaixonar pelo

mesmo garoto. Ou pelo garoto errado, aquele que não gostar de nós.

Então você e eu vamos lutar até a morte.

— Do que mesmo você estava falando? — perguntou Claire docemente, enquanto verificava as unhas fingindo não ter compreendido.

— Meu Deus, Claire, você é tão previsível! — disse Helen, rindo. — Todo ano você tira a poeira das cartas que comprou naquela excursão para Salem e sempre prevê que algo surpreendente vai acontecer. Mas, todo ano, a única coisa que me surpreende é o fato de você não ter entrado em coma de tanto tédio até as férias de inverno.

— Por que você não se rende? — protestou Claire. — Sabe que alguma hora algo espetacular vai acontecer com a gente. Nós somos fabulosas demais para sermos comuns.



Helen deu de ombros.

— Estou bem feliz com o comum. Na verdade, acho que ficaria arrasada se você realmente fizesse uma previsão certa algum dia. Claire inclinou a cabeça para o lado e encarou a amiga. Helen tirou os cabelos de trás das orelhas para cobrir o rosto. Detestava ser observada.

— Sei que você ficaria. Mas simplesmente não acho que o comum sirva para sua vida — disse Claire, pensativa.

Helen mudou de assunto. Elas conversaram sobre os horários de aula, a pista de corrida e se deveriam ou não cortar a franja. Helen queria algo novo, mas Claire era completamente contra ela encostar uma tesoura em seus longos cabelos louros. Foi então que se deram conta de que tinham se aproximado demais do que chamavam de “área pervertida” da balsa e trataram de dar meia-volta rapidamente.

As duas detestavam aquela parte da balsa, mas para Helen tratava-se de um assunto especialmente delicado; aquele lugar a fazia se lembrar de um sujeito assustador que a seguira por toda parte durante um verão até o dia em que simplesmente desapareceu da balsa. Em vez de se sentir aliviada quando

percebeu que ele não voltaria, Helen se sentiu como se tivesse feito algo de errado. Ela nunca havia tocado no assunto com Claire, mas houvera um clarão seguido de um cheiro terrível de cabelo queimado. Então, o cara tinha simplesmente desaparecido. Pensar nisso ainda deixava Helen incomodada, mas ela levava aquilo numa boa, como se tudo fosse uma grande brincadeira. Ela forçou uma risada e deixou Claire arrastá-la para outra parte da balsa.

Jerry se juntou a elas quando chegaram ao cais e desembarcaram. Claire acenou ao se despedir, e prometeu tentar visitar Helen no trabalho no dia seguinte, embora a probabilidade fosse pequena por se tratar do último dia de verão.

Helen trabalhava alguns dias da semana na loja de conveniência da ilha, da qual seu pai era sócio. Além de vender o jornal da manhã e café fresco, a News Store também vendia balas, pastilhas e caramelos em bombonnières de cristal e doces puxa-puxa a metro. Sempre havia flores frescas, cartões artesanais, truques de



mágica, suvenires para turistas e mantimentos essenciais, como leite e ovos, para os moradores locais.

Há seis anos a News Store expandiu seus horizontes e agregou a lanchonete Kate's Cakes aos fundos da loja, e desde então os negócios explodiram. Kate Rogers era simplesmente um gênio das guloseimas. Ela conseguia transformar qualquer coisa em torta, bolo, biscoito ou muffin. Até mesmo as verduras universalmente detestadas como couve-de-bruxelas e brócolis sucumbiam à astúcia de Kate e viravam grandes sucessos como recheio de croissants. Ainda em seus trinta e poucos anos, Kate era criativa e inteligente. Quando se tornou sócia de Jerry, reformou os fundos da News Store e criou ali um refúgio para os artistas e escritores da ilha, conseguindo fazer isso sem transformar o lugar em um ambiente esnobe. Kate fazia questão de que qualquer um que gostasse de comida boa e café de verdade, fossem engravatados ou poetas, trabalhadores ou empresários, ficaria confortável sentado ao balcão lendo o jornal. E tinha um jeito especial de fazer com que todos se sentissem bem-vindos. Helen a adorava.

Quando Helen chegou para trabalhar no dia seguinte, Kate estava tentando guardar uma entrega de farinha e açúcar. Era patético.

— Lennie! Graças a Deus você chegou cedo. Acha que pode me ajudar? — Kate apontou para os sacos enormes.

— Deixe comigo. Não puxe pelo canto assim, você vai dar um jeito nas costas — recomendou Helen enquanto corria para impedir o movimento ineficiente. — Por que o Luis não fez isso para você? Ele não estava trabalhando de manhã? — perguntou, referindo-se a um dos outros funcionários na escala.

— A entrega chegou depois que Luis foi embora. Tentei enrolar até você chegar, mas um cliente quase tropeçou e eu tive que pelo menos fingir que iria tirar essas benditas coisas do caminho — disse Kate.

— Eu cuido da farinha se você preparar um lanche para mim

— propôs Helen enquanto se abaixava para pegar o pacote.

— Combinado — respondeu Kate, agradecida, e saiu em disparada com um sorriso.



AFTER DARK

12

Helen esperou até que Kate tivesse se virado, levantou facilmente o saco de farinha, apoiou-o no ombro e carregou-o até a bancada da pia, onde abriu e despejou um pouco da farinha no pote plástico que Kate usava na cozinha. Enquanto Helen estocava o restante da entrega de forma organizada no depósito, Kate servia para ela sua borbulhante limonada cor-de-rosa, o tipo que Helen mais gostava, da França, um dos vários países que estava doida para conhecer.

— Não é o fato de você ser assustadoramente forte para uma pessoa assim tão magra que me incomoda. O que realmente me irrita — falava Kate enquanto fatiava algumas cerejas e queijo para o lanche de Helen — é que você jamais perde o fôlego, nem mesmo com esse calor.

— Eu perco o fôlego — mentiu Helen.

— Você suspira. É bem diferente. — Eu só tenho pulmões

maiores que os seus.

— Mas, como você é mais alta, precisaria de mais oxigênio, não é?

Elas fizeram um brinde e tomaram um gole da limonada, decretando que estavam quites. Kate era um pouco mais baixa e mais cheinha do que Helen, mas isso não fazia dela uma pessoa baixa ou gorda. Quando via Kate, Helen sempre pensava em “sexy e gostosona”, mas evitava falar sobre isso para o caso de Kate entendê-la mal.

— O clube de leitura está de pé hoje à noite? — perguntou Helen.

— Ah-hã. Mas eu duvido que alguém queira falar sobre Kundera — falou Kate com uma risada enquanto fazia os cubos de gelo remexerem no copo.

— Por quê? Fofoca quente?

— Quentíssima. A família enorme que acabou de se mudar para a ilha.

— Para aquela casa em 'Sconset? — perguntou Helen.

Quando Kate fez que sim com a cabeça, Helen revirou os olhos.

— O que foi? É boa demais para se juntar a nós? — provocou Kate, jogando o suor da bebida gelada no copo em cima de Helen.



AFTER DARK

13

Helen deu um gritinho e depois precisou deixar Kate por alguns instantes para atender clientes no caixa. Assim que terminou as transações, ela voltou e continuou a conversa.

— Não. Só não acho tão estranho assim uma família grande comprar uma propriedade grande. Principalmente se forem morar aqui mesmo. Faz mais sentido do que um casal de idosos comprando uma casa de veraneio tão grande que eles se perdem no caminho até a caixa de correio.

— Verdade — concordou Kate. — Mas realmente pensei que você fosse ficar mais interessada pela família Delos. Você vai estudar com alguns deles.

Helen ficou parada enquanto Delos se repetia em sua cabeça.

O nome não significava nada para ela. Por que significaria? Mas em

alguma parte de seu cérebro a palavra “Delos” ecoava sem parar.

— Lennie? Viajou? — perguntou Kate. Ela foi interrompida pelos primeiros membros do clube de leitura, eufóricos e já no auge das especulações malucas.

A previsão de Kate estava certa. A insustentável leveza do ser não conseguia competir com os recém-chegados que passariam a morar ali. Especialmente depois de os boatos revelarem que eles vinham da Espanha. Parecia que eram de Boston e tinham se mudado para a Europa há três anos para ficar mais perto do restante da família, mas que agora, de repente, haviam decidido voltar. Era a parte do “de repente” que as pessoas estavam discutindo há mais tempo. A secretária da escola tinha contado para alguns membros do clube que as crianças foram matriculadas com tanto atraso que os pais tiveram que praticamente implorar para que pudessem entrar na escola, e todo tipo de acordos especiais tiveram que ser feito para que a mobília fosse enviada a tempo de sua chegada. Parecia que a família Delos havia fugido da Espanha; o clube de leitura concordava que devia ter acontecido algum tipo de briga entre os primos.

De toda a falação, a única coisa que Helen pôde concluir com

certeza foi que a família Delos era um tanto quanto pouco convencional. Havia dois homens que eram irmãos, a irmã mais nova deles, uma esposa (um dos homens era viúvo) e cinco filhos. Todos morando juntos na mesma propriedade. A família inteira



14

parecia ser inacreditavelmente inteligente, bonita e rica. Helen revirava os olhos quando ouvia comentários que elevavam a família Delos a proporções míticas. Na verdade, ela mal conseguia suportar isso.

Helen tentou ficar no caixa da loja e ignorar os cochichos animados, mas era impossível. Toda vez que ouvia o nome de um dos membros da família Delos, ela perdia a concentração, como se tivessem gritado seu nome, e isso a irritava. Ela saiu do caixa e foi à estante de revistas; tentou organizar as prateleiras apenas para se manter ocupada.

Enquanto limpava as estantes e arrumava os vidros de bala,

listou mentalmente os jovens da família. *Hector é um ano mais velho do que Jason e Ariadne, que são gêmeos. Lucas e Cassandra são irmãos e primos dos outros três.*

Ela trocou a água das flores e atendeu alguns clientes. *Hector não vai ao primeiro dia de aula porque ainda está na Espanha com sua tia Pandora, apesar de ninguém na cidade saber por quê.*

Helen colocou um par de luvas de borracha que chegavam até os ombros, vestiu um avental comprido e mexeu no lixo à procura de itens recicláveis . *Lucas, Jason e Ariadne estão no mesmo ano que*

eu. Então estou cercada. Cassandra é a mais nova. Ela está começando o ensino médio agora e tem só quatorze anos.

Ela foi para a cozinha e colocou a louça suja na lava-louça industrial. Limpou o chão e começou a contar o dinheiro. *Lucas é um nome tão estúpido. É todo errado. Parece que se destaca como uma laranja no meio de várias maçãs.*

— Lennie?

— O quê? Pai? Não está vendo que estou contando? — disse

Helen, batendo a mão no balcão com tanta força que fez uma pilha de moedas de vinte e cinco centavos pular.

Jerry fez um gesto para ela se acalmar.

— É o primeiro dia de aula amanhã — lembrou-o, no tom de voz mais tranquilo do mundo.

— Eu sei — respondeu Helen, indiferente, ainda irritada sabe-se lá porque, mas tentando não descontar no pai.

— Já são quase onze horas, querida — falou ele.

Kate veio dos fundos para verificar que barulho era aquele.



15

— Você ainda está aqui? Desculpe Jerry — disse ela, perplexa.

— Helen, eu falei para você trancar a porta da frente e ir para casa às nove.

Ambos encararam Helen, que acabara de arrumar todas as notas e moedas em pilhas perfeitas.

— Eu me distraí — disse Helen sem muita convicção.

Depois de trocar olhares preocupados com Jerry, Kate assumiu a contagem dos trocados e mandou os dois para casa.

Helen, ainda em transe, deu-lhe um beijo de despedida e tentou entender como perdera as últimas três horas de sua vida.

Jerry prendeu a bicicleta de Helen na traseira do Pig e deu a partida sem dizer uma palavra. Ele às vezes dava uma olhada em Helen durante a volta para casa, mas não disse nada até parar o carro na entrada da garagem.

— Você comeu? — perguntou ele com voz suave, levantando as sobrancelhas.

— Eu não... sim? — Helen não fazia ideia de quando ou o que havia comido. Tinha uma vaga lembrança de Kate fatiando cerejas para ela.

— Você está nervosa com o primeiro dia de aula? O terceiro ano do ensino médio é muito importante.

— Acho que sim — respondeu ela distraída.

Jerry, mordendo o lábio, olhou para Helen. Ele expirou antes de falar.

— Eu estava pensando que você talvez devesse falar com o Dr. Cunningham sobre o remédio para fobia. Sabe, aquela das pessoas que se sentem um pouco mal em multidões. Agorafobia! É assim que se chama — desabafou ele, lembrando a palavra. — Você acha

que isso poderia ajudá-la?

Helen sorriu e mexeu o pingente do colar de um lado para o outro. — Acho que não, pai. Eu não tenho medo de estranhos; só sou tímida.

Ela sabia que estava mentindo. Não era só tímida. Toda vez que ela esticava as costas e chamava atenção, ainda que acidentalmente, sentia uma dor tão forte quanto se estivesse com dor de barriga ou cólica, daquelas muito fortes, mas ela preferiria botar fogo no próprio cabelo a contar isso ao pai.



16

— E você não tem problemas com isso? Sei bem que você jamais pediria, mas quer alguma ajuda? Porque acho que isso limita um pouco a sua vida... — falou Jerry, começando um assunto antigo que causava muitas brigas entre os dois.

Helen cortou o pai rapidamente.

— Estou bem! De verdade. Não quero conversar com o Dr.

Cunningham; não quero remédio nenhum. Só quero chegar em casa e comer alguma coisa — falou ela, saindo do jipe com pressa. Seu pai a observava com um sorriso discreto enquanto ela tirava sua velha e pesada bicicleta do suporte na traseira do jipe e a colocava no chão. Ela tocou a buzina alegre da bicicleta e deu um sorriso para o pai.

— Viu? Eu estou bem — disse ela.

— Se você soubesse o quanto isso que acabou de fazer seria difícil para uma garota comum da sua idade, você entenderia do que estou falando. Você não é comum, Helen. Você tenta parecer normal, mas não é. Você é igual a ela — disse ele com a voz se apagando.

Pela milésima vez Helen xingou a mãe, de quem não se lembrava, por ter partido o doce coração de seu pai. Como alguém poderia abandonar um cara tão legal sem nem ao menos dizer adeus? Sem nem ao menos deixar uma foto para ele se lembrar dela?

— Você venceu! Eu não sou comum, sou especial, assim como todo mundo — provocou Helen, querendo animá-lo.

Ela deu uma trombada no pai com o quadril quando passou

empurrando a bicicleta para a garagem.

— Agora, o que tem para comer? Estou morrendo de fome e é sua semana de ser escravo da cozinha.



AFTER DARK



17

02

Ainda sem o próprio carro, Helen precisava pedalar para a escola na manhã seguinte. Normalmente, às sete e quarenta e cinco da manhã o tempo estaria fresco, talvez até frio com o vento que sopra do mar. Mas, assim que acordou, Helen pôde sentir o ar quente e úmido cobrindo seu corpo como um casaco de pele molhado. Ela havia chutado os lençóis no meio da noite, tirado à blusa do pijama, bebido toda a água do copo na mesa de cabeceira e ainda assim acordou exaurida pelo calor. Era um clima bastante incomum para a ilha, e Helen definitivamente não queria levantar e

ir para a escola.

Ela pedalou devagar tentando evitar que ficasse o resto do dia com cheiro de quem acabou de sair da Educação Física.

Normalmente Helen não transpirava muito, mas como tinha acordado com tanta preguiça naquela manhã, não conseguia se lembrar se havia colocado desodorante ou não. Bateu os cotovelos como asas de galinha para tentar sentir o próprio cheiro e ficou aliviada quando o aroma de frutas chegou ao seu nariz. Estava fraco, então devia ser do dia anterior, mas ela só precisava que o desodorante aguentasse até o horário da corrida depois da aula. Isso seria um milagre, mas tudo bem.

Enquanto descia a Surfside Road, ela sentia pequenos fios de cabelo se soltando do penteado e colando nas bochechas e na testa. Era um caminho curto de casa até a escola, mas, com a umidade, seu penteado para o primeiro dia de aula, cuidadosamente preparado, havia se tornado uma grande bagunça quando parou a bicicleta velha, caindo aos pedaços, no bicicletário. Ela só a trancava pelo hábito adquirido nas temporadas de turismo e não



AFTER DARK

18

porque alguém na escola se dignaria a roubá-la. Ainda bem, porque a tranca que tinha também estava velha e caindo aos pedaços.

Ela soltou os nós desarrumados, correu os dedos por entre os fios e prendeu o cabelo novamente, dessa vez em um rabo de cavalo baixo e sem graça. Suspirou, resignada, e pendurou a bolsa de livros em um ombro e a bolsa de ginástica no outro. Inclinou a cabeça e se arrastou até a porta da frente.

Helen chegou lá apenas um segundo antes de Gretchen Clifford e foi obrigada a segurar a porta para ela.

— Obrigada, esquisitona. Tente não arrebentar as dobradiças, viu? — disse Gretchen maliciosamente, passando voando por Helen.

Helen ficou parada como uma boba no topo da escada, segurando a porta para os outros alunos que passavam, como se ela trabalhasse lá. Nantucket era uma ilha pequena e todos se

conheciam muito bem, mas algumas vezes Helen desejava que Gretchen soubesse menos a seu respeito. Elas haviam sido melhores amigas até o quinto ano, quando as duas brincavam de esconde-esconde com Claire na casa de Gretchen, e Helen acidentalmente quebrou as dobradiças da porta do banheiro com Gretchen lá dentro. Helen tentou se desculpar, mas no dia seguinte a amiga começou a olhar para ela de um jeito engraçado e a chamá-la de esquisitona. Desde então parecia que ela fazia de tudo para tornar a vida de Helen um inferno. Também não ajudava o fato de Gretchen agora andar com os populares, enquanto Helen se escondia entre os nerds.

Ela queria dar uma boa resposta para Gretchen, dizer algo inteligente como Claire faria, mas as palavras ficaram presas na sua garganta. Em vez disso, ela esticou o pé e abaixou o calço da porta, deixando-a aberta para todo mundo. Mais um ano em que ela seria quase invisível havia oficialmente começado.

O orientador da turma de Helen era o Sr. Hergeshimer. Ele era chefe do departamento de inglês e tinha um estilo original para um sujeito de cinquenta e poucos anos. Usava um lenço de seda no pescoço nos dias de calor, echarpe de cashmere quando estava frio

e dirigia um antigo Alfa Romeo conversível. O cara tinha rios de dinheiro e não precisava trabalhar, mas ainda assim dava aulas



19

para o ensino médio. Ele dizia que fazia isso para não ser forçado a lidar com selvagens analfabetos em todos os lugares aonde ia. De qualquer forma, essa era a história que ele contava. Na opinião de Helen, ele dava aula apenas porque adorava fazer isso. Alguns alunos não o entendiam e falavam que ele era um projeto de britânico esnobe, mas Helen achava que ele provavelmente era um dos melhores professores que ela já tivera.

— Srta. Hamilton — falou ele para todos ouvirem enquanto Helen entrava na sala e o sinal batia exatamente no mesmo segundo —, pontual como sempre. Tenho certeza de que vai se sentar ao lado de sua colega, mas antes devo avisá-las: qualquer tentativa de usar o talento que deu a uma de vocês o epíteto Risadinha, eu as separo.

— Pode deixar, *Hergie* — brincou Claire.

Helen se enfiou na carteira ao lado dela. Hergie revirou os olhos diante da leve falta de respeito de Claire, mas pareceu satisfeito.

— É gratificante saber que pelo menos um de meus alunos sabe que epíteto é sinônimo para apelido, não importando quão impertinente seja a demonstração. Agora, alunos, mais um aviso: como vocês estão se preparando para os SATs este ano, esperarei que todos estejam prontos para definir uma palavra nova e divertida para mim toda manhã.

A turma resmungou. Só o Sr. Hergeshimer poderia ser sádico suficiente para lhes dar dever de casa na aula de orientação. Isso ia contra a ordem natural das coisas.

— Impertinente pode ser a palavra de amanhã? — perguntou Zach Brant, ansioso.

Zach normalmente estava ansioso por causa de alguma coisa, e era assim desde o jardim de infância. Sentado próximo a Zach estava Matt Millis, que deu uma olhada em Zach e balançou a cabeça como se dissesse: “Eu não faria isso se fosse você”.

Matt, Zach e Claire eram alunos das turmas avançadas. Eram

todos amigos, mas, à medida que cresciam começavam a perceber que somente um deles poderia ser o destaque da turma e entrar em Harvard. Helen ficava fora da competição, principalmente porque começou a gostar cada vez menos de Zach nos últimos anos. Desde



AFTER DARK

20

que o pai dele havia se tornado técnico de futebol e começado a incentivá-lo a ser o número um tanto nos campos quanto na sala de aula, Zach passara a ser tão competitivo que Helen mal aguentava ficar perto dele.

Uma parte dela se sentia mal por ele. Ela talvez tivesse mais pena de Zach se ele não ficasse tanto no seu pé. Zach tinha que ser tudo, o tempo todo — presidente do clube X, capitão do time Y, saber todas as fofocas —, mas ele nunca parecia estar se divertindo. Claire insistia que Zach estava secretamente apaixonado por Helen, mas Helen não acreditava nisso nem por um segundo; na verdade achava que Zach a odiava, e isso a incomodava. Ele

costumava dividir biscoitos com ela durante o recreio, no primeiro ano, e agora procurava qualquer oportunidade para brigar com ela. Quando foi que tudo tinha ficado tão complicado, e por que eles não podiam ser amigos como no ensino fundamental?

— Sr. Brant — disse o Sr. Hergeshimer. — Você pode usar “impertinente” como sua palavra se desejar, mas vindo de alguém com seu potencial eu também esperaria algo mais. Talvez um artigo sobre a impertinência na literatura inglesa? — Ele balançou a cabeça. — Sim, cinco páginas sobre o uso da impertinência por J. D. Salinger em seu controverso *O apanhador no campo de centeio*, para segunda-feira, por favor.

Helen praticamente podia ouvir os punhos de Zach se cerrarem a duas mesas de distância. O poder que Hergie tinha de dar leitura extra para alunos espertinhos era lendário, e ele parecia determinado a fazer de Zach um exemplo no primeiro dia de aula. Helen deu graças a Deus por Hergie ainda não ter implicado com ela.

Ela comemorou cedo demais. Após distribuir o horário das aulas, o Sr. Hergeshimer chamou Helen até sua mesa. Ele falou para os demais alunos conversarem livremente e eles na mesma

hora iniciaram uma conversa animada de primeiro dia de aula.

Hergie falou para Helen puxar uma cadeira para perto dele, em vez de fazê-la ficar em pé e falar com o professor do outro lado da mesa.

Aparentemente ele não queria que qualquer outro aluno ouvisse o que iria falar. Isso tranquilizou Helen um pouco, mas não por muito tempo.



21

— Vejo que você decidiu não se inscrever para nenhuma das aulas avançadas este ano — falou ele, olhando para Helen por cima dos óculos de leitura em formato de meia-lua.

— Achei que não fosse conseguir lidar com o trabalho extra — murmurou ela, enfiando as mãos debaixo das pernas para mantê-las quietas.

— Acho que você é capaz de muito mais do que quer admitir — falou Hergie, franzindo as sobrancelhas. — Sei que você não é

preguiçosa, Helen. Também sei que é uma das alunas mais brilhantes da classe. Então, o que a impede de aproveitar tudo que o sistema educacional tem a lhe oferecer?

— Eu tenho que trabalhar — disse ela, dando de ombros. —

Preciso economizar dinheiro se quiser ir para a universidade.

— Se fizer as aulas avançadas e for bem no SAT, você vai ter melhores chances de conseguir uma bolsa de estudos do que economizando dinheiro com o salário mínimo da loja do seu pai.

— Meu pai precisa de mim. Não somos ricos como todo mundo nesta ilha, mas sempre apoiamos um ao outro — falou ela, na defensiva.

— Isso é bastante admirável em vocês dois, Helen —

respondeu Hergie, em um tom sério. — Mas você está chegando ao final do ensino médio e é hora de começar a pensar no seu futuro.

— Eu sei — concordou Helen, balançando a cabeça. Ela podia perceber na preocupação estampada no rosto do professor que ele se importava e que estava apenas tentando ajudar. — Acho que devo conseguir uma boa bolsa de estudos com a corrida. Fiquei ainda mais rápida durante o verão. Verdade.

O Sr. Hergeshimer encarou Helen, cujos olhos imploravam

para que ele a deixasse ir, e finalmente cedeu.

— Tudo bem. Mas se achar que precisa de mais desafios acadêmicos, você é bem-vinda para comparecer às aulas avançadas de inglês em qualquer momento deste semestre.

— Obrigada, Sr. Hergeshimer. Se eu achar que dou conta das aulas avançadas, procuro o senhor — falou Helen, agradecida por estar livre daquela situação.

Enquanto voltava para sua carteira, ela se deu conta de que teria que evitar a todo custo qualquer encontro entre Hergie e seu



22

pai. Não queria que eles conversassem sobre suas notas e decidissem que ela devia frequentar aulas especiais e concorrer a prêmios acadêmicos. Só de pensar ela já ficava com dor de barriga. Por que todo mundo não podia simplesmente ignorá-la? Por dentro, Helen sempre tinha achado que era diferente, mas pensava que havia feito um ótimo trabalho escondendo isso a vida toda. Parecia

que, sem perceber, ela vinha dando dicas sobre a estranha criatura escondida dentro de si. Ela precisava tentar ser discreta, mas se perguntava como conseguiria fazer isso se continuava crescendo cada vez mais, todos os dias.

— E aí? — perguntou Claire assim que Helen voltou para a carteira.

— Só mais um momento de motivação do Hergie. Ele não acha que estou me dedicando o bastante — disse Helen, o mais indiferente possível.

— Você não se dedica. Nunca faz os deveres — respondeu Zach, mais ofendido do que realmente deveria estar.

— Cale a boca, Zach — falou Claire cruzando os braços, beligerante. Ela se virou para Helen. — Mas é verdade, Lennie — disse com delicadeza —, você nunca faz os deveres.

— Tudo bem. Calem a boca, os dois — disse Helen, rindo.

O sinal tocou e ela juntou suas coisas. Matt Millis sorriu para ela, mas saiu correndo quando eles deixaram a sala. Sentindo-se culpada, Helen se deu conta de que ainda não havia falado com ele. Ela não teve a intenção de ignorá-lo, principalmente no primeiro dia de aula.

De acordo com Claire, “todo mundo” sabia que Matt e Helen eram “feitos um para o outro”. Matt era inteligente, bonito e capitão do time de golfe. Ele ainda era uma espécie de nerd, mas como Helen era praticamente uma pária desde que Gretchen começara a espalhar boatos sobre ela, era um elogio que todos pensassem que ela era boa o suficiente para alguém como Matt.

Infelizmente, Helen nunca havia sentido nada especial por ele.

Nada de frio na barriga. Uma vez, durante uma festa, eles foram jogados para dentro de um armário para ficarem, e tinha sido um desastre. Para Helen, parecera que estava beijando um irmão, e Matt se sentira rejeitado. Depois disso, Matt continuava sendo legal



23

com ela, mas, não importava quantas piadas ele contasse, sempre havia tensão entre os dois. Ela realmente sentia saudade dele, mas ficava preocupada que ele pudesse entender errado, caso ela falasse alguma coisa. *Parece que tudo o que eu faço nos últimos tempos é*

malcompreendido, pensou Helen.

Durante o restante da manhã, Helen vagou de aula em aula no piloto automático. Ela não conseguia se concentrar em muita coisa e toda vez que tentava se forçar a manter o foco não sentia nada além de irritação.

Tinha alguma coisa errada neste dia. Todo mundo — desde os professores preferidos aos poucos conhecidos que deveria ter ficado feliz em ver — a estava irritando e a todo momento, enquanto andava pelo corredor, tinha a repentina sensação de estar dentro de um avião a três mil metros de altitude. Os ouvidos entupiam, o barulho à sua volta ficava abafado e a cabeça esquentara. Então, também de repente, o desconforto sumia. Mas ainda assim havia uma pressão, uma energia pré-tempestade que a rodeava, mesmo o céu estando lindo e azul.

A sensação piorou durante o almoço. Ela atacou o sanduíche pensando que a dor de cabeça era resultado de pouca glicose no sangue, mas estava enganada. Jerry tinha preparado o sanduíche predileto dela: peru defumado, maçã verde e queijo brie na baguete. Mas ela não conseguiu dar mais que uma mordida. E cuspiu o sanduíche.

— Seu pai fez outra bomba? — perguntou Claire.

Logo que Jerry e Kate ficaram sócios, ele tinha feito algumas experiências com lanches criativos. O sanduíche “Desastre de pepinos com vegemite” ficou famoso na mesa delas durante o ano de calouras.

— Não, esse é o bom e velho número três. Só que eu não consigo comer — disse Helen, jogando o sanduíche para o lado.

Claire alegremente pegou o que restara e começou a comer.

— Hum, é muito bom — murmurou ela, com a boca cheia. —

Que houve?

— Eu só não me sinto bem — disse Helen.

Claire parou de mastigar e olhou para ela preocupada.



24

— Não estou doente. Pode engolir. — Helen a tranquilizou rapidamente.

— Ei! — Ela viu Matt se aproximar e o cumprimentou com um

tom bem-humorado na tentativa de se redimir pelo ocorrido de manhã.

Ele estava tão envolvido na conversa com Gretchen e Zach que nem respondeu, mas ainda assim sentou-se no lugar de costume, na mesa dos nerds. Tanto Gretchen quanto Zach estavam tão absortos no assunto que nem perceberam que estavam vagando pelo território inimigo.

— Ouvi falar que eles eram estrelas de cinema na Europa — dizia Zach.

— Onde você ouviu isso? — perguntou Matt, incrédulo. — É ridículo.

— Ouvi com certeza pelo menos duas outras pessoas dizendo que Ariadne era modelo. Ela é bonita o suficiente — argumentou Zach, passional, detestando estar errado em alguma coisa, até mesmo em se tratando de fofoca.

— Por favor. Ela não está nem perto de ser magra o suficiente para ser modelo — sibilou Gretchen, amarga. — Claro que acho que ela é bonitinha, se você gosta de um visual exótico, voluptuoso. Mas ela não é nada se comparada ao gêmeo, Jason, ou ao primo! Lucas é simplesmente surreal — disse, entusiasmada.

Os garotos se entreolharam, mas em silêncio concordaram que eram minoria entre as garotas e provavelmente teriam que deixar para lá.

— Jason é quase bonito demais — concluiu Claire solenemente depois de pensar nisso por um momento. — Lucas, por outro lado, é um supergato. Deve ser o garoto mais bonito que eu já vi. E Ariadne é linda, Gretchen. Você está com inveja.

— Como se você não estivesse. — Gretchen deu um suspiro profundo e colocou a mão na cintura. Era só o que tinha como resposta.

— Claro que estou. Estou com quase tanta inveja dela quanto da Lennie. Mas não tanto.



25

Helen sentiu Claire se virar para ver a reação dela, mas estava com os cotovelos apoiados na mesa e as mãos na cabeça, esfregando as têmporas.

— Lennie? — disse Matt, sentando-se perto dela. — Sua cabeça está doendo?

Ele tocou o ombro dela. Ela levantou de repente, murmurou uma desculpa qualquer e saiu apressada.

Quando chegou ao banheiro das meninas, já se sentia melhor, mas jogou um pouco de água fria no rosto porque achou que isso a faria se sentir melhor. Então lembrou que, na tentativa de incrementar o visual, havia passado rímel. Viu no espelho seus olhos de guaxinim e disparou a rir. Esse era o pior primeiro dia de aula da história.

De alguma forma ela sobreviveu aos três últimos tempos de aula e, quando o sinal finalmente tocou, foi aliviada para o vestiário das meninas se vestir para o treino de corrida.

A treinadora Tar estava muito agitada. Ela fez um discurso embaraçosamente otimista sobre as chances que a equipe tinha de ganhar corridas naquele ano e disse o quanto acreditava nas garotas tanto como atletas, quanto como jovens mulheres. Então se virou para Helen.

— Hamilton, você vai correr com os garotos este ano — disse a treinadora sem rodeios. Ela mandou todas para a pista.

Helen sentou-se no banco por um momento, questionando suas opções, enquanto todas as outras marchavam para fora do vestiário. Ela não queria criar caso, mas estava aflita pelo fato de ter que cruzar a linha que separa os gêneros. Os músculos no abdome começaram a se contrair.

— Vá falar com ela! Não deixe que ela te intimide — disse Claire, indignada, enquanto saía.

Helen, confusa e com medo de ter uma dor de barriga, assentiu e se levantou.

— Treinadora Tar? — chamou. — Nós não podemos só fazer como sempre fizemos? — Tar parou e virou-se para ouvir, mas não parecia feliz com aquilo. — Quero dizer, por que não posso simplesmente treinar com as outras garotas? Porque eu sou uma garota — concluiu Helen de maneira lamentável.



— Decidimos que você precisa começar a se esforçar mais —

respondeu a treinadora, com frieza. Helen sempre teve a sensação de que a treinadora não gostava muito dela, e agora tinha certeza disso.

— Mas eu não sou um garoto. Não é justo me fazer correr cross-country com eles — tentou argumentar Helen.

Ela apertou a área entre o umbigo e a pelve com dois dedos.

— Cólica? — perguntou a treinadora Tar, com uma ponta de pena na voz. Helen acenou que sim e a treinadora continuou. — O treinador Brant e eu temos notado algo interessante a respeito de seus tempos, Helen. Não importa contra quem você corra, não importa quão rápidos ou lentos sejam seus adversários, você sempre chega em segundo ou terceiro lugar. Como isso é possível? Você tem alguma ideia?

— Não. Não sei. Eu simplesmente corro tá? Eu faço meu melhor.

— Não, não faz, não — disse a treinadora severamente. — E se você quer uma bolsa, vai ter que começar a ganhar corridas. Eu conversei com o Sr. Hergeshimer... — Helen gemeu alto, mas a treinadora continuou sem se desviar do assunto. — É uma escola pequena, Hamilton, pode se acostumar com isso. O Sr.

Hergeshimer me disse que você está querendo uma bolsa de atletismo, mas se quer isso, precisa merecer. Talvez se a forcarmos a acompanhar os garotos, você aprenda a encarar seu talento com seriedade.

Pensar em mostrar sua velocidade para o mundo provocou uma reação física em Helen. Ela ficou com tanto medo de ficar com cólica ou dor de barriga que começou a ter um pequeno ataque de pânico. E disse, gaguejando:

— Eu faço isso, começo a ganhar corridas, mas, por favor, não me coloque em evidência assim — implorou ela, as palavras despejadas rapidamente enquanto segurava o fôlego para evitar a dor. A treinadora Tar era durona, não cruel.

— Você está bem? — perguntou ela, ansiosa, enquanto esfregava as costas de Helen entre as omoplatas. — Coloque a cabeça entre as pernas.



— Estou bem, só um pouco nervosa — explicou Helen entre os dentes. Depois de recuperar o fôlego, ela continuou: — Se eu jurar que vou ganhar algumas corridas, você me deixa correr com as garotas?

Tar estudou a fisionomia desesperada de Helen e fez que sim com a cabeça, um pouco abalada por ter testemunhado um ataque de pânico tão intenso. Ela deixou Helen ir para a pista das garotas, mas avisou que ainda esperava vitórias. E mais do que apenas algumas.

Enquanto corria na pista, Helen olhava para o chão. Uma bolsa acadêmica seria ótimo, mas isso significaria competir com Claire por notas e portanto estava fora de cogitação.

— Ei, Risadinha — disse Helen, alcançando a amiga facilmente. Claire já estava arfando e se derretendo em suor.

— O que aconteceu? Deus do céu está tão quente! — exclamou ela, com respiração ofegante.

— Acho que o corpo docente está tentando ver se consegue montar nas minhas costas, todos ao mesmo tempo.

— Bem-vinda à minha vida — disse Claire, arquejando. —

Crianças japonesas crescem... com pelo menos duas... pessoas em

cima... Você acaba se acostumando. — Depois de mais alguns momentos de esforço para acompanhar Helen, Claire acrescentou: — A gente pode... ir mais devagar? Nem todos nós somos... de Krypton.

Helen ajustou seu ritmo, sabendo que poderia acelerar nos últimos oitocentos metros. Eram raras às vezes em que ela se esforçava nos treinos, mas sabia que, mesmo sem se empenhar muito, poderia facilmente terminar em primeiro. Isso a assustava, então ela fez o que sempre fazia quando pensava sobre sua estranha velocidade: ignorava o assunto e conversava com Claire. Enquanto as duas garotas corriam por Surfside e pelo pântano até a lagoa Miacomet, Claire não parava de falar dos garotos Delos. Ela contou para Helen, pelo menos três vezes, que Lucas segurou a porta para ela no final da aula. Esse gesto provou que ele não só era um cavalheiro, mas que também já estava apaixonado por ela. Jason, Claire concluiu, ou era gay, ou era esnobe, porque só deu uma olhada nela antes de virar rapidamente a cabeça. Ela também



AFTER DARK

28

encarou como ofensa o bom gosto que ele tinha para roupas.

Parecia ser europeu, ou algo assim.

— Ele morou na Espanha por, sei lá, três anos, Claire. Ele é meio europeu. A gente pode, por favor, parar de falar deles? Está me dando dor de cabeça.

— Por que você é a única pessoa na escola que não está interessada nos Delos? Você não está nem curiosa, querendo dar uma olhada?

— Não! E acho patético a cidade inteira ficar rodeando e encarando essas pessoas como um bando de caipiras! — gritou Helen. Claire parou imediatamente e ficou olhando para ela. Não era típico de Helen discutir, muito menos começar a gritar, mas parecia que ela não conseguia evitar.

— Estou de saco cheio dessa família Delos! — continuou Helen, mesmo depois de ver a surpresa de Claire. — Cansei da

fixação desta cidade por eles e espero nunca ter que conhecer, ver ou dividir o ar que respiro com nenhum deles!

Helen acelerou, deixando Claire parada sozinha na trilha. Ela chegou em primeiro lugar, como havia prometido, mas fez isso um pouco rápido demais. A treinadora olhou para Helen em choque quando anotou o tempo que ela havia feito. Helen passou por ela voando e acelerou para dentro do vestiário. Pegou suas coisas e saiu da escola como um raio, sem se preocupar em trocar de roupa ou se despedir das colegas de equipe.

No caminho para casa, Helen começou a chorar. Ela pedalava deixando para trás a fileira de belas casas de madeira cinza e contravento branco ou preto e tentava se acalmar. O céu parecia particularmente mais baixo na terra arada, como se pressionasse os gabletes dos velhos pescadores de baleias e tentasse finalmente achatá-los depois de séculos de rebeldia. Helen não tinha a menor ideia porque havia ficado tão brava, ou porque abandonara a melhor amiga daquele jeito. Ela precisava de um pouco de paz. Havia um acidente na Surfside. Uma van tentou retornar em uma rua de terra marginal estreita e capotou. Os passageiros estavam bem, mas o carro, uma baleia encalhada, parou o trânsito

dos dois lados da rua. Irritada como estava, Helen sabia que não conseguiria passar pelos turistas idiotas sem perder a cabeça.



AFTER DARK

29

Decidiu, então, pegar o caminho mais longo para casa. Retornou e seguiu em direção ao centro da cidade, passou pelo cinema, pela estação da balsa e pela biblioteca que, com sua arquitetura grega, chamava atenção naquela cidade que, de resto, era uma ode à arquitetura puritana de quatrocentos anos atrás. E talvez fosse por isso que Helen amava a biblioteca. O ateneu era um estranho farol branco e resplandecente bem no meio das construções sem graça; de alguma forma, Helen se identificava com as duas coisas. Metade dela era a simples Nantucket dos pés à cabeça, e a outra metade, colunas de mármore com grandiosa escadaria que não combinavam com o lugar onde haviam sido construídas. Passando de bicicleta pelo ateneu, Helen olhou para o prédio e sorriu. Era consolador saber que ela podia até se destacar, mas pelo menos não era tanto

assim.

Quando chegou em casa, ela tentou se recompor tomando um banho gelado antes de ligar para Claire e pedir desculpas. Ela não atendeu. Helen deixou uma longa mensagem colocando a culpa nos hormônios, no calor, no estresse, em qualquer coisa e em tudo em que ela pôde pensar, apesar de, no fundo, saber que nada daquilo era o verdadeiro motivo para ter agido como louca. Ela estivera bem irritada o dia todo.

O ar do lado de fora estava pesado e parado. Helen abriu todas as janelas na casa antiga de dois andares, mas nem uma brisa entrava por elas. O que estava acontecendo com o tempo?

Praticamente não se ouvia falar em ar parado em Nantucket — em um lugar tão perto do mar, o vento era constante. Helen vestiu uma regata fina e seus shorts mais curtos. Já que era tímida demais para ir a qualquer lugar vestida com tão pouca roupa, decidiu fazer o jantar. Ainda era a semana do pai dela como escravo na cozinha e, tecnicamente, ele seria responsável por todas as compras, refeições e louça por ainda alguns dias, mas ela precisava fazer algo com as mãos ou acabaria subindo pelas paredes.

Massa, em geral, era a comida que confortava Helen. Lasanha

era a rainha das massas. Se ela fizesse tudo artesanalmente, ficaria ocupada por horas, bem o que queria. Então pegou a farinha, os ovos e começou a trabalhar.



30

Quando Jerry chegou em casa, a segunda coisa que notou, depois do maravilhoso cheiro, foi que estava um calor sufocante na casa. Ele encontrou Helen sentada à mesa da cozinha, com farinha grudada no rosto e braços suados, mexendo com o dedão e o indicador no pingente de coração que sua mãe lhe dera quando era bebê. Jerry olhou ao redor com os ombros tensos e os olhos arregalados.

— Fiz jantar — falou Helen, com a voz desanimada.

— Eu fiz alguma coisa errada? — perguntou ele confuso.

— Claro que não. Por que está perguntando isso, se eu acabei de fazer o jantar para você?

— Porque normalmente quando uma mulher passa horas na

cozinha preparando uma refeição complicada e depois se senta à mesa parecendo chateada, isso significa que algum cara, em algum lugar, fez alguma coisa muito estúpida — disse ele, ainda cauteloso.

— Eu já tive outras mulheres na minha vida além de você, sabia?

— Você está com fome ou não? — perguntou Helen com um sorriso, tentando se livrar do mau humor.

A fome venceu. Jerry calou a boca e foi lavar as mãos. Helen não comia desde o café da manhã e deveria estar morrendo de fome. Mas, quando experimentou o primeiro pedaço, ela se deu conta de que não conseguiria comer. Helen se esforçou para escutar enquanto empurrava pedaços da sua comida predileta pelo prato e Jerry devorava duas porções. O pai perguntou sobre o dia dela enquanto tentava disfarçar e colocar mais sal na comida. Helen, como sempre, impediu as tentativas dele, mas estava sem energia para responder qualquer coisa além de monossílabos.

Mesmo tendo ido para a cama às nove horas, depois de deixar o pai assistindo ao jogo do Red Sox na TV, à meia-noite ela ainda estava acordada quando ouviu o jogo finalmente terminar e o pai subir para o quarto. Ela estava cansada o bastante para dormir, mas toda vez que começava a cochilar, ouvia sussurros.

Primeiro ela achou que era real, que alguém estava lá fora lhe pregando uma peça. Subiu para a sacada no telhado, acima do quarto dela, e tentou enxergar no escuro o mais longe que pôde. Tudo estava quieto, nem mesmo uma lufada de ar balançava as roseiras ao redor da casa. Ela sentou-se por um momento e



31

observou a superfície lisa, preta e volumosa do oceano por detrás das luzes do vizinho.

Há algum tempo ela não subia lá, mas ainda lhe trazia uma sensação romântica pensar nas mulheres de antigamente, que subiam na sacada do telhado para procurar o mastro da embarcação do marido. Quando era mais nova, Helen fingia que sua mãe estaria em uma daquelas embarcações, voltando para ela depois de ter sido sequestrada por piratas, ou pelo Capitão Ahab, ou por algo assim poderoso. Helen passara horas na sacada, olhando para o horizonte à procura de uma embarcação que, mais

tarde, ela se deu conta de que jamais cruzaria as águas do porto de Nantucket.

Helen andava desconfortável no chão de madeira e então se lembrou de que suas coisas ainda estavam guardadas lá em cima. Por anos seu pai insistira que ela iria cair e morrer, e a proibira de subir sozinha à sacada. Mas não importava quantas vezes ele a punia, Helen acabava subindo escondida para comer barras de cereal e sonhar acordada. Depois de alguns meses de discussões contra a incomum desobediência de Helen, Jerry finalmente cedeu e lhe deu permissão para ficar lá, desde que não se debruçasse na grade. Ele até fizera um baú à prova d'água para Helen guardar suas coisas.

Ela abriu o baú e tirou de lá o saco de dormir, que esticou nas tábuas de madeira da sacada. Havia barcos distantes; barcos que ela não deveria ser capaz de ouvir ou ver àquela distância, mas que conseguia. Helen fechou os olhos e se permitiu o prazer de ouvir um pequeno barco enquanto a vela se agitava e suas tábuas de teca rangiam, ao longe, nas ondas que batiam. Sozinha e sem ser vigiada, podia ser ela mesma por um momento e realmente deixar tudo pra lá. Quando finalmente a cabeça começou a pesar, ela

desceu para, mais uma vez, tentar dormir.

* * *

Ela estava de pé, em um terreno rochoso e acidentado, tão castigado pelo sol que o ar, totalmente seco, serpenteava e movimentava-se formando raias como se partes do céu derretessem. As rochas eram afiadas e de cor amarela pálida, e aqui e ali havia



AFTER DARK

32

arbustos baixos e terrivelmente espinhosos. Uma árvore solitária contorcida crescia em uma encosta. Helen estava sozinha.

E depois não estava mais.

Abaixo dos galhos aleijados da árvore atrofiada apareceram três figuras. Elas eram tão magras e pequenas que Helen primeiro pensou serem garotinhas, mas alguma coisa na forma como os músculos dos braços esqueléticos delas envolviam os ossos como cordas fez com que Helen se desse conta de que eram também muito

velhas. Todas as três tinham a cabeça baixa e a face completamente coberta por um véu de cabelos longos e pretos emaranhados. Elas usavam farrapos brancos e estavam cobertas por poeira acinzentada até os pés. Dos joelhos para baixo, a pele tornava-se escura com riscos de poeira e sangue enegrecido, os pés em carne viva de tanto vagar descalços por aquela árida vastidão.

Helen sentiu um medo evidente, vivo. Ela deu um passo para trás involuntariamente, cortando os pés descalços nas rochas e arranhando as pernas nos espinhos. As três abomináveis criaturas andaram na direção dela, os ombros balançando com o choro silencioso. Gotas de sangue escorriam por debaixo do emaranhado de cabelos, escorrendo pela frente dos vestidos. Elas sussurravam nomes enquanto choravam lágrimas de sangue.

* * *

Helen acordou com um tapa. Ela sentia a bochecha formigar e um pungente e constante som de tom de discagem no ouvido esquerdo. O rosto de Jerry estava a centímetros de distância do dela, repleto de preocupação e começando a mostrar sinais de culpa. Ele nunca batera na filha antes; precisou respirar fundo algumas vezes antes de conseguir falar qualquer coisa. O relógio ao

lado da cama indicava 3h16.

— Você estava gritando. Eu precisava acordar você —
gaguejou ele. Helen engoliu e sentiu dor, tentando umedecer a
língua inchada e a garganta fechada.

— Tudo bem. Pesadelo — sussurrou ela enquanto se sentava.
As bochechas estavam molhadas ou de suor ou de lágrimas,
ela não sabia direito. Helen enxugou o rosto e sorriu para o pai,
tentando acalmá-lo. Não adiantou.



33

— Que diabos, Helen! Isso não foi nada normal — falou ele em
um estranho tom de voz agudo. — Você estava falando coisas.
Coisas realmente terríveis.

— Como o quê? — resmungou ela. Estava morrendo de sede.

— Principalmente nomes, listas de nomes. E então você
começou a repetir “sangue por sangue” e “assassinos”. Com que
diabos você estava sonhando?

Helen pensou nas três mulheres, três irmãs, acreditava, e sabia que não poderia falar com o pai sobre elas. Deu de ombros e mentiu. Conseguiu convencer Jerry de que assassinato era um tema bastante normal para pesadelos e jurou que nunca mais assistiria sozinha a filmes de terror. Finalmente conseguiu que ele voltasse para a cama.

O copo na mesa de cabeceira estava vazio e sua boca, tão seca que parecia inchada e dolorida. Ela girou para fora da cama para pegar água no banheiro e perdeu o fôlego quando seus pés tocaram o chão de madeira. Ligou o abajur para ver melhor, mas já sabia o que iria encontrar.

As solas dos pés tinham cortes profundos e estavam salpicadas de terra e poeira, e as canelas, arranhadas com marcas típicas de espinhos.



AFTER DARK



34

03

De manhã, quando Helen acordou e olhou para os pés, os cortes haviam sumido. Ela quase acreditou que havia imaginado aquilo, até ver que seu lençol estava sujo com sangue seco e areia. Para testar sua sanidade, Helen decidiu deixar o lençol na cama, ir para a escola, e ver se ainda estaria sujo quando voltasse para casa. Se ele estivesse limpo quando chegasse em casa, então a coisa toda teria sido ilusão e ela só estava um pouco doida. Se o lençol estivesse sujo quando retornasse, então ela estaria obviamente tão louca que andava por aí à noite trazendo terra e sangue para a cama sem se lembrar.

Helen tentou comer um pote de iogurte com frutas silvestres, mas isso não funcionou, então nem se incomodou em levar um lanche. Se ficasse com fome, mais tarde poderia tentar comprar alguma coisa mais leve para o estômago, como sopa e biscoito cream-cracker.

Pedalando em direção à escola, ela notou que, já pelo segundo dia consecutivo, fazia um calor úmido insuportável. O único vento era a brisa criada pelo movimento das rodas. Quando prendeu a

bicicleta ao bicicletário, ela percebeu que não só o ar estava parado como também não havia os usuais sons de insetos e pássaros. Tudo estava excepcionalmente quieto, como se a ilha inteira fosse um navio à deriva no meio do vasto oceano.

Helen chegou mais cedo do que no dia anterior e os corredores estavam lotados. Claire a viu entrar. Quando o rosto da amiga se abriu em um sorriso, Helen soube que havia sido perdoada. Claire lutou contra o fluxo de alunos para voltar e juntar-se a Helen na caminhada até a aula de orientação.

Quando se encontraram, Helen de repente sentiu como se estivesse se arrastando em mingau de aveia. Ela parou. Para ela



35

parecia que todo mundo no corredor havia sumido. Na escola repentinamente vazia, Helen ouviu o arrastar de pés descalços e os soluços ofegantes de uma lamúria inconsolável.

Ela virou a tempo de ver uma figura branca coberta de poeira,

com os ombros caídos e trêmulos, que desapareceu ao virar a esquina. Helen se deu conta de que a mulher que chorava passou atrás de alguém, uma pessoa de verdade, que a encarava de volta. Ela se concentrou na figura, uma garota delicada com pele morena e uma trança longa e negra que descia por um dos ombros. Seus lábios naturalmente vermelhos formaram um O de surpresa. Para Helen, a garota parecia uma boneca chinesa, tão perfeita que não podia ser real.

Então o barulho voltou e o corredor estava novamente lotado de estudantes apressados. Helen estava parada, bloqueando o caminho, e encarava uma trança negra brilhante nas costas de uma garotinha que desapareceu dentro de uma sala de aula.

O corpo inteiro de Helen tremeu com uma emoção que ela demorou para reconhecer. Era raiva.

— Ai, meu Deus, Len! Você vai desmaiar? — perguntou Claire, uma voz ansiosa.

Helen olhou para Claire e respirou ofegante. Ela se deu conta de que estava encharcada de suor frio e tremia. Abriu a boca para falar, mas nada saiu.

— Vou levar você até a enfermaria — falou Claire. Ela pegou a

mão de Helen e começou a puxar com força, tentando fazê-la se mexer. — Matt — chamou por sobre os ombros de Helen —, você pode me ajudar com Lennie? Acho que ela vai desmaiar.

— Eu não vou desmaiar — vociferou Helen, de repente alerta e ciente de como estava agindo de forma estranha.

Ela sorriu timidamente para os dois na tentativa de abrandar suas palavras. Matt havia colocado o braço em volta da sua cintura e ela tocou de leve a mão dele para que soubesse que podia soltá-la.

Ele olhou para Helen, hesitante.

— Você está realmente bem pálida e com olheiras — disse ele.

— Acho que o calor acabou me afetando um pouco, por ter vindo até aqui de bicicleta — começou a explicar.

— Não me diga que você está bem — preveniu Claire.



chegaram a cair, e Matt não parecia muito melhor. Helen sabia que não dava para se livrar dessa. Mesmo que estivesse ficando doida, ela não precisava descontar nos amigos.

— Não, você está certa. Acho que devo estar com insolação.

Matt assentiu, aceitando a desculpa como sendo a única possível.

— Claire, leve Helen para o banheiro. Vou contar para Hergie o que aconteceu, para ele não registrar seu atraso. E você deveria comer alguma coisa. Já não almoçou nada ontem — lembrou-lhe ele.

Helen ficou um pouco surpresa por Matt se lembrar disso, mas ele era bom em guardar detalhes. Ele queria ser advogado e ela sabia que um dia seria um dos grandes.

No banheiro feminino, Claire encharcou Helen, jogando água fria pelas costas dela em vez de somente umedecer seu pescoço. Obviamente elas acabaram fazendo uma guerra de água, o que pareceu acalmar Claire por ter sido a primeira reação normal de Helen nos últimos dias. Helen, por sua vez, sentiu que havia ultrapassado uma barreira de exaustão e que agora tudo havia ficado engraçado.

Hergie lhes deu autorização para transitar pelo corredor, então as duas amigas não se apressaram para ir à primeira aula. Ter uma autorização do Sr. Hergeshimer era como receber um dos bilhetes dourados do Willy Wonka, já que o aluno poderia ir a qualquer lugar e fazer qualquer coisa por uma aula inteira e nenhum professor diria nada a respeito.

No refeitório, elas pegaram laranjas para que o nível de açúcar no sangue de Helen subisse e, enquanto estavam lá, dividiram um muffin com gotas de chocolate. Helen devorou o doce e milagrosamente começou a se sentir melhor. Então, para se refrescarem, elas se revezaram diante do ventilador de quase dois metros do auditório, enquanto cantavam na direção das pás e ouviam suas vozes se partirem em centenas de partes até as duas caírem na risada.

Helen estava tão animada depois de matar aula com a autorização de Hergie e de comer açúcar com estômago vazio que



nem se lembrava para qual aula deveria estar indo. Ela e Claire estavam casualmente andando pelo corredor errado, na hora errada, quando o sinal do fim do primeiro tempo bateu. Elas olharam uma para a outra e deram de ombros como se dissessem “O que podemos fazer?” e desataram a rir. Foi então que Helen viu Lucas pela primeira vez.

O céu lá fora finalmente soprou todo o vento que vinha segurando há dois dias. Uma rajada de ar quente e estagnado entrou por todas as janelas abertas na escola abafada. Pegou folhas de papel largadas, bainhas de saias, cabelos soltos, sacos plásticos desgarrados e outras tantas coisas e as jogou para o teto como chapéus no dia da formatura. Por um momento, Helen achou que tudo havia ficado lá em cima, congelado no teto, tão sem peso quanto no espaço.

Lucas estava de pé em frente ao seu armário, a uns seis metros de distância, também encarando Helen, enquanto o mundo esperava a gravidade voltar a funcionar. Ele era alto, pelo menos um metro e oitenta, e tinha o corpo forte, apesar de os músculos serem longos e esguios em vez de volumosos. Tinha cabelos curtos

e negros e um bronzeado forte de final de verão que destacava seu sorriso branco e os olhos azul-piscina.

Encontrar os olhos dele a despertou. Pela primeira vez na vida, Helen soube o que era o mais puro e venenoso ódio.

Ela não percebeu que estava correndo na direção dele, mas podia ouvir as vozes das três irmãs lamuriantes se erguendo e transformando-se em lamentos; podia vê-las em pé atrás do garoto alto e moreno que ela sabia ser Lucas e do garoto menor, de cabelos castanhos, que estava perto dele. As irmãs estavam puxando os próprios cabelos até arrancarem tufo sangrentos do couro cabeludo.

Elas apontavam dedos acusadores para os dois garotos enquanto gritavam nomes de pessoas assassinadas há muito tempo. Helen de repente entendeu o que deveria fazer.

Na fração de segundo que levou para diminuir a distância entre eles, Helen viu o outro garoto avançar em sua direção, mas foi detido por Lucas, que esticou o braço e o lançou nos armários atrás deles. Então o corpo inteiro de Helen ficou paralisado e tenso.



AFTER DARK

38

— Cassandra, fique onde está — gritou Lucas por sobre os ombros de Helen, seu rosto a não mais que dois centímetros do dela. — Ela é muito forte.

Os braços de Helen queimavam e os pequenos ossos no pulso pareciam fazer força uns contra os outros. Ela se deu conta de que Lucas a segurava pelos pulsos para manter as mãos dela longe de seu pescoço. Eles estavam em um beco sem saída, e se ela conseguisse chegar um centímetro mais perto, seus dedos alcançariam a garganta dele.

E então?, perguntava uma vozinha dentro da cabeça dela.

Enforcá-lo até a morte!, respondeu outra.

Os olhos incrivelmente azuis de Lucas arregalaram-se de surpresa. Helen estava ganhando. Uma de suas longas unhas roçou a pele pulsante que cobria a artéria gorda que ela desejava cortar. Então, antes de conseguir entender o que estava acontecendo,

Lucas a girou e a imobilizou contra o seu peito prendendo os braços dela contra os seios e posicionando-se entre as pernas dela. A posição a que ele a submeteu fez com que ela não conseguisse se equilibrar direito e não pudesse abaixar o calcanhar sobre o pé dele. Ela não conseguia se mover.

— Quem é você? Qual é sua Casa? — sussurrou Lucas no ouvido dela e a balançou com força para enfatizar sua pergunta. Ela estava confusa demais para entender o que ele dizia.

Derrotada e desamparada, ela começou a gritar de ódio e então parou. Agora que não conseguia ver os olhos de Lucas, percebeu que metade do corpo docente da escola tentava arrancá-la dele. Todos estavam olhando. Helen se dobrou em agonia enquanto seu abdome se contraía com cólicas. Lucas imediatamente a soltou como se ela tivesse se transformado em um fósforo aceso, o corpo dele tremendo com espasmos convulsivos. Ela caiu no chão.

— Srta. Hamilton! Srta... Helen, olhe para mim — disse o Sr. Hergeshimer. Ele estava ajoelhado no chão ao lado dela enquanto Helen, ofegante, tentava relaxar os músculos. Ela olhou para cima, para o seu rosto suado. Os cabelos do professor estavam desarrumados e os óculos estavam desalinhados no rosto. Por um

momento Helen pensou se fora ela quem tinha batido no professor. E então caiu no choro.



AFTER DARK

39

— O que há de errado comigo? — disse ela, choramingando baixinho.

— Está tudo bem agora. Calma — disse o Sr. Hergeshimer, com firmeza. — Todos vocês, é melhor que voltem para suas salas. Imediatamente! — rosnou para a multidão de jovens em pé ao redor deles, de boca aberta. Todo mundo saiu correndo quando o Sr. Hergeshimer se levantou e assumiu o controle da situação. — Vocês, garotos — disse ele, apontando para Lucas e Jason —, venham comigo para a sala do diretor. Sr. Millis! Srta. Aoki! Levem a Srta. Hamilton para a enfermaria e depois vão direto para a próxima aula. Entenderam?

Matt imediatamente deu alguns passos para frente e colocou o braço de Helen sobre seu ombro para ajudá-la a se levantar. Claire

pegou a mão da amiga e a segurou, tranquilizando-a. Helen deu uma espiada e viu que Lucas olhava para ela, por sobre os ombros, enquanto caminhava em silêncio com o Sr. Hergeshimer. Mais uma onda de repugnância se abateu sobre ela e novas lágrimas encheram seus olhos. Matt a guiava enquanto ela chorava; sem jeito, ele acariciava-lhe os cabelos e ao mesmo tempo fazia com que ela caminhasse em direção à enfermaria. Claire andava do outro lado, trêmula e quieta.

— O que ele fez com você, Lennie? — perguntou Matt nervoso.

— Eu nunca o vi an-an-antes na minha vi-vi-vida! — Helen soluçou e chorou ainda mais.

— Excelente ideia, Matt! Faça perguntas! Você pode calar essa boca agora? — disparou Claire, tentando se recompor.

Eles andaram o restante do caminho sem conversar. Quando chegaram à enfermaria, contaram a Sra. Crane o que havia acontecido e tiveram o cuidado de acrescentar que, naquela manhã, Helen tinha chegado à escola com insolação. A enfermeira fez Helen se deitar com uma toalha fria sobre os olhos e foi ao escritório para ligar para Jerry.

— Seu pai já está a caminho, querida. Não, não... Fique com

os olhos cobertos. A escuridão irá ajudar — disse a Sra. Crane ao passar pela maca de Helen.



AFTER DARK

40

Helen a ouviu sair correndo em direção ao corredor para conversar com alguém rapidamente e depois voltar e sentar-se atrás da escrivaninha.

Helen ficou deitada com a toalha, agradecida por ser deixada em paz e em relativa privacidade. Ela não conseguia pensar duas coisas coerentes em sequência, muito menos explicar-se para alguém. O que mais a assustava era que, por alguma razão, ela sabia que o que havia tentado fazer estava certo ou que pelo menos era o esperado dela. No fundo, sabia que teria matado o garoto se conseguisse e nem se sentia culpada por isso. Até ver seu pai. Ele estava arrasado. A Sra. Crane lhe contou tudo o que havia acontecido, explicou que Helen estava sofrendo de um grave caso de insolação e que isso provavelmente tinha causado aquele estranho

surto. Ele escutou pacientemente e depois pediu a Sra. Crane um momento a sós com a filha, e ela concordou.

Primeiro Jerry não disse nada. Ele só ficou ali, como se pairasse sobre a maca de Helen, enquanto ela se sentava e começava a mexer em seu colar. Finalmente ele se sentou ao lado dela.

— Você não mentiria para mim agora, não é? — perguntou ele gentilmente. Ela balançou a cabeça. — Você está doente?

— Eu não sei pai. Não me sinto bem. Mas não sei o que há de errado — contou ela honestamente.

— Nós precisamos levar você ao médico, sabia?

— Eu imaginei — concordou ela.

Eles sorriram um para o outro, então de repente os dois se viraram na direção do som de pegadas que seguiam na direção da enfermaria.

Jerry se levantou e ficou virado para a porta, colocando-se na frente de Helen. Um homem alto, incrivelmente em forma, com uns quarenta anos de idade, entrou de repente no quarto. Helen pulou da maca e ficou de pé, instintivamente procurando ao redor por outra saída. Não havia nenhuma. Helen teve a sensação de que iria

morrer.

No canto da pequena enfermagem uma das irmãs lamuriantes apareceu. Ela estava agachada, o rosto coberto pelos cabelos



41

imundos, gemendo e dizendo nomes e “sangue por sangue” enquanto batia com a testa na parede repetidas vezes.

Helen tapou os ouvidos com as mãos. Ela desviou os olhos do horror no canto e buscou coragem suficiente para olhar para o homem alto. Uma centelha de reconhecimento passou por eles. Ela jamais o vira antes, mas de alguma forma sabia que deveria ter muito medo dele. A princípio seu rosto angular tinha uma expressão determinada, mas rapidamente se metamorfoseou em choque e depois confusão. Os olhos dele se focaram em Jerry e um olhar quase cômico de descrença desarmou o que poderia ter sido uma terrível briga.

— Você é... o pai da garota que atacou meu filho? —

perguntou ele com a voz hesitante.

Jerry só acenou com a cabeça.

— Minha filha, Helen — disse, apontando para ela. — Eu sou Jerry Hamilton.

— Castor Delos — apresentou-se o homem alto. — Minha esposa, Noel, não poderá vir. E a mãe de Helen?

Jerry balançou a cabeça.

— Somos somente Lennie e eu — disse de maneira incisiva.

Os olhos de Castor miraram Helen e depois se voltaram para Jerry. Castor franziu os lábios como se tivesse entendido algo.

— Sinto muito. Eu não tinha a intenção de trazer à tona assuntos pessoais. Há alguma forma de você e eu trocarmos uma palavrinha sozinhos?

— NÃO! — gritou Helen. Ela se jogou para o outro lado da maca, agarrou o braço do pai e o puxou com força para longe de Castor.

— O que há de errado com você? — gritou Jerry. Ele tentou, mas não conseguiu se desgrudar de Helen.

— Por favor, não vá a lugar algum com ele! — implorou ela com lágrimas acumulando-se nos olhos.

Jerry fez um som de frustração, colocou os braços ao redor de Helen e a segurou, tranquilizando-a.

— Ela não tem se sentido bem — explicou para Castor, que a olhava com pena.



42

— Eu tenho uma filha — respondeu Castor gentilmente, como se isso explicasse tudo.

A Sra. Crane e o diretor, o Sr. Hoover, entraram correndo na enfermaria como se estivessem correndo atrás de Castor.

— Sr. Delos. — O diretor começou a falar com voz irritada, mas Castor falou junto com ele.

— Espero que sua filha se sinta melhor logo, Jerry. Eu mesmo já tive insolação e me falaram que fiz todo tipo de coisas estranhas.

Pode até fazer você ter alucinações, sabia? — disse ele, para ninguém em particular.

Helen o viu olhar rapidamente para ela e então para o canto

onde a irmã lamuriante ainda se balançava para frente e para trás. Ela se perguntou se ele também tinha visto a mulher e, se tinha, como duas pessoas podiam compartilhar uma alucinação?

— Bom... Tudo bem. Nenhum problema aqui, então? —

perguntou o Sr. Hoover, olhando indeciso para Castor e depois para Jerry.

— Não da minha parte, nem da do meu filho, tenho certeza.

Estou mais preocupado com você, moça — disse Castor, virando-se com educação para Helen. — Luke me disse que ele precisou ser bem, um tanto violento. Ele machucou você? — inquiriu Castor.

Aparentemente ele parecia ter ótimas intenções, mas Helen não caiu. Ele estava somente tentando medir o quão forte ela era.

— Estou bem — respondeu ela de maneira rude. — Nem um arranhão.

Os olhos dele se arregalaram de leve. Ela não sabia por que estava provocando um homem adulto, um homem muito grande e na flor da idade, mas ela simplesmente não podia evitar. Em geral ela detestava discussões, tanto que nem aguentava assistir àqueles horrorosos programas de auditório diurnos em que todos gritavam uns com os outros, e ali estava, pela segunda vez em meia hora,

procurando confusão com alguém muito maior e mais forte do que ela. Ainda bem que não estava tão desesperada para matar Castor quanto estivera para matar o filho dele. Ninguém jamais enfurecera Helen como Lucas, mas ela ainda queria deixar alguns amassados no para-lama de Castor. Esse desejo a deixou profundamente confusa.



43

— Estou feliz que esteja bem — disse Castor com um sorriso, amenizando a situação.

Virou-se para o diretor e deixou claro que ele e a família não queriam que Helen fosse punida. Até onde ele sabia, Helen estava doente e o incidente todo deveria ser esquecido. Ele saiu tão repentinamente quanto entrara.

Tão logo os passos de Castor se afastaram, a irmã lamuriante sumiu e os sussurros pararam. Helen já não sentia raiva. Ela caiu na maca como um balão que deixava escapar todo o ar.

— Você deveria levá-la para casa agora, Jerry — disse a enfermeira com a voz direta e um sorriso reconfortante. — Muito líquido, nada de luz direta, e faça com que ela tome um banho frio para abaixar a temperatura interna. Tudo bem?

— Pode deixar Sra. Crane. Muito obrigado — respondeu Jerry, lembrando-se do garoto que ele era na última vez em que estivera na enfermaria da Sra. Crane.

Helen manteve a cabeça baixa no caminho até o estacionamento, mas podia sentir que os outros alunos ficaram olhando para ela enquanto passava. Quando subiu no banco de passageiro do Pig, ela viu a porta do escritório do diretor se abrir e os dois garotos Delos saírem com Castor. Lucas olhou diretamente nos olhos dela e ficou encarando-a. Castor se aproximou e colocou a mão na nuca do filho, falando com ele. Por fim, Lucas desistiu da competição de encarar que travava com Helen e olhou para o pai por um segundo antes de assentir e olhar para o chão.

Começou a chover. Um, depois dois, depois três gordos pingos de chuva de verão caíram e de repente o ar estava cheio de água. Helen bateu a porta e se virou para o pai, que também estava olhando para a família Delos.

— Em qual deles você pulou? — perguntou Jerry, lutando contra um sorriso.

— No maior — respondeu Helen com um sorriso discreto se formando no rosto. Jerry olhou para Helen, assobiou e ligou o motor.

— Tem sorte de ele não ter machucado você de verdade — disse então, sério.



44

Helen humildemente acenou com a cabeça, mas estava pensando que Lucas era quem tinha sorte. A estranheza dos próprios pensamentos a assustou e a fez ficar calada pelo resto do caminho para casa.





45

04

Helen sentou-se dentro de uma banheira de água fria, com as luzes do banheiro apagadas, e ficou ouvindo o telefone tocar sem parar. Ela não sabia o que dizer a ninguém e toda vez que pensava sobre o ataque a Lucas Delos em frente à escola toda gemia alto pela humilhação. Ela teria que deixar o país, ou pelo menos Nantucket. Não havia forma de superar o fato de que tinha tentado estrangular o garoto mais bonito da ilha.

Ela gemeu novamente e jogou água no rosto que ainda conseguia ficar vermelho, mesmo que ela estivesse submersa em água gelada. Agora que não estava sendo levada à loucura pela raiva, conseguia pensar objetivamente sobre Lucas e concluiu que Claire não estivera exagerando quando dissera que ele era o garoto mais bonito que ela já tinha visto. Helen concordava. Havia tentado matá-lo, mas não era cega. Garotos normais simplesmente não eram como ele.

Não era a altura, a cor da pele ou os músculos que o faziam tão bonito, ela concluiu. Era o jeito como ele se mexia. Ela o havia visto apenas duas vezes, mas podia perceber que ele pensava menos sobre seu visual do que todos ao seu redor. Os olhos dele, bonitos como eram, olhavam para fora, em vez de para si mesmo. Ela afundou a cabeça na água e gritou, só para botar tudo para fora sem assustar o pai. Quando voltou à superfície, sentiu-se um pouco melhor, mas ainda estava decepcionada consigo mesma. Um dos terríveis efeitos colaterais de sentir como se de alguma forma já conhecesse Lucas era que estava começando a idealizá-lo, fazendo com que ele ficasse mais perfeito do que era humanamente possível. O que era complicado, já que ela ainda queria matá-lo também.



46

Ela puxou a tampa do ralo com o dedão e ficou olhando água abaixar lentamente pelas laterais da banheira até a última porção

ser sugada pelo ralo. Então, se sentou nua dentro da banheira vazia encarando os pés brancos e enrugados até a bunda doer. Ela sabia que alguma hora teria de sair do banheiro escuro e tentar agir normalmente.

Vestiu-se e desceu para ver se o pai estava bem e o encontrou entrando pela porta da frente. Ele havia saído para comprar sorvete para o jantar, e não um sorvete qualquer, mas o de boa qualidade da sorveteria em que Helen o proibira de entrar quando o médico avisou que ele deveria ficar atento à dieta.

— Para abaixar sua temperatura interna — disse ele inocentemente, sacudindo a chuva do cabelo.

— Essa é sua desculpa? — perguntou ela, com as mãos na cintura.

— Sim. E vou me manter firme nela.

Ela decidiu deixar para lá. Haveria muito tempo de manhã para se preocupar com o colesterol dele. Depois de tantos dias comendo tão pouco, sorvete provavelmente não era a melhor ideia, mas desceu sem problema. Eles se sentaram no chão da sala de estar com o querido Red Sox na televisão, e passavam o pote e a colher de um para o outro enquanto xingavam os Yankees. Nenhum

dos dois atendeu ao telefone que continuava a tocar sem parar, e Jerry não forçou Helen a explicar o que havia acontecido. A mãe de Claire jamais a deixaria escapar dessa tão facilmente. Algumas vezes havia vantagens em ser criada por um pai solteiro.

Helen precisou trocar os lençóis antes de ir para a cama. As manchas da noite anterior não haviam sumido, como ela havia desejado, mas naquela noite tinha coisas mais importantes com que se preocupar do que seu sonambulismo. Antes de mais nada, ela podia ouvir alguém, ou alguma coisa, movendo-se na sacada. Era diferente do barulho que tinha escutado na noite anterior.

Dessa vez havia passos mesmo, diretamente acima dela, em vez de apenas sussurros confusos vindos de todos os lados. Helen não sabia o que seria pior, ir até lá e encontrar uma gangue de monstros intrusos, ou não encontrar nada. Por um momento Helen



não ir verificar. Ela já havia visto fantasmas suficientes naquele dia.

* * *

Na manhã seguinte, Helen foi se consultar com o Dr.

Cunningham. Depois de alguns minutos acendendo e apagando uma pequena lanterna nos olhos dela e de dar batidinhas em seu peito, o Dr. Cunningham disse a Jerry que parecia não haver estragos permanentes. Então brigou com Helen e disse que sua pele era clara demais para ela andar pela cidade sem chapéu. Ela não sabia como aquilo acontecera, mas depois de uma ida ao médico, o surto dela se tornara nada mais que o descuido de não manter a cabeça coberta. Pelo menos a consulta a manteve fora da escola por mais um dia.

Quando chegou em casa, Helen abriu o computador e passou algumas frustrantes horas na internet tentando encontrar informação sobre as três mulheres que a atormentavam. Cada pesquisa que fazia a confundia com tanta informação que sua tarefa parecia inútil; ela nem mesmo conseguia refinar a busca, porque não tinha um contexto para o que havia presenciado. Eram fantasmas? Demônios? Ou apenas sua manifestação da loucura? Era perfeitamente possível que aquilo fosse uma alucinação, e

agora que não estava com tanta raiva quase começava a pensar que talvez tivesse mesmo sido a insolação. Quase.

À tarde, Claire apareceu para trazer más notícias.

— A escola inteira pensa que, neste exato momento, você está a caminho de uma instituição — disse ela tão logo se sentaram na sala de estar. — Você deveria ter ido à aula hoje.

— Por quê? — perguntou Helen fazendo careta. — Não importa quando eu voltar; ninguém nunca vai se esquecer disso.

— Verdade. Foi bem ruim — disse Claire.

Fez uma pausa por um momento antes de falar mais rápido.

— Você me matou de susto, sabia?

— Sinto muito — desculpou-se Helen com um sorriso amarelo.

— E então, ele estava na escola hoje?

Por algum motivo ela sentia que precisava saber, mas não conseguia pronunciar o nome dele.



— Sim. Ele perguntou por você. Bem, não foi exatamente ele que conversou comigo, foi o Jason. A propósito, ele é um idiota — Claire começou a falar com mais energia. — Olha isso. Ele vem falar comigo na hora do almoço, certo? E começa a perguntar um monte de coisas sobre você. Tipo, há quanto tempo a gente se conhece, de onde você é, se conheci sua mãe antes de ela fugir da cidade...

— Minha mãe? Isso é estranho — interrompeu Helen.

— E comecei a responder com o talento natural que tenho para isso — disse Claire, de maneira inocente.

— Tradução: você o insultou.

— Tanto faz. Aí aquele estúpido teve a coragem de me chamar de "garotinha"! Você acredita?

— Imagine. Alguém dizer que você é pequena — falou Helen em tom de brincadeira. — Então, o que você disse a ele?

— A verdade. Que somos amigas desde que nascemos e que nenhuma das duas se lembra direito da sua mãe, que ela não deixou foto nem nada, mas que seu pai sempre fala sobre como ela era incrivelmente bonita, inteligente, talentosa e tudo mais e blá-blá-blá. Não é preciso ser muito esperto para entender que sua mãe devia ser gostosa. Quero dizer, olha para seu pai e depois olha para

você — disse Claire com um brilho de sabichona nos olhos.

Helen estremeceu com o elogio.

— É só isso? Lucas não disse mais nada? — As mãos de Helen estavam cerradas. Ela sentia dificuldade até mesmo de falar o nome dele sem ter vontade de dar um soco na cara de alguém.

Obviamente, ou ela ainda estava com insolação, ou realmente estava ficando louca.

— Não disse nada. Mas ouvi um boato de que Zach estava falando bobagem a seu respeito, e Lucas fez com que ele ficasse quieto.

— Sério? — perguntou Helen, mostrando interesse. — Como assim, fez com que ele ficasse quieto?

— Ele não deixava ninguém falar mal de você, só isso. Você sabe como Zach e Gretchen são. Mas Lucas não deu ouvidos. Falava sem parar que você parecia realmente estar muito febril quando ele... fez aquilo que fez. Como você chamaria aquilo? Um abraço de urso por trás?



AFTER DARK

49

Helen gemeu e enterrou o rosto nas mãos.

— Está tudo bem — disse Claire, dando tapinhas de consolo nas costas da amiga. — Ele não vai sair por aí dizendo a todos que você é uma maluca, então, pelo menos você agrediu um cara extremamente gentil.

Helen gemeu ainda mais alto e tentou se arrastar até o sofá enquanto Claire gargalhava à sua custa.

* * *

Naquela noite, Helen teve outro pesadelo com a terra seca.

Quando acordou, sentia-se tão cansada e estava com o corpo tão dolorido que por um momento quase acreditou que havia andado por dias, tal como no sonho. Ela sempre tinha sido boa em ignorar coisas estranhas sobre si mesma e tentou se convencer de que aquilo não era diferente, mas suas mãos tremiam enquanto embrulhava seus lençóis e os levava para a lavanderia. No

chuveiro, Helen se livrou da areia e tentou se concentrar na escola, apesar de isso também não ser um consolo. Na hora em que entrasse na escola, seria temporada de caça à esquisitona, e a esquisitona sabia disso.

Ainda chovia, então ela precisou pegar carona com Claire e a mãe. Helen colocou uma das mãos na barriga com medo de ter uma cólica antes mesmo de descer do carro. Ela jamais realmente entendera porque tinha cólicas; apenas sabia que, algumas vezes, quando fazia algo que atraía a atenção dos outros, sentia um espasmo lancinante no estômago que era tão intenso que a fazia parar o que quer que estivesse fazendo.

— Relaxe — disse Claire quando abriram as portas para sair do carro. — Tudo o que precisa fazer é sobreviver ao dia de hoje e então você terá todo o fim de semana para... — Ela se distraiu pensando. — Não. Foi mal, Len, eu estava tentando ser otimista, mas ainda vai ser uma droga na segunda-feira.

Claire começou a rir e o som animou Helen um pouco, até entrarem na escola.

Foi pior do que ela havia imaginado. Um grupo de garotas mais novas levou um susto e se reuniu para fofocar logo que viram

Helen chegar. Um garoto do último ano, com jaqueta de couro, olhou maliciosamente para Helen e a chamou de “gata sinistra”



AFTER DARK

50

quando passou por ela. Espantada, ela se virou para olhar depois que ele passou, e ele falou “me liga” apenas mexendo os lábios e continuou andando.

— Acho que não consigo fazer isso — sussurrou Helen. Claire colocou a mão nas costas dela e a empurrou para frente.

Toda vez que alguém olhava para ela e arregalava os olhos depois de reconhecê-la, ela ficava ainda mais perto de ter um ataque de pânico. Será que teria que sofrer assim pelo resto do terceiro ano? Helen tentava se camuflar na sombra de Claire e se deu conta de que, se era cobertura o que procurava, ela teria que encontrar amigos maiores.

— Para de andar nos meus calcanhares! — reclamou Claire. —

Por que você não vai se esconder com o Hergie enquanto pego suas

coisas no armário?

Agradecida, Helen abaixou a cabeça, entrou na sala de aula e sentou-se, tentando se mesclar com a carteira. O Sr. Hergeshimer perguntou se ela estava melhor e depois a ignorou por completo logo que ela respondeu que sim. Ela poderia ter dado um beijo nele por isso.

Matt somente acenou e se sentou sem dizer uma palavra.

Helen adivinhou que ele havia sido ameaçado por Claire para agir como se houvesse esquecido a coisa toda, mas ele ficava o tempo todo tentando não olhar para ela; Helen sabia que ele ainda estava realmente preocupado por isso. Ela olhou nos olhos dele e sorriu com carinho; depois disso, ele parecia menos apreensivo. Zach se virou e olhou para fora da janela logo que sentou, fazendo muita questão de não olhar para ela.

Ela sobreviveu ao resto da manhã sem incidentes, pelo menos até a hora do almoço. Enquanto andava para o refeitório, ela se deu conta, tarde demais, de que passaria pelo armário de Lucas. Ela estava prestes a se virar e tomar outra direção, o que seria ridículo, porque significaria que precisaria literalmente dar a volta na escola inteira, quando foi vista.

Gretchen e Zach a notaram quando ela ficou no meio do corredor, indecisa como uma barata tonta. Eles estavam em frente aos seus armários que por acaso eram perto dos de Lucas e de Jason. Um pouco da confusão voltou à memória de Helen e ela se



AFTER DARK

51

recordou da fisionomia petrificada de Gretchen e Zach, no pano de fundo, enquanto ela tentava enforcar Lucas. Fazia sentido, alfabeticamente, os armários estarem juntos, Brant, B, Clifford, C, Delos, D, mas Helen culpava sua terrível falta de sorte pelo fato de as pessoas mais populares do ano terem sido testemunhas em primeira mão do seu maior momento de humilhação.

Ela não tinha escolha, precisava passar por eles. Gretchen e Zach não falaram uma palavra sequer, e seus rostos também não demonstraram nada, quando Helen passou acelerada com os ombros praticamente colados aos ouvidos. Pelo menos Lucas não estava lá, ela pensou, e, encurvada, entrou no refeitório.

— Fique em pé direito! Você vai acabar com uma escoliose — ralhou Claire quando Helen chegou à mesa.

— Desculpe. Eu acabei de ter que passar pelo armário dele — explicou Helen discretamente.

Matt resmungou algo, indignado.

— Você pode ficar tranquila, Lennie — soltou ele —, nenhum deles veio hoje.

— Supostamente todos tiraram o dia de folga porque a tia e o mais velho dos adolescentes da família finalmente chegaram à ilha esta manhã — disse Claire.

— Ah, sim, ótimo — completou Helen. — Ainda tem outro.

— Hector. Ele está no último ano — acrescentou Claire, prestativa; no entanto, não fazia ideia de que dizer aquele nome de forma alguma ajudava Helen. Na verdade, por algum motivo inexplicável, aquilo a irritava.

— Não sei nada sobre ele ainda. Zack provavelmente vai me ligar no fim de semana para me dizer as novidades — falou Matt, dando de ombros. — Ele sempre sabe onde as pessoas estão e o que estão fazendo.

O resto do dia se arrastou apesar de Helen se sentir aliviada em pensar que não iria trombar com os garotos Delos, ou os fantasmas que surgiam quando eles estavam por perto. Ela até começou a se divertir durante o treino de corrida enquanto corria

pela neblina e pulava em poças de lama com Claire. A treinadora Tar não disse nada a respeito do tempo pateticamente lento de Helen, mas ela sabia que não poderia ficar muito tempo nessa.



AFTER DARK

52

Tinha que conseguir uma bolsa de atleta, e a treinadora Tar não esqueceria isso tão fácil. Helen sobreviveu ao restante do dia com muito jogo de cintura, e foi trabalhar à tarde sentindo algo como alívio. Até que se deu conta de que muitas pessoas da escola iam até a loja para comprar uma bala ou um refrigerante.

— Por que você não vai até os fundos e arruma as coisas no estoque para mim? — perguntou Kate, dando um tapinha gentil no braço de Helen. — Eles vão parar de vir aqui bisbilhotar se pensarem que você já foi embora.

— Eles não têm mais nada para fazer em uma noite de sexta-feira? — perguntou Helen, já sem esperanças.

— Em que ilha você cresceu mesmo? — respondeu Kate, com

sarcasmo. Helen colocou a testa no ombro de Kate, aproveitando alguns segundos de conforto antes de se endireitar. — E já que vai lá, aproveite para fazer o inventário também. Pode demorar o quanto quiser — acrescentou enquanto Helen se dirigia para os fundos.

Inventariar não era exatamente o trabalho predileto de Helen, mas, naquela noite, foi. Ela estava tão ocupada contando cada objeto no depósito que antes de perceber já estavam trancando a porta da frente e fazendo o ritual de fechamento da loja.

— Então. O que realmente aconteceu entre você e o tal do Lucas? — perguntou Kate sem desviar os olhos da pilha de notas que organizava.

— Eu bem que queria saber — disse Helen, suspirando ao se apoiar no cabo da vassoura.

— Todo mundo está falando sobre vocês dois. E não só as crianças — disse Kate com um meio sorriso. — Então, o que está acontecendo?

— Olhe, se eu tivesse uma explicação, acredite, já estaria gritando sobre o que houve pelas ruas. Não sei por que o ataquei — disse Helen. — E o pior é que o ataque não é o mais complicado.

— Ah, agora você vai ter que explicar isso — falou Kate. Ela colocou o dinheiro de lado. — Vamos. Diga. Qual é o mais complicado?

Helen balançou a cabeça e começou a dar voltas varrendo o chão.



53

Ela sempre tivera uma voz na cabeça que sussurrava explicações possíveis para sua estranheza, palavras como aberração, monstro ou até mesmo bruxa. Não importava quanto Helen habilmente silenciasse a voz, ela sempre acabava voltando. O mais complicado de tudo era Helen descobrir que realmente era uma daquelas coisas.

— Nada — disse Helen, sem levantar o olhar.

— Não é só porque você não fala no assunto que a coisa vai simplesmente desaparecer, sabia? — pressionou Kate.

Helen sabia que ela estava certa, e também sabia que podia

confiar nela. Além disso, precisava falar com alguém sobre o assunto, ou ficaria louca.

— Eu tenho tido pesadelos. Na verdade, é o mesmo pesadelo repetidas vezes, e parece muito real. Como se eu fosse a algum lugar enquanto estou dormindo.

— Para onde você vai? — perguntou Kate gentilmente. Ela saiu detrás do balcão e fez Helen parar de varrer e se concentrar. Helen visualizou o mundo árido e deserto que ela era forçada a visitar nas últimas noites.

— É um lugar seco. Tudo é desbotado, sem cor. Eu escuto água correr ao longe, como se houvesse um rio em algum lugar, mas não consigo alcançá-lo. É como se eu estivesse tentando encontrar algo.

— Um lugar seco, não é? Você sabe, isso é bastante comum na imagística dos sonhos — afirmou Kate. — Aparece em todo livro sobre sonhos, em todos os países em que eu já estive.

Helen engoliu sua frustração e aquiesceu.

— É... Mas eu acordo de manhã e meus pés...

Ela parou de falar quando se deu conta de quão louco aquilo soava. Kate observou Helen por um momento.

— Você tem sofrido de sonambulismo, querida? É isso?

Kate segurou Helen pelos ombros fazendo com que ela a olhasse nos olhos. Helen jogou as mãos para o alto e balançou a cabeça.

— Eu não sei o que estou fazendo. Mas estou tão cansada,

Kate — disse ela. Algumas lágrimas de cansaço escorreram. —



54

Mesmo quando consigo dormir, acordo e tenho a sensação de que estive correndo sem parar. Acho que estou ficando louca.

Ela deixou escapar uma risada nervosa. Kate a puxou para um de seus abraços com cheiro de massa.

— Tudo bem. Nós vamos dar um jeito nisso — disse Kate, em tom reconfortante. — Você já conversou com seu pai?

— Não. E não quero que você fale com ele — insistiu Helen, olhando diretamente para Kate, que lhe lançou um olhar profundo.

— Na próxima semana, se eu ainda estiver doida, conto para ele,

mas acho que nós dois já tivemos muito drama por uma semana — terminou.

Kate concordou com um aceno.

— Você é quem deve saber quando está pronta para falar sobre isso com seu pai, e eu estarei lá. Minha pequena loca — provocou ela, sorrindo. Helen sorriu de volta, agradecida por ter Kate que podia levá-la a sério quando ela precisava e depois deixava a seriedade de lado na hora certa. — Acho que podemos deixar o resto pra depois. — Kate deu um último abraço em Helen. — Está pronta para ir? — chamou por cima do ombro enquanto caminhava para trás do balcão e colocava o dinheiro no cofre.

Helen guardou a vassoura e foi até a porta dos fundos.

Apagando as luzes, ela se virou para trancar a porta enquanto Kate atravessava o beco em direção ao carro, já com a chave na mão.

Nenhuma delas ouviu nada. Pelo canto dos olhos, Helen viu um borrão e um flash de luz azul. Sentiu um cheiro. Era nauseante, mas também muito familiar: o ranço de cabelo queimado misturado com um odor de ozônio. Então Kate caiu no chão como uma marionete cujas cordas fossem cortadas. Helen instintivamente avançou com os braços esticados para tentar

segurar Kate, mas o agressor, vindo por trás, aproveitou a oportunidade para colocar um saco na cabeça da garota.

Ela estava assustada demais para gritar. Quando foi puxada para trás contra um peito macio, de repente percebeu que seu agressor era uma mulher.

Helen sempre soube que era forte, e não somente forte para uma garota, forte para um urso. Ela dobrou os joelhos e fez força com os pés contra o asfalto, pronta para proporcionar a agressora o



55

maior choque da sua vida. Ela inclinou as costas e tentou se livrar dos braços da agressora, se surpreendendo por não conseguir. A misteriosa mulher era tão forte quanto Helen. Mas Helen tinha mais a perder.

As solas de seus tênis começaram a se esfarelar com a pressão dos pés no asfalto. Ela deu um passo e depois outro, e tirou seus sapatos arruinados enquanto arrastava a mulher com ela. Helen

então ouviu um baque, uma arfada e foi lançada para frente quando conseguiu se soltar.

Enquanto lutava para tirar o saco de veludo preto da cabeça, Helen ouviu uma rápida sucessão de barulhos de briga. Houve uma corrente de ar e um som em destaque de alguém correndo no momento em que ela arrancou o capuz e tirou o cabelo que estava no rosto.

Lucas Delos estava de pé acima dela, o corpo tenso, os olhos examinando ao longe algo que Helen não conseguia ver de sua posição no chão.

— Você está machucada? — perguntou ele com a voz baixa e vacilante, ainda olhando por cima da cabeça dela.

Havia sangue nos seus lábios e a camisa estava rasgada.

Helen conseguiu dizer que estava bem em um breve momento antes de ouvir as irmãs lamuriantes começarem a sussurrar. Ele olhou para baixo, para ela, e quando seus gélidos olhos azuis encontraram os dela, castanhos e quentes, um arrepio desceu pelas pernas de Helen. Ela deu um pulo e se colocou em posição de luta. Os sussurros tornaram-se lamentos e Helen viu a cabeça baixa e o corpo pálido e trêmulo de cada uma das três irmãs aparecerem e

desaparecerem de seu campo de visão. Ela se afastou e apertou os olhos, mantendo-os fechados sabe-se lá como. A raiva era tão intensa que parecia que seus órgãos estivessem pegando fogo. — Por favor, vá embora, Lucas — implorou ela —, você me ajudou e eu agradeço. Mas eu ainda quero muito mesmo matar você.

Houve uma pausa breve e Helen o ouviu recuperar o fôlego. — Isso é difícil para mim também, sabia? — disse ele com a voz embargada.



56

Houve um som arrastado vindo de onde ele estava e uma rajada de vento, e então Helen se atreveu a abrir os olhos. Ele tinha ido embora, e felizmente os infelizes poltergeists tinham sumido junto com ele.

Helen agachou-se ao lado de Kate para tentar ver se ela tinha algum sangramento. Ela ficou de quatro para averiguar cada

centímetro visível, mas, estranhamente, não havia cortes, hematomas ou arranhões de espécie alguma. Kate respirava normalmente, mas ainda estava inconsciente. Helen arriscou-se a carregá-la e esperava que movê-la fosse a coisa certa a fazer. Ela colocou Kate deitada no banco de trás do carro com gentileza, e correu para o lado do motorista enquanto discava o número do celular do pai. Ela estava ligando o carro de Kate quando o telefone tocou.

— Pai! Por favor, me encontre no hospital — disse ela quando ele atendeu.

— O que houve? Você está... — começou a dizer Jerry, apavorado.

— Não sou eu, é Kate. Estou no caminho para o pronto-socorro agora e não posso falar e dirigir. Só me encontre lá — completou ela e apertou a tecla de desligar, jogando o telefone no banco do passageiro sem esperar pela resposta.

Agora ela precisava pensar, e rápido, em uma mentira muito boa, porque o hospital ficava há apenas alguns minutos dali.

Ela ligou para a polícia enquanto encostava o carro na entrada do pronto-socorro, e disse somente que sua amiga fora atacada e

que elas estavam no hospital. Então, tremendo, ela vagou pela entrada de carros por alguns segundos sem saber como levar Kate para dentro da emergência. Helen não queria deixá-la, mas também não podia carregar Kate e revelar sua estranha força na frente de tanta gente. Então, finalmente entrou sozinha.

— Por favor, me ajude — murmurou ela, tímida, para a enfermeira na recepção. Aquilo não funcionou, então ela levantou a voz e pulou no mesmo lugar. — Socorro! Minha amiga está lá fora inconsciente!

Isso fez as pessoas se mexerem.



57

Quando seu pai chegou e os dois souberam que Kate ficaria bem, Helen prestou depoimento à polícia. Ela disse que uma mulher, que não conseguiu ver, fez Kate desmaiar com uma coisa brilhante e azul. Quando Helen viu Kate cair, ela saiu para o beco, e isso deve ter assustado a mulher, que saiu correndo. Claro, Helen

nunca disse nada a respeito do quase sequestro, da luta, ou do fato de Lucas Delos ter aparecido do nada para lutar contra a mulher superforte. A última coisa que ela precisava era complicar ainda mais sua situação, ou ficar ligada a Lucas Delos de alguma forma. Mas, de qualquer jeito, o que ele fazia lá?

— O que aconteceu com seus sapatos? — perguntou o policial. O coração de Helen disparou. Como ela podia ter se esquecido do fato de que estava descalça?

— Eu já não estava com eles — começou ela, agitada, e então continuou muito hesitante —, antes, mais cedo, eles rasgaram... enquanto eu arrumava o estoque, nos fundos. E então tirei os sapatos. Quando vi que Kate estava machucada simplesmente os larguei e fui direto até ela.

Era a pior mentira de todos os tempos, pensou Helen. Mas o policial aceitou.

— Nós encontramos um par de tênis rasgados no beco — disse ele como se Helen houvesse falado exatamente o que esperava. Ele continuou explicando que Kate havia sido paralisada com uma arma de choque e que, como a agressora havia usado toda a carga em Kate, tinha sido forçada a fugir quando viu outra pessoa chegar.

— Mais uma coisa — disse o policial, logo antes de se virar —, como você conseguiu carregá-la até o carro sozinha?

Confusos, o pai e o policial encararam Helen por um momento.

— Força de vontade? — disse Helen sem muita convicção, esperando que eles aceitassem a desculpa.

— Ela teve sorte de você estar lá. Você foi bastante corajosa.

O policial sorriu em aprovação. Helen não aguentava ser elogiada por ter mentido. Ela olhou para baixo, para os pés descalços, e então se lembrou de como tinha sido boba em não ter pensado nesse detalhe desde o início. Ela precisaria aprender a ser mais cuidadosa.



58

Quando a polícia acabou de interrogar Kate, Helen e Jerry entraram para ver como ela estava. Diferente de Helen, Kate havia conseguido dar uma olhada rápida na mulher antes de levar o choque.

— Ela era mais velha, tinha uns cinquenta anos. Cabelos curtos, grisalhos. Parecia totalmente inofensiva, mas acho que não era — lamentou Kate. — Que droga! Desde quando velhinhas começaram a sair por aí dando choque nas pessoas?

Ela tentava fazer piada da situação, mas Helen podia notar o quanto estava abalada.

O rosto de Kate estava pálido, e os olhos, grandes e úmidos.

Jerry decidiu passar a noite com Kate e levá-la para a casa dela quando recebesse alta. Os médicos disseram que provavelmente seria melhor ela não dirigir por alguns dias, então Helen se ofereceu para levar o carro de Kate e devolvê-lo no domingo. Kate agradeceu pelo favor, mas Helen tinha suas razões para querer o carro de Kate. Havia mais um detalhe do qual ela precisava cuidar antes de voltar para casa.

Ela teve tempo suficiente para ficar com medo enquanto atravessava a ilha pela Milestone Road para a casa dos Delos, em Siasconset. Quanto mais perto chegava, mais tremia, mas ela não tinha escolha. Tinha que ter certeza de que Lucas ficaria de boca fechada sobre o ataque, ou ela poderia se meter em uma grande encrenca. Não que ela achasse que ele iria contar a alguém. A

família Delos se esforçava muito para parecer normal, mas Helen sabia que eles eram qualquer coisa, menos isso. Ninguém com uma força humana normal poderia ter impedido Helen de estrangulá-lo se ela estivesse determinada a isso. Lucas era como ela.

O pensamento lhe causou um frio no estômago. Como ela poderia ser parecida em qualquer coisa com alguém que detestava? Primeiro precisava se certificar de que ele jamais falaria para a polícia sobre seu envolvimento, mas depois disso estava determinada a odiá-lo, mantendo-se tão longe quanto fosse possível sem cair no oceano.

Helen precisava se concentrar para ver através da neblina. Na luz escura da madrugada, muito longe e em propriedade privada, ela não sabia exatamente onde começava a entrada da garagem.



59

Encostou o carro e saiu; a pé, seguiu o som do oceano. Apenas avistara essa propriedade da praia, e agora tentava refrescar a

memória enquanto se esforçava para identificar qualquer referência do outro lado da estrada. Então ouviu um tropeço e uma batida às suas costas. Ela se virou e viu Lucas andando a passos largos em sua direção.

— O que você está fazendo aqui? — grunhiu ele, sussurrando.

Helen deu alguns passos para trás, então parou e firmou-se, tentando manter a posição. Na penumbra, conseguiu ver os corpos pálidos das três irmãs se arrastando pela grama arenosa e subindo pelas encostas, tremendo com os soluços.

— Como você veio parar atrás de mim? Você estava me seguindo? — perguntou ela em tom acusador.

— Sim, eu estava — estourou ele, ainda andando em sua direção. — Que diabos você está fazendo na propriedade da minha família?

Helen se deu conta, já tarde demais, de que ir até a casa dele significava ultrapassar um limite. Onde houvera ódio, Helen agora via violência, que distorcia o semblante dele e acrescentava ameaça à sua postura. Ele ainda era elegante, mas quase cruel demais para olhar. *Bom*, pensou ela, *vamos lá*.

Abaixou os ombros e diminuiu a distância entre eles, dando

uma arrancada de encontro ao peito de Lucas e derrubando-o no chão. Levou o corpo para trás para acertar um soco no rosto dele, mas Lucas agarrou os braços dela. Ela estava em cima e deveria ter tido vantagem, mas jamais batera em alguém antes e conseguia dizer, pela forma como Lucas não fazia movimentos em falso, que ele lutara a vida inteira. Helen sentiu que ele fez algo com os quadris que o deixou por cima dela. Os braços de Helen estavam imobilizados acima da cabeça e os calcanhares soltos, arranhando o solo inutilmente. Tentou morder o rosto dele, mas ele moveu a cabeça para o outro lado.

— Fique quieta aí, ou eu mato você — advertiu Lucas entre os dentes. Ele estava ofegante, não por estar sem fôlego, mas porque tentava se controlar. — Por que você veio aqui? — perguntou, quase implorando.



estava de olhos fechados. Helen se deu conta de que tentava o truque que ela usara no beco, e também fechou os olhos; sentiu-se um pouquinho melhor.

— Eu menti para a polícia. Não falei que você esteve lá essa noite — resmungou Helen; o inacreditável peso dele a deixava sem ar. — Você está me esmagando!

— Que bom — disse ele, mas aliviou o peso, parecendo ficar mais leve de alguma forma, e ela então pôde encher os pulmões. — Você também está com os olhos fechados? — perguntou ele, parecendo mais curioso que nervoso.

— Sim. Ajuda um pouco — respondeu ela, tranquila. — Você as vê também, não vê? As três mulheres?

— Claro que sim — respondeu ele perplexo.

— O que são elas?

— As Erínias. As Fúrias. Você não entende mesmo... — Ele se calou abruptamente quando uma voz de mulher chamou seu nome de onde Helen acreditava ser a casa dele. — Droga. Eles não podem encontrar você aqui ou você vai estar morta. Vai! — ordenou. Ele saiu de cima dela, pulou e foi correndo.

Logo que se viu livre, Helen fugiu e não olhou para trás. Ela

praticamente sentia as três irmãs esticarem os braços brancos e pegajosos e os dedos sangrentos para tocarem em sua nuca. Correu em pânico até o carro de Kate, mergulhou atrás do volante e dirigiu para longe dali acelerando o máximo que teve coragem.

Depois de quase um quilômetro, ela precisou encostar e respirar fundo, e, enquanto fazia isso, percebeu que podia sentir o cheiro de Lucas em sua roupa. Enojada, tirou a blusa e dirigiu só de sutiã. Ninguém a veria, e se isso acontecesse, a pessoa pensaria que havia saído para um mergulho ao amanhecer. Primeiro ela colocou a blusa no banco de passageiro, mas o cheiro dele insistia em impregnar o ar com aroma de grama cortada, pão no forno e neve. Em um rompante de frustração, ela gritou atrás do volante e jogou a blusa pela janela.

Ela estava exausta a ponto de desmoronar quando chegou em casa, mas não podia deitar na cama sem antes tomar um banho.

Precisava se esfregar e livrar-se de Lucas, ou o cheiro dele a



perseguiria nos sonhos. Estava imunda. Os cotovelos e as costas tinham manchas de grama e os pés estavam negros.

Enquanto assistia à sujeira escorrer com a água pelas canelas e pelos calcanhares, pensou nas três irmãs e no sofrimento perpétuo delas. Lucas as havia chamado de Fúrias, e nenhum nome poderia servir-lhes melhor. Ela lembrava vagamente de ter ouvido Hergie dizer aquela palavra em algum momento, mas nem por decreto conseguia lembrar de que mitologia elas faziam parte. Por algum motivo Helen imaginava armaduras e togas, mas não tinha certeza.

Ela pegou uma pedra-pomes e esfregou cada grão de sujeira antes de fechar as torneiras. Depois, ficou no vapor para passar um creme perfumado e deixá-lo ser absorvido, apagando qualquer traço de Lucas. Quando finalmente despencou na cama, ainda enrolada na toalha molhada, o sol já estava alto.

* * *

Helen andava pelas terras áridas ouvindo a grama morta estalar a cada passo que dava. Pequenas nuvens de poeira se formavam ao redor dos seus pés descalços e grudavam à umidade

que escorria de suas pernas, como se a terra em que pisava estivesse tão desesperada por água a ponto de tentar se libertar do solo para beber seu suor. Até mesmo o ar era poeirento. Não havia insetos zumbindo na vegetação baixa, nenhum animal, de espécie alguma. O céu ardia com o brilho de uma luz azul metálica, mas não havia sol. Não havia vento, nem nuvens, somente uma paisagem rochosa desolada, até onde Helen podia ver. Seu coração dizia que em algum lugar perto dali havia um rio, então ela andou e andou e andou.

* * *

Helen acordou algumas horas depois com o corpo pesado, dor de cabeça e os pés sujos. Ela pulou da cama, limpou a cada vez mais normal sujeira noturna e colocou um vestido de verão. Depois se sentou em frente ao computador para pesquisar sobre as Fúrias. O primeiro site que acessou lhe deu arrepios. Assim que o abriu, ela viu um desenho com traços simples na lateral de um vaso. Era uma representação perfeita dos três horrores que a assombravam por dias. Ao ler o texto sob a ilustração, ela teve



AFTER DARK

62

quase a exata descrição física das irmãs lamuriantes, mas o restante a confundiu. Na mitologia grega clássica havia três Erínias, ou Fúrias, que choravam sangue, exatamente como nas visões de Helen. Mas, segundo sua pesquisa, o papel das Fúrias era perseguir e punir os malfeitores. Elas eram a manifestação física da ira dos mortos. Helen sabia que não era perfeita, mas jamais fizera nada realmente errado, com certeza nada para que merecesse receber a visita de três figuras mitológicas da vingança.

Ao continuar a leitura, ela aprendeu que as Fúrias apareceram pela primeira vez na *Oresteia*, uma trilogia de peças de Ésquilo. Depois de duas horas inteiras decifrando o que deve ter sido a primeira e mais sangrenta novela da história, Helen finalmente conseguiu entender o enredo.

A essência da história era que esse pobre menino chamado Orestes foi forçado a matar a mãe porque ela havia matado o pai

dele, Agamemnon. Mas a mãe havia matado o pai porque ele tinha matado a filha, a querida irmã de Orestes, Ifigênia. Para tornar a coisa ainda mais complicada, o pai havia matado a filha porque os deuses tinham pedido isso como sacrifício em troca de fazer os ventos soprarem para que os gregos pudessem chegar a Troia e lutar na Guerra de Troia. O pobre Orestes foi obrigado pela lei a matar a mãe, e por ter cometido esse pecado foi perseguido pelas Fúrias por metade do planeta até quase enlouquecer. A ironia era que ele jamais tivera escolha. Desde o começo, ele seria condenado se a matasse e condenado se não a matasse.

Mesmo depois de decifrar a tragédia, Helen ainda não tinha a menor ideia qual relação aquilo poderia ter com sua vida. As Fúrias queriam que ela matasse Lucas, isso estava claro, mas se o fizesse elas então a perseguiriam por ter cometido assassinato? Tinha a impressão de que as Fúrias não faziam ideia de o que era justiça se exigiam que você cometesse o assassinato, mas também o puniam por tê-lo cometido. Era um ciclo vicioso que não parecia ter fim, e Helen não sabia como nem por que tudo havia começado. Um dia as Fúrias simplesmente apareceram na vida dela, como se tivessem se mudado para Nantucket com a família Delos.

Ela sentiu uma descarga de adrenalina. Será que era possível que os Delos fossem assassinos? Por alguma razão ela não



63

acreditava nisso. Lucas tivera várias oportunidades de matá-la, mas não o fez. Ele até mesmo tinha lutado contra outra pessoa para salvá-la. Helen não tinha dúvida de que ele queria matá-la, mas o fato ainda era que ele jamais sequer levantara a mão contra ela. Se ele a havia machucado de alguma forma, foi por ter se defendido do ataque dela.

Helen desligou o computador e desceu para procurar o pai.

Como não o encontrou, foi até o carro e pegou o celular no banco de

passageiro. Jerry tinha enviado uma mensagem de texto dizendo que ainda estava na casa de Kate. Helen olhou a hora; eram três da tarde. O que ele poderia ainda estar fazendo? Uma ideia fantástica, apesar de levemente nauseante, lhe ocorreu.

Faria sentido os dois ficarem juntos, ela concluiu. Um fazia o outro rir, trabalhavam bem juntos e obviamente importavam-se um com o outro. Kate era poucos anos mais nova e provavelmente conseguiria ficar com o cara que quisesse, mas Helen pensava que ela jamais poderia encontrar um homem melhor do que seu pai. E Jerry com certeza merecia um novo começo. Ele havia sido muito maltratado pela mãe de Helen e jamais superou isso, o que a deixava bastante irritada.

Ela esfregou o pingente. Pela centésima vez pensou em tirar aquela porcaria, mas sabia que não faria isso. Toda vez que tentava parar de usar o pingente, ela ficava obcecada, pensando nele sem parar. No final, desistia e o colocava de volta para ter um pouco de paz mental. Acabou se dando conta de que isso provavelmente significava que tinha sérias questões com a mãe, mas, comparado a todas as outras coisas que estavam erradas com ela, o pingente era o menor dos seus problemas. A imagem do rosto de Lucas pairando sobre o dela no escuro, com os olhos fechados com força, surgiu na mente de Helen. Ela precisava pensar em uma tarefa para se distrair antes que começasse a atirar as coisas por aí, então decidiu fazer compras.

O período oficial de Helen como escrava na cozinha — sistema de alternância semanal que se iniciou logo que ela teve idade suficiente para cozinhar — começava no domingo de manhã, mas não havia nada em casa para comerem naquela noite. Ela fez uma lista, pegou dinheiro no pote de biscoito sem biscoito e foi com o



64

carro de Kate até o supermercado. No estacionamento, viu um SUV gigantesco e balançou a cabeça em desaprovação. Havia muitos ricos nojentos na ilha que dirigiam veículos grandes demais para as antigas ruas de paralelepípedos, mas por alguma razão esse SUV era especialmente irritante. Era um híbrido, então ela nem poderia ficar com tanta raiva pelo meio ambiente, mas sentiu que estava ficando nervosa de qualquer jeito.

Helen puxou um carrinho de compras da fileira e o empurrou para a loja. Ao acenar para alguns garotos da escola que trabalhavam nos caixas, ela começou a ouvir as Fúrias

sussurrarem. Pensou em fugir... mas todos na escola já pensavam que ela era louca. Se fugisse do supermercado naquele momento, como se tivesse visto um fantasma, criaria ainda mais fofocas.

Ela se forçou a empurrar o carrinho, mantendo a cabeça baixa para não ver as Fúrias, mas não havia nada que pudesse fazer para bloquear suas vozes. Teria que se apressar e terminar a tarefa o mais rápido possível. Ela se permitiu um momento de autopiedade pela injustiça da situação; não merecia ser assombrada daquele jeito. Não era justo. Helen andava depressa pelo mercado, pegando apenas as poucas coisas de que precisaria para cozinhar por um ou dois dias. Seus pensamentos frenéticos foram interrompidos por vozes, vozes reais, que vinham do corredor ao lado.

— Ela não deveria estar aqui — disse uma voz jovem, mas estranhamente séria. Helen imaginou que fosse de Cassandra.

— Eu sei — disse uma voz masculina, que devia ser de Jason.

— Temos que achar um jeito de nos aproximarmos dela logo. Não acho que Luke consiga aguentar por muito mais tempo.

Helen congelou. O que eles queriam dizer com “nos aproximarmos dela”? Ela ficou ali parada, pensando em câmera lenta, até perceber que eles virariam no final do corredor. Tentando

se afastar, ela trombou com alguém em pé logo atrás dela. O lamento das Fúrias ficou tão alto que chegava a ser doloroso. Ela se virou e precisou inclinar a cabeça quase totalmente para trás para conseguir ver o rosto que a confrontava de cima do enorme peito masculino. Sob cachos dourados, brilhantes olhos azuis encararam Helen. Passou pela cabeça dela que parecia uma versão loura de Adão, de Michelangelo, no teto da capela Sistina,



65

saído a pouco do gesso e andando por aí em três gigantescas dimensões. Helen jamais sentira tanto medo de alguém na vida. Automaticamente ela deu um passo para trás e trombou no carrinho de compras. A respiração ofegante fazia sua garganta doer; ela cambaleou para o lado, com as mãos e os pés desajeitados, cheia de medo. Houve um intenso e momentâneo brilho, e o rapaz, se contorcendo, afastou-se dela com o corpo em espasmos. Helen sentiu o odor nauseante, combinação de cabelo

queimado com ozônio, que sempre a fazia pensar que fizera algo errado. Uma rápida lembrança da balsa de Nantucket passou por sua cabeça enquanto observava o monstro louro à sua frente, tentando compreender o que tinha acontecido. Depois de um segundo de espanto, ele se recompôs e se aproximou de Helen com um sorriso diabólico no rosto angelical. Estava próximo suficiente para Helen sentir o calor que ele emanava.

— Hector! — comandou uma voz familiar.

Helen mal conseguiu registrar que era Lucas antes que ele agarrasse seu braço e a puxasse para longe do Golias que era seu primo. No mesmo instante ficou enfurecida, em vez de amedrontada, e rodeou Lucas, livrando-se do braço dele.

— Não encoste em mim — sibilou ela. Sentia-se tonta. — Por que você não pode simplesmente ficar longe de mim?

— Por que você não pode simplesmente ficar em casa? — disparou ele de volta. — Já não teve diversão suficiente no beco, ontem à noite?

— Eu tenho coisas para fazer! Não posso me esconder no quarto pelo resto da vida só porque uma mulher... — Helen se deu conta de que começava a gritar. Calou-se e depois abaixou a voz.

Ocorreu-lhe um pensamento: — Você ainda está me seguindo?

— Você tem sorte de isso ser tudo o que estou fazendo. Agora vá para casa — resmungou ele e, de novo, agarrou o braço dela.

— Cuidado, Luke — advertiu Hector, mas Lucas deu um sorriso.

— Ela ainda não sabe controlar — respondeu ele.

— Não sabe controlar o quê? — desabafou Helen, com raiva e já além do limite da paciência.



66

— Não aqui. Não agora — falou Jason com a voz baixa e entrecortada.

Lucas assentiu e começou a puxar Helen na direção da porta.

Helen mais uma vez conseguiu soltar o braço e se livrar de

Lucas. Determinado, ele simplesmente a agarrou pela mão e

segurou firme. Helen tinha duas opções: poderia começar uma luta na frente de todo mundo na loja ou seguir quieta segurando a mão

do garoto mais detestável do mundo. Estava tão frustrada que sentia um grito reprimido apertando seus pulmões, mas não tinha escolha.

Lucas a conduziu passando por uma garota bonita de cabelos castanhos que Helen adivinhou ser a outra prima, Ariadne. Ela arriscou um sorriso de compaixão para Helen, mesmo que também estivesse tão perturbada pelas Fúrias quanto qualquer um deles. Por um segundo Helen considerou sorrir de volta, mas não tinha o autocontrole de Ariadne. Ela estava com raiva demais para conseguir se controlar. Por um instante pensou que Ariadne deveria ser a melhor pessoa do mundo, já que conseguia ser gentil em um momento como aquele.

— Nem olhe para minha irmã — resmungou Lucas entre os dentes, puxando a mão de Helen com força enquanto passavam pela pequena Cassandra.

Cassandra começou a falar alguma coisa para o irmão e rapidamente fechou a boca; depois se virou.

— Eu não tenho comida em casa. O que vou fazer para o jantar? — perguntou Helen com um nó na garganta.

— Eu pareço me importar? — respondeu ele, arrastando-a

para fora do supermercado.

— Você não pode me tratar assim — disse ela. Ele a escoltava através do estacionamento. — A gente se odeia tudo bem. Por que então simplesmente não ficamos longe um do outro?

— E isso tem funcionado? — perguntou Lucas, parecendo mais frustrado que sarcástico. — Você sempre vem a esse mercado, nessa mesma hora, todo sábado, ou veio hoje por impulso?

— Não. Nunca venho. É o dia que fica mais cheio. Mas eu precisava de comida — disse Helen, atrapalhada.

Ele riu, sem acreditar, e apertou ainda mais o braço dela.



67

Helen de repente se deu conta da quantidade de eventos aleatórios e impulsos que tinham determinado suas decisões nos últimos dias. Quando pensou sobre isso, era como se houvesse parado, dias atrás, de fazer as próprias escolhas.

— As Fúrias não vão deixar a gente se evitar — disse ele, sem

emoção.

— Então podemos fazer um cronograma, ou algo... — começou Helen, mas sabia que era uma sugestão boba e parou de falar antes que ele tivesse chance de retrucar. Uma força antiga e sobrenatural a compelia a matar Lucas, e provavelmente não seria detida por algo tão prosaico quanto um calendário de atividades.

— Minha família ainda não decidiu o que faremos sobre isso... Sobre você. Mas vamos entrar em contato — disse Lucas. Chegaram ao carro dela. Ele a jogou contra a porta do motorista como se não conseguisse impedir a vontade de machucá-la uma última vez. — Agora vá para casa e fique lá — ordenou novamente e ficou parado perto dela enquanto ela procurava as chaves.

Por um momento, enquanto dava ré para sair da vaga, ela pensou em acelerar e atropelar Lucas, mas não quis estragar a pintura do carro de Kate. Lágrimas de raiva começaram a escorrer pelo seu rosto assim que saiu do estacionamento e não pararam até chegar em casa, e parar na pia da cozinha, jogando água gelada no rosto.

Ela se sentiu humilhada de várias formas. Uma parte disso foi culpa dela ao atacar Lucas na escola, mas ele parecia determinado

a humilhá-la ainda mais. Ela nem podia ir ao supermercado agora.

Como explicaria isso ao pai?

Pensar em Jerry acabava com qualquer plano de fuga que pudesse surgir. Ela estava desesperadamente em desvantagem e, a menos que quisesse deixar o pai para trás para defender-se sozinho, precisaria esperar que os garotos Delos decidissem como lidar com ela. Debruçou sobre a pia da cozinha e mirou o conjunto de facas no balcão. Se conseguisse cercar Lucas da forma como ele fez com ela, já saberia que faca usar. O que ela não sabia era por quê. Por que eles se odiavam tanto? A que propósito toda aquela ira poderia servir?



68

De repente ela pensou em Hector, na maneira como ele sorriu para ela, e sentiu arrepios percorrerem seus braços. Se algum dia estivesse sozinha com ele, ela sabia que ele a mataria. Não iria só ameaçá-la como Lucas fazia, mas sim matá-la, com prazer.

Ela ainda estava debruçada na pia meia hora depois, quando seu pai por fim chegou em casa. Ele parou e olhou ao redor na cozinha, fazendo uma rápida e completa inspeção no ambiente.

— Eu fiz alguma coisa errada de novo? — perguntou ele com os olhos arregalados.

— Por que você fica me perguntando isso? — Helen bufou.

— Por que nos últimos dias sempre que chego em casa você me olha como se eu tivesse esquecido seu aniversário ou algo imperdoável do tipo.

— Você esqueceu?

— Não! Eu não fiz nada! Nada de errado — disse ele com a fisionomia séria, mas uma vermelhidão começou a subir pelo seu pescoço e o denunciou.

— Será que eu deveria perguntar sobre você e Kate, ou ficaria com nojo demais?

— Ei! Não está acontecendo nada. Nós somos apenas amigos

— disse ele com uma expressão amarga.

Helen pôde perceber que havia muita história por trás daquela decisão, mas ela com certeza não queria ouvi-la naquele momento.

— Problema seu. — Helen deu de ombros.

Jerry levantou a cabeça rapidamente, surpreso com o amargor na voz dela.

— Você não costumava ser tão má, Helen.

Ela cruzou os braços e olhou para a esquerda, concentrando-se em absolutamente nada, muito envergonhada para encarar o olhar triste do pai. Ela sabia lidar com o medo de ser perseguida por espíritos vingativos do Hades, mas não se isso a transformasse em uma babaca. O que quer que a família Delos decidisse, ela esperava que isso acontecesse rápido. Começou a resmungar um pedido de desculpas, mas foi salva de ter que se explicar por uma batida na porta. Jerry foi atender e depois de pouco tempo chamou Helen.

— O que foi? — perguntou ela, saindo da cozinha.



69

Havia um entregador à porta com sacolas e mais sacolas de compras.

— Ele disse que isso é para você — falou Jerry, segurando um bilhete endereçado a Helen.

— Eu não pedi nada disso — falou Helen ao entregador.

— O pedido foi feito pela Sra. Noel Delos para ser entregue a Srta. Helen Hamilton. Já está pago — replicou ele, ansioso para seguir seu caminho.

Jerry deu uma gorjeta ao garoto e levou as compras para a cozinha enquanto Helen lia o bilhete.

Srta. Hamilton,

Sinto muito pelo terrível comportamento do meu filho com você no supermercado hoje e peço que aceite essas poucas coisas que enviei, mesmo que não possa aceitar as desculpas. Eu entendo o que

é tentar colocar o jantar na mesa sem alimentos, apesar de Lucas aparentemente não entender.

Noel Delos

Helen olhou o bilhete por muito mais tempo que o necessário para ler. Ela estava emocionada com o gesto. Era algo muito decente a se fazer. Helen teve a impressão de que havia algo de diferente em Noel Delos, mas não tinha a menor ideia do que podia

ser.

— O que ela quer dizer com “comportamento terrível”, Lennie?

— perguntou Jerry, lendo o bilhete nas mãos dela. Helen podia ver a indignação começar a crescer nele. — O que aquele Lucas fez com você agora?

— Não, pai, está tudo bem. Ela está exagerando.

Helen tentou minimizar a situação tanto quanto possível.

— Então não podemos aceitar essas coisas. Aí tem mais de cem dólares em comida — argumentou ele.

— Ah! Pelo amor de Deus! — gemeu Helen olhando para o teto.

Ela respirou fundo e tentou dar uma explicação. — Tudo bem, você venceu. Lucas e eu brigamos de novo no supermercado hoje, mas foi uma briga pequena, pelo menos em comparação com a outra. De



70

qualquer forma, a questão é que ele começou, e não pude fazer compras como precisava; um dos outros garotos deve ter contado

para a mãe dele e ela entendeu errado e enviou essas coisas, porque obviamente é uma mulher muito legal. Mas não quero que você fale nada com ela; podemos, por favor, por favor, deixar isso de lado?

— Que diabos há entre você e esse garoto Lucas? — perguntou Jerry depois de um momento, muito surpreso. Então algo lhe ocorreu. — Vocês estão namorando? — indagou num tom de voz horrorizado.

Helen caiu na gargalhada.

— Não. Não estamos namorando. Só estamos tentando não nos matar. E não está funcionando muito bem — respondeu ela, acreditando que a verdade absoluta seria tão inconcebível que ele pensaria ser uma piada.

Ela estava certa.

Ele ficou com um olhar triste.

— Você nunca teve um namorado. Está na hora de a gente ter aquela conversa sobre o que homens e mulheres fazem quando se amam?

— De forma alguma.

Helen foi firme.

— Ótimo — disse ele aliviado. Eles permaneceram em um silêncio constrangedor por um momento. — Então... podemos comer o que ela mandou?

— Mas é claro — falou ela, dando a volta e indo para a cozinha enquanto Jerry praticamente corria para a sala de estar e para o conforto confiável do canal esportivo.

Enquanto preparava bruschetta com a maravilhosa mozzarella de búfala, os tomates frescos, manjericão e o azeite espanhol de enlouquecer que a Sra. Delos enviara, Helen pensou em seu pai e em quão alheio ele estava às forças que despedaçavam a vida dela. Com tudo o que estava acontecendo, sabia que talvez não houvesse muitas outras noites de jantar e beisebol no futuro, mas o pensamento não a incomodou tanto quanto incomodaria uma semana antes. Se a família Delos a queria, podiam vir atrás dela. Estava cansada de ficar com raiva o tempo todo. Lutar e matar, ou



lutar e morrer, ela realmente não se importava. Desde que pudesse manter seu pai a salvo de toda essa tragédia grega sem sentido, ela enfrentaria tudo o que poderia acontecer.



AFTER DARK



72

05

A semana seguinte na escola não foi pouco torturante. Na segunda-feira Helen tentou ficar longe da família Delos, mas todo esforço para evitá-los parecia levá-la diretamente até eles. Ela foi para a escola cedo para tentar chegar antes deles, mas o SUV preto que tinha visto no supermercado acabou parando logo depois. Apressou-se para trancar a bicicleta e juntar suas coisas, mas a pressa somente a deixou emparelhada com Jason e Hector. E desacelerar para deixá-los passar a aproximou de Lucas, que ajudava a irmã mais nova a tirar o violoncelo do porta-malas.

Helen, afobada, deu um passo para frente, depois voltou para sua bicicleta e esperou até que eles entrassem na escola e saíssem do caminho dela.

Mais tarde ela conseguiu permissão para almoçar do lado de fora, o que só serviu para encontrar Cassandra no pátio dedilhando o violoncelo. Quando viu a garota, Helen se deteve na mesma hora. Ao se virar para voltar para dentro, trombou em Ariadne. O contato fez a pele de Helen formigar até seus poros doerem e, apesar de tentar ser gentil e pedir desculpas com um sorriso, às mãos de Ariadne apertaram o estojo do violino com força. Helen tropeçou ao tentar escapar dela, e as duas resmungaram pedidos de desculpas.

— Cass e eu temos autorização para ficar do lado de fora para praticar. Vamos almoçar aqui fora nos próximos dias — explicou Ariadne rapidamente, evitando contato visual enquanto se distanciava de Helen.

— Obrigada — soltou Helen através dos dentes cerrados.

Voltou para o refeitório e parou Claire.

— Não vamos comer lá fora? — perguntou Claire, ainda caminhando para a saída. Ela viu Ariadne e Cassandra lá fora e então se virou para Helen com uma expressão incrédula. — Fala

sério! Não precisamos sentar na mesma mesa que elas.



AFTER DARK

73

— Eu sei. Mas não quero ficar nem perto delas — disse Helen de maneira defensiva enquanto brincava com o fecho da lancheira. Claire revirou os olhos.

— Ei — disse Matt, alcançando-as —, pensei que fôssemos comer lá fora, no pátio. Ainda tem várias mesas...

Parou de falar quando viu as garotas Delos. Matt teve força de vontade suficiente para abafar um assobio quando viu o glorioso decote de Ariadne; era mesmo impressionante, uma vez que ela usava uma camisetinha e estava debruçada naquele exato momento. Helen sabia que estava arruinando a vista de Matt e o sol de Claire, mas ela simplesmente não podia comer lá fora. — Podem ir lá pra fora. Tudo bem — falou Helen, saindo de repente na direção do refeitório.

— Lennie! Mas que droga! — chamou Claire, frustrada. —

Você quer fazer o favor de parar de esquentar a cabeça?

A voz de Claire acompanhou Helen quando ela virou o corredor. A palavra cabeça parecia ecoar quando ela se viu à frente de Hector e Jason, diante do armário deles. Os dois conversavam com Gretchen e Amy Heart, uma veterana da equipe das líderes de torcida, e ambas flertavam descaradamente com os meninos.

Gretchen e Amy trocaram um olhar, em seguida viraram-se juntas para encarar Helen com uma expressão de profundo nojo. As Fúrias começaram a sussurrar. Helen respirou fundo e tentou bloquear a voz delas.

— Oi, Helen — disse Hector com a voz animada e o olhar assustador e vazio.

Seu corpo inclinou-se levemente na direção dela, como se ele não pudesse se segurar. Jason, de brincadeira, deu um tapa no peito do irmão com muito mais força do que pessoas normais, como Amy e Gretchen, poderiam imaginar.

— Olha a grosseria — falou Jason para Hector.

— Só estava dizendo oi para Helen. Oi, Helen. Helen Hamilton, oi. Tem ido a 'Sconset ultimamente? — zombou ele.

— Não, ela não tem ido lá — falou Lucas por trás do irmão.

Helen se virou e olhou para ele.



AFTER DARK

74

— E eu saberia — continuou ele, tão baixo que não havia possibilidade de pessoas normais conseguirem ouvir; mas Helen conseguiu.

De repente ela sentiu que já tinha sofrido intimidação suficiente por um dia. Instigada pelas Fúrias, deu um pequeno passo na direção de Lucas. Notou que ele respirou fundo. Em um piscar de olhos se deu conta de que Lucas provavelmente tinha passado tanto tempo tentando livrar-se do cheiro dela depois do incidente no jardim quanto ela para tentar livrar-se do dele. O pensamento a deixou tão feliz que quase riu.

— Fale para Noel que o azeite que ela mandou é o melhor que eu já experimentei — disse Helen com um sorriso maldoso. Ela viu os olhos de Lucas arregalarem-se de medo e sabia que adivinhara; havia algo de diferente com a mãe dele. — Quando ela quiser

experimentar minha bruschetta, será mais que bem-vinda.

Lucas moveu-se na direção de Helen, mas Jason de repente estava próximo do cotovelo dela e gentilmente a afastou para o lado enquanto, com força, puxava Lucas na direção dos armários. Helen aproveitou para seguir seu caminho, mas não pôde resistir a uma última alfinetada antes de ir embora.

— Fale para sua tia que eu disse oi — sussurrou Helen, com um sorriso ameaçador, ao passar por Hector, imitando perfeitamente seu tom de ameaça.

Ela não parou para esperar pela resposta. Enquanto seguia pelo corredor, ela podia sentir os irmãos Delos a observando pelas costas, mas isso não a deixou nem um pouco nervosa. Estava tão satisfeita consigo mesma que até se esqueceu de andar curvada.

Terça-feira não foi muito melhor, mas pelo menos Helen havia parado de tentar mudar sua rotina para evitar os Delos. Em vez disso, eles agora estavam mudando o horário para evitá-la... então, claro, eles se esbarravam o dia todo. Parecia que toda vez que Helen passava por um corredor trombava com um deles.

Para piorar ainda mais as coisas, seus amigos começavam a ficar irritados com ela. Claire pensava que Helen estava sendo

covarde e sem personalidade. Matt ficava mal-humorado e zangado sempre que Helen se encolhia toda porque tinha feito contato visual com Lucas.



75

Na quarta-feira, o clã dos Delos mudou de tática. Logo cedo, Helen foi ao armário e encontrou Jason esperando por ela, encostado à parede como se tivesse sido colocado ali como decoração. Jason tinha uma constituição física feita para se esticar, semelhante a um gato, como se pudesse se espreguiçar e tirar um cochilo a qualquer hora. Ele tinha o físico mais gracioso que o primo ou o irmão, e parado em pé ao lado deles parecia pequeno, mas da mesma forma que uma pantera é pequena quando comparada a um leão ou a um touro. Para Helen, vendo-o sozinho no corredor quase vazio, ele era grande. Ela se forçou a continuar andando e, quando ele olhou para ela, Helen pôde notar que tinha cílios escandalosamente longos, como jamais tinha visto em um

garoto.

— Você tem um segundo? — perguntou ele de maneira firme, mas educada.

Helen percebia que ele se concentrava, provavelmente tentando tanto quanto ela bloquear as Fúrias.

— Tudo bem — respondeu Helen, mantendo o olhar voltado para o chão. Notou que os alunos cujos armários ficaram perto do dela não se apressavam para pegar suas coisas. Ela queria muito que eles fossem embora, mas ninguém na escola deixaria passar a oportunidade de ver outra possível briga em primeira mão.

— Alguns de nós achamos que seria uma boa ideia se tentássemos acalmar as coisas — disse ele apressado, como se quisesse se livrar daquilo o mais rápido possível.

Helen pensou por um momento.

— Alguns de vocês? Você quer dizer que ainda não há uma decisão unânime? Sobre mim, quero dizer — disse Helen, com calma.

— Não. Sinto muito — respondeu ele, entendendo na mesma hora o que ela quis dizer. — Mas achamos... bem, pelo menos alguns de nós, que deveríamos pelo menos tentar ser mais gentis

uns com os outros.

— Não vejo como poderíamos fazer isso, você vê? — replicou Helen. Ela não queria soar pouco amigável, mas foi incapaz de se controlar. Ouviu uma das garotas fazendo hora ali por perto estalar a língua em desaprovação.



76

— Apenas queremos ser seus amigos. Ou, se não amigos, pelo menos não inimigos. Pense nisso — disse ele, e foi embora. Helen precisou de três tentativas até conseguir abrir o cadeado com todo mundo ali olhando para ela. Como havia usado toda a sua energia para não atacar Jason enquanto ele se afastava, não tinha sobrado nenhuma para a paciência. Queria gritar com todas aquelas pessoas por a julgarem, mas isso não seria possível. O que poderia dizer? *Normalmente não sou babaca assim, só estou muito mal-humorada porque estou sendo perseguida por três fantasmas que choram sangue e não me deixam dormir à noite?*

No almoço, ela ficou surpresa por ver Ariadne e Cassandra sentadas à mesa de Helen, com seus amigos. Até de longe dava para ver que Matt estava ruborizado, tentando controlar seus hormônios. Gretchen e Zach, que nunca sentavam com eles, estavam lá também, puxando saco dos populares. Helen hesitou à porta por um momento, pensando que talvez ainda tivesse chance de sair de fininho, quando Ariadne a viu e acenou para ela se aproximar.

Durante aquele almoço desconfortável, Ariadne foi tão simpática quanto possível com Helen, e Cassandra sorriu bastante, ainda que seus sorrisos parecessem um pouco questionáveis.

Apesar dessa tentativa genuína de amizade, Helen estava tão agitada com a intolerável presença das Fúrias pairando logo ali na sua visão periférica que seu comportamento rabugento provocou vários olhares horrorizados de Gretchen e alguns preocupados de Claire. Ao saírem do refeitório, Claire puxou Helen para o canto.

— Você morreria se fosse simpática? — perguntou ela.

— Você não faz ideia o quanto estou tentando — respondeu Helen entre os dentes.

— Tente mais. Está parecendo uma baita esnobe e sei que

— você não é assim, então nem comece — continuou Claire sob os protestos de Helen. — Estou vendo que algo estranho está acontecendo. Alguma coisa que você não está me contando. Por mim tudo bem. Mas você precisa começar a fingir que gosta deles, ou pessoas como Gretchen e Zach vão garantir que sua vida seja uma droga até a formatura.



AFTER DARK

77

Helen concordou submissa. Sabia que estava recebendo um bom conselho, mas sua vida já era bem ruim sem ser amiga da família Delos. Ainda assim, no dia seguinte, ela fez o melhor que pôde e sorriu para Ariadne e Jason quando passou por eles no corredor. Não funcionou muito bem, e o sorriso saiu mais como uma careta cheia de dentes, mas foi bem recebido pelos gêmeos. Já com Hector a história foi diferente. Aparentemente, ele não compartilhava da opinião de que eles deveriam tentar se dar bem e, depois de mais um dia angustiante fazendo força para não se

encolher quando via Lucas, Helen precisou passar por Hector no caminho para a pista de corrida. Como se puxado por fios invisíveis, o garoto mudou de direção e começou a segui-la pelo campo. Ele sussurrava o nome dela como se cantasse uma música para si mesmo. Helen desesperadamente procurou à sua volta por outra pessoa, alguma testemunha para o caso de algo acontecer, e suspirou alto quando viu algumas garotas vindo em sua direção. Elas viram como Helen estava quase correndo de Hector e a encararam como se ela fosse louca. A maioria das meninas na escola teria corrido na direção de Hector se ele sorrisse para elas daquele jeito.

Durante toda a noite de quinta-feira Helen não conseguiu dormir por causa dos gemidos das Fúrias, como se um dos Delos estivesse por perto. Na sexta-feira Helen precisou levantar de madrugada para levar Kate e Jerry ao aeroporto. Eles iam para Boston durante o fim de semana para participar de um congresso voltado a donos de pequenos negócios, e Helen mal podia esperar para passar alguns dias sozinha. Entre a falta de sono e a perturbação diária, Helen sentia-se acabada. Tudo o que precisava fazer era suportar mais um dia na escola e então poderia se

arrastar para a cama e se esconder lá até segunda-feira. Talvez, em algum momento, ela conseguisse até mesmo cair no sono.

Infelizmente, a sexta-feira que ela havia pensado ser a linha de chegada era, na verdade, o ponto de partida, como descobriu quando chegou à escola. De início, não conseguiu entender porque todos trombavam tanto com ela e partiu do pressuposto de que deveria ser alguma moda nova que ainda não conhecia, até que Claire passou a gritar mandando todo mundo se afastar. Então



78

Helen começou a prestar atenção no que as pessoas falavam quando trombavam com ela.

Pessoas com quem ela nunca nem conversara sussurravam “babaca” e “piranha” quando passavam por ela no corredor. O dia inteiro foi uma sequência de insultos, um após o outro. Helen precisou correr três vezes para o banheiro feminino se esconder. Ela conseguiu sobreviver ao dia sem ver nenhum dos Delos, mas em

troca passou a ser o alvo de todas as outras pessoas. Enquanto trocava de roupa para a corrida, estava tão nervosa que não sabia se ia chorar ou vomitar. Uma vez lá fora, com as pernas trêmulas, juntou-se a Claire. Felizmente, as outras meninas mantiveram distância enquanto corriam.

— Por que eles se importam? — desabafou Helen frustrada. — O que importa se gosto ou não dos Delos?

— Porque essa não é a história toda — disse Claire gentilmente.

— O que você ouviu? — perguntou Helen, desesperada por qualquer explicação.

— Há um boato de que Lucas e Hector estão brigando por você. Então é claro que todas as garotas a detestam agora — disse Claire, como se esperasse que o boato fosse ridículo, mas não tivesse tanta certeza disso.

— Você está brincando, não é?

Claire balançou a cabeça.

— Acho que Lucas e Hector tiveram mesmo uma briga ontem, depois da escola, durante o treino de futebol. Por isso não vieram para a aula hoje. Foram suspensos.

— O que aconteceu? — perguntou Helen atordoada.

— Lucas viu Hector seguindo você do lado de fora do vestiário feminino e perdeu o controle. Ele começou a gritar com Hector para se afastar. Acho que Lucas disse algo como... Que você era dele — disse Claire, meio tímida.

Helen balançou a cabeça. Lucas queria dizer que Helen era dele porque ele é que iria matá-la, mas não dava para explicar exatamente aquilo para Claire.

— Todas as garotas me detestam porque Lucas é um maluco que me persegue? Isso é justo? Eu odeio o Lucas — disse Helen de



79

maneira passional. Fez uma pausa. Outro pensamento lhe ocorreu.

— Mas só isso explica o fato de as garotas me detestarem. Ainda tem mais, não é?

— Ah, sim. É muito pior do que isso, porque eles não foram apenas suspensos — continuou Claire, as sobrancelhas franzidas

de preocupação. — Zach disse que Hector e Lucas brigaram de um jeito bem assustador, ali mesmo na frente do time de futebol inteiro, dos treinadores, de todo mundo. Foi feio. Tipo um combate mortal. Jason entrou no meio e conseguiu separá-los, mas era tarde demais. E, bem... foram todos expulsos do time de futebol. Por isso a escola inteira detesta você, inclusive os garotos — disse ela, concluindo a história. — Parece que os três garotos Delos são craques impressionantes e todos estão dizendo que você destruiu a única chance de a escola ser campeã nesta temporada.

— Você só pode estar de brincadeira comigo — disse Helen lentamente. — Eles estão arruinando minha vida.

Mesmo nas profundezas de sua autopiedade ela não deixou de perceber que também estava arruinando a vida deles.

A família estava na cidade havia duas semanas e os três garotos já tinham sido classificados como indisciplinados. Se isso continuasse a acontecer, eles poderiam ser expulsos da escola e, nesse caso, para onde iriam? Teriam que viajar para o continente toda manhã, porque na ilha havia apenas uma escola de ensino médio. E tudo isso — a briga, a suspensão, a escola inteira brigando com Helen — tinha acontecido depois que concordaram

em tentar conviver.

Helen começava a perceber uma terrível verdade. Ainda que ela controlasse sua raiva e que a família Delos controlasse a deles, as Fúrias não permitiriam que coexistissem. A briga entre Lucas e Hector havia provado que os garotos Delos teriam que ir atrás dela, ou começariam a lutar uns contra os outros. Não existia uma solução “viva e deixe viver” para isso. Por alguma razão que Helen ainda não tinha conseguido descobrir, as Fúrias exigiam sangue, e elas teriam sangue, não importa como fosse derramado.

— Você não está mesmo saindo com Lucas? — perguntou Claire, cheia de cuidado.

Helen foi arrancada de seu devaneio sombrio.



80

— Saindo com ele? Toda vez que olho para ele quero arrancar meus olhos — respondeu Helen honestamente.

— Isso! É isso! Não entendo! — exclamou Claire. — Você

jamais odiou alguém antes, nem mesmo Gretchen, que tem sido terrível com você desde o quinto ano. Você simplesmente a ignorou como se não fosse nada demais e você era tão próxima dela quanto é de mim. Mas essa questão entre você e Lucas? Está acabando com você! Tem estado tão brava desde que ele se mudou para cá. Eu não entendo isso tudo. É como se a única explicação que fizesse sentido é o que todo mundo tem comentado.

Claire parou de falar abruptamente.

— O que todo mundo está comentando? — perguntou Helen com veemência. Elas estavam correndo em ritmo lento para começar, mas Helen precisava de uma resposta direta. Ela forçou Claire a parar e olhar para ela. — O que eles estão falando? — repetiu.

Claire suspirou e foi direto ao assunto.

— Que você e Lucas se conheceram por acaso na praia um pouco antes de as aulas começarem e passaram a noite juntos. Então ele mentiu e disse que só estava de férias para não ter que ligar para você. Por isso você enlouqueceu quando viu Lucas no corredor, porque ele a usou e você estava apaixonada por ele.

— Nossa! Isso é bastante dramático — disse Helen, sentindo-

se apática.

— Sim, mas é verdade? — perguntou Claire, com os olhos suplicantes. Helen suspirou e colocou o braço em volta de Claire, levando-a para uma caminhada.

— Primeiro, Lucas e eu nunca nos vimos antes daquele dia no corredor, muito menos dormimos juntos. Segundo, eu teria lhe contado se até mesmo tivesse beijado outro garoto, depois do desastre com Matt no armário no sétimo ano. Terceiro, e provavelmente o mais importante, eu jamais fui tão amiga de Gretchen quanto sou sua. Você é minha melhor amiga, Risadinha.

— Helen a apertou até Claire se entregar e sorrir. — Tenho estado estranha nos últimos tempos, sei disso e sinto muito mesmo. Algumas coisas esquisitas estão acontecendo comigo. Quero lhe contar tudo, mas não posso, porque ainda não entendo o que é.



brava e arrasada o tempo todo.

— Você sabe que estou sempre do seu lado, mas quer que eu seja bem sincera? — Claire parou novamente e virou-se para encarar Helen. — Sei que eu deveria dizer que isso não é nada, que vai dar tudo certo, e repetir toda aquela baboseira de apoio moral, mas não consigo. Não acho que isso vai melhorar por conta própria e estou preocupada com você.

* * *

Depois do treino de corrida, Helen foi assumir a loja. Ela havia oferecido a Luis a noite de folga, para que a maratona de um fim de semana tomando conta da loja enquanto Kate e Jerry estavam em Boston começasse com uma noite inteira de descanso.

Clientes ainda olhavam de modo engraçado para ela, como se a notícia de seu surto tivesse alcançado todos os moradores da ilha, mas Helen tinha muito o que fazer para se preocupar com isso.

Quando terminou de limpar e ajeitar tudo para Luis trabalhar de manhã, já era meia-noite.

Houve um momento, enquanto trancava tudo e pegava o carro, em que ela ficou alerta e atenta a qualquer perigo, mas isso passou quando estava manobrando para ir para casa. Tinha sido

cautelosa, mas isso não teve importância. Foi depois que estacionou na entrada da garagem, quando estava andando na direção de casa, que pularam nela.

A primeira coisa que sentiu foi gratidão. Pelo menos o clã Delos tinha esperado até que Jerry estivesse seguro e fora do caminho antes de vir matá-la. Um braço forte envolveu seu pescoço, simultaneamente puxando para trás e forçando-a para baixo até Helen cair ajoelhada. Ela perdeu o fôlego e estava curvada para frente de tal forma que não conseguia ver nada da pessoa atrás dela. Pensou em quem teria ganhado a discussão "Ela é minha": Lucas ou Hector? Um borrão branco e azul brilhou em seu campo de visão causado pela falta de oxigênio. Então imaginou o pai chegando em casa e encontrando seu corpo, na entrada da garagem e, soube que, não importava o quanto estivesse em desvantagem, precisava se defender. Não podia deixá-lo perder mais uma pessoa amada. Ele jamais se recuperaria disso.



Helen dobrou o braço e enfiou o cotovelo no plexo solar do agressor com toda a força. Ela ouviu a pessoa ficar sem ar e então sentiu que estava livre. As palmas de suas mãos ralaram no chão quando detiveram sua queda. Ela respirou fundo duas vezes antes de olhar para cima, surpresa por ninguém ter pulado para segurá-la.

Lucas olhava para baixo, a encarando; o braço direito dele estava esticado e segurava Hector pela camisa. Estranhamente, Hector estava olhando por cima do ombro, para longe de Helen. Ela mal teve tempo de registrar aquele momento antes de Lucas falar. Assim que ele abriu a boca, as Fúrias começaram a lamentação às suas costas. Helen tentava entender por que havia demorado tanto para elas aparecerem, mas não teve tempo de refletir sobre isso.

— Jason! Ariadne! Tragam-na viva — comandou ele, reforçando a palavra viva enquanto olhava diretamente para Hector. Os gêmeos seguiram para a mesma direção para a qual Hector estivera olhando. Helen aproveitou o momento para levantar e correr para se salvar.

Ela jamais tentara correr o mais rápido que conseguisse.

Sempre soubera que, se fizesse isso, descobriria que todo pesadelo que já tivera sobre si mesma era verdade. Monstro, aberração, animal, bruxa: todos os nomes que ela havia sussurrado para si mesma quando fizera algo impossível viriam à tona se ela se soltasse. Mas quando ouviu Hector rosnar seu nome, ela não pensou no que significaria, ou qual seria a sensação de correr o mais rápido que pudesse. Ela simplesmente correu.

Alguma coisa a fez ir para o pântano. As terras escuras e planas que se estendiam sob a luz brilhante da lua eram de alguma forma mais seguras que as estradas e casas de sua comunidade. Se fosse morrer, seria sozinha, sem pessoas normais, fracas, sacrificando-se para salvar a pobre Helen Hamilton, vizinha e amiga desde sempre.

Se fosse parar e lutar, queria estar sob o vasto céu das partes inabitadas de sua ilha e não rodeada por pescadores estranhos e suas casas de madeira.

Ela foi para o oeste, atravessando o lado norte da ilha, as águas calmas de Nantucket Sound suspiravam em algum lugar à



AFTER DARK

83

sua esquerda e, atrás dela, Lucas e Hector gritavam seu nome. Eles estavam chegando perto.

Helen atravessou a Polpis Road, contornando Sesachacha Pond até que viu o verdadeiro Atlântico, não seu primo mais calmo, o Nantucket Sound, e sim as águas selvagens no final do continente. Ela precisava se esconder, mas o terreno era plano e aberto e o ar estava limpo e claro. Helen olhou para as ondas escuras brilhando como folhas de papel-alumínio ao luar e implorou que algum tipo de névoa ou neblina viesse cobri-la. Aquele oceano idiota lhe devia isso por ter quase tirado sua vida quando era criança, ela pensou à beira da histeria, e ele deveria pagar a dívida. Depois de alguns passos largos, o apelo de Helen foi milagrosamente atendido. Ela correu pela costa para o norte, para o pedaço de terra desabitado na ponta norte da ilha, dentro da neblina úmida e salgada.

No ar úmido, Helen podia ouvir ainda mais claramente seus perseguidores e sabia que eles também podiam ouvi-la melhor. Em pânico e exausta, ela se jogou às cegas para dentro da neblina e forçou o corpo ainda mais rápido. À beira de um colapso, sentiu o corpo ficar mais leve, e a respiração difícil de repente se acalmou. O forte impacto dos passos gigantes em suas juntas e coluna cessou de um segundo para outro. Ela ainda se mexia, mas já não sentia qualquer coisa além do frio e do vento que golpeava seus cabelos como chicotes. Rapidamente atravessou a neblina e não viu nada além de escuridão e estrelas ao redor. Havia estrelas por todo lado. Ela olhou para baixo.

Debaixo dela piscavam luzes que contornavam a costa de uma familiar faixa de terra curva no meio do oceano. Procurando ao redor pelo avião que deveria estar abrigando seu corpo naquela altitude, Helen viu seus braços e pernas flutuarem leves e sinuosos como se estivessem submersos. Olhou para baixo de novo e se deu conta de que a vírgula que piscava era sua linda ilhota natal. Sua visão se fechou em um túnel estreito de escuridão. Sem emitir um som ela desmaiou e caiu do céu que acabara de clamar por ela.



AFTER DARK



84

06

Era noite nas terras áridas. Helen estava surpresa por haver algo como tempo ali. Isso a confundiu tanto que ela olhou ao redor sem ter certeza de onde estava. Depois de algum tempo, ela concluiu

que, sim, estava nas terras secas dos sonhos, mas dessa vez o terreno acidentado estava mais plano e mais amplo. O céu escuro e vazio parecia de alguma forma mais baixo e mais pesado. Então ela olhou por sobre o ombro; demorou um pouco para entender o que estava vendo.

A quilômetros dali havia uma linha que atravessava o céu e a terra, onde a paisagem noturna plana voltava a ser a mais familiar paisagem diurna acidentada. Os diferentes fusos estavam um ao

lado do outro como duas pinturas no estúdio de um artista, parados, imutáveis e ambos igualmente reais. Ali o tempo era um lugar, e ele nunca se movia. Por algum motivo, isso fazia sentido.

Helen andou. Estava frio na versão noturna das terras áridas, e seus dentes batiam inutilmente. Na paisagem diurna, era impossível aplacar o calor, então Helen sabia que na paisagem noturna não haveria maneira de se aquecer, não importava o quanto esfregasse os braços e tremesse. Ela viu que havia alguém mais à frente. Ele estava em pânico.

Ela correu adiante até ver que era Lucas. Ele estava de quatro, sentindo o que havia ao redor como se estivesse cego, segurando as rochas afiadas, cortando as mãos no gume das pedras. Ele estava com muito medo. Ela gritou seu nome, mas ele não conseguia ouvi-la.

Ela se ajoelhou perto dele e segurou seu rosto com as mãos. Ele primeiro se esquivou dela, mas depois, cego, tentou alcançá-la, aliviado. Ele disse o nome dela, mas nenhum som se ouviu. Nos seus

braços, ele sentiu-se bastante leve. Ela o fez se levantar mesmo que ele estivesse tão amedrontado, até ficar de pé, curvado sobre pernas trêmulas. Ele chorou silenciosamente e Helen sabia que estava



AFTER DARK

85

implorando para que ela o deixasse para trás. Lucas estava amedrontado demais para se mexer, mas Helen sabia que não podia prestar atenção ou ele jamais sairia daquela terra árida escura. Embora ele gritasse, ela forçou Lucas a se levantar e andar.

* * *

Helen sentia uma dor terrível. Ela queria gemer, mas não tinha forças para fazer qualquer som. Podia ouvir o oceano ali perto, mas não conseguia se mexer ou abrir os olhos para ver onde estava. Sentiu a cabeça balançar de leve para cima e para baixo, como se estivesse deitada de bruços, em um bote que se movia na água, e seus lábios se contraíam no mais fraco sorriso de gratidão. Alguma coisa tinha aparado sua queda e estava gentilmente a segurando. Ela se concentrou naquele bocadinho de sorte enquanto dividia sua dor em pequenos pedaços manejáveis, um batimento cardíaco por vez. Depois de dez batimentos cardíacos, ela contou

até vinte. No vigésimo, pediu a si mesma que continuasse até o quadragésimo e assim por diante. Ela ouviu outro ritmo constante debaixo dela e depois de pouco tempo seu coração estava em sintonia com o som que vinha de seu bote salva-vidas. Eles batiam juntos, um encorajando o outro. Ela permaneceu muito, muito quieta.

* * *

Depois do que pareceram horas, Helen ainda estava imóvel, mas finalmente pôde abrir os olhos e se concentrar no que estava vendo. Tudo o que conseguia enxergar nos vastos e ofuscantes clarões que algum farol distante emitia eram paredes de areia. Sob sua bochecha direita havia uma camisa morna. Depois de alguns momentos ela se deu conta de que havia uma pessoa dentro da camisa. Ela estava deitada em cima de um homem. A irregularidade debaixo da cabeça dela era o peito dele e o balanço era sua respiração. Ela suspirou. Os garotos Delos a tinham pego.

— Helen? — perguntou Lucas, com a voz fraca e ofegante. —
Faça algum som, se estiver viva.

Ele mal conseguia falar. Não parecia que ia matá-la, então ela respondeu.

— Viva. Não posso me mexer — sussurrou ela em resposta.



AFTER DARK

86

Todas as sílabas enviaram pontadas de dor que irradiavam de seu diafragma.

— Espere. Escute as ondas. Calma — disse ele, lutando com cada palavra enquanto o peso do corpo de Helen tentava expulsar o ar de dentro dele.

Helen sabia que não podia nem levantar o braço, então relaxou como ele havia mandado e ficou assistindo enquanto o mundo oscilava para cima e para baixo a cada respiração dele. Esperaram, na luz intermitente do farol, escutando as ondas espumando na areia.

* * *

Quando a agonia começou a diminuir, tornando-se quase suportável, Helen passou a perceber mais coisas sobre seu estado. Pelo que podia ver, seu corpo estava praticamente normal pelo lado

de fora, mas parecia molengo e macio por dentro, como um cookie com gotas de chocolate recém-tirado do micro-ondas. Os ossos mal suportavam o peso dos músculos e dos tecidos, e havia um ardor em sua medula. Ela reconheceu aquela sensação; era similar à que sentira uma vez quando estava aprendendo a pilotar uma scooter e acidentalmente virara a moto. Naquele momento, de alguma forma ela tivera certeza de que havia quebrado o braço, mas quando saíram os raios-x, ele estava normal. A coceira significava que estava se curando.

De algum modo Helen havia caído do céu e sobrevivido. Ela realmente era um monstro. Uma aberração. Talvez até mesmo uma bruxa. Começou a chorar.

— Não fique assustada — disse Lucas, conseguindo falar na primeira tentativa. — A dor vai passar.

— Deveria estar morta — choramingou ela, com a mandíbula ainda solta. — O que há de errado comigo?

— Não. Não há nada de errado. Você é uma de nós — disse ele, com a voz um pouco mais forte.

Ele estava cicatrizando tão rápido quanto Helen.

— E o que seria isso?

— Nós nos chamamos de Descendentes — disse ele.



AFTER DARK

87

— Descendente? — balbuciou Helen, lembrando a definição de um dos detestáveis exercícios de “Palavra do dia” de Hergie. — Descendente de quem?

Lucas respondeu. Helen ouviu, mas não entendeu. A palavra semideus estava tão distante do que ela esperava escutar que precisou pensar naquilo por um segundo. Ela havia se preparado para que algo horrível, talvez até maligno, a tivesse feito ser como era.

— O quê? — ela deixou escapar estupidamente; de tão confusa, havia parado de chorar.

Sua visão balançava e Helen se deu conta de que Lucas estava rindo.

— Ai. Não me faça rir — disse ele, mesmo que seu peito continuasse se movendo para cima e para baixo.

Era engraçada a sensação de ter sua cabeça sacudida daquele jeito, então ela começou a rir. Logo se arrependeu, mas não conseguia parar. Era quase como se a dor fosse tão forte que ela precisasse extravasar tudo aquilo.

— Isso realmente dói — disse ele ao começar a se controlar.

— Se você parar, eu paro — respondeu ela, suas risadas também diminuindo.

Entre risadas abafadas repentinas, eles voltaram a ficar quietos controlando a dor e esperando que seus corpos se emendassem. Apesar da dor, o tempo passava tranquilamente. Por um ouvido, Helen escutava o constante batimento cardíaco de Lucas, e pelo outro, gaivotas. A aurora se aproximava e, pela primeira vez em semanas, ela se sentia completamente segura.

— Por que não odeio mais você? — perguntou ela, depois de sentir que os ossos da cabeça estavam sólidos o suficiente para falar.

— Acabei de pensar a mesma coisa. Acho que as Fúrias foram embora. — Lucas suspirou fundo, como se um peso enorme tivesse acabado de sair de seu peito, embora Helen soubesse que sua cabeça devia pesar o mesmo que uma bola de boliche. — Por um

momento fiquei com medo, quando estávamos no ar. Foi muito difícil não lutar com você.

— Nós? Ah, você sabe voar!



88

Helen se deu conta disso. Lembrou-se de como Lucas tinha o hábito de aparecer e desaparecer de repente e como ela já ouvira o baque e o som de pés arrastando no chão durante os pousos e decolagens dele. Ela nunca o tinha visto voar porque nunca havia pensado em olhar para cima.

— Como foi parar debaixo de mim? — perguntou ela, mudando ligeiramente de posição.

— Eu peguei você. Vi quando desmaiou e aparei sua queda da melhor forma que pude, mas já estávamos perto do impacto quando segurei você. — Ele também mudou de posição e depois se encolheu de dor. — Nem acredito que estamos vivos.

— Nem eu. Pensei que você fosse me matar esta noite, mas em

vez disso você me segurou — disse ela, maravilhada e ainda confusa. — Você me salvou.

Era como se a queda tivesse tirado toda a sua raiva. Ela não odiava Lucas de forma alguma. Sentiu os braços dele nas suas costas apertando-a rapidamente e depois soltando de novo.

— O sol está subindo — disse Lucas depois de algum tempo.

— Espero que minha família consiga nos encontrar agora.

— Tudo o que vejo com meu olho direito é seu peito, e montes de areia, com o esquerdo. Onde estamos?

— No fundo da cratera que criamos com nosso impacto, no último pedaço de praia antes de Great Point Light, na ponta mais estreita do extremo norte da ilha de Nantucket.

— Então... fácil de encontrar — disse Helen, de maneira irônica.

— Praticamente no meu quintal — brincou Lucas, e em seguida se encolheu de dor quando riu. Ficou calado por um momento antes de recomeçar. — Quem é você? — perguntou por fim.

— Sou Helen Hamilton — respondeu ela, hesitante, sem saber aonde ele queria chegar.

Queria poder ver o rosto dele.

— O nome de seu pai é Hamilton, mas essa não é sua Casa — disse ele. Helen pôde sentir o C maiúsculo na palavra “Casa” apenas pela entonação que ele usou. — Normalmente você receberia o nome de Descendente de sua mãe em vez do nome



89

mortal de seu pai. Quem era ela? — perguntou, como se estivesse querendo perguntar aquilo a noite toda.

— Beth Smith.

— Beth Smith. Certo — disse ele, sendo sarcástico.

— O quê?

— Bem, “Smith” é obviamente um pseudônimo.

— Você não sabe disso. Você não sabe nada sobre ela. Como pode dizer que esse não é o sobrenome de minha mãe? — perguntou Helen, na defensiva.

Ela nunca nem mesmo conhecera a mãe e lá estava aquele

estranho supondo que sabia mais do que ela. Era difícil para Helen admitir que talvez ele soubesse. Pela primeira vez em horas ela também estava hiperconsciente do fato de que estava deitada em cima dele e não queria mais estar. Tentou apoiar o peso no antebraço, mas uma dor lancinante a informou de que aquilo não daria em nada. Depois de algumas fracas tentativas de sair de cima dele, ela desistiu. Podia senti-lo sorrindo, com os braços prontos para segurá-la caso ela tentasse escapar.

— Sei que o sobrenome de sua mãe não era Smith porque você pode voar Helen. Agora fique quieta. Você está me machucando — disse ele com franqueza.

— Desculpe — disse ela, de repente se dando conta de que ele recebera a maior parte do impacto quando atingiram o solo. Os ferimentos dele eram provavelmente piores que os dela, e os dela eram terríveis.

Enquanto ela assistia à areia tornar-se cinza, depois rosa e então coral com o nascer do sol, Helen pensou que aquele era o segundo amanhecer que ela assistia em poucos dias. Dos dois, ela preferia aquele. Ela sentia muito mais dor, mas também estava viva e completamente livre da raiva. Helen não havia se dado conta de

quão pesado o fardo do ódio era até se livrar dele.

Ela ouviu uma voz chamar Lucas, mas, apesar de saber que estavam em perigo ali naquele buraco, ela não queria ser encontrada. E se as Fúrias voltassem com o resto da família?

— Aqui! — gritou Lucas, com a voz fraca.



90

— Espere — suplicou Helen. — E se eles ainda estiverem vendo as Fúrias quando olharem para mim? Não consigo me defender nesse estado.

— Ninguém vai machucar você — prometeu ele, dando um leve abraço nela.

— Hector... — começou ela.

— Teria que passar por mim primeiro — disse ele resolutivo.

— Hã... Lucas? — disse ela, sem querer insultá-lo ao mostrar o óbvio.

— É — respondeu ele com uma risadinha, entendendo a

indireta. — Sei que não serviria exatamente para o Serviço Secreto agora, mas confie em mim. Não deixarei nenhum deles machucar você, nem mesmo o grande e malvado Hector. Ele não é tão terrível quanto você pensa, sabe? — disse, inclinando um pouco a cabeça para encontrar os olhos de Helen.

— Vocês são primos. Você tem que gostar dele.

— Deixo por sua conta, então. Não posso esconder a gente, mas não vou gritar de volta se você não quiser — disse ele, deixando a cabeça cair para trás, fora do alcance do olhar dela.

Eles ficaram lá deitados, ouvindo a família dele chamá-lo repetidas vezes, mas Lucas manteve sua palavra. Ele não fez nenhum som, embora se encolhesse aflito, quando ouvia a voz exausta de Cassandra. Ela parecia desesperada e assustada. Eles todos pareciam estar da mesma forma. E Helen era a culpada. Depois de alguns minutos, ela não conseguiu mais aguentar aquilo.

— Aqui! — gritou Helen o mais alto que conseguiu. —

Estamos aqui!

— Você tem certeza? — perguntou Lucas, com cuidado.

— Não. — Ela riu nervosa antes de gritar novamente, dessa vez, com Lucas ajudando.

Houve muitos gritos da praia e o som de pés batendo na areia. Então Helen sentiu Lucas tentar reposicionar a cabeça para olhar alguém acima deles.

— Oi, pai — disse ele, com uma voz chorosa.

Castor murmurou algum xingamento que Helen não reconheceu, mas o significado estava claro o suficiente. Então ele começou a dar ordens e Helen sentiu um baque perto dela.



91

— Meus deuses — sussurrou Ariadne para si mesma. —

Helen? Vou tentar rolar você para fora, tudo bem? Mas antes vou precisar tentar acelerar um pouco a regeneração de seus ossos. Vai esquentar um pouco, mas não fique com medo, a regeneração é um dos talentos que eu e Jason temos. Jase, venha e cuide das pernas dela.

Helen ouviu outro baque e então sentiu os gêmeos passarem as mãos gentilmente ao longo de seus braços e pernas. O ardor nos

ossos de Helen foi quase insuportável, e ela considerou se ficaria melhor sem qualquer “regeneração”. Antes de ela implorar para que parassem, o ardor misericordiosamente cessou. Os gêmeos contaram até três e com cuidado a viraram de barriga para cima como se fosse uma panqueca. Helen tentou ser corajosa, mas não pôde conter um grito. Cada músculo, cada centímetro de sua pele, cada osso em seu corpo estava queimando de dor como se alguém tivesse enchido sua corrente sanguínea com cacos de vidro incandescentes.

Ela cerrou a mandíbula e respirou profunda e tranquilamente antes de sentir que era capaz de abrir os olhos. Quando fez isso, viu os olhos castanhos luminosos de Ariadne, contornados pelos mesmos incríveis cílios de Jason, olhando para ela com compaixão. Ariadne estudou o rosto de Helen com cuidado e então abriu um sorriso cansado. Helen percebeu que Ariadne parecia exausta, como se o que fizera por ela tivesse lhe custado muito. Os lábios arqueados de Ariadne estavam pálidos, em vez de vermelho-cereja como de costume, e seus longos cabelos castanhos estavam grudados ao rosto suado.

— Não se preocupe. Seu rosto já está voltando ao formato

certo. Até a noite voltará à sua delicada figura de costume — disse ela, acariciando os cabelos de Helen para reconfortá-la. — Fique quieta. Já volto.

Helen olhou ao redor. Pela primeira vez pôde ver onde ela e Lucas passaram a noite. Demorou algum tempo para compreender que estiveram em um buraco no chão de pelo menos um metro e meio de profundidade e três vezes isso de largura. Demorou ainda mais para perceber que o buraco havia sido feito pela queda do corpo deles. Ela sentiu que sua roupa absorvia água que minava da



92

areia úmida e se deu conta de que Lucas devia ter ficado deitado em uma poça de água gelada a noite inteira. Ela virou o rosto para vê-lo.

Havia uma marca fraca no formato de Helen no corpo dele, e seu peito estava fundo pelo peso da cabeça e dos ombros dela. Ele estava com o rosto franzido de dor e cantarolava baixinho como se

quisesse dar às cordas vocais outra coisa para fazer além de gemer. Castor pairava sobre Lucas, olhando-o direto nos olhos e falando suavemente. Ela viu Lucas acenar de leve com a cabeça, morder o lábio inferior, respirar fundo e se contorcer. O peito dele se estufou para um formato mais normal, então Lucas deixou o ar sair de repente e ficou ofegante como se tivesse acabado de levantar um grande peso. Uma lágrima escorreu pelo canto dos seus olhos e correu para o cabelo.

Seu pai disse algo tranquilizador e então deu um impulso suave para sair do buraco e começou a discutir estratégia com Hector. Depois de um tempo tentando normalizar a respiração, Lucas rolou para o lado para conseguir retribuir o olhar de Helen. — Acho que o pior já passou — disse ele, apertando a mão dela.

Ela não havia se dado conta de que estavam de mãos dadas, mas tudo bem. Ela gentilmente fez o mesmo e sorriu. Ele estava com uma aparência horrível. Muito pior do que Helen poderia ter pensado.

— Moleza — disse ela, animada, tentando distraí-lo. — Então, o que você vai fazer na próxima sexta-feira à noite? — O que você

tem em mente?

— Podíamos tentar bater um no outro com carros — sugeriu ela, brincando.

— Fiz isso no final de semana passado com Jase — disse ele, fingindo lamentar.

— Ir para o zoológico e pular na jaula dos leões? — devolveu Helen na mesma hora, desesperada para mantê-lo concentrado nela em vez de no peito afundado.

— Os romanos já fizeram isso ser um clichê. Tem alguma coisa original?

— Vou pensar em algo — avisou ela.



93

— Mal posso esperar — sussurrou Lucas e depois virou o rosto enquanto tinha outra onda dolorosa de tremores.

— Ei! Alguém pode ajudar? — gritou Helen, com a voz se transformando em um som agudo enquanto via Lucas tremer. —

Lucas não está muito bem!

— Não, ele não está muito bem — disse Cassandra com a voz rouca e amarga perto dos pés de Helen. Ela não tinha se dado conta de que havia alguém dentro do buraco com eles enquanto os dois contavam piadas de mãos dadas, mas tinha a impressão de que Cassandra não havia gostado do que vira. — Desçam as tábuas agora, é hora de tirá-los.

Cassandra chamou o pai como se ela estivesse no comando.

Os olhos de Helen se arregalaram de choque ao ver uma menina de quatorze anos falar daquele jeito com os mais velhos, e ainda por cima ser obedecida, mas as tábuas foram descidas em instantes sem nenhum comentário. Jason e Ariadne ajudaram Helen e Lucas a subirem nas pranchas e pediram que eles segurassem firme. Os gêmeos passaram as mãos brilhando a poucos centímetros do corpo de Lucas. Helen viu que ele rangeu os dentes enquanto os dois aceleravam sua regeneração. No momento em que ela pensou que Lucas ia começar a gritar, os gêmeos pararam, entreolharam-se numa conversa silenciosa e então acenaram, exaustos. Os dois estavam tão pálidos que Helen tinha a impressão de que suas bochechas estavam cinzentas, mas eles

também pareciam estranhamente felizes, como se nada lhes desse mais prazer do que ajudar outra pessoa. Helen tentou agradecer, mas Ariadne disse que devia guardar forças.

Helen e Lucas foram retirados com muito cuidado da cratera e colocados lado a lado na traseira da mesma SUV sobre a qual Helen tivera tantos pensamentos irritados. Agora que era sua ambulância, ela fez a promessa silenciosa de jamais criticar os grandes utilitários de novo.

Castor estava no banco do motorista e ansioso para começar a se mover. Quanto mais demorassem na praia, mais alto o sol ficava e maiores as chances de eles serem descobertos. Cassandra foi com eles, mas Jason, Ariadne e Hector ficaram para trás para preencher a cratera e deixar a praia parecendo tão normal quanto possível.



94

— Não podemos simplesmente colocar uma rocha no meio e fingir que foi um asteroide? — Helen ouviu Hector perguntar,

exausto.

— Você acha que funcionaria? — acrescentou Jason, animado com a perspectiva de ver sua cama uma hora antes do previsto.

— Não — falou Cassandra, decidida. — Esta parte da ilha é uma reserva natural. Há cientistas por toda parte. Eles saberiam que a rocha não veio do espaço.

Jason e Hector gemeram de forma idêntica e na mesma hora voltaram ao trabalho. Novamente, a opinião de Cassandra não foi questionada. Helen sempre havia partido do princípio que Lucas era o líder dos filhos e que o pai dele, Castor, era o líder da família em geral, mas agora suspeitava que talvez houvesse outra dinâmica, menos tradicional, em funcionamento na família Delos. Quando Cassandra falava, todos escutavam, inclusive Castor. Parecia que Cassandra não precisava da influência das Fúrias para não gostar de Helen. O que a fez lembrar...

— Eu não estou vendo as Fúrias! — exclamou Helen de repente.

— Nenhum de nós — reagiu Castor, pensativo. Helen ouviu o rangido do couro quando ele se virou no assento para olhar para eles. — Vamos tentar entender isso mais tarde. Vocês dois precisam

descansar agora.

Ela não podia argumentar contra aquilo; na verdade, mal podia manter os olhos abertos. Tão logo ouviu o enfadonho som do motor, ela apagou exatamente como um bebê inquieto em um passeio de carro.

* * *

Helen acordou em uma grande cama branca enquanto o sol se punha. A janela do quarto emoldurava o céu, cujo bailado de cores levaria todos os pintores da ilha à loucura.

Ela mexeu os dedos dos pés. Quando viu que isso deu certo, apoiou-se nos cotovelos e se sentou. Quando suas pernas apareceram na lateral da cama, ela se deu conta de que vestia a camisola de outra pessoa e que não estava usando nada por baixo. Ela sabia que estava se recuperando de uma experiência de quase morte, mas ainda assim ficou constrangida o suficiente para ficar



vermelha. A camisola, na verdade, era mais o que Helen chamaria de baby-doll, já que em geral camisolas eram bem mais longas e menos transparentes. No entanto, tentar colocar os pés no chão foi doloroso o suficiente para acabar com a modéstia e seu choro assustado foi rapidamente consolado por um toque acolhedor.

— Calma. Aqui, segure em mim — disse Ariadne. — Nossa!

Mal posso acreditar em como você está se recuperando rápido. Mas mesmo assim você deveria ficar deitada mais um pouco.

Ariadne tentou fazer com que ela se deitasse, mas Helen continuou sentada na beirada da cama e respirou fundo algumas vezes.

— Eu não posso — respondeu ela, olhando timidamente para Ariadne.

— Banheiro, não é? Tudo bem — disse, dando uma risada nervosa. — Eu carrego você. Só não faça xixi em mim.

Helen riu agradecida. Ariadne estava fazendo graça de uma situação constrangedora para que Helen se sentisse mais confortável. Era algo que Claire teria feito. Helen ainda estava envergonhada, mas com algumas piadas e um pouco de tato as duas superaram aquilo.

— Tudo bem se eu verificar como está sua regeneração? —
perguntou Ariadne com educação quando Helen já estava de volta à
cama. — Isso significa que eu terei que tocar em você e quero ter
certeza de que você não se importa.

— Você acabou de me ver fazendo xixi — respondeu Helen com
uma risada constrangida. — Então, não me importo. Eu concordo
em fazer um check-up. Mas, espere, vai doer?

— De forma alguma. Só vou dar uma olhada, não vou criar
células; isso é o que realmente dói. Se servir de consolo, para mim
também não é nenhum piquenique. É exaustivo — disse Ariadne
com um sorriso enquanto fazia Helen se deitar.

— Tudo bem — disse Helen, incerta.

Ela deitou no travesseiro e esperou pela dor que suspeitava
que logo sentiria, apesar da negativa otimista de Ariadne.

Ariadne colocou as mãos sobre as costelas de Helen e se
concentrou. Helen sentiu uma sensação fraca de vibração, como se
estivesse em pé diante de um enorme amplificador, mas, como



AFTER DARK

96

prometido, não houve dor. Depois de alguns minutos, Ariadne retirou as mãos e olhou para Helen.

— Eu não poderia ter paciente melhor — disse ela, com um sorriso radiante. — Depois de ver o estado em que você e Luke estavam, eu tinha minhas dúvidas. Mas você vai ficar boa.

— Obrigada — disse Helen séria —, pela regeneração e por me ajudar...

— Eu é que agradeço por não fazer xixi em mim. Ariadne riu quando uma bela mulher de seus vinte e tantos anos, que parecia uma fada, colocou a cabeça pela fresta da porta.

— Vocês duas estão se divertindo demais para quem está em uma enfermaria — disse ela, com um olhar travesso vindo de seus olhos amarelos felinos.

Helen tinha a sensação de que aqueles olhos eram preenchidos no dia a dia por travessura e diversão e isso a fez

gostar dela instintivamente. Fazia com que pensasse em Kate. Ela entrou no quarto tilintando como um saco de moedas. Tinha cabelos curtos e arrepiados. Helen notou que os pulsos estavam cobertos por camadas e mais camadas de pulseiras brilhantes e, apesar de Helen não conseguir ver, podia ouvir que os tornozelos da mulher também deviam ter algumas joias penduradas.

— Helen, essa é minha tia Pandora. Dora, essa é... — Ariadne batucou com as pontas dos dedos na coberta, imitando o rufar de tambores. — A famosa Helen Hamilton!

— Ta-da! — completou Helen, com a voz fraca. Pandora sentou-se na beirada da cama.

— Ma-ra-vi-lho-sa! Entendo agora porque Luke ficou tão nervoso — disse ela, com um largo sorriso.

— Não! Isso já foi resolvido! Não ouvimos as Fúrias desde que acordamos na praia — disse Helen, com urgência. Quando Pandora lançou um olhar inquisitivo na sua direção, Helen sentiu que precisava continuar. — Não quero mais matar nenhum de vocês, só para ficar claro.

— Bem, fico feliz, porque ouvi dizer que você tem um arsenal e tanto — disse Pandora, como se fizesse um grande elogio.

Helen não tinha ideia do que ela estava falando, então mudou de assunto.



AFTER DARK

97

— Como está Lucas? — perguntou ela, preocupada e ainda surpresa por conseguir dizer o nome dele sem sofrer um acesso de raiva.

Pandora e Ariadne se entreolharam.

— Ele vai ficar bem.

Pandora foi firme. Ela balançou os pulsos e fez de suas pulseiras uma cascata de brilho e som, quase como se acreditasse que o tilintar alegre expulsaria os pensamentos obscuros.

— Foi por pouco, mas ele está se regenerando — acrescentou Ariadne, com a fisionomia otimista.

Helen não conseguia olhar para nenhuma delas. A tensão foi quebrada por um ronco longuíssimo vindo do estômago de Helen.

— Bem, você está com fome — disse Pandora de forma

sarcástica. — E acho que, com um pouco de ajuda, consegue ir até lá embaixo.

Helen vestiu um longo roupão atoalhado que trazia o escudo de um time espanhol de futebol bastante popular, saído do armário de Ariadne. Então, com mais algumas piadas sobre como Helen poderia engordar um pouco, ela foi levada para o andar de baixo por suas duas benfeitoras.

Quando chegaram à cozinha, foram recebidas por um aroma divino que saía do forno; o estômago de Helen roncou mais uma vez. Hector ouviu o barulho e levantou uma sobrancelha enquanto ela era gentilmente colocada em uma das cadeiras da mesa da cozinha. Ele disse alguma coisa à mulher que orquestrava o jantar e ela se virou para olhar para Helen.

— Não pensei que se juntaria a nós — disse a mulher, surpresa. — Fico muito feliz.

— Obrigada. E obrigada de novo pelas coisas que mandou para mim e para meu pai — disse Helen.

Ela imediatamente percebeu que se tratava de Noel Delos e também podia notar que Noel era uma mulher normal, sem um grama de força de semideusa. Uma enorme chaleira borbulhante de

culpa ferveu no peito de Helen. Ela havia ameaçado essa mulher

frágil em meio a uma família de super-heróis; ameaçara Noel diante do filho e dos sobrinhos, nada menos do que isso. Noel sorriu, notando a expressão culpada de Helen.



AFTER DARK

98

— De nada. Agora, vamos ao mais importante. Como posso falar com seu pai para que ele saiba que você está bem?

— Prefiro deixar meu pai fora disso — respondeu Helen nervosa.

— Você esteve fora à noite e o dia inteiro. Não acha que ele vai ficar meio preocupado?

— Ele está passando o final de semana em Boston. Só volta amanhã à noite.

— Tudo bem, você é quem sabe, mas acho que seria melhor se você e seu pai tivessem uma longa conversa sobre tudo isso — disse Noel, com um olhar penetrante. Depois se virou e continuou

fazendo o jantar. Helen teve a sensação de que fora liberada da execução, mas ainda não havia sido perdoada.

— Está pronta para comer agora? — perguntou Noel, mais animada.

— Não me lembro de ter sentido tanta fome assim antes — respondeu Helen, com sinceridade.

— É a regeneração — disse Noel, sorrindo para si mesma enquanto colocava pão, sal e azeite na frente de Helen. Ela serviu um copo grande de leite antes de gesticular, impaciente. — Coma. Isto não é hora de ficar com vergonha, Helen. Você precisa se alimentar.

Helen atacou o pão como um glutão medieval com hipoglicemia. Noel sorriu novamente e pediu a Hector que pegasse o queijo na geladeira. Ele fez o que foi pedido cheio de má vontade. Quando colocou o queijo na mesa, fez uma piada sobre ter medo de aproximar os dedos da boca de Helen.

— Olhe quem fala — resmungou Pandora. — Duas semanas atrás eu precisava contar os talheres depois de cada refeição para ter certeza de que você não tinha engolido nenhum.

— Você estava se regenerando há duas semanas? —

perguntou Helen, e então se lembrou de que Hector e Pandora haviam chegado depois do restante da família.

Tanta coisa havia acontecido em duas semanas que Helen tinha a sensação de que cada dia havia se transformado em uma semana. Enquanto se admirava com quanto sua vida havia mudado, notou que um silêncio pairava na cozinha.



99

Aparentemente, Helen havia tocado em um assunto delicado, porque todos estavam trocando olhares nervosos ao seu redor.

— Desculpem, não quis me intrometer — emendou Helen na mesma hora.

— Não, tudo bem. É só que a recente regeneração de Hector é parte de algo bem maior — disse Noel. — Agora é melhor você comer.

Primeiro ela ficou envergonhada como uma convidada, mas logo que a vasilha de lentilhas foi colocada à sua frente Helen se

perdeu inteira em uma confusão de sabores. Mal se dava conta de outras pessoas puxando cadeiras ou paradas ao redor, próximas ao fogão, enquanto experimentavam isso ou aquilo, pegavam pratos, ou só ficavam por ali para conversar. Ela estava muito concentrada nos pratos que se revezavam à sua frente para prestar atenção em alguém em particular entre todas aquelas pessoas. Noel continuava a trazer comida. Algumas vezes Helen via Cassandra carregando bandejas pelas escadas para cima e para baixo, mas nem se dera conta de que eram para Lucas até começar ficar com sono em frente a um doce de nozes.

— Pronta para o sorvete? — perguntou Noel. Distraída, empurrou uma grossa mecha dos longos cabelos de Helen para trás de modo que não caíssem na comida.

— Acho que fiquei cega — respondeu Helen, sem conseguir mastigar, engolir, ou enxergar direito.

— Finalmente. — Noel suspirou enquanto afundava em uma cadeira do outro lado da mesa. Parecia tão cansada quanto Helen.

— Jason? Acha que consegue levá-la para cima?

— Claro — respondeu Jason, tirando Helen da cadeira. De repente ela estava bem acordada.

— Eu consigo andar! Sério, você não precisa me carregar — disse, contorcendo-se nos braços dele.

— Claro que consegue. Agora se segure bem, ou vou deixá-la cair — replicou ele, com um sorriso bem-intencionado.

Ela não teve outra escolha senão relaxar e deixar que ele a carregasse.

Quando chegaram ao andar de cima, Cassandra saiu de uma das várias portas segurando uma bandeja empilhada até o alto com



100

pratos sujos. Helen conseguiu ver rapidamente Lucas deitado na cama. Ela fez força e tentou levantar a cabeça por trás dos ombros de Jason para ver melhor, mas Cassandra fechou a porta.

— Ele vai mesmo ficar bem? — perguntou Helen para Jason enquanto ele a levava para o quarto de hóspedes.

— Vai — disse Jason, sem olhar nos olhos dela. Ele forçou uma risada sem graça. — Luke está fazendo manha para fazer Cass

mimá-lo. Ele vai ficar bem — disse.

Ele a colocou na cama e se virou para sair.

— Eu sinto muito mesmo — gritou Helen, quando Jason estava à porta. Ele parou indeciso, e virou-se enquanto Helen desabafava cada vez mais emocionada. — Eu estava com tanto medo e estava entrando na neblina e então me senti muito leve e com muito frio. Quando olhei para baixo e me dei conta de que estava voando, desmaiei. Sempre soube que era estranha, que havia algo de errado comigo, mas não sabia...

A voz de Helen ficou fraca; Jason se aproximou da cama e tocou no seu ombro.

— Ninguém culpa você — disse ele, mas Helen acenou com a mão discordando do comentário.

— Vocês me culpam, sim. Todos vocês. Porque comecei isso quando ataquei Lucas no corredor da escola.

— Você não começou isso — Jason replicou com firmeza —, essa guerra começou milhares de anos atrás. — Helen olhou para Jason confusa, mas ele balançou a cabeça antes que ela pudesse fazer qualquer pergunta. — Durma um pouco, e não se preocupe com Lucas. Até mesmo comparado aos outros filhos de Apolo, ele é

bem forte.

Jason apagou a luz quando saiu do quarto, mas deixou uma pequena fresta caso ela precisasse pedir ajuda no meio da noite. Helen se aconchegou no edredom e tentou relaxar, mas estava tensa pela exaustão e nervosa por causa do quarto e da casa estranhos. E do voo. Ela podia voar, agora não havia como negar. Não era apenas uma atleta talentosa com ideias paranoicas sobre a possibilidade de ser algum tipo de experiência genética. Ela podia mesmo voar, o que é aerodinamicamente impossível para o Homo sapiens; logo devia ser alguma outra coisa. Algo inumano.



101

A única explicação era a que Lucas tinha dado, mas isso também não fazia muito sentido. Os deuses gregos eram mitos, manifestações antropomórficas de forças naturais, não figuras históricas com Descendentes reais — ou pelo menos era o que tinha aprendido no oitavo ano. Mas agora ela já não tinha tanta certeza.

Ela pensou na sensação de voar, em como o ar havia se tornado palpável, um objeto maleável, e sabia que, em seu coração, a discussão estava encerrada. De alguma forma ela era uma semideusa e simplesmente teria que aceitar isso.

Nas primeiras horas da manhã, Helen acordou sobressaltada e olhou ao redor do quarto estranho. Ela estava sonhando que voava o que era ótimo, até se dar conta de que não sabia como pousar. O primeiro pensamento que teve ao acordar foi que precisaria pedir a Lucas que a ensinasse. Então lhe ocorreu que talvez ele nunca mais conseguisse voar.

Apesar de a família dele ter dito que Lucas estava bem, Helen sabia que não conseguiria voltar a dormir sem antes checar por conta própria. Ela precisava ver o rosto dele corado e normal, e não pálido e marcado como quando estavam juntos nas terras áridas. Ela colocou os pés no chão e testou sua força até ter certeza de que poderia levantar. Então se dirigiu, trêmula, para o quarto de Lucas. Helen jamais usara uma tala na canela, jamais tivera qualquer tipo de lesão esportiva, mas enquanto se arrastava pelo corredor imaginou que o que sentia devia ser semelhante, se não muito, muito pior. Seus músculos não estendiam tanto quanto o

normal; suas juntas pareciam estar inchadas e quentes. Quando empurrou a porta de Lucas sem fazer barulho, ela estava coberta por uma fina camada de suor frio. Deitado de barriga para cima e olhando a lua pela janela, Lucas virou a cabeça para Helen quando ela apareceu à porta. Algum tempo se passou.

— Oi — sussurrou ele.

— Oi — sussurrou ela de volta. — Posso entrar?

— Sim. Mas em silêncio. — Ele apontou para Cassandra, que dormia em um sofá do outro lado do quarto. — Ela ficou acordada por dois dias diretos. Helen entrou no quarto encurvada como uma velha e incomodada pela dor no pé. Sentia-se como uma bruxa de



102

contos de fadas e começou a rir em silêncio com a ideia de espantar crianças de sua casa de doces.

— Você não deveria ter vindo sozinha. Foi muito esforço — censurou Lucas gentilmente.

— Eu estava bem há um segundo, mas era mais longe do que pensei. Sua casa é enorme — cochichou Helen, tentando chegar até a cadeira ao lado da cama com seu corpo cansado.

— Você não vai conseguir ficar sentada por muito tempo. Aqui

— disse ele enquanto puxava a coberta —, é melhor você deitar.

Helen olhou, incerta, para a cama. Havia passado a noite anterior inteira grudada nele, mas agora era diferente de alguma forma. Se ela deitasse com ele, seria por escolha. Viu Lucas sorrir e se deu conta de que ele achava que estava sendo boba. E estava mesmo, porque seus joelhos tremiam com o esforço de mantê-la em pé. Tentou se sentar o mais cuidadosamente possível para não incomodá-lo, mas na hora exata suas pernas falharam e ela quase se jogou na cama dele.

— Desculpe — sussurrou ela enquanto puxava a coberta por cima deles.

— Tudo bem. Cuidado com os dedos dos pés, minhas pernas estão com talas — advertiu ele. Helen deu uma olhada por debaixo das cobertas e viu que a parte inferior do corpo dele estava enfaixada. — Viu? Você está completamente segura comigo.

Eles trocaram sorrisos no escuro, até ela se lembrar da razão

para sua exaustiva jornada. O sorriso de Helen se esvaiu.

— Está muito ruim? Você sabe? — perguntou ela, séria.

Ela se apoiou em um dos ombros para olhá-lo diretamente nos olhos e pescar qualquer mentira bem-intencionada. Até mesmo com o pouco luar que entrava pela janela ela podia ver o azul intenso de seus olhos de safira.

— Eu vou me recuperar — disse ele, tão baixinho que seus lábios mal se mexeram.

— Completamente? Você ainda vai... Você sabe... Andar, correr e... Voar e tudo isso?

— Sim — sussurrou ele, antes mesmo de Helen terminar de falar. — Como novo. Pronto para outra.



103

Helen se deu conta de que bastava se inclinar um pouco e beijaria Lucas. Parecia algo tão natural a se fazer, como se devesse beijá-lo, que ela estava na metade do caminho até ele quando se

deteve e recuou, chocada por sua falta de autocontrole. Ela viu que ele engoliu em seco.

— Deite-se, Helen — disse Lucas, o que ela fez na mesma hora para esconder sua confusão.

Por alguns minutos os dois estavam respirando muito mais rápido do que deveriam. Mas depois de um tempo Lucas relaxou o suficiente para pegar a mão dela por debaixo das cobertas. Helen observou o peito dele subir e descer de uma maneira que se tornara bem familiar e dormiu com um sorriso no rosto.



104

07

— Porque eu não queria acordar Lucas! — sibilou uma voz frustrada.

Helen não sabia como Ariadne conseguira chegar até a mesa

de chá no alto da ponte Golden Gate. Ariadne não sabia voar.

— Por que você está brigando comigo? — protestou

Cassandra.

Hmm. Helen não podia estar no topo da ponte Golden Gate, então só podia estar na cama, mas não conseguia descobrir o que Cassandra estava fazendo na cama com ela. Se ela ao menos conseguisse abrir os olhos.

— Eu não duvido de você. Mas o que podemos fazer? —

perguntou Noel.

— Devíamos ir embora. Agora. Empacotar tudo e voltar para a Europa.

— Você está exagerando — bufou Ariadne, sem se preocupar em cochichar.

— Duas noites seguidas, Ari. Comeram da mesma comida.

Dividiram um teto e uma cama e agora têm testemunhas! — disse Cassandra no mesmo tom de voz.

— Mas não fizeram a coisa mais importante! — gritou Ariadne em resposta.

— Garotas!

Ainda que estivesse tão cansada que se sentia pregada ao

colchão, a gritaria fez os olhos de Helen se abrirem. Ela viu Ariadne, Cassandra e Noel em pé, ao lado da cama dela. Correção: ao lado da

cama de Lucas, na qual Helen estava. Seus olhos se arregalaram e virou a cabeça para olhar para Lucas. Ele estava acordando, com a testa franzida e um som grave saindo do fundo da garganta.

— Vão discutir em outro lugar — gemeu ele quando rolou para perto de Helen.



105

Lucas encostou-se nela, lutando sem jeito contra o peso do gesso nas pernas enquanto tentava enterrar o rosto no pescoço de Helen. Ela o cutucou e olhou para cima, para Noel, Ariadne e Cassandra, que estava furiosa.

— Vim ver como ele estava e depois não consegui voltar para minha cama — tentou explicar Helen, mortificada.

Ela arfou involuntariamente quando uma das mãos de Lucas

passou pelo comprimento de sua coxa e parou depois de um mergulho no espaço entre o quadril e a cintura. Então Helen sentiu que ele ficou tenso, como se tivesse acabado de se dar conta de que travesseiros não têm o formato de amulhetas. Ele levantou a cabeça e olhou ao redor, pronto para a briga.

— Ah, é! — disse ele para Helen quando se lembrou do que aconteceu; seus olhos voltaram a relaxar em um torpor sonolento. Ele sorriu para a família, espreguiçou até estremecer e esfregou o peito inchado, já não mais de bom humor.

— Que tal um pouco de privacidade? — perguntou.

Sua mãe, irmã e prima ou cruzaram os braços ou colocaram as mãos na cintura. Humilhada, Helen tentou se livrar dos lençóis e sair da cama sem chamar muita atenção. Cassandra deu meia-volta e saiu do quarto batendo pé.

— Ari, ajude Helen — disse Noel com gentileza quando percebeu que ela estava com dificuldades. Então se virou e berrou com raiva para o corredor: — Hector! Venha cá e ajude seu primo!

— Estou bem — protestou Helen enquanto colocava-se de pé, com as pernas bambas, apenas usando a ajuda de Ariadne para manter o equilíbrio.

Ela se deu conta de que estava usando aquele ridículo pedacinho de seda que Ariadne tinha coragem de chamar de camisola, apesar de não ter notado aquele detalhe na noite anterior, quando decidira dar uma voltinha.

— Nossa! Isso é... interessante — disse Hector ao chegar e ver Helen.

— O que é interessante? — perguntou Jason passando pelo corredor.

Ele enfiou a cabeça para dentro do quarto e viu o que o irmão estava olhando.



106

— Ah, minha nossa!

Os dois encararam Helen, seminua e pega no flagra enquanto saía da cama de Lucas. Então se entreolharam, jogaram a cabeça para trás e, em uníssono, riram.

— Tudo bem, chega — disse Lucas de forma defensiva. — Ela

estava preocupada e veio ver como eu estava, mas quando chegou aqui praticamente desabou. Eu não quis acordar Cassandra para carregar Helen de volta para o quarto de hóspedes, então falei para ela deitar comigo. É claro que apenas dormimos. Agora será que todo mundo, menos Hector e Jase, pode sair do meu quarto, por favor? Isso inclui você, mãe. Preciso que Jason me ajude a sair desse gesso para tomar banho.

Helen voltou para o quarto de hóspedes sem aceitar qualquer ajuda além da indispensável. Estava tão constrangida que tudo o que queria fazer era sair correndo da casa aos gritos, e para fazer isso teria que provar que estava saudável.

— Não, obrigada. Eu consigo agora — respondeu ela quando Ariadne perguntou se precisava de ajuda para tomar banho.

— Tudo bem. É só gritar se precisar de mim — falou Ariadne, estreitando os olhos.

Helen precisou se sentar no piso do chuveiro para descansar duas vezes, mas por fim conseguiu tirar toda a areia que fazia a cabeça coçar e se secar com a toalha sem chamar Ariadne. Ela levou dez minutos para entrar sem ajuda em sua roupa recentemente lavada, mas valeu a pena. Tudo o que queria fazer era

agradecer e sair de lá sem chamar muita atenção.

Quando chegou ao andar de baixo, a família inteira estava na cozinha, inclusive Lucas. O rosto dele se acendeu como as luzes de Las Vegas quando a viu. Helen foi até ele sem pensar e sentou, com esperanças de uma fuga tranquila arruinada pelo que parecia ser uma reação instintiva. Ela não tivera intenção de ficar para o café da manhã, mas era quase como se precisasse ficar perto dele.

— Eu já ia mandar alguém lá em cima para ter certeza de que você não tinha descido pelo ralo — brincou Noel.

— Helen é muito recatada. Ela queria se vestir sozinha — disse Ariadne, derramando mel numa vasilha com aveia e a entregando para Helen.



107

— Recatada? Sei — disse Hector, sarcástico, enquanto passava o bacon para Lucas.

— Aquela era a camisola da sua irmã, não era? — perguntou

Lucas sem titubear enquanto servia Helen e a si mesmo.

Hector, sabiamente, calou-se.

— É sim — respondeu Ariadne, sem entender. — Tão confortável! O quê? Do que vocês estão rindo?

— Nada, Ari. Deixe pra lá — disse Jason com a voz constrangida e a mão sobre os olhos.

Todos morriam de rir, inclusive Castor e Noel.

Helen estava arrasada. Não queria rir da piada porque era em parte sobre ela, mas não conseguia se segurar. Sufocou uma risada e olhou para o prato cheio à sua frente. Era o tipo de café da manhã que quase sempre era seguido por uma soneca, e Helen estava morrendo de vontade de esconder-se em algum lugar. Ela pensou em recusar para ir embora mais cedo.

— Sei que você está com fome — falou Lucas tão baixo que somente Helen pôde ouvi-lo. — Qual o problema?

— Acho que deveria ir pra casa. Já abusei o suficiente...

Ela parou de falar quando Lucas começou a balançar a cabeça.

— Essa não é a razão — disse ele, sem se abalar. — Qual é?

— Estou me sentindo uma idiota! Acordar quase nua na sua

cama com metade da sua família em cima da gente? Não é nada legal — disse ela entre os dentes enquanto o rubor queimava suas bochechas.

Ele sorriu vagorosamente ao ver o rosto dela ficar vermelho.

— Se aquilo não tivesse acontecido você iria querer ficar? — perguntou Lucas, de repente sério, com os olhos focados nos dela. Ela olhou para baixo e concordou com a cabeça, ficando ainda mais vermelha.

— Por quê?

— Antes de mais nada, porque tenho perguntas a fazer — respondeu ela, arriscando olhar para ele.

Lucas a encarava com um olhar indecifrável.

— É o único motivo? — sussurrou ele.



108

— Chega de conversa, os dois. Vocês precisam comer — chamou Noel do outro lado da mesa, fazendo Helen pular, o que,

por sua vez, fez Lucas dar uma risada.

Ela e Lucas atacaram a comida com a ferocidade de duas pessoas que estavam literalmente reconstruindo o corpo, célula por célula. Quando Helen por fim olhou para cima, depois de uma hora inteira se alimentando cheia de determinação, todos haviam acabado de comer, mas continuaram sentados ao redor da mesa tomando café e revezando cadernos do jornal. Era como se sempre passassem metade do domingo compartilhando um enorme brunch e a outra metade à toa na cozinha, esperando a hora do jantar. Perdida nessa mistura, Helen ficou surpresa ao perceber que estava se divertindo.

Lucas ainda estava curvado sobre o prato, então Helen pegou o caderno de esportes depois de Hector e leu a respeito do seu time de coração, o Red Sox, que estava com dificuldades em setembro. Ela devia ter falado sozinha em voz alta porque, quando finalmente largou a parte de estatísticas, tinha a atenção de todos os homens da mesa.

— “O lançamento é que traz as flâmulas da vitória”, não é? — perguntou Castor com um sorriso encantado.

— “Temos muitos lesionados e nenhum grande arremessador”,

é isso? — repetiu Jason e depois olhou para Lucas.

— Tudo bem, você venceu — disse de forma enigmática.

— Obrigado — disse Lucas, com um sorriso trêmulo.

Inclinou-se para trás, fechou os olhos e Helen viu que sua testa estava suada. Tocou seu rosto para verificar se estava com febre, mas Jason já estava em pé.

— Eu cuido dele, Helen — disse ele ao contornar a mesa.

Jason tentou levantar Lucas, mas o primo não deixou. Em vez disso, jogou o braço por cima do ombro de Jason para se apoiar.

— Só até as escadas, está bem? — pediu Lucas, e Jason acenou com a cabeça.

A conexão entre eles era tão forte que pareciam não precisar de palavras para se comunicar. Helen viu Noel jogar as mãos para o alto, muito frustrada.



— Deixe-o encontrar seu próprio ritmo — falou Castor de

forma gentil para a esposa.

Ela acenou com a cabeça como se aquele fosse um assunto sobre o qual eles já tivessem falado milhões de vezes. Então voltou sua atenção ao que tinha sobrado do brunch.

— Hector! É sua vez de tirar a mesa!

Helen notou que Noel tinha tendência a demonstrar sua raiva da forma mais sensata possível. Ela precisava dar um bom grito, mas não podia gritar com Lucas, porque estava machucado, e não podia gritar com Jason, porque estava ajudando Lucas, então escolheu o próximo garoto que encontrou. Foi a mesma coisa que Noel fizera quando Helen estava acordando: falara suavemente com Helen e gritara com Hector. O pobre Hector parecia receber o peso da sua frustração, e pela forma como saiu da cozinha balançando a cabeça, Helen teve a sensação de que tinha sido o alvo predileto de Noel desde que Lucas se machucara. Por um momento ela quase se sentiu mal por ele, mas quando viu o jeito como Noel encarava Lucas, preocupada, enquanto o filho saía da cozinha, não pôde culpá-la.

Lucas parou antes de deixar o cômodo.

— Pai? — chamou ele sem se virar por completo. — Helen tem

perguntas.

Ainda na cabeceira da mesa, Castor balançou a cabeça, mergulhado em seus pensamentos por um momento, e então se levantou.

— Achei mesmo que teria — disse ele, sorrindo gentilmente para Helen. — Você gostaria de me acompanhar até meu escritório? Castor a levou para um canto tranquilo da grande casa, para um escritório ainda com coisas por desempacotar e arrumar, e com uma vista espetacular do oceano. Poltronas de couro e caixas de livros em dezenas de línguas diferentes disputavam espaço no chão com carpetes enrolados e quadros que ainda não haviam sido pendurados. Duas escrivaninhas grandes estavam em lados opostos do ambiente, ambas já cobertas por vários papéis, envelopes e pacotes.



110

Na parede do fundo havia portas francesas que se abriam para

um pátio na beira da praia. Em frente às portas havia dois sofás e uma poltrona grande, os três arrumados um de frente para o outro. Cassandra estava sentada na enorme poltrona, lendo um livro que colocou de lado quando Helen e Castor entraram. Helen imaginou que ela fosse sair, ou que, pelo menos, pedissem que ela se retirasse, mas depois de alguns minutos ficou claro que Cassandra já esperava por Helen e Castor para que tivessem aquela conversa. Como Cassandra poderia saber que iam conversar era algo que ficava além da compreensão de Helen, mas Castor não parecia surpreso.

Castor gesticulou para que Helen sentasse em um dos sofás e então sentou no outro. Ele olhou para Cassandra, que parecia pequena na sua poltrona gigante, e então começou:

— Quanto você sabe sobre mitologia grega? — perguntou ele.

— Você quer dizer coisas como a Guerra de Troia? —

respondeu ela com outra pergunta. Quando Castor assentiu com a cabeça, ela deu de ombros. — Conheço pedaços. Uma rainha Helena, que abandonou seu marido e fugiu com um príncipe troiano chamado Páris. O marido foi atrás dela com milhares de navios cheios de soldados gregos e houve uma longa guerra.

Alguma coisa envolvendo um cavalo de madeira... e é isso. — Helen fez uma careta envergonhada. — Eu nunca li o livro de verdade. — Bem, não foi exatamente assim que começou. Mas chegou perto o bastante por agora — disse Cassandra, passando para Helen o livro que estava lendo. Era uma antologia contendo tanto a Ilíada quanto a Odisseia. — Fique com ele. Temos vários extras — disse ela, com um sorriso irônico.

Foi a primeira tentativa de piada que Helen vira Cassandra fazer, então deu um sorriso forçado em resposta.

— Tenho quase certeza de que meu filho lhe falou que somos Descendentes daqueles que são conhecidos como deuses gregos — começou Castor. Quando Helen sorriu, constrangida, ele balançou a cabeça com bom humor. — Imagino que seja difícil de aceitar, mas você precisa entender que Homero era historiador e que a Ilíada e a Odisseia foram relatos de uma guerra verdadeira que aconteceu há milhares de anos. A maioria dos mitos antigos e



grandes peças teatrais são baseadas em fatos. Os deuses são reais, e tiveram filhos com mortais. Metade humanos, metade deuses. Somos seus Descendentes. Sua prole.

— Tudo bem — disse Helen, percebendo o quanto sua risada parecia frustrada. — Digamos que eu acredite em você e que toda essa história tenha realmente acontecido. Deuses tiveram filhos com humanos? Certo. Mas a mágica, divindade, ou seja, lá o que for já não teria se perdido no decorrer das gerações? Isso foi há muito tempo.

— Dons não se diluem — respondeu Cassandra. — Alguns Descendentes são mais fortes do que outros e alguns têm mais poderes do que outros, mas a força dos seus poderes não depende do quão forte eram seus pais.

Castor assentiu e tomou a palavra para esclarecer melhor as coisas.

— Por exemplo, minha esposa é mortal, mas nossos filhos são mais fortes do que eu. E eu sou muito forte — disse ele, sem se gabar. — Achamos que tem a ver com o fato de os deuses serem imortais. Eles nunca perdem a força, então o mesmo acontece com

os talentos que nos deram, não importa quantas gerações passem.

Na verdade... — Ele parou, olhando para Cassandra.

— Estamos ficando mais fortes, e as gerações de Descendentes vão recebendo cada vez mais talentos do que os pais. Mas ainda há dúvidas quanto à por que isso acontece — finalizou Cassandra.

— Tudo bem — falou Helen, mais para si mesma. — Eu já sabia que tinha que ser algo meio inumano. Na verdade é um alívio saber o que eu sou e que isso não é algo terrível. Mas posso fazer outra pergunta? O que são as Fúrias, e por que não estão mais nos incomodando?

Esta pergunta mereceu uma longa pausa. Cassandra e Castor se entreolharam como se quisessem ler a mente um do outro antes de Cassandra começar a falar.

— Não temos certeza de por que foram embora. No passado houve rumores sobre pares de Descendentes, normalmente um homem e uma mulher, que encontraram um jeito de ficarem juntos sem verem as Fúrias, mas isso jamais foi provado. Até onde sabemos com certeza, você e Lucas são os primeiros a conseguir



AFTER DARK

112

fazer isso. Acho que deve ter algo a ver com salvar uma vida. Penso que de alguma forma vocês conseguiram salvar a vida um do outro e isso os livrou do ciclo de vingança, mas não tenho certeza — explicou ela.

Helen teve um relance de Lucas nas terras áridas: cego e perdido, sem conseguir se levantar. Ela afastou a imagem.

— Vingança? — questionou Helen.

Castor percebeu sua confusão.

— A Guerra de Troia foi muito longa, com muitas baixas.

Naquela época, era a pior guerra que o mundo já vira. Muitos pecados foram cometidos. Ninguém sabe de onde vieram as Fúrias.

Tudo o que sabemos é que elas começaram a atormentar nossa espécie quando a guerra terminou. Isso começou com a família de Agamemnon, mas com o passar dos anos espalhou-se por todas as Quatro Grandes Casas e as colocou umas contra as outras. Com o

tempo, passou a ser uma hostilidade sangrenta que nos deixou como estamos agora... Jurados de morte pelas outras Casas. Helen se lembrou da história de Orestes e de como ele tinha sido forçado a matar sua própria mãe para vingar o pai Agamemnon, que matara sua irmã. Ela ainda achava aquilo extremamente injusto, como se as Fúrias tivessem criado uma situação impossível de vencer e na qual todos acabavam mortos. — “Casas” é como chamamos as quatro diferentes linhagens de Descendentes — interveio Cassandra quando viu Helen franzir a testa. — Eram da realeza na antiga Grécia.

— Então vocês estão dizendo que somos gregos? — perguntou Helen, tentando tirar o pobre Orestes da cabeça e continuar a conversa.

Castor sorriu.

— Não nos consideramos gregos ou troianos, mas sim membros de quatro Casas diferentes, iniciadas por quatro deuses diferentes. Quem era grego e quem era troiano não importa. A guerra terminou há muito tempo — disse ele, tranquilo. — E as Fúrias têm sido nossa maldição desde então.

— Elas forçam membros de Casas adversárias a se matarem

para pagar a dívida de sangue que temos com nossos ancestrais. É



AFTER DARK

113

um ciclo vicioso. Sangue por sangue por mais sangue — sussurrou Cassandra, e Helen tremeu ao perceber o vazio nos olhos dela.

— Eu conheço essa parte. Orestes foi obrigado a matar sua mãe porque ela tinha matado o pai dele porque ele tinha matado a filha deles — disse Helen.— Mas li essas peças e elas tinham um final feliz. Apolo convenceu as Fúrias a perdoarem Orestes.

— Essa parte foi pura ficção — disse Castor, balançando a cabeça. — As Fúrias jamais perdoam e jamais esquecem.

— Então isso quer dizer que nossas famílias têm se matado desde a Guerra de Troia? — perguntou Helen. — Não pode ter sobrado muita gente.

— Não sobrou. Nossa família pertence à Casa de Tebas.

Pensava-se que era a única Casa que havia sobrado... Até as Fúrias nos levarem a você, claro — respondeu Castor.

— De que Casa eu sou?

— Não teremos certeza disso até descobrirmos quem era sua mãe — disse Cassandra.

— O nome dela era Beth Smith — disse Helen.

Ela esperava que Lucas estivesse errado e que Castor se lembrasse da mãe dela de alguma forma. Mas ele balançou a cabeça gentilmente.

— Quem quer que fosse, é óbvio que ela deu para você e para seu pai um nome falso, para protegê-los. Você com certeza se parece com alguém que eu conhecia, mas Descendentes não transmitem características físicas da mesma forma que os mortais

— disse Castor, hesitante, se remexendo na cadeira. — Por exemplo, Lucas não se parece comigo; ele nem se parece com um típico filho de Apolo, como meu irmão e eu. Nós, Descendentes, somos metade humanos, metade arquétipo, e de vez em quando a aparência de um de nós tem mais a ver com a figura histórica que as Moiras destinaram como modelo de vida para aquele Descendente específico do que com os pais.

— Então, eu pareço com alguém? — perguntou Helen.

— Não queremos tirar conclusões precipitadas. Será que você

tem fotos, ou algum vídeo da sua mãe? Então talvez possamos confirmar quem ela era — disse Castor ansioso, como se estivessem perto de desvendar um enorme mistério que os vinha incomodando.



114

— Não tenho nada. Nenhuma foto — respondeu Helen, com a voz desanimada.

Cassandra suspirou e assentiu, refletindo sobre algum pensamento que lhe ocorrera.

— Para protegê-la, provavelmente. Se ela rompesse todas as ligações com você e se certificasse de que você cresceria em uma pequena ilha com um número limitado de amigos, seria menos provável que uma Casa rival a encontrasse — comentou Cassandra, como se fosse uma detetive juntando todas as pistas.

— Parece que isso não funcionou — zombou Helen.

— Funcionou por muito tempo, mas as Fúrias não permitiriam que fosse para sempre — disse Castor, com tranquilidade.

Helen correu seu pingente pela corrente e o mostrou a Castor e Cassandra.

— Isso é tudo o que tenho dela. Uma joia. Tem algum significado para vocês? — perguntou ela de forma incisiva.

Uma parte dela sempre tinha esperado que o colar fosse importante, que talvez algum dia respondesse suas perguntas. Em seus sonhos mais loucos, ela imaginava que o pingente era um talismã que algum dia a guiaria até sua mãe. Cassandra e Castor analisaram o pingente de coração com atenção, mas não havia nada de especial nele.

— É muito bonito — disse Cassandra, de maneira gentil.

— É mesmo, não é? Mas é da Tiffany, então provavelmente há milhares como esse. Mas isso é tudo o que tenho — disse Helen, derramando as palavras sem censura. — Meu pai diz que ela deve ter planejado fugir durante muito tempo, porque, quando ele descobriu que minha mãe havia nos deixado, todas as fotos tinham sumido. Cada uma delas. Até mesmo fotos que ele pensava que ela não fazia ideia de que existiam.

Ela se levantou de repente e começou a andar sem rumo pelo cômodo. Caminhou até o final da biblioteca olhando para todos os

livros que a família Delos havia juntado, toda a mobília antiga que provavelmente tinha passado de geração a geração. Um legado de família lhe fora negado e Helen tinha uma sensação de perda por não saber onde a mãe estava, ou de onde vinha. Mas também percebia uma possibilidade naquela ignorância.



115

— Sua família é unida, dá para ver isso. Vocês sempre sabem onde todo mundo está. Mas minha mãe fez uma coisa drástica, não é? Ela fugiu. — Helen lutava para expressar seu pensamento da forma correta e decidiu que o melhor era fazer uma pergunta. — Por que vocês tinham tanta certeza de que a Casa de Tebas era a única Casa que havia sobrado? Como poderiam saber disso?

— Nós ficamos de olho nos números, Helen — disse Cassandra.

— É, mas como vocês podem saber com certeza?

— É bárbaro — disse Castor, balançando a cabeça. Quando

Helen gesticulou para que continuasse, ele prosseguiu: — Quando um semideus mata outro, de uma Casa rival, há uma comemoração tradicional chamada Triunfo. É considerada uma grande honra.

— Mas não quer dizer que minha mãe esteja morta. Talvez ela esteja apenas desaparecida! Vocês nem mesmo sabem quem ela é!

— disse Helen. Lágrimas caíram do canto de seus olhos e pingaram em sua blusa.

— O fato de que você existe comprova que tudo é possível — disse Cassandra.

Mas ela não conseguia olhar Helen nos olhos.

— Por volta da época em que você nasceu, as Casas estavam passando por um período de intensas lutas, que pensávamos ser o confronto final. Houve muitas mortes — disse Castor, olhando para baixo, para as mãos, como se esperasse encontrar sangue nelas.

Helen deu as costas para Castor e Cassandra e tentou respirar apesar das lágrimas, mas ainda levou algum tempo para ter certeza de que não soluçaria. Ela nem sabia por que estava triste. Sempre pensou que odiava a mãe.

— Helen, nós entendemos que você pode precisar de um tempo antes de continuarmos. Ainda temos muito o que conversar,

mas não iremos a lugar algum e podemos terminar essa conversa quando você estiver pronta. Enquanto isso, por favor, saiba que queremos mesmo ajudar — disse Castor gentilmente do outro lado do escritório.

Helen ouviu os dois se levantando para deixar o escritório, mas não conseguiu se despedir. Depois que eles saíram, abriu as portas francesas e saiu para o pátio. A visão da praia deserta e da



116

água azul do mar acalmou um pouco suas emoções e, antes que pudesse se dar conta, passeava pela areia.

— Você está bem? — perguntou Lucas às suas costas.

Helen apenas assentiu; não estava surpresa por ele ter aparecido. Os dois olharam para a outra ponta da praia, observando um grande cachorro peludo pular as ondas alegremente. Depois de um tempo, Lucas se aproximou e ficou do lado dela.

— Estou aliviada — disse Helen. Ela virou o rosto para olhar para ele. — A vida inteira pensei que minha mãe me odiasse tanto que nem queria que eu soubesse como ela era. — Uma expressão de

tristeza obscureceu o rosto de Lucas, mas Helen continuou antes que fosse interrompida: — Não estou dizendo que uma antiga rixa sangrenta seja uma coisa boa, mas pelo menos é uma razão para ela ter me abandonado. Eu nunca tive um motivo antes.

— Ela ainda pode estar viva, sabia? — insistiu Lucas. — Não importa o que Cass e meu pai acham.

— Ainda não sei o que sentir sobre isso — respondeu Helen honestamente. — Kate tem sido mais mãe para mim do que Beth, ou seja, lá qual seja seu nome, jamais foi. Imagino que eu vá saber o que sinto quando descobrir a verdade. Toda a verdade.

— É um bom plano — replicou Lucas, sorrindo para o mar por um momento antes que outro pensamento lhe ocorresse, fazendo seu rosto se fechar. — Pelo menos por enquanto.

Ele apertou seus dedos e Helen olhou para baixo, surpresa mais uma vez por eles estarem de mãos dadas sem que ela prestasse atenção. Não sabia quem dos dois havia começado esse

novo hábito, mas se deu conta de que seria quase impossível evitar. Ela nunca segurara a mão de um garoto antes, e isso deveria deixá-la constrangida, mas não. Tocá-lo parecia à coisa mais natural do mundo para ela. Aquele pensamento a fez balançar a cabeça, pensativa. Helen olhou para cima e notou que Lucas estava também olhando para as mãos deles, provavelmente pensando a mesma coisa.

— Você quer sentar um pouco? — perguntou ela, de repente ciente de que, na última vez em que o vira, ele não conseguia andar sem a ajuda de Jason.



117

— Não. Mas não me importaria de comer alguma coisa.

Ele lançou um olhar distraído para a casa, por cima do ombro.

— Eu também. Meu Deus, eu sou um saco sem fundo! — disse Helen, ainda surpresa consigo.

— Você passou horas sem comer enquanto se curava — disse

ele, levando-a para longe da praia. — Você está falando besteira.

— Sabe, se não fosse pela “dor agonizante”, acho que eu poderia até gostar da regeneração. As pessoas carregam você por aí e o alimentam o tempo todo. É como ser um bebê, só que com idade

suficiente para aproveitar.

— Não é tão divertido quando você precisa ir ao banheiro.

— Não! Ainda mais quando se está entre estranhos — disse Helen, esperando uma risada ou uma resposta espirituosa de Luke e não recebendo nem uma nem outra.

— Não somos estranhos — disse ele baixinho, diminuindo o ritmo para olhá-la nos olhos.

— Bem, não mais — concordou ela.

Sentiu o rubor arder nas bochechas e precisou olhar para baixo. Os olhos de Lucas eram tão honestos e tão azuis que Helen sentiu que, se não se forçasse a desviar o olhar logo, ficaria presa e jamais conseguiria parar de olhar para ele.

Eles se deram as mãos enquanto voltavam. Quando chegaram perto da casa, Helen notou que Cassandra os observava de uma das varandas do segundo andar. Ela não parecia feliz.

Quando entraram na cozinha, encontraram Noel já ocupada com meia dúzia de vasilhas e panelas. Ela passou para eles um pote de sorvete, biscoitos, amendoim e calda de caramelo, e antes de voltar a resmungar para o enorme assado que lutava para colocar dentro do forno, falou que eles estavam fortes o suficiente para preparar um bendito sundae. Depois do lanche exagerado que convenceu o restante da casa a ficar na cozinha e estragar o apetite, Noel avisou que seria melhor que permanecessem sentados, porque o jantar ficaria pronto em vinte minutos.

— Não posso, tenho que ir para casa — comentou Helen, desapontada, enquanto empurrava para lá e para cá algumas nozes empapadas no fundo da vasilha.

— Ridículo. Você não vai a lugar nenhum — reagiu Lucas.



118

— Não, é sério. Preciso ir para casa, pegar o jipe e pegar meu pai e Kate no aeroporto.

— Um de nós pode buscá-los para você — disse Ariadne, levantando-se do banco à direita de Helen.

— Pode sentar Ari, você ainda está enfraquecida pela regeneração. E não pense nem por um segundo que todo esse blush que está usando me engana — disse Pandora com um brilho sarcástico no olhar, enquanto balançava um dedo para Ariadne, fazendo suas pulseiras dançarem e tilintarem. — Eu adoraria ir e conhecer seu pai, Helen.

— Não, não! — disse Helen, um pouco agitada demais, antes de se controlar e continuar em um tom mais tranquilo. — Meu pai não sabe nada sobre isso. Por favor. É muito gentil de sua parte se oferecer, mas se você pudesse apenas me dar uma carona de volta para casa, eu agradeceria muito.

Ela não conseguia levantar a cabeça, mas sabia que todos trocavam olhares significativos. Ariadne tocou a mão de Helen e começou a dizer alguma coisa, mas Lucas falou primeiro.

— Eu levo Helen para casa — disse ele levantando da cadeira e puxando Helen pela mão.

— Vamos.

— Você não está em condições de viajar — disse Noel,

balançando a cabeça, mas Lucas já estava andando na direção dela com um sorriso malicioso.

— Vou levá-la para casa dirigindo, não voando — disse ele.

De repente agarrou a mãe mais rápido do que ela pôde reagir e beijou sua mão com um estalo exagerado. Não devia ser muito confortável, mas era engraçado suficiente para fazer Noel rir e admitir que Lucas conseguiria dirigir. Helen tentou agradecer a todos, de coração, mas Lucas fez um som de ronco, agarrou a mão dela e a puxou pela cozinha.

— Tudo bem, já chega. Você vai voltar amanhã, de qualquer jeito.

— O quê? — soltou Helen afobada.

Lucas a puxou passando pela porta da cozinha que levava a uma enorme garagem cheia de vários carros chiques. Ele a enfiou



em uma pequena Mercedes conversível e ligou o carro enquanto

acionava o controle remoto do portão.

— Você vai voltar amanhã à tarde — repetiu ele, finalmente respondendo à pergunta enquanto saía em direção à Milestone Road.

— Não posso. Tenho corrida — lembrou Helen.

— E eu tenho futebol. Trago você aqui depois que nós dois tivermos terminado. E posso levá-la para a escola de manhã, se quiser.

— Pensei que vocês não tivessem mais permissão para praticar esportes.

— Isso está quase resolvido — disse ele, com um sorriso enorme. — Olhe, tudo o que vou dizer é que vi o time de futebol e, acredite, eles precisam da minha família.

— Eu deveria ficar ofendida com isso, mas também vi o time de futebol — disse Helen, repetindo o sorriso. — Mas de qualquer modo não posso vir aqui amanhã. Tenho que trabalhar nas segundas à noite.

— Terça, então — sugeriu Lucas

— Não posso, tenho que cozinhar para meu pai — respondeu ela, apressada.

— Ele pode vir também. Minha mãe quer conhecê-lo — disse Lucas, com crescente incerteza. Ele olhou para Helen.

— Você não quer vir?

— Não é isso — disse ela, sentindo-se encurralada e frustrada, sem saber por quê. — Meu pai não vai deixar, está bem?

Helen olhou para fora da janela, para o campo de golfe, e sentiu Lucas pegar sua mão e puxá-la de leve para que Helen olhasse para ele.

— Ninguém vai falar sobre você com seu pai se não quiser — disse ele, alternando entre olhar para ela e para a estrada.

— Não é isso. Ele não me deixa sair à noite em dias de semana — respondeu Helen.

Estava olhando para Lucas, mas ele franziu as sobrancelhas e fixou o olhar na estrada. Com o passar dos minutos silenciosos, Helen pôde sentir o humor de Lucas piorar pouco a pouco.



— Não, isso não vai funcionar — disse ele de repente, parando o carro no acostamento, puxando o freio de mão e virando-se no banco para encarar Helen. Quando viu o olhar assustado dela, respirou fundo para se controlar antes de dizer qualquer coisa. — Não sei se meu pai explicou isso, mas as diferentes Casas são Descendentes de diferentes deuses — começou ele. — Sim, ele me disse algo assim — respondeu Helen, com calma.

Sentiu-se como uma criança na sala do diretor sem ter ideia por que estava lá. Ele tentou sorrir para ela, mas desistiu.

— A Casa da minha família, a Casa de Tebas, é Descendente de Apolo. Ele é conhecido principalmente como deus da luz, mas também foi deus da música, da cura e da verdade. Os Detectores de Mentira, Descendentes que podem sentir as mentiras, são muito raros, mas sou um deles. Sempre reconheço uma mentira quando escuto uma, e se vem de alguém próximo a mim, não aguento. Então você não pode mentir para mim, Helen. Jamais. Se não quiser contar a verdade, por favor, pelo meu bem, não diga nada — implorou ele.

— Dói? — perguntou Helen, com a curiosidade aguçada.

— Tentei dizer a Jase como é, mas nunca consegui explicar

direito. É quase como a sensação que temos quando perdemos algo muito importante e não conseguimos encontrar. Mas é bem pior. Quanto mais tempo a pessoa mantém a mentira, mais eu fico doido para descobrir a verdade. Vou escarafunchando até descobrir...

— Só preciso de um pouco de tempo para me acostumar — admitiu Helen na mesma hora. — Ainda não estou pronta para falar com meu pai sobre mim, ou sobre minha mãe, porque não sei como ele reagiria a isso. Para ser honesta, não sei se algum dia contarei. Mas sei que preciso de um tempo para me acostumar com tudo isso. Pelo menos alguns dias.

O rosto de Lucas relaxou imediatamente e ele soltou a respiração que estava prendendo.

— Por que não disse isso desde o começo?

— Porque é muito, muito...

A voz dela falhou, e Helen não sabia por que era tão difícil dizer aquilo.



— Muito cru. Como ficar nua — completou Lucas por ela.

Helen assentiu. — Bem, sinto muito, mas comigo ou você tem que ser honesta, ou ficar em silêncio.

Ele soltou o freio de mão, engrenou a marcha, arrancou e levou o carro de volta ao trânsito.

Tão logo pôde parar de trocar marchas, Lucas pegou a mão dela e a segurou sobre sua perna. Quando a fraca luz do sol o obrigou a ligar os faróis, ele tirou a mão do volante, em vez de soltar a mão.

Lucas parou o carro na entrada da garagem de Helen, atrás do Pig, então desligou os faróis e o carro.

— Espere aqui um instante — disse ele antes de sair do carro e desaparecer atrás da casa.

Enquanto esperava, Helen esticou o pescoço para ver onde Lucas estava, mas não ouviu nada, nem mesmo o barulho de passos. Irritada por ele sumir daquele jeito, ela saiu do carro e foi até o Pig para ter uma visão melhor. Notou sua bolsa jogada no chão perto do pneu dianteiro.

Caramba! Ela apanhou a bolsa e pegou o telefone dentro dela.

Havia mais de uma dúzia de chamadas perdidas.

Lembrou que a bolsa estava caída no chão porque ela havia sido atacada, e de repente se deu conta de que o agressor não fora Hector ou Lucas, como havia presumido naquela noite.

Agora que podia pensar naquilo sem que as Fúrias interferissem no seu julgamento, percebeu que mais alguém estivera ali esperando por ela ao chegar em casa. Alguém com braços fortes a pegou pelas costas e depois se assustou com a chegada da família Delos. Uma mulher, pensou, lembrando-se do cheiro de cosmético. Lucas mandou Ariadne e Jason atrás dela, mas a mulher devia ter fugido, porque ninguém tinha falado sobre ela naquele fim de semana. Por causa do choque dos últimos dias Helen se esquecera do ataque por completo.

— Lucas? — chamou, andando na direção da lateral escura da casa. Ele havia sumido há bastante tempo. Helen ouviu um baque surdo atrás de si.

— Eu pedi para você ficar dentro do carro. É para sua segurança, Helen — disse Lucas frustrado.



AFTER DARK

122

Ela se virou para encará-lo, gesticulando como uma louca com o celular ainda na mão.

— Aquela mulher! Você está procurando por aquela mulher que me atacou e a Kate — disse Helen, finalmente compreendendo tudo. — Ela é uma Descendente também. Tem que ser!

— Sim, claro que é... — interrompeu ele. — Mas, escute. Há duas delas. Duas mulheres diferentes estão atrás de você, e ainda não pegamos nenhuma delas.

Luzes atravessaram a casa e a entrada da garagem. Um carro estava se aproximando. Lucas ficou em pé na frente de Helen e olhou com facilidade através das luzes que a impediam de ver quem estava dentro do carro.

— É seu pai — falou Lucas.

— Helen? Você está aí! Onde diabos esteve? — gritava Jerry enquanto saía do táxi, antes mesmo de o motorista parar o carro

por completo. Ele estava mais bravo do que estivera em anos. — Eu liguei várias vezes. Você nunca se atrasa! Achei que tivesse acontecido alguma coisa com você!

— Por que você está aqui? — perguntou Helen, com a voz aguda. — Nós pegamos um voo mais cedo. Você não recebeu nenhuma das minhas mensagens?

— Eu...

Helen hesitou, segurando o telefone como idiota. Ela sabia que precisava inventar alguma coisa, mas também sabia que era muito ruim em contar mentiras. Começou a entrar em pânico. Lucas pegou o telefone e Helen ouviu um quase imperceptível barulho de algo se quebrando.

— O telefone dela quebrou — disse Lucas, entregando-lhe o telefone para que Jerry pudesse ver. O aparelho se despedaçou na mão dele. — Vim ver por que ela não estava atendendo e a encontrei aqui fora indo buscar vocês.

Helen encarou Lucas com a boca aberta, pensando como uma pessoa que exigia honestidade dos outros podia ser tão rápida para mentir.

— Como você fez isso, Len? — perguntou Jerry, consternado,

enquanto contemplava o sanduíche de microchips e plástico pulverizado. — Era novinho.



AFTER DARK

123

— Eu sei! — disse Helen, um pouco enfática demais. — Uma porcaria, não é? Sinto muito, pai. Não imaginava que você chegaria mais cedo. Sério.

— Ah, tudo bem — respondeu Jerry, um pouco sem graça agora que já não estava tão preocupado. Ele e Helen sorriram um para o outro, tudo perdoado entre os dois. Então Jerry se virou para Lucas. — Você me parece familiar — falou, desconfiado, notando a presença de Lucas pela primeira vez e suspeitando de algo na mesma hora.

Por um momento Helen pôde ver Lucas pelos olhos do seu pai: um jovem incrivelmente bonito, com o corpo em forma demais, bem-vestido demais e que dirigia um carro legal demais para algum dia ser aceito pelo pai de alguém.

— Lucas Delos — falou ele, estendendo a mão.

— Você não odeia esse garoto? — perguntou Jerry com franqueza a Helen enquanto apertava a mão que lhe fora oferecida. Lucas riu, e a risada foi tão sincera e sem reservas que Jerry se juntou a ele.

— Nós resolvemos aquilo — disse Helen.

— Que bom — disse Jerry. Então passou pelo vistoso conversível de Lucas quando voltou para pagar o táxi e pegar sua bagagem. — Ou talvez não — emendou.

Helen aproveitou o momento para censurar Lucas com os olhos, apontando para o telefone celular.

— E aquela mulher? Como você vai me contar o resto da história agora? — sussurrou ela freneticamente. — Se eu usar o telefone da cozinha, meu pai vai ouvir.

— Sinto muito — sussurrou Lucas em resposta, com um sorriso nos olhos. — Não consegui pensar em mais nada.

— Amanhã — avisou Helen. — Quero saber a história inteira.

— Pego você meia hora mais cedo para ir para a escola. A gente toma café — prometeu Lucas.

— O que está acontecendo? — perguntou Jerry, desconfiado,

ao juntar-se a eles de novo.

— Lucas precisa voltar para casa para o jantar — disse Helen.

Viu Lucas se encolher com a mentira, mas ele entendeu a indireta.



124

— Foi um prazer conhecê-lo, Sr. Hamilton — disse Lucas enquanto se despedia e caminhava até o carro.

— Droga, eu queria mesmo que você tivesse acne. Ou um problema hormonal — reagiu Jerry.

— Pai! — bufou Helen constrangida.

— Boa noite, Lucas — falou, sem graça.

— Boa noite, Helen — respondeu ele suavemente, com os olhos brilhando.

— Tudo bem, basta. Entre, Helen — disse Jerry, com um sorriso nervoso. Ele virou Helen e lhe deu um empurrãozinho na direção da porta. — Acho que eu preferiria que você voltasse a odiá-

lo.

Helen ouviu Lucas rir sozinho enquanto ligava o carro. O calor da risada dele a fez sorrir.

* * *

Lucas aproveitou o caminho de volta para casa, vindo do lado da ilha onde Helen morava — ele precisava de tempo para pensar e se controlar antes de encarar a família. Não que fosse adiantar muito. Cassandra e Jason sempre sabiam como ele se sentia e agora estavam prestando muita atenção. Estavam preocupados com ele desde o dia no corredor, quando ele a vira pela primeira vez, e agora só ficaria pior. Já estava pior. Era capaz de Jason tentar fazê-lo se sentar para uma boa e longa conversa, e Lucas estava sem paciência para aquilo. Ele não queria a piedade de ninguém; só queria ficar sozinho, pelo menos uma vez.

Lucas estacionou na garagem e ficou dentro do carro por alguns minutos com o motor desligado tentando colocar os sentimentos em ordem de novo. Nos últimos dias parecia que suas emoções eram como um boneco de mola, e se ele deixasse a tampa aberta, todas saíam voando.

Ele tinha certeza absoluta que não conseguiria ver Cassandra,

não agora, e ele também sabia que ela provavelmente estava esperando por ele. Saiu do carro, andou pelo quintal e voou até a janela de seu quarto para evitá-la.

Mas é claro que ela sabia que ele faria isso, e estava sentada no sofá do quarto. Lucas sorriu com pesar para si mesmo antes de



125

abrir a janela. Ele deveria ter pensado melhor antes de tentar driblar a irmãzinha.

— Não quero falar sobre isso, Cassie — disse ele, com uma voz que esperava ser paciente, mas firme.

— Você não tem escolha — respondeu Cassandra, com tristeza.

— Não. Somos Descendentes. Não podemos fazer muitas escolhas, não é? — disse ele com amargura, enquanto flutuava através da janela e entrava para pousar.

Seu corpo sofreu a força da gravidade e os pés tocaram o chão

quando ele de repente parou de voar e começou a andar.

— Você ficou fora por bastante tempo — disse Cassandra, parecendo querer insinuar algo.

— Fiquei um pouco lá na área dela, procurando por algum sinal daquelas mulheres no bairro — disse ele com calma, e não estava mentindo.

— Eu falei que não precisa se preocupar. Ela está segura por pelo menos mais alguns dias — falou Cassandra, balançando a cabeça. — Não tenho certeza quanto a você.

— Não encostei em Helen.

— Mas também não consegue ficar longe dela.

Era verdade. Mesmo quando ainda estava possuído pelas Fúrias na presença dela, ele não conseguia ficar longe de Helen.

Lucas não sabia como descrever isso. Era como se parecesse errado ficarem separados.

— Não se preocupe, não vou tocá-la.

— Não é só com isso que me importo — começou a falar Cassandra, com um tom de advertência.

— Sim, claro, mas é a coisa com que você e todo mundo mais se importam, Cassie — interrompeu ele, cansado daquela conversa

evasiva.

Ele tirou o relógio e o colocou com cuidado na mesa de cabeceira. Não olhou para ela; sabia que estava sendo cruel, mas não conseguia evitar.

— Isso não é verdade. Você sabe disso, não é? — perguntou ela, e de repente não era mais que sua irmãzinha.



126

Lucas olhou para ela e sentiu o coração amolecer. Ela carregava um peso maior que o dele, sabia disso. Algumas vezes seu amargor prevalecia, mas esperava que Cassandra soubesse que ele a amava e que também não deixaria de amá-la ainda que lhe dissesse para desistir da coisa que mais queria no mundo. Isso não tornava as coisas nada mais fáceis para nenhum dos dois, ainda que ninguém nunca tivesse perguntado o que queriam.

— Qual a importância dos sentimentos de qualquer um de nós? — murmurou ele. — Se eu ficar com Helen, a guerra começa

de novo. O quanto eu queira isso não vai fazer diferença alguma.

— Eu não sei disso — replicou Cassandra, com um pouco mais do que uma simples insegurança. — Ainda não estou forte o suficiente.

— Mas tem quase certeza — disse ele, sentando-se aos pés da cama como se a gravidade equivalente a dois planetas o puxasse. — E não finja que não tem, porque nem mesmo você pode mentir para mim.



AFTER DARK



127

08

Helen passou as horas seguintes ouvindo mais detalhes sobre a viagem do pai ou insistindo que Lucas não era seu namorado.

Logo ela se deu conta de que a única forma de fazer com que Jerry parasse de lhe perguntar sobre Lucas era perguntar sobre Kate.

Além disso, ela queria mesmo saber o que estava acontecendo entre os dois. Jerry insistia que eles jamais foram qualquer coisa além de amigos. Desapontada com o fato de que o pai obviamente ainda estava carregando por aí o peso da mágoa que tinha da esposa, tudo o que Helen queria era fugir para o andar de cima, para seu quarto, e pensar, mas precisava esperar até que terminassem o jantar. Quando ela e o pai acabaram de comer, de discutir quanto sal ele podia colocar na comida e de falar sobre a loja, Helen estava tão exausta que quase caiu no sono sentada na beirada da banheira enquanto escovava os dentes.

Na manhã seguinte, Helen não tomou o café da manhã, preparou seu lanche e gritou tchau para o pai ao sair antes mesmo de ele descer. Jerry a chamou enquanto ela pulava para dentro do carro de Lucas, mas Helen fingiu não escutar.

— Não deveríamos esperar para ver o que ele quer? —
perguntou Lucas.

— Não. Vamos embora — disse ela, com um pouco de pressa.

Lucas deu de ombros e arrancou com o carro enquanto Jerry aparecia na porta da frente. Helen acenou para ele, mas sabia que mais tarde ouviria reclamações sobre essa fuga. Muitas

reclamações.

— Certo. Ainda sou novo por aqui, então não conheço os lugares. Onde tem um café bom neste lado da ilha? — perguntou Lucas.

— Ah, talvez a News Store? — disse Helen, dando de ombros.

— Mas não acho que vamos conseguir conversar lá.



128

— Que tal esse? — perguntou ele enquanto estacionava o carro em um restaurante popular entre os turistas.

Helen estremeceu, mas assentiu. Havia outros lugares menores, mas ela conhecia todo mundo que trabalhava neles. Para essa conversa, ela precisava de um pouco de privacidade.

Eles ficaram quietos na fila, esperando até sentar para começar a conversa. Helen tentou não encarar Lucas, mas era difícil. Ela ficava impressionada com o quanto ele se sentia confortável onde quer que estivesse, como se o mundo inteiro fosse

um lugar tão familiar quanto seu quarto.

Ela tentava observá-lo pelo canto do olho, talvez pegá-lo inquieto, ou balançando os pés como ela mesma fazia em público, mas ele não fazia nada disso. Ele não se importava de verdade se as pessoas olhavam para ele ou não. Não pedia desculpas inconscientemente ao mundo por sua presença, andando curvado, cruzando os braços ou brincando com suas chaves. Irritava Helen ver como Lucas conseguia só ficar em pé ali sem fazer mais nada, mas também a inspirava.

Por que ela deveria ficar inquieta e constrangida por ocupar mais espaço do que a maioria das pessoas? Ela ficou um pouco mais ereta ao encará-lo.

— Está satisfeita? — perguntou ele, sorrindo por causa da admiração descarada de Helen por sua aparência.

— Ainda não — disse ela, dando um sorriso parecido.

— Ótimo.

Assim que se sentaram, Lucas perguntou o que ela queria saber, e Helen precisou pensar por um momento. Ela não tinha muita certeza.

— Acho que a primeira coisa que preciso saber é quem

machucou Kate — disse ela, temendo a resposta.

— Não temos a menor ideia — respondeu ele, parecendo sincero.

Helen ficou desolada. Ela sabia, pela experiência da noite anterior, que o fato de Lucas não aguentar ouvir mentiras não o impedia de contar algumas.

— Isso não faz sentido, Lucas — disse ela, com cuidado. — Seu pai me disse que sou a única... Da nossa espécie... Que não é



129

membro da sua Casa. Como é possível que você não conheça duas mulheres que, pela lógica, são da mesma família que vocês?

Lucas assentiu como se entendesse porque Helen duvidava dele.

— A Casa de Tebas é muito grande. Nossa família mais próxima, nós que voltamos para os Estados Unidos, é apenas um minúsculo fragmento do grupo, mas o ramo principal da Casa de

Tebas é muito, muito maior. São conhecidos como os Cem Primos, apesar de agora haver muito mais do que isso, e eles são liderados livremente por meu tio Tantalus — disse Lucas, olhando para baixo, para seu café, com os olhos distantes. — Meu pai reconhece na mesma hora todo mundo da nossa Casa, mas eu, não, e ele não estava lá quando você foi atacada. Helen, eu tenho tantos primos que há alguns de quem nunca nem ouvi falar, quanto mais vi.

— Se seu tio é o líder, você não pode simplesmente ligar para ele e perguntar qual dos seus primos está tentando me matar?

— Pode ter sido Tantalus quem as enviou — falou ele de forma misteriosa. — Mas ainda não temos certeza disso. Meu tio Pallas, pai de Hector, Jason e Ariadne, voltou para a Europa depois do primeiro ataque para ver o quanto Tantalus sabe.

Helen observou o rosto dele por alguns instantes. Era todo traços precisos e brilhantes olhos azuis.

— Você quer dizer espionar o resto da Casa — disse Helen, surpresa. Ele assentiu. — Mas por que sua família enfrentaria tanta coisa por mim? Eu fico agradecida, mas mesmo assim. O que mais você não está me contando?

Ele partiu seu croissant por um momento e depois deixou

escapar um suspiro rápido.

— Os Cem Primos são como um culto. Eles acreditam em coisas que minha família não acredita e são tão fanáticos que estão dispostos a matar por isso. Essa foi a razão para sairmos da Espanha. Hector... — Lucas se interrompeu, então balançou a cabeça como se quisesse limpá-la antes de voltar a se concentrar em Helen. — O fato é que você está correndo um grande perigo. Tenho seguido você desde o primeiro dia em que a vi, mas não posso protegê-la o tempo todo. Se qualquer uma daquelas mulheres



130

encontrá-la sem que eu esteja por perto, vai tentar matá-la, e você ainda não sabe se defender.

— Bem, é que eu nunca tive que me defender antes — disse Helen, um pouco confusa. — Quero dizer, estamos em Nantucket. Meu pai e eu deixamos a porta da frente mais aberta do que fechada!

— Você é muito importante para nós. Muito mais do que posso explicar agora — disse Lucas, inclinando-se para frente e segurando a mão dela. — Sei que você disse que precisava de alguns dias, e eu não queria assustá-la jogando toda essa informação em cima de você de uma vez, mas você precisa começar a treinar com a gente assim que puder. Minha família vai ensiná-la a lutar.

— Você quer dizer judô e coisas assim?

— Coisas assim — disse Lucas, sorrindo de modo tranquilizador. — Não faça essa cara de preocupada. Com seus dons, você vai detonar rapidinho.

— Que dons? — perguntou Helen incerta.

— Você não sabe mesmo, não é?

Ele estava surpreso.

— Ei, Luke, e aí? — perguntou Zach ao entrar no café.

Ele estava sorrindo, mas o sorriso se desfez assim que viu com quem Lucas estava. Atrás dele vinham alguns garotos do time de futebol, e todos olhavam boquiabertos, a dupla improvável.

— Ei, Zach. Tomando café. E você? — respondeu Lucas tranquilo.

Helen deu um sorriso amarelo e tirou o cabelo de trás das orelhas para esconder o rosto. Lucas se esticou por cima da mesa e colocou os cabelos dela para trás dos ombros com suavidade.

— Também — murmurou Zach enquanto saía aos tropeços, com os olhos disparando de Helen para Lucas, sem acreditar no que via. — Vejo você daqui a pouco — gritou antes de se juntar aos outros garotos na fila.

Helen mordeu o lábio, encarou sua caneca de café e esfregou a barriga, por debaixo da mesa, da forma mais sutil que conseguiu. Por favor, sem cólicas, pensou.

— O que houve? — perguntou Lucas, observando-a.



131

— Nada. Podemos ir? — pediu ela, desesperada para trocar de assunto, para ir embora, talvez cair morta, se fosse possível.

— Claro — disse Lucas, se levantando. Ele olhou para ela preocupado. — Sei que está acontecendo alguma coisa, Helen, e

prefiro que você me diga a verdade, qualquer que seja. Há anos Ariadne deu um sermão nos três garotos da família sobre problemas de mulher, sabia? E por sermão quero dizer surra.

— Bom, eu devo uma a ela, mas não é o que você está pensando. Helen agarrou a mão dele e o puxou na direção da porta.

Lucas acenou para Zach enquanto saía. Zach acenou de volta, mas ainda estava com uma expressão estranha.

— Acho que acabei de rebaixar você. Desculpe — disse Helen enquanto eles entravam na pequena Mercedes prateada.

— Do que você está falando? — perguntou Lucas, manobrando para fora do estacionamento.

— Bem, Zach e todos os outros garotos nos viram juntos — disse ela, como se fosse óbvio.

— E?

— Zach e Gretchen não são meus maiores fãs, o que faz de mim muito impopular na escola — explicou Helen timidamente.

O rosto de Lucas se abriu em um grande sorriso e ele pegou a mão dela, mas precisou soltar para trocar a marcha.

— Vou ter que começar a dirigir um carro com câmbio

automático — resmungou antes de continuar. — Você acha que não é popular? Durante minha primeira hora nesta ilha ouvi falar sobre a bonita, perfeita, angelical Helen Hamilton. Você sabe que é assim que os garotos chamam você, certo? “É bela” Hamilton?

Helen soltou a mão dele, mas Lucas acabou capturando a dela e a segurou com força.

— Pode parar com isso, Lucas. Não é uma piada para mim. E qual é a sua com isso? — perguntou ela, levantando as mãos dadas.

— Não sei — disse ele inclinando a cabeça para o lado. — Mas parece certo, não é? Olhe, por que não me conta o que realmente está aborrecendo você por ser vista comigo. Você está com medo do que vão dizer?



132

— Sim e não. Você não entende, porque você não está aqui há tempo suficiente, mas aquelas pessoas são populares e têm alguma

coisa contra mim. Algumas se empenham de verdade em serem más comigo. Eu nunca consegui me encaixar.

— E jamais irá — disse ele, sério. — Não importa onde estiver, você sempre será diferente, Helen. Já está na hora de se acostumar com isso.

— Estou acostumada com isso! Tive minha vida inteira para me acostumar com isso! — explicou ela, enquanto entravam no estacionamento da escola.

— Ótimo. Agora pare de se desesperar e escute por um segundo. Aqueles caras não estavam olhando para a gente porque odeiam você. Estavam olhando para a gente porque não conseguiram descobrir como diabos eu consegui convencer uma garota que tentou me estrangular a uma semana a entrar no meu carro e sair para um café.

— Ah, sim, me esqueci disso — disse Helen, olhando para o chão enquanto saía do carro. Ela jogou a bolsa por cima do ombro.

— E eu gostaria de voltar a esquecer disso. Se nunca mais falarmos em nos matar, por mim tudo bem — disse Lucas tranquilo.

Ele pegou a mão dela com firmeza e a puxou para ele de forma

que o ombro de Helen tocava o braço dele enquanto entravam na escola.

Todo mundo estava olhando. Os corredores se encheram de expressões perplexas e queixos caídos à medida que as conversas eram interrompidas por um momento e depois continuavam ainda mais alto enquanto Helen e Lucas passavam. Helen tentou soltar a mão, mas Lucas resistiu. Finalmente ele a soltou, quando percebeu que Helen não estava só sendo modesta; ela estava a ponto de entrar em pânico.

— Lennie? — chamou Claire cautelosa.

Helen deu um sorriso rápido para Lucas e virou-se para Claire.

— Onde você esteve o final de semana todo? — perguntou Claire, desconfiada e de olho em Lucas.



133

— Você tentou me ligar? — indagou Helen, agradecida por ter

uma desculpa para se afastar de Lucas e, esperava dos olhares também.

— Tipo umas cinco vezes. O que aconteceu com você?

— Meu telefone quebrou — desculpou-se Helen. Então se virou para Lucas. — Preciso passar no meu armário antes da primeira aula. Obrigada pela carona — falou, sem jeito.

— Tudo bem. Vejo você mais tarde, então — disse ele, aceitando a dispensa da maneira mais suave que pôde.

Quando ele estava a não mais do que três passos de distância, Claire agarrou o braço de Helen e a arrastou para o armário.

— Caramba! Que diabos foi aquilo? — quase gritou Claire.

Helen fez sinal para ela se calar enquanto lutava com o cadeado.

— Tivemos uma longa conversa — disse Helen rapidamente. — Não nos odiamos mais.

— Uma conversa? Sim, sei. Tenho certeza de que havia línguas envolvidas, mas por alguma razão não acredito que as cordas vocais tenham sido usadas.

Claire parecia brava, mas Helen de repente ficou mais brava ainda.

— Dá para parar com isso, Claire? Estou falando sério! Tive um final de semana bem difícil. Desculpe se não pensei em ligar para você ontem à noite, mas meu pai estava superbravo comigo porque o deixei plantado no aeroporto.

— Bem, então me conte agora! — replicou Claire, na defensiva.

— Não que você tenha que me dizer algo. Todo mundo pode ver que você e Lucas de repente viraram um casal.

— Eu não sei o que somos, mas não é algo que dá para resumir em um simples rótulo como “casal”, está bem?

Stressada, Helen remexia em seus livros e se deu conta de que não fizera nenhum dever de casa.

— Por que você não pode só ser honesta comigo? Você dormiu com ele — acusou Claire.

Helen sabia que não poderia deixar Claire totalmente de fora daquilo.



— Para ser sincera? Eu dormi com ele. Duas vezes. Mas não do jeito que você está pensando — disse de maneira franca. Virou Claire e a direcionou para a sala de Hergie. — Nem mesmo nos beijamos.

— Por favor! — declarou Claire, parando de repente no meio do corredor.

— Pergunte a ele você mesma. Você tem aula com ele o dia todo — replicou Helen, bem séria.

O sinal bateu e as duas precisaram subir correndo os últimos degraus para passar pela porta antes que o professor a fechasse.

Helen teve uma manhã terrível. Muitos professores pensaram em deixá-la de castigo por não ter feito dever de casa e todas as garotas

da escola estavam furiosas com ela por ter chegado com Lucas. O relacionamento de Helen com as garotas da sala sempre fora tenso.

Por anos havia se esforçado para ser gentil com elas, mas por fim desistiu quanto percebeu que, se ficasse com a cabeça baixa e a boca fechada, poderia passar despercebida.

Isso tudo tinha acabado agora que ela havia sido vista

chegando com Lucas. Helen tinha atravessado algum tipo de linha

imaginária, quebrado a trégua que conseguira quando se recusara a competir, o que fez as garotas declararem guerra contra ela.

Durante todo o dia Helen descobriu que, se olhasse para qualquer lugar que não fosse o quadro-negro ou sua mesa, era metralhada por olhares antipáticos. Para piorar ainda mais, Gretchen estava espalhando boatos maldosos sobre ela para quem quisesse ouvir, e Claire continuava chateada.

Helen não pôde evitar um sorriso aliviado quando viu Lucas em frente ao armário dele antes do almoço. Ele parecia ser a única pessoa na escola inteira que sorriria de volta para ela.

— Então está gostando de mim de novo, não é? — disse ele quando a viu caminhando na sua direção.

— Você também, não — resmungou Helen. — Tem algum papel nas minhas costas escrito “me chute”?

— É só fofoca, Helen. Não pode nos atingir — disse ele, sabiamente decidindo não provocá-la mais.

— Talvez não possa atingir você — resmungou Helen.



AFTER DARK

135

Ela colocou a mão na barriga. Lucas a viu fazer isso e estava prestes a perguntar o que havia de errado quando Hector e Jason se juntaram a eles.

— Sua mãe está aqui — disse Jason a Lucas, que assentiu como se estivesse esperando por ela.

— Qual é o problema? — perguntou Helen.

— Nada. Vamos falar com o diretor porque minha mãe vai tentar convencê-lo a nos deixar voltar para o time de futebol — explicou Lucas.

— Ela está jogando a carta “tenha piedade de uma pobre senhora que está criando tantos marmanjos” e então vai implorar que nos deixem bater em jogadores de outras escolas em vez de batermos uns nos outros. Tudo para beneficiar o time, claro — disse Jason, com um sorriso irônico. — Nunca falha. Ela é tipo o Einstein da culpa.

— Mas será que deveriam deixar vocês jogarem? — disse Helen, franzindo a testa em desaprovação. — Quero dizer, todos vocês têm vantagens injustas.

— Do que você está falando, estrela das pistas de corrida? — replicou Hector, um pouco agitado.

— Helen faz corrida porque precisa de uma bolsa de estudos para a faculdade — disse Lucas, metralhando Hector com um olhar de advertência. — Nós praticamos esportes porque esperam isso de nós. É irritante, na verdade, porque a gente precisa fingir que é insuportavelmente fraco e lento.

— E gastamos tanto tempo nos certificando que ninguém vai se machucar quando passamos jogando de verdade — acrescentou Jason com um sorriso pesaroso. — A verdade é que preferiríamos muito mais bater um no outro a fingir que estamos batendo em mortais, mas isso não pareceria nem um pouco normal.

— Bem, boa sorte nessa história de parecer normal — disse Helen na mesma hora, dando um passo para o lado para deixar Jason e Hector passarem.

— Encontro você depois das aulas — prometeu Lucas a ela enquanto seguia os primos.



AFTER DARK

136

Ele olhou para trás e lançou-lhe um olhar preocupado. Helen tentou sorrir para ele, mas sua expressão ficou tão forçada que imaginou se Lucas conseguiu sentir a mentira no seu rosto.

Helen entrou no refeitório esperando atravessar o salão sem atrair muita atenção. Ela viu Gretchen dizer alguma coisa para Amy Heart e então a mesa inteira de líderes de torcida começou a rir, debochando dela. Helen demorou muito para se recuperar, e quando conseguiu se orientar todos no refeitório a encaravam. Ela se recolheu à sua mesa de costume, com Matt e Claire, certa de que sentia uma cólica a caminho.

— Você pode, por favor, sentar direito! — reclamou Claire. —

Não há nada mais patético que você tentar se dissolver até o chão, e juro que, se pegar você fazendo isso, vou perder a cabeça.

Foi a última gota. Helen deu meia-volta e fugiu do refeitório.

Tentou comer o almoço no banheiro, sentada na pia, mas o

ambiente era tão desagradável que ela desistiu do sanduíche depois de alguns pedaços.

Ela sobreviveu às três últimas aulas e, quando o último sinal bateu, praticamente correu para o vestiário feminino, mas Claire já estava lá, esperando por ela.

— Desculpe por ter gritado com você mais cedo — disse ela, meio tímida.

Ela ficava tão bonitinha quando pedia desculpas que Helen nem conseguia ficar com raiva.

— Ah! Esquece. Eu tenho estado uma pilha de nervos e se fosse você também teria ficado irritada.

Helen passou o braço pelos ombros de Claire e a acompanhou para fora depois de se trocarem.

— Mais uma coisa, depois a deixo em paz até você vir conversar comigo sobre isso — disse Claire enquanto passavam pelo campo de futebol.

Helen já não tinha paciência para mais perguntas.

— Nem mesmo nos beijamos, garota — disse ela, cortando Claire.

— Verdade? — quase gritou Claire.

Helen assentiu e, brincando, deu um “chega pra lá” em Claire com o quadril.



137

— Verdade, verdade. Eu quase o beijei uma vez, mas ele me disse para deitar e dormir.

— Não acredito! — gritou Claire.

Helen a segurou, tampando a boca da amiga.

— Ele está ali — disse, apontando o queixo na direção dele. —

Eu falei para você que contaria se algo acontecesse. Não estou tentando guardar segredos.

Claire sorriu, cúmplice.

— Você sempre guarda segredos. Mas tudo bem. Quando estiver pronta para me contar, você me conta — disse ela cheia de paciência e deu um golpe em Helen, tentando jogá-la no chão.

Helen acompanhou a brincadeira fingindo ter sido dominada pela amiga baixinha; as duas riam histericamente. A diversão durou

pouco.

— Vão procurar um quarto — disse um garoto, brincando com elas.

— Você bem que queria — respondeu Claire. — Ei. Como vocês chegaram aqui tão rápido?

Helen rolou para ficar de barriga para cima, soprou os cabelos, tirando-os do rosto, e viu Lucas e Jason em pé, em cima delas.

— Vimos você cair e corremos aqui para ver se estava tudo bem — disse Lucas, ignorando a pergunta de Claire.

— Obrigada. Ela é bastante feroz — falou Helen e deixou Claire empurrá-la mais uma vez antes de Lucas ajudá-la a se levantar.

— Um metro e meio de puro terror — vangloriou-se Claire enquanto esticava o braço esperando que Jason a ajudasse.

Ele cruzou os braços de propósito.

— É essa sua altura sem esses sapatos ridículos? — disse de forma debochada. — Acho que eu nasci maior que isso.

— Aposto que sim. Um metro de cabeção e meio de bunda — resmungou Claire, levantando-se.

— Claire! — disparou Helen, chocada.

Os ombros de Lucas tremiam de tanto rir. Jason fingiu levar a

brincadeira numa boa, mas Helen suspeitava que ele tinha ficado magoado. Helen segurou o riso e beliscou Claire como punição. Claire gemeu em protesto e disse que beliscões já estavam fora de cogitação desde que elas tinham dez anos. Estava prestes a dizer



138

mais alguma coisa para Jason quando os garotos foram chamados pelo treinador de volta para o campo.

Helen observou Lucas enquanto ele corria de volta ao campo.

Correndo sob o sol, ele devia ser a coisa mais linda que ela já vira antes.

— Droga, estamos atrasadas — disse Claire.

Elas aceleraram para alcançar as colegas de equipe, correndo até a largada, onde a treinadora Tar estava esperando com sua prancheta. Ela já estava gritando os tempos, então Helen e Claire simplesmente continuaram a correr e gritaram de volta para a treinadora quando passaram pela chegada. A treinadora anotou o

tempo de cada uma delas e sacudiu a cabeça.

— Você me deve um minuto inteiro a menos do que sua última corrida por estar atrasada, Hamilton! — gritou ela para as duas garotas.

— Claro, treinadora! — Helen virou-se de volta antes de abaixar a voz e censurar Claire. — Por que você falou daquele jeito com ele? — perguntou, ainda sentindo-se mal por Jason.

— Porque foi superlegal! — respondeu Claire, sem culpa.

— Eu gosto de Jason — disse Helen, percebendo que era mesmo verdade. Ele sempre fora gentil com ela e parecia ter a cabeça no lugar. — Ele é um cara bem bacana, e você foi péssima com ele.

— Claro que você gosta dele, porque Jason é bonzinho com todo mundo. Com todo mundo, menos comigo. Você não tem aula com a gente, então nunca o viu fazer isso, mas sempre que temos uma discussão, ele tenta me vencer, argumentando contra qualquer que seja minha opinião. Até mesmo quando concorda comigo, ele argumenta, só para ser o advogado do diabo.

— E você acha que ele faz isso por quê? — perguntou Helen com um sorriso.

— Perguntei para ele, e sabe o que ele me respondeu? —
continuou Claire, agitada. — Falou que todo mundo na escola tem
medo de ficar contra mim em debates, exceto ele, e que é bom eu
me esforçar um pouco pelo menos uma vez na vida!
— Como ele se atreve a fazer você pensar mais? — disse Helen,
fingindo estar horrorizada.



139

— acredite em mim, não é um favor. Jason só está tentando
provar que é mais inteligente que eu.
— E ele é?
— Ah, sei lá. Talvez. Lucas é mais inteligente que todo mundo,
então lá se vai à chance de ser oradora da turma. E tem também a
Ariadne. Ela também é brilhante de verdade, mas acho que consigo
superá-la. Vamos ver o que vai acontecer — disse Claire, mordendo
o lábio inferior.
Ela estava realmente preocupada com todos esses

competidores novos, e Helen nem mesmo havia perguntado como estavam às aulas até agora. Parecia que Claire estava quase desistindo do seu grande sonho de se formar como primeira aluna da turma, e Helen não percebera.

— Tenho sido uma péssima amiga nesses últimos dias, não é?

— perguntou Helen, de repente chateada consigo mesma.

— Eu não diria péssima — disse Claire com um meio sorriso.

— Mas você bem que podia me fazer um favor para se redimir, se quiser.

— Qualquer coisa — respondeu Helen imediatamente.

— Se puder manter Lucas acordado e ocupado na noite antes dos testes... — disse Claire, já levantando os braços para se defender dos tapas de brincadeira de Helen. — Não sei por que você está lutando contra isso, Len. Um, ele é maravilhoso. Dois, ele é tão maravilhoso que você precisa falar isso duas vezes. Três, ele viu você cair e saiu do treino para ver se estava bem. Isso é devoção. Helen ficou sem saber o que dizer. Não poderia explicar que Lucas só tinha se aproximado para se certificar de que estava tudo bem porque vários dos seus parentes estavam tentando matá-la. A imagem de Kate deitada inconsciente no chão sujo veio como um

flash à mente de Helen e seu estômago se revirou. Assim como Kate, Claire estava em perigo só por estar perto de Helen.

— Eu preciso recuperar o ritmo — disse Helen, com urgência, e Claire assentiu.

— Mostre a Lucas que essas pernas servem para mais coisa do que babar por elas e me ligue mais tarde — brincou ela antes que Helen acelerasse.



140

Quando Claire já estava fora de vista, Helen suspirou, lutando contra uma pontada de culpa. Ela não sabia o que faria se alguém machucasse Claire. O pensamento tirou o controle sobre seus passos e ela quase se permitiu entrar no campo de visão da treinadora rápido demais. No último momento, Helen se lembrou de abaixar atrás de uns arbustos e esperar por alguns minutos antes de dar uma falsa acelerada nos últimos metros. Ainda assim, chegou em primeiro lugar, claro, então precisou passar mais meia

hora esperando até que Lucas terminasse seu treino. Se ele fosse continuar dando carona para ela de manhã, Helen concluiu que teria que ter outro plano para ir para o trabalho depois. Assim que Helen entrou pela porta da frente da News Store, Kate começou a segui-la com um olhar espantado.

— Uau! — Foi só o que Kate conseguiu dizer depois de alguns momentos sem palavras. — Ele é... uau! Eu poderia ser presa até mesmo por pensar o que estou pensando.

— Kate! — exclamou Helen, jogando um guardanapo embolado nela. — Eu pensei que fosse feminista!

— E o que isso tem a ver?

— Você não prega sempre que nunca vai existir a igualdade entre os sexos se as pessoas se enxergarem como objetos?

— Sim. Mas, putz! — disse Kate, se abanando com a mão. —

Quando eu tinha sua idade, os garotos tentavam provar o quanto eram subversivos sendo um mais feio do que o outro. Isso não foi justo comigo!

— Continue assim e vou falar para meu pai que ele agora tem competidor — provocou Helen.

Mas a piada não teve o efeito esperado. Kate parou de rir e o

sorriso se desfez no seu rosto.

— Não acho que isso faria qualquer diferença para ele — disse ela e de repente mudou de assunto. — Mas não estamos falando de mim. Estamos falando de você e de Lucas e da importância de usar camisinha.

Depois de muito negar, e de algumas pausas para atender os clientes, Kate finalmente aceitou o fato de que Helen ainda era pura como a neve.



141

— Ele é gay? — perguntou Kate. — Quero dizer, olhe para você, Len.

— Eu não perguntei, mas tenho quase certeza que ele é hétero

— respondeu Helen com um suspiro. — Para ser sincera, não sei o que está acontecendo.

— Não há motivo para ter pressa; também não deixe ninguém fazer com que você se sinta mal se quiser esperar. De qualquer

forma, é mais divertido se você for com calma — disse Kate com um sorriso acolhedor e mudou de assunto ao primeiro sinal de desconforto de Helen.

Apesar de Kate ter certeza de que Helen e Lucas iriam além das inocentes mãos dadas, Helen de repente não tinha tanta certeza. A única vez em que ela havia tentado beijar Lucas, ele lhe dissera para ir dormir. Apesar de tudo o que falavam sobre eles, a verdade era que os dois não eram mais do que amigos. Lucas poderia sair com qualquer garota que ele quisesse, e se a reação de Kate fosse parâmetro, isso incluía mulheres muito além do ensino médio.

Pensar nisso não melhorou em nada a autoconfiança de Helen. Sabia que Lucas gostava dela — vira que ele a encarava e ouvira o coração dele bater forte quando estavam deitados um ao lado do outro —, mas por alguma razão não parecia que ele queria fazer alguma coisa a respeito. Seria assim o começo de todo namoro, ou ela estava inconscientemente fazendo algo para afastar Lucas? Ela jamais tivera um namorado e na verdade não sabia o que era “normal”.

Depois do trabalho, ela foi para casa e se forçou a fazer todo o

dever de casa antes de deitar. Quando desligou a luz, já havia passado de duas horas da manhã. Helen estava muito cansada, mas ainda não conseguia dormir. Sentia que tinha alguma coisa faltando, ou que ela não estava percebendo algo. Era óbvio que Lucas gostava da companhia dela e sentia que devia protegê-la, mas nenhuma dessas coisas significava que se sentia atraído por ela. Talvez ela não fosse o seu tipo. Talvez ele até tivesse uma namorada na Espanha. Helen imaginou uma sereia de pele morena, longos cachos negros, pele de seda e um sotaque espanhol sexy, esperando Lucas voltar para a Europa.



142

Ela se revirou na cama, colocou o travesseiro em cima do rosto e prometeu não ser a perdedora patética que corre atrás do garoto que jamais poderá ter. Ela precisava ter mais informações sobre Lucas, mas, como era novo na escola e ninguém sabia seu histórico romântico, Helen precisaria tentar tirar algo de Ariadne e torcer

para não ser muito óbvia.



AFTER DARK



143

09

— Continue colocando o queixo para fora assim e vou arrebentar você — gritou Hector. Nos últimos noventa minutos ele tinha gritado bastante.

Helen, obediente, encolheu o queixo e levantou os punhos para proteger o rosto. Manteve o centro de gravidade baixo e arrastou os pés em movimentos circulares para o caso de haver algum obstáculo no chão que ela precisasse tirar do caminho. Rodeou Hector, de olho nos quadris dele caso ele se atirasse e tentasse jogá-la no tatame. Ela fez tudo o que ele tinha dito. Então Hector deu uma risada e socou a cara dela. Helen caiu de bunda pela décima vez e depois de um tempo olhou para ele, os olhos em

regeneração constante.

— Esse foi com sua esquerda de novo, não é? — perguntou ela suavemente.

— Que droga, qual o seu problema? — falou ele, com uma voz que a lembrava do Sr. Hergeshimer. — Você é mais rápida que eu. Por que não se desvia?

Helen deu de ombros e se levantou, colocando-se em posição defensiva de novo. Hector na mesma hora deu-lhe um soco na barriga, e ela caiu de joelhos.

— Já chega Hector — gritou Lucas com voz firme.

Helen ergueu uma das mãos enquanto se levantava, indicando que estava bem. De novo.

Ela queria que Lucas ficasse fora disso. Por algum motivo, a primeira sessão de luta de Helen tornou-se algo pessoal para Hector, e ela queria que ele fosse até o fim de seja lá qual fosse sua viagem, para que ele pudesse se libertar daquilo. A punição doía, mas não era nem de perto tão ruim quanto suas cólicas, então



AFTER DARK

144

Helen podia lidar com aquilo. Tão logo ela se pôs de pé novamente, Hector a derrubou outra vez, com uma rasteira.

— Vá com calma! — gritou Jason. — Ela nunca lutou antes, seu imbecil! Helen olhou para cima e viu Jason colocar a mão no ombro de Lucas para impedi-lo de entrar na gaiola.

— Estou bem, garotos. Não há com que se preocuparem — disse ela, tão animada quanto conseguiu, levantando-se mais uma vez.

Hector não gostou do tom de voz.

— Por que você não encara isso com seriedade? — gritou para Helen.

Quando ela se curvou para cuspir o sangue da boca, Hector recuou e lhe deu um soco na cabeça.

— Pare com isso! — gritou Cassandra, que estava em algum lugar fora do campo de visão de Helen. — Ela não é uma lutadora

nata, tudo bem? Quando é que você vai colocar isso nessa sua cabeça dura?

Helen se sentiu péssima. Ela sabia que devia estar horrível para fazer alguém que nem gostava muito dela ficar tão preocupada.

Quando Helen conseguiu ficar de joelhos de novo, Cassandra já não estava na sala de treinamento onde os Descendentes mantinham os sacos de pancadas e a gaiola de luta. Helen engoliu toda a saliva e o sangue que enchiam sua boca e logo se arrependeu quando engasgou com o próprio dente.

— Posso beber um pouco de água, por favor? — pediu para Ariadne, que estava em pé ao lado dela com um pano úmido.

Do outro lado da jaula, Helen viu Jason em pé, entre Lucas e Hector. Sua camisa estava rasgada pela metade e sangue escorria de um corte na cabeça, mas ainda assim ele lutava para impedir que os dois maiores garotos da família se despedaçassem como papel de embrulho em uma manhã de Natal. Hector gritava com Lucas, defendendo-se.

— Ela aguenta qualquer coisa. Qualquer coisa! Eu bati nela com mais força do que jamais bati em qualquer outra pessoa e ela

levantou rapidinho! Mas não bate de volta! — berrava Hector, com a voz falhando de irritação. Ele viu que Helen estava olhando e



145

apontou — Você pensa que pode simplesmente ficar na sua e deixar Luke lutar por você? Você é mais forte que todos nós juntos, mas é boa demais para lutar, princesa?

Jason passou ambos os braços ao redor do irmão e o segurou enquanto Hector tentava resistir e se soltar.

— Eu não estou tentando levar uma surra! — sibilou Helen com o dente quebrado que já crescia.

Ariadne colocou os braços ao redor de Helen e a segurou enquanto fuzilava o irmão com o olhar.

— Como se atreve, Hector? Ela não foi criada como nós, sempre na cola de alguém. Não é dela, só isso — ralhou.

Hector parecia ter sido atingido pelo tom de voz da irmã e finalmente parou de lutar contra Jason. Ele se jogou na direção do

irmão e então o empurrou para longe. Em seguida, saltou a grade de quatro metros e meio que cercava o tatame com facilidade e aterrissou com um estrondo intencional.

— É bom que ela faça com que seja. Porque não quero que nenhuma das pessoas que eu amo morra tentando defender o traseiro preguiçoso dela — respondeu com raiva.

Enquanto ele saía do local de luta, Lucas correu até Helen.

— Sinto muito. — Ele se esticou para tirar Helen dos braços de Ariadne. — Você nunca mais vai precisar lutar com ele de novo.

— Por que não? — perguntou Helen, se afastando do peito dele, sua fala ainda meio embolada de tanto levar socos na cabeça.

— Posso até não ser uma lutadora nata, mas ele está certo. Preciso aprender a fazer isso, ou alguém pode se machucar. Alguém como

meu pai, Claire ou Kate... Aquelas mulheres ainda estão atrás de mim. Elas podem machucar alguém com quem eu me importo.

Lucas a segurou quando ela caiu. Ele observava o rosto arrebitado dela, centímetro por centímetro, enquanto a tirava da gaiola e a carregava para uma área nos fundos, usada tanto como vestiário quanto como enfermaria.

Ele a colocou em uma mesa de aço inoxidável e a deixou por apenas uns instantes para pegar gaze, uma bacia com água e, estranhamente, uma caixa de suco e um pote de mel. Lucas não falou nada, mas gesticulou para que ela abrisse a boca, o que Helen fez. Ele então começou a derramar um pouco de mel na sua língua.



146

Tão logo suas papilas registraram o sabor oleoso, doce e morno, ela entendeu. Mel era a comida perfeita para semideuses. Uma necessidade selvagem a atacou, e Helen agarrou os punhos dele

com as mãos e segurou até lambe a última gota do pote.

Quando o mel acabou, ela por fim recuperou o fôlego. Ela olhou para cima, encontrou os olhos de Lucas e assentiu em resposta ao seu olhar inquisitivo, como se dissesse que estava melhor. Sem uma palavra, Lucas enfiou o canudo de plástico na caixa de suco e entregou para Helen enquanto começava a cuidar dos cortes com gaze e água morna.

Helen mal conseguia enxergar direito. Tudo estava fora de foco e seus olhos não conseguiam se concentrar em Lucas. Era estranho. Sua visão desviava-se de Lucas como se ele fosse escorregadio demais para olhar. Ela tentou observar sua expressão enquanto ele tratava dos seus cortes, mas era praticamente impossível enxergá-lo. À medida que os minutos se passavam e Helen cicatrizava por conta própria, Lucas começava a ficar visível de novo e Helen pôde ver as marcas de preocupação na testa dele ficando mais suaves e desaparecerem. Ele passou a gaze em uma mancha de sangue e suspirou.

— Por que você não desviou de Hector, Helen? — perguntou

Lucas gentilmente, quebrando o longo silêncio. — Por que você não se defendeu?

— Ele é mais rápido que eu — respondeu ela, mas ambos sabiam que não era verdade e, quando ela percebeu o olhar cético dele, continuou: — Eu sabia que se começasse a me defender Hector ficaria cada vez mais irritado e então eu não teria outra opção sem ser bater com tanta força que ele não seria capaz de me bater de volta.

— Isso é parte da luta, sabe? — disse Lucas, com um leve sorriso.

— Então eu não quero me meter nisso — disse Helen, séria. — Não quero machucar os outros, Lucas. Não dá para me ensinar outra coisa?

— Como o quê? — perguntou ele, sem entender.

— Como o que você fez na escola naquela primeira vez em que nos vimos. O jeito como girou e tirou meu equilíbrio para eu não



conseguir alcançar você. Aquilo não me machucou nem um pouco,

mas você me rendeu. Ou aquilo que você fez no seu gramado na outra noite. Lembra? Eu estava em cima de você e então você fez alguma coisa com seus quadris — disse ela otimista.

Ele assentiu e em seguida desviou o olhar.

— Chama-se jiu-jítsu. É uma luta “corpo a corpo”, e eu preferiria que você jamais chegasse tão perto assim de seus adversários. Mas vou ensinar se quiser — disse ele com calma.

Ao olhar para Lucas, Helen se deu conta de que ainda estava vendo pontos pretos. Ela precisou se firmar colocando o braço ao redor da cintura dele. Quando os pontos desapareceram, ela pôde notar a cor surgir no rosto de Lucas e sentiu ondas de calor vindo da sua pele. Helen sentia o cheiro dele, e isso a fez ficar tranquila, em paz, quase inebriada.

— E voar — disse Helen, de repente saindo do estado lânguido. — Você ainda precisa me ensinar como levantar voo. Quando aprender a fazer isso, posso simplesmente fugir dos vilões voando.

— Vou lhe ensinar a voar — disse ele com a voz suave, balançando a cabeça e olhando para baixo.

Helen procurou os olhos dele, mas Lucas não olhava para ela.

Ela passou a mão pelo rosto e notou que havia um fio de sangue.

— Estou mesmo tão horrível assim? — perguntou enquanto se inclinava para se afastar dele, de repente constrangida.

Para sua surpresa, Lucas não respondeu; apenas a puxou para perto e a abraçou.

— Promete uma coisa? — disse ele com o rosto nos cabelos dela. Esperou que ela assentisse antes de continuar: — Promete que da próxima vez que lutar não vai apenas ficar parada, deixando o outro cara dar uma surra em você até ficar a ponto de não conseguir levantar o braço?

— Se eu puder evitar, acredite, é o que vou fazer — disse Helen com um leve sorriso, mas Lucas a empurrou para olhar em seus olhos.

— Não vou ver isso acontecer de novo. Entende? — disse ele, severo.



Helen balançou a cabeça lentamente e viu o rosto dele relaxar um pouco. Seus olhos eram tão intensos que ela precisou procurar em volta por alguma outra coisa sobre o que falar.

— Sua camisa — disse Helen, apontando para a mancha de sangue deixada pelo rosto dela no peito dele. — O que me faz lembrar: eu estraguei as roupas de ginástica que Ariadne me deu. Devo trocar por outras, ou já acabamos?

— Já acabamos. Você pode colocar suas roupas de volta depois que se lavar — disse ele na mesma hora, como se tentasse se livrar do baixo astral em que havia mergulhado. Lucas segurou o rosto dela mais uma vez e examinou os cortes antigos. Depois de alguns instantes a soltou. — Você realmente cicatriza rápido mesmo. Mas ainda vai ficar com alguns hematomas grandes; então, se eu fosse você, evitaria seu pai pelo resto da noite.

— Só vou falar que você me molestou — disse Helen, levantando os ombros. Ela pulou da mesa de exame.

— E eu vou dizer que você gostou — provocou ele de volta, sua voz doce e lenta.

Helen olhou para ele, inebriada mais uma vez. Por um

momento Lucas estava a centímetros dela, mas logo se afastou. Enquanto ele saía do vestiário, tirou a camisa suja de sangue e a jogou no lixo. A visão de Helen se focou de novo e ela ficou olhando enquanto as costas nuas dele se afastavam dela. Os últimos pontos pretos sumiram de sua visão e ela pensou que se Lucas fosse gay ela teria que fazer uma operação de mudança de sexo. Ele valia a pena.

Enquanto se limpava, Helen teve a chance de examinar a boca. O incisivo do lado esquerdo ainda estava em crescimento; não conseguiu se segurar e riu do quanto estava ridícula. Como Lucas conseguiu não rir enquanto olhava para ela, banguela como uma criança de seis anos de idade, estava além de sua compreensão. Então ela se deu conta de que ele devia ter visto aquilo tantas vezes que mal percebeu.

Helen pensou sobre o que Ariadne dissera, que eles haviam crescido "sempre na cola de alguém". Como se invocada pelos pensamentos de Helen, Ariadne colocou a cabeça para dentro do vestiário para ver se estava tudo bem.



AFTER DARK

149

— Precisa de ajuda para cicatrizar? — perguntou ela, meio tímida.

— Não, mas pode entrar — respondeu Helen. Talvez ela tivesse chance de perguntar se Lucas tinha uma namorada em algum lugar. — Como está Cassandra?

— Bem nervosa, mas vai ficar bem. Foi você quem tomou uma surra de Hector, e, como eu sei como é isso, vou lhe perguntar honestamente: ainda está com alguma coisa quebrada?

Ariadne deslizou para o vestiário.

— Nada quebrado. Bem, pelo menos não mais — respondeu Helen. Tudo em Ariadne era tão feminino, tão certinho e doce que Helen não conseguia imaginar alguém batendo nela. — Vocês fazem isso com frequência? Lutar uns com os outros, quero dizer.

Ariadne estava balançando a cabeça antes mesmo de Helen terminar de falar.

— Não. A gente luta boxe para ficar em forma, mas só os garotos lutam de verdade, e só quando precisam desabafar por algum motivo. Lucas e Hector são os que mais lutam, é óbvio.

— Eles não se dão bem, não é?

— Sim e não — começou Ariadne, cautelosa. — Hector, em geral, é muito orgulhoso, mas tem muito orgulho em especial dos nossos ancestrais e da nossa família. Ele não gosta do fato de que dividimos a Casa de Tebas. Não me compreenda mal, Hector não acredita em toda aquela bobagem em que os Cem Primos acreditam, mas ele detesta ver nossa Casa dividida. E Lucas sente que é responsabilidade dele manter Hector na linha porque, bem, ele é o único que consegue.

— Deve ser muito difícil ficar separado do resto da família — disse Helen, sentindo-se solidária.

— Não temos escolha — disse Ariadne, com um sorriso tenso.

— É por causa do culto? — perguntou Helen delicadamente. — Lucas nunca pôde me explicar...

— Tantalus e os Cem Primos acreditam que se apenas uma Casa existir, eles então poderão reerguer Atlântida — disse Ariadne.

— Por isso que nossa família sempre morou próximo à água.

Boston, Nantucket, Cádiz... Todas próximas ao oceano Atlântico; os Descendentes são atraídos por ele.



AFTER DARK

150

— Que loucura! — deixou escapar Helen antes de se dar conta de que Ariadne estava falando sério. — Quero dizer, Atlântida é um mito, certo?

A ideia de uma cidade existindo em algum lugar nas profundezas das ondas sufocantes do oceano fazia Helen tremer. Ela bebeu um gole de suco para disfarçar a reação violenta e esperou Ariadne continuar.

— O Monte Olimpo é um mito? O paraíso? Tudo depende de em que você acredita, e a maioria dos Descendentes acredita que Atlântida é real. O problema é que não conseguiremos chegar lá até cumprirmos algumas tarefas primeiro. Veja, logo depois que a Guerra de Troia acabou, houve uma grande profecia feita por Cassandra de Troia. Ela disse que se apenas uma Casa de

Descendentes permanecesse, então poderíamos reerguer Atlântida e reivindicá-la como nossa para sempre. Os Cem Primos interpretaram a profecia e entenderam que se nós, semideuses, entrarmos em Atlântida seremos imortais como os deuses do Olimpo.

— Nossa — murmurou Helen. — Por que vocês não querem isso?

— Tentador, não? Exceto pelo fato de que, se todas as Casas se unissem, ou se restasse apenas uma Casa unificada, estaríamos quebrando a Trégua.

— Que trégua?

— A Trégua que terminou com a Guerra de Troia.

— Eu achava que os gregos tivessem vencido. Eles não mataram todos os troianos e queimaram Troia?

— Certamente que sim.

— Então, se os gregos ganharam, para que vocês precisam de uma Trégua?

— Desde o início houve um terceiro grupo que lutou na Guerra de Troia. — Ariadne sorriu com o olhar intrigado de Helen. — Os deuses. Eles tomaram partido, com seus filhos semideuses ou com

heróis que lhes agradavam em particular. Alguns deuses até mesmo desceram do Olimpo para lutar na guerra. Eles lutaram uns contra os outros e estavam profundamente interessados no resultado. Isso



151

complicou tudo. Os Descendentes do lado grego acabaram por ter que fazer um acordo com Zeus.

Ariadne explicou que a Guerra de Troia foi a mais destrutiva que os antigos já tinham visto. Havia sido a primeira vez que as Casas juntaram forças para formar um gigantesco exército. Isso quase devastou o mundo ocidental, por pouco não acabou com a civilização como a conhecemos e foi tão destrutivo para os deuses do Olimpo quanto para os humanos.

Apolo lutou na carruagem de Heitor, Atena lutou com Aquiles, Poseidon lutou dos dois lados da guerra, mudando de ideia como a maré. Até mesmo Afrodite, a deusa do amor, desceu para o campo de batalha em uma ocasião para proteger Páris, e quando levantou

voo para salvá-lo da morte certa, teve a mão cortada por uma espada grega.

— Quando seu pai, Zeus, viu Afrodite machucada, ele a proibiu de voltar para Troia. É claro que ela desobedeceu, e isso o enlouqueceu, mas não o suficiente para fazê-lo se envolver.

Somente depois que seus filhos Atena e Ares quase mandaram um ao outro para o Tártaro, um lugar infernal de onde os imortais não podem voltar, Zeus soube que precisava fazer alguma coisa. A guerra humana estava destruindo sua família e ameaçando sua autoridade divina. O envolvimento de Zeus veio quase tarde demais. Dez anos tinham se passado desde que a guerra começara, e todos os olímpianos estavam tão envolvidos nela que a única maneira de Zeus impedir os deuses de lutarem entre si era fazer os Descendentes pararem de lutar. Depois de dez anos de intromissão dos deuses nos assuntos humanos, dez anos em que os deuses ficaram prolongando e piorando a guerra, a única coisa que tanto gregos quanto troianos queriam era ficar sozinhos. Zeus precisou barganhar com os mortais e oferecer algo que interessasse a eles. Humanos e Descendentes queriam que os deuses voltassem para o Olimpo e que ficassem por lá; em troca, concordaram em acabar

com a guerra.

Ariadne respirou fundo e continuou:

— Zeus também concordou com isso. Se os Descendentes terminassem a guerra, e para ele pouco importava como, Zeus jurou pelo rio Estige que os deuses retornariam ao Olimpo e não se



152

intrometeriam mais no mundo mortal. Mas antes de confirmar a promessa ele queria se certificar de que essa terrível guerra jamais ameaçaria o Olimpo de novo. Segundo ele, quando as Casas de Descendentes gregos se uniram para lutar contra os troianos, o Olimpo quase foi destruído. Zeus queria ter certeza de que esse envolvimento todo não se repetiria. Quando ele estabeleceu a Trégua e fez a insuperável promessa de que os olímpianos deixariam a Terra, também jurou retornar e acabar com os Descendentes se as Casas se unissem outra vez.

— Parece o que aconteceu no final da Segunda Guerra

Mundial, quando os Aliados dividiram a Alemanha, na esperança de evitar uma nova guerra — comentou Helen.

— É bem parecido com isso — concordou Ariadne. — As Moiras são obcecadas por ciclos e repetem o mesmo padrão várias vezes ao redor do mundo, principalmente quando se refere à grande trindade: guerra, amor e família. — Ariadne se perdeu um pouco em pensamentos antes de terminar a história. — De qualquer forma, Troia foi traída por um dos seus e queimada. Depois de alguns meses de confusão, truques e vingança, quase tudo descrito na Odisseia, os olímpianos por fim deixaram a Terra. Zeus jurou que se as Casas algum dia se juntassem de novo, ele voltaria e a Guerra de Troia, para resumir, recomeçaria.

— Ela foi interrompida um pouco antes da destruição total da civilização — disse Helen, tentando imaginar o que significaria “destruição total da civilização” hoje em dia. — Se a Guerra de Troia foi tão destrutiva com apenas arcos, flechas e espadas, o que aconteceria se fosse travada com as armas atuais?

— É. Já pensamos nisso. — Ariadne interrompeu o contato visual e olhou para baixo. — Por isso nossa família, meu pai, tio Castor e tia Pandora, se separaram do restante da Casa de Tebas.

Mesmo que Tantalus esteja certo, mesmo que a unificação seja a chave para a imortalidade, não achamos que valeria a pena se isso provocasse a destruição total da Terra.

— É muito para abrir mão. Quero dizer, é a coisa certa a se fazer, é claro, mas imortalidade... — Helen balançou a cabeça enquanto pensava nisso. — E Tantalus e os Cem Primos



153

simplesmente deixaram vocês irem embora? — perguntou incrédula.

— Que escolha eles tinham? Não podem nos matar porque somos todos da mesma família, mas no fim eles começaram a nos ameaçar, tentando nos intimidar para voltarmos, e alguns de nós (tudo bem, Hector) começaram a revidar. Hector procurava brigas, mordendo a isca quando eles o chamavam de covarde por não querer lutar contra os deuses. Em nossa tradição, matar alguém da própria família é o pior pecado que se possa imaginar, e ele chegou

perto, Helen. Minha família saiu da Espanha porque Hector entrou numa briga terrível e quase foi morto, mas, pior ainda, quase matou alguém do próprio sangue. Não há perdão para um fraticida — sussurrou Ariadne.

— Mas a sua não é a última Casa. A minha é — disse Helen; a verdade começava a se revelar para ela.

— Ninguém sabia que você existia. Há mais ou menos duas décadas houve o Confronto Final entre as Casas. Todas as quatro Casas se atacaram, cada uma tentando eliminar as outras. A Casa de Tebas ganhou, e pensava-se que as outras três, a Casa de Atreu, a Casa de Atenas e a Casa de Roma, tivessem sido dizimadas por completo. Mas embora todos teoricamente estivessem mortos, Atlântida não se reergueu e os deuses não retornaram. Meu pai e meus tios acharam que nós éramos os responsáveis por evitar a guerra, por não participar do culto de Tantalus. Pensamos que tinha que ser por causa, da gente, já que ninguém havia sobrado.

— Ariadne respirou fundo e olhou para Helen. — Mas era por sua causa, o tempo todo. De alguma forma sua mãe a escondeu aqui, preservou sua Casa, qualquer que seja, e evitou que a guerra começasse. Ela, e você também, evitou que Tantalus alcançasse

Atlântida.

Helen se sentou em silêncio por um momento, dando-se conta de quantos semideuses incrivelmente fortes queriam matá-la. Os Cem Primos acreditavam que, se a Casa de Tebas fosse unificada e se tornasse a única da Terra, eles se tornariam deuses, e a vida de Helen era a única coisa que os impedia. Sua vida era também a única coisa que impedia a volta dos olímpianos à Terra e o começo da próxima guerra mundial. Então a família Delos tinha que



154

protegê-la, ainda que todos morressem fazendo isso. E lá estava ela, se recusando a aprender a lutar. Não era de estranhar que Hector a odiasse.

— Eu sinto muito — disse Helen finalmente, tão confusa com todo o seu egoísmo que quase nem tinha emoção na voz. — Sua família está ao meu lado contra a própria família.

— Seu fardo é mais pesado — disse Ariadne, pegando a mão

de Helen. Ela ia dizer algo mais, mas foi interrompida por Pandora, que entrou de repente no vestiário à procura delas.

— Ei! Será que vou ter que levar alguém para o hospital? —

perguntou meio de brincadeira. — Tem muito sangue ali fora.

— Não, ela está bem — respondeu Ariadne, rindo enquanto se levantava.

Alguma coisa ainda incomodava Helen. Havia um pedaço faltando na história que Ariadne acabara de contar.

— Quem era? — perguntou Helen de repente, olhando para a expressão intrigada de Ariadne. — Segundo a história que nos ensinaram, Odisseu enganou os troianos com um enorme cavalo de madeira. Todo mundo conhece o cavalo de Troia. Mas você disse que alguém traiu Troia, e eu não acho que tenha sido por engano.

— Eu estava torcendo para que você não percebesse isso —

disse Ariadne, como se estivesse desapontada consigo mesma. —

Não houve o cavalo de madeira. É um bom conto de fadas, mas é só isso. Odisseu estava envolvido, isso é verdade, mas tudo o que fez foi convencer Helena a usar sua beleza para encantar os guardas e fazê-los abrir os portões à noite. Foi, na verdade, só o que precisaram fazer. Por isso nós, Descendentes, nunca damos o nome

dela aos nossos filhos. Para nós, dar o nome de Helen, ou Helena, para uma filha é como, para os cristãos, dar a um filho o nome de Judas.

* * *

Quando chegou em casa, Helen passou correndo pelo pai e subiu, com a desculpa de querer dormir cedo. Fez o dever de casa e então foi para a cama, mas não conseguia cair no sono. Seu cérebro repassava tudo o que Ariadne lhe dissera durante aquela tarde. Como o quanto sua mãe devia detestá-la a ponto de lhe dar um nome amaldiçoado, mas ela pensava ainda mais no culto dos Cem



155

Primos. Para evitar pensar em quantas pessoas gostariam de matá-la para que se tornassem imortais, ela saiu da cama e tentou voar. Ela tentou ter pensamentos leves, depois altos. Tentou até fingir que tropeçava, mas tudo o que conseguiu foi pular para cima e para baixo até seu pai gritar para ela parar de fazer gracinha no

andar de cima.

Na esperança de que um pouco de história antiga a fizesse ficar com sono, Helen pegou a Ilíada que Cassandra lhe dera e leu tanto quanto conseguiu. Parecia que todas as páginas tinham vários deuses se intrometendo no mundo dos homens. Helen podia entender por que seus ancestrais acabaram concluindo que rezar por intervenção divina não era uma ideia tão boa assim. Outra coisa que percebeu foi o quanto não gostava de Helena de Troia. Helen de Nantucket não conseguia entender por que ela simplesmente não voltou para o marido. Pessoas estavam morrendo. Helen prometeu a si mesma que jamais faria as mesmas escolhas que sua homônima fizera.

Ela estava na parte em que Aquiles, que Helen considerou o psicopata mais famoso do mundo, ficou irritado em sua tenda por causa de uma garota, quando ouviu um som de passo bem definido no telhado. Depois outro. Confiando na audição extrassensorial que sempre soube que tinha, mas somente há pouco tempo começara a se permitir usar, ela direcionou a percepção para o pai e ouviu a caixa torácica dele se movendo enquanto inspirava e expirava. Ele estava assistindo ao telejornal no andar de baixo e parecia normal

aos ouvidos de Helen. A sacada acima dela, no entanto, agora estava em um silêncio suspeito.

Helen deslizou para fora da cama e pegou o velho taco de beisebol que guardava no armário. Pronta para agir, ela se aproximou, pé ante pé, dos degraus que levavam à sacada. Parou por um momento entre os degraus que levavam para baixo, para o primeiro andar, e os que levavam para o telhado, escutando os barulhos do pai de novo. Depois de alguns instantes de tensa indecisão ela o ouviu reclamar de alguma deputada espalhafatosa que apareceu na TV e relaxou. Ele ainda estava bem, então Helen sabia que o que quer que tivesse feito o barulho ainda não descera.



156

Com a intenção de manter as coisas daquele jeito, ela subiu os degraus para a sacada.

Logo que pisou lá fora, Helen sentiu o ar fresco de outono entrar pela camisola de algodão, concluindo que era inútil contra as

intempéries. Pelo canto do olho viu uma sombra trêmula e girou o taco naquela direção, mas o movimento foi detido antes de completar o arco. Ela ouviu o golpe pesado da madeira contra a pele.

— Que droga, sou eu! — sussurrou Hector, sério.

Helen viu que ele se escondia na sombra, balançando a mão direita como se estivesse sentindo dor.

— Que diabos! Hector, é você? — murmurou Helen de volta.

Aproximou-se para ver melhor, evitando uma elevação escura no chão. Observou com cuidado e notou que era seu saco de dormir, aquele que mantinha dentro do baú à prova d'água que seu pai lhe dera. — O que você está fazendo?

— O que parece que estou fazendo? — respondeu ele, irritado, ainda tentando se livrar da dor na mão.

— Acampando? — disse ela sarcasticamente. Então de repente entendeu. Todos os barulhos que vinha escutando à noite, sons que ela pensava serem as Fúrias, tinham origem muito mais real. — Toda noite você tem ficado aqui em cima, não é?

— Quase. Um de nós sempre está aqui em cima para vigiar — disse ele, segurando o braço de Helen enquanto ela se virava,

constrangida. — Em geral, é Lucas, porque ele é o único que pode voar até aqui — continuou.

Como se isso melhorasse alguma coisa.

— E vocês nunca pensaram em me perguntar se eu queria que ficassem aqui bisbilhotando minha família? — perguntou ela furiosa.

Hector sorriu para ela e abafou uma gargalhada.

— É. Porque eu imagino que você iria querer manter todas aquelas discussões sobre política e beisebol em segredo. Muito particular — disse ele, revirando os olhos.

— Vocês ficam aí a noite toda enquanto durmo? — perguntou Helen, incapaz de olhar para ele.



157

De repente Hector entendeu por que ela estava tão chateada, e seu sorriso se desvaneceu.

— Há muito tempo você não tem um pesadelo — começou a

dizer.

— Vai para casa, Hector — disse Helen, interrompendo-o e se virando para ir embora.

— Não — replicou ele na mesma hora, esticando o braço para bloquear a porta e impedir que ela saísse. — Não me importo se está constrangida. Não me importo se não nos quer aqui. Tem muita gente que quer ver você morta, princesa, e infelizmente minha família não pode deixá-la desprotegida até eu dizer que você já consegue se defender.

— Por que é você quem decide se eu estou pronta?

Helen cruzou os braços e esfregou os ombros para se aquecer.

O vento que vinha do mar estava cortante.

— Porque todos sabem que sou o único que não vou dar moleza para você. E para sua informação, não vou pedir desculpas por me certificar de que você não vai ser sequestrada por uma daquelas mulheres loucas que andam rondando a ilha — avisou ele. Helen estava batendo os dentes. Hector a viu ali tremendo, e ela quase pôde jurar que por um segundo ele pareceu se sentir culpado. Então olhou para o lado e resmungou para si mesmo: — Mas talvez devêssemos tê-la avisado que estávamos dormindo aqui

— admitiu por fim.

— Você acha? Já entendi Hector. Estou correndo perigo. Mas vocês deveriam pelo menos ter me falado sobre isso.

— Tudo bem! Você tem razão! — disse ele frustrado. — Mas ainda assim não vamos deixar vocês desprotegidos à noite.

De repente Helen já não estava irritada. Na verdade, saber que Hector e sua família estenderam sua proteção para o pai dela a fez se sentir ridiculamente agradecida. Ela sorriu para ele por um segundo.

— Obrigada — disse ela com calma. Ele perdeu a respiração e a encarou, impressionado com a rápida mudança de humor.

— É isso? Sem mais discussões? — perguntou incerto.

— Por quê? Você quer... — começou Helen, mas foi interrompida pelo pai, no andar de baixo.



158

— Lennie? — chamou Jerry do corredor em frente ao quarto

dela.

Ela estava tão distraída com Hector que havia se esquecido de prestar atenção no pai.

— Sim! — gritou Helen, gesticulando como louca para Hector sair da porta.

Ela trocou de lugar com ele e entrou no quarto a tempo.

— Você está dormindo lá em cima de novo? — perguntou Jerry quando viu a filha fechar a porta para o telhado e descer os degraus. — Está frio demais lá fora, Helen.

— Você tem ideia de como está tarde? Vá dormir — repreendeu ela enquanto passava correndo pelo pai.

— Eu sei. Estou indo para a cama agora mesmo... Ei! Você é quem tem que ir dormir — repreendeu Jerry de volta, lembrando-se tarde demais de que ele era o adulto ali. Enquanto Helen pulava na cama e se escondia debaixo do edredom, podia jurar ter ouvido Hector dando uma risadinha sozinho, lá na sacada.





159

10

MAIORCA, ESPANHA

Creon observou a repórter por cinco minutos antes de decidir sair das sombras. Saiu da escuridão atrás dela, a menos de um passo de distância. Ela se virou e prendeu a respiração, assustada, tão assustada que aquilo mais parecia um soluço. Creon achava que havia algo de divertido em ver uma mulher assustada, em especial quando a mulher era uma vaca insistente como aquela.

Um pouco de medo é bom; coloca os mortais não Descendentes em seu devido lugar, e Creon queria que essa mortal especificamente lembrasse que até poderia forçar um encontro, ameaçando iniciar uma investigação sobre sua família, mas não estava no controle.

Por isso, naquela noite, ele escolhera o cais. Queria saber o quão empenhada ela realmente estava em conseguir a história da sua família. O fato de ela ir até lá provava que tinha coragem, se não inteligência, e por isso Creon achou que a repórter merecia um

pouco de seu tempo. Além disso, ela fez um som tão agradável quando se assustou. Talvez ele escutasse de novo.

Ele sorriu inocentemente para ela, como se quisesse demonstrar que estava apenas brincando. Seus olhos se encontraram, mas ela deu um passo para trás, o que significava que era corajosa, mas estava assustada.

Creon gostava de ver essas duas emoções juntas; fazia com que se sentisse como se tivesse vencido algo.

— Mais uma vez peço pelo pai e recebo o filho — disse ela, com um inglês carregado.



160

— Eu falo espanhol muito bem — replicou Creon na língua materna da mulher, ainda sorrindo. — E você sabe que meu pai não fala com repórteres.

— Seu pai não fala com ninguém. Por isso estou aqui — continuou ela, insistindo em falar em inglês. Ele deu de ombros,

frio, recusando-se a morder a isca. Ela cruzou os braços e o analisou. — Há quase vinte anos Tantalus Delos não deixa ninguém vê-lo. Estranho, não?

— Ele gosta de privacidade — disse Creon com um sorriso que aos poucos ficou tenso.

— Privacidade é o único luxo que um aristocrata bilionário não pode ter. Você ouviu as histórias sobre seu pai, não?

— São mentiras.

Creon falou isso o mais suavemente que pôde, mas os olhos da repórter duvidavam tanto que ele quase hesitou. Como ela se atreve?

Ao longo dos anos houvera muitas histórias sobre seu pai nos tabloides: que Tantalus tinha sido mutilado; que começara a sofrer de um transtorno obsessivo compulsivo como Howard Huges; que estava morto. Creon pelo menos sabia que seu pai estava vivo e que repetidas vezes havia negado com veemência todas as outras acusações. Mas a verdade era que havia dezenove anos Creon não via ou falava com o pai. Ninguém via Tantalus, ninguém exceto sua esposa, Mildred Delos.

Ela insistia que Tantalus estava se escondendo para se

proteger e a Casa de Tebas, mas nunca conseguiu explicar a Creon porque seu pai jamais ligara, nem mesmo uma vez. Parecia uma coisa tão simples de se perguntar.

— Mentiras? Você tem certeza? — pressionou a repórter assim que percebeu Creon se perder nos próprios pensamentos conflitantes. Creon notou que ela continuava a falar em inglês, quase como se o estivesse provocando. — Há anos você, sua mãe e toda a sua família dizem que tudo é mentira, mas como podem ter certeza? Diga-me, Creon, quando foi a última vez que você viu seu pai? Sei que ele não foi à sua formatura na universidade.

Creon cerrou os dentes.

— Meu pai é um sujeito bastante reservado. Ele...



161

— Shhh! — exclamou ela em tom de deboche, interrompendo-o com um gesto das mãos. Ela não deveria ter feito aquilo. — Isso não é ser reservado, isso é ser maluco! Pode a privacidade de um

homem ser tão importante a ponto de abandonar o único filho só para ficar fora dos jornais?

A mão de Creon de repente esticou-se, e ele a segurou pela garganta antes que a mulher pudesse levantar um braço em protesto. A garganta dela era tão pequena, tão fina e delicada! Creon pensou que era como segurar um gatinho. Os olhos dela brilhavam de medo. As pupilas se dilataram e lágrimas brotavam como orvalho na superfície escura. Ela era adorável com medo — uma perfeita e suplicante máscara de pele branca como alabastro, olhos arregalados e o melhor de tudo: a boca, uma abertura oval, vermelha, surpresa, como se esperasse para ser beijada. Creon queria segurá-la daquele jeito por dias, mas, apenas um segundo de prazer depois, ouviu um estalo.

Como uma TV sendo desligada, a luz dos olhos dela tornou-se um pequeno ponto para então desaparecer em total escuridão. Creon jogou o corpo na água e correu de volta para a cidadela, tão rápido que nenhuma pessoa normal conseguia vê-lo, ainda que passasse a centímetros de distância.

Ainda tremendo com uma excitação meio doentia, ele foi direto para seu quarto e congelou quando abriu a porta. Sua mãe o

esperava. Estava sentada perto da mala pronta, com as mãos sobre o colo com as unhas bem-feitas, segurando algo. Ela inclinou a cabeça enquanto o encarava. Sua mãe só precisou olhar para ele para saber que o encontro que havia arranjado, o encontro que deveria ter sido somente um gesto de paz, acabara em violência.

— Você precisava tê-la matado? — perguntou ela séria, sem repreendê-lo. Mildred era muito prática.

— Ela me provocou — disse Creon enquanto passava pela mãe e pegava a alça da mala. — Além do mais, é melhor assim, e você sabe disso.

Mildred olhou para baixo e assentiu, aceitando que o filho estava certo. Mais de uma repórter havia “desaparecido” ao longo dos anos.



162

— Dada a situação, aprovo sua saída do país por um tempo.

— Ela levantou e balançou a passagem de avião que havia tirado do

bolso da mala antes que ele pudesse sair do quarto como um raio. Creon parou, dando-se conta de que havia sido pego. — O que não aprovo é o destino que você escolheu. O que pensa que vai conseguir indo para lá? Seu pai proibiu os Cem de irem a qualquer lugar próximo a Nantucket.

Ele respirou fundo para se acalmar. Não funcionou.

— A culpa é deles se não temos o que é nosso por direito. Só pode ser, afinal todas as outras Casas já não existem mais! Preciso saber como conseguem viver tranquilos depois de terem sentenciado a família inteira à morte. Imortalidade é um direito meu de nascença e, não importa o que meu pai proíbe ou deixa de proibir, não vou ficar de braços cruzados enquanto me negam isso! Creon colocou a mala no ombro, arrancou a passagem das relutantes mãos da mãe e saiu. Ele desceu correndo as escadas de pedra antiga nos fundos da cidadela; seu coração ainda batia acelerado.

Do lado de fora havia um sedã preto esperando. O motorista de sua mãe estava ao volante, pronto para levá-lo ao aeroporto. Creon se deu conta de que Mildred sabia o tempo todo que ele mataria a garota. Ela devia saber disso no momento em que marcou

o encontro entre Creon e a repórter.

— Filho? — chamou ela do portão arqueado. — Você a matou apenas para ter um motivo para ir embora?

Ele se virou e olhou para ela, esforçando-se para ter paciência.

— Você me mandou lá para matá-la?

Sua mãe sorriu para ele, mas os olhos estavam distantes e fora de foco, pensavam em várias coisas ao mesmo tempo. Ela andou devagar na direção dele, fazendo-o esperar mesmo sabendo que o filho devia estar vibrando de tanta adrenalina. Mildred deu um passo para perto dele e o encarou. Seus elegantes lábios esculpidos, tensos, formaram uma linha de advertência.

— Fique longe de Hector.

* * *

Quarta-feira de manhã Helen saiu correndo de casa para o carro de Lucas, que a esperava, antes que Jerry pudesse chamá-lo



para “ter uma conversa com aquele garoto”, como andava ameaçando fazer. Helen não tinha certeza se seu pai estava falando sério ou se estava apenas tentando irritá-la, mas ela não queria correr o risco. Não seria justo fazer Lucas passar pela tradicional conversa com o pai se eles nem mesmo estavam namorando oficialmente.

— Pronto? — perguntou ela sem parar, tentando distrair Lucas.

— Devemos esperar? — indagou Lucas quando viu Jerry em pé na porta.

— Não, pode ir. Rápido! Não sei se ele vai mesmo fazer isso — respondeu Helen, desesperada, enquanto dava um aceno de despedida.

— Fazer o quê? — perguntou ele, engatando a marcha e arrancando.

— Tentar falar com você, de homem para homem — disse Helen, aliviada.

— Bem, nesse caso — disse Lucas, e então pisou no freio e engatou a ré.

— O que você está fazendo?

Helen apertou a mão dele para evitar que ele desse ré.

— Vou entrar e conversar com seu pai. Não quero que ele pense que não pode confiar em mim para levar a filha dele.

— Lucas, eu juro, por qualquer que seja o deus que você acredita ser sagrado, que vou descer desse carro e ir a pé para a escola se você for conversar com meu pai.

Lucas sorriu e engatou a primeira, afastando-se da casa.

— Quem disse que os deuses são sagrados? — perguntou ele, com um brilho sinistro nos olhos.

Helen deu um soco no braço dele.

— Você só fez aquilo para me ver desesperada, não foi? — perguntou indignada.

— Ei, você é que está com vergonha do próprio pai. Você fica bem bonitinha quando entra em pânico — disse ele, com um sorriso enorme.

Helen tentou sorrir de volta, mas o sorriso parecia estranho em seus lábios. Ela não tinha ideia do que pensar. O uso da palavra



AFTER DARK

164

bonitinha podia tanto alimentar suas esperanças quanto destruí-las.

Todos que os reconheciam buzinavam e acenavam com um grande sorriso. Buzinar para amigos que passavam era um costume na ilha e algo com o qual Helen já estava acostumada, mas tinha a impressão que, naquela manhã, todos estavam buzinando por tempo demais.

— Então, escuta — disse Lucas, mudando o tom de brincadeira para outro, um pouco mais sério. — Hector me disse que você o encontrou no telhado.

— É — respondeu Helen, tentando se encolher no assento para que ninguém a visse. — Sobre isso...

— Eu queria explicar por que não falamos nada antes. Eu pedi para ser a pessoa a lhe contar e tinha a intenção de fazer isso — disse ele. Lucas deu uma olhada em Helen como se quisesse

verificar como ela se sentia em relação àquilo. — Só não consegui pensar em como lhe contar a tempo. Não queria que você pensasse que eu era algum tipo de stalker esquisito que se esconde nos telhados.

— Eu não vou mentir... Bem, nem posso mentir para você, não é? — disse Helen, sorrindo. — Fiquei um pouco chateada, mas agora não tenho mais problemas com isso. Se sua família tem a intenção de proteger a minha, imagino que eu consiga lidar com um pouco de esquisitice.

Helen foi forçada a parar de falar porque alguém estava buzinando da forma mais invasiva possível. Queria mandar quem quer que fosse dar o fora, mas não podia, porque eram seus vizinhos e tinha que ser educada. Ela não estava com cólicas, mas suspeitava que logo fossem começar. Apertou a barriga com o punho fechado.

— O que está acontecendo? — perguntou Lucas sério. — Já vi você fazer isso antes. Está sentindo dor?

— Não, mas acho que vou sentir daqui a pouco. Não se preocupe, não há nada que você possa fazer. Bem, acho que você poderia ir embora e nunca mais ficar comigo — respondeu Helen.



AFTER DARK

165

— Isso não vai acontecer — disse ele, levantando as sobrancelhas. — Mas do que está falando? Você é alérgica a mim ou algo parecido?

— Não. — Helen riu. — Acho que sou alérgica a atenção. E normalmente chamamos muita atenção quando estamos juntos.

— Mas não sou só eu, certo? Você sente essas dores até mesmo quando não estou por perto.

— Sim. Minha vida toda senti isso. Não sei exatamente a causa, só sei que, às vezes, quando as pessoas me encaram, eu sinto uma dor terrível no estômago.

— Alérgica a atenção — disse Lucas para si, distraído, pegando a mão de Helen enquanto pensava.

Ele precisou soltar a mão para trocar de marcha enquanto estacionava na escola, mas assim que saíram do carro Lucas buscou a mão dela de novo e enroscou seus dedos nos de Helen.

Ela observava Lucas enquanto estavam em frente ao armário dela. Ele parecia distraído. A testa estava enrugada e o olhar, atento, mas o mais perturbador era que ele parecia estar embaçado.

— O que você está fazendo? Está me dando dor de cabeça — sussurrou Helen enquanto colocava a combinação para abrir o armário.

— Desculpe — disse ele enquanto voltava ao foco. — Estou refratando a luz. Isso acontece às vezes quando estou me concentrando.

Helen se lembrou que já havia lido que Apolo era o deus da luz, e naquele momento Lucas estava fazendo coisas que seriam impossíveis fora de um show de mágica. Ela se deu conta de que já tinha visto Lucas fazer isso antes, no vestiário da casa dele, mas naquele dia tinha levado tanta pancada na cabeça que pensara que sua visão é que estava estranha.

— Você não fica preocupado de alguém perceber?

— Na verdade, algumas vezes faço isso para as pessoas pararem de olhar para mim e eu ter privacidade para pensar. As pessoas têm dificuldade para olhar para coisas que não podem ver claramente, ou coisas que não deveriam ser possíveis.

— Porque a visão delas parece escorregar.



AFTER DARK

166

Helen lembrou-se de como sua visão havia se desviado do rosto de Lucas no vestiário, mesmo quando ela fazia um esforço para se concentrar nele.

— Isso mesmo. Se pareço estar longe demais, ou difícil de ser visto, a maioria das pessoas me ignora — disse ele com um sorriso.

— Você anda toda largada para evitar a atenção das pessoas. Eu fico embaçado. É útil durante uma luta, também, apesar de ser quase impossível fazer isso enquanto se está movendo rápido.

— Você está me revelando todos os seus segredos de luta? — disse Helen de forma atrevida enquanto colocava os livros na bolsa e fechava o armário. — Não é muito esperto de sua parte, Houdini.

— É mesmo? Bem, então vem me pegar, Faísca — disse ele com um sorriso irônico enquanto se afastava.

Faísca?, pensou Helen, encucada. Mas ele já havia passado

das portas duplas do fundo do corredor e ela precisava ir para a sala.

Quando o sinal para o primeiro intervalo tocou, ela correu o mais rápido que pôde para tentar obter algumas respostas, mas quando chegou ao refeitório Ariadne já estava sentada à mesa dos nerds, rodeada por admiradores.

Helen não deveria ter ficado surpresa com o fato de Ariadne se juntar à mesa deles, considerando que ela estava em todas as aulas do curso preparatório. Infelizmente para Matt, a presença de Ariadne, em geral, atraía uma comitiva de garotos — como se fossem abelhas em direção ao mel. Helen tentou forçar sua entrada no círculo e quase desistiu, até que foi vista por Ariadne.

— Zach? Você pode dar seu lugar para Helen, por favor? — pediu Ariadne, com um deslumbrante sorriso.

— Não se preocupe, Zach. Ela pode ficar com o meu — disse Claire, com uma voz sarcasticamente alegre, liberando espaço perto de Ariadne.

Claire esbarrou em Helen enquanto ela passava e cochichou algo sobre “velhos amigos” não serem legais o suficiente para se sentarem à mesma mesa quando alguém de repente arruma um

namorado popular. Antes que Helen pudesse entrar em uma bem-merecida discussão com Claire, Ariadne puxou Helen para perto



167

para impedir que um dos garotos infestados de hormônios se aproximasse.

Quando o sinal tocou para voltarem à aula, todos os amigos normais de Helen já haviam saído da mesa, aquela que havia sido deles desde o primeiro ano. O olhar triste de Matt fez Helen se perguntar quanto tempo fazia que os dois não conversavam. Devia fazer meses.

* * *

Claire não estava esperando por Helen na pista quando o treino começou. Era besteira tentar evitar Helen assim, porque as duas sabiam que Helen podia alcançar Claire não importava o quanto tivesse ficado para trás, mas a intenção era clara. Quando Helen se aproximou, Claire nem mesmo se virou para olhar.

— Continue correndo, Hamilton. Não estou nem um pouco a fim de falar com você agora — disse Claire.

Então se desviou e se afastou, levantando a mão como se dissesse “vê se me esquece”.

Depois de muitos anos de experiência, Helen sabia que Claire precisava puni-la um pouco antes de estar pronta para perdoá-la. Depois elas conversariam ao telefone, fariam as pazes, e no dia seguinte tudo voltaria ao normal. Só que, dessa vez, Helen esperava que pudessem pular para o final da briga — principalmente porque ela não havia feito nada —, mas sabia bem que não deveria apressar Claire. Em vez disso, Helen obedeceu e passou correndo por ela.

Depois de alguns minutos correndo sozinha, Helen começou a ficar entediada com o ritmo mortal. Olhou para o relógio a fim de calcular com exatidão quanto tempo ela precisava gastar antes de acabar o treino e acelerou através do pântano em uma velocidade absurda. Ela sabia que Lucas podia simplesmente dar um passo no ar e começar a voar, mas até então essa abordagem não funcionara com ela. Talvez precisasse acelerar para conseguir levantar voo, como um avião. Era sua chance de testar a teoria.

Quando Helen chegou do lado de fora da pista e atravessou o terreno pantanoso que rodeava Miacomet Pond, ela começou a sentir a leveza que associava ao voo. Sentiu uma agitação no estômago e era difícil conter o sentimento selvagem que ela



168

imaginou ser a expressão do poder de Descendente. Ela sentia energia estática correr pela pele. Era como se tivesse esfregado um balão no corpo inteiro e então o afastado o suficiente para que a pele sentisse a atração de um campo elétrico.

Em um salto experimental, Helen decolou. Primeiro pensou que tivesse conseguido, que estivesse voando, mas logo teve a sensação de atingir o topo do arco e começar a cair. Ela só havia pulado mais do que já conseguira antes, muito alto, e seu cérebro ainda estava programado para acreditar que quando atingisse o chão ela se arrebentaria e morreria.

Helen tentou se manter no ar e, apesar de uma parte dela

saber como fazê-lo, ela estava muito assustada — ou não suficiente — para fazer o truque a tempo. Ela bateu no chão e derrapou; seus pés cavaram duas calhas lamacentas.

Estava bem, é claro, mas ainda assim bastante abalada. Seus joelhos estavam tremendo e ela teve que rir para extravasar a sensação que havia em seu peito. Depois de ter se acalmado um pouco, ela levantou o traseiro do chão. Tirou os pés da lama e começou a andar de volta para a escola sentindo-se uma idiota. Estava coberta de lama fedida até a cintura e tentava imaginar como devia parecer no momento em que caíra, com os braços rodopiando freneticamente como um personagem de desenho animado despencando de um precipício.

Olhou em volta como de costume para ter certeza de que ninguém tinha visto seu momento de loucura, mas não esperava que houvesse alguém por perto. Seu coração disparou quando viu uma mancha escura transformar-se em um homem. De repente, ele parou e mudou de direção bem em cima do morro. Ele a vira se levantar e rir depois de ter caído de uma altura de mais de quinze metros. Pior do que isso, Helen conseguiu ver que havia algo de errado com a forma como ela se movia. Ele estava andando rápido

demais para um ser humano.

Por instinto, o corpo dela inteiro ficou tenso. Sem pensar duas vezes, Helen arrancou na direção da mancha escura. Quem quer que fosse, estava indo na direção da escola, na direção de Claire, que provavelmente estava bufando, lenta, delicada e humana. De repente, a imagem de Kate inconsciente no chão passou pela



169

cabeça de Helen e a impulsionou a correr ainda mais rápido. Ela saltava grandes trechos e pulava imprudentemente montes e piscinas de cranberry, incapaz de pensar em qualquer outra coisa além de alcançá-lo.

Ela percebeu que estava tendo bastante dificuldade em encontrá-lo com aquela sombra estranha, mas, ao se aproximar, a escuridão que parecia envolvê-lo clareou um pouco e ela foi capaz de precisar sua localização. Parecia que o homem estava sugando a luz do ar. Havia algo de assustador no jeito como as sombras

irradiavam dele, como uma aura sinistra. Ele com certeza estava controlando a luz, e isso significava que era mais um Descendente de Apolo, um dos Cem Primos da Casa de Tebas, e, portanto, uma ameaça.

Pelo que Helen pôde perceber, o homem sombrio era alguns anos mais velho do que ela, mas ainda mal saído da adolescência. Quando estava a alguns passos de distância, viu que ele tinha pele e cabelos claros. Acelerando, ela se esticou, tentando agarrá-lo, e arrancou a camisa dele. Finalmente ele permitiu que o resto de escuridão fosse varrido pelo brilho do sol em seus largos ombros nus. De perto ele se parecia tanto com Hector, na cor e no físico, que poderiam ser gêmeos, exceto pelo rosto. Esse homem tinha um olhar vazio, um jeito duro que fazia com que parecesse doente.

Uma horrorosa cólica retorceu suas entranhas como um origami e Helen caiu no chão, aos gritos. Ela se enroscou em posição fetal, impossibilitada de se mexer ou até mesmo de respirar. Através das longas folhas de grama que atrapalhavam sua visão ela viu o Primo louro sem camisa vir em sua direção com um olhar inquisitivo.

— Interessante — disse ele, com um sorriso pretensioso.

Alguma coisa atrás de Helen atraiu seu olhar e ele começou a se afastar. — Vejo você logo, logo, preciosa — prometeu enquanto corria, com uma sinistra névoa em volta para camuflar sua passagem.

Helen tentou gritar alguma coisa grosseira e corajosa para demonstrar segurança, mas tudo o que saiu foi um patético gemido. Em segundos ele já havia ido embora e ela estava ali, largada, sozinha, até que fosse notada por alguém ou até se recuperar o



170

suficiente para conseguir andar. Finalmente ouviu alguém se aproximar.

— Helen? — disse uma voz familiar enquanto chegava perto.

— Ah, não. É você mesmo?

— Matt — gemeu Helen. — Encontre Lucas.

Ele entrou no campo de visão de Helen e se ajoelhou diante dela.

— Você não acha que seria melhor chamar a enfermeira? Ou talvez um paramédico?

— Por favor. Lucas. Rápido.

Ele deu um suspiro, esfregou as costas de Helen de um jeito desajeitado que devia ser reconfortante e então se levantou e correu. Quando conseguiu controlar a respiração, Helen enxergou o suficiente ao redor para perceber que estava quase no estacionamento da escola, muito mais perto do que imaginava.

Ainda deitada como uma bola no chão, Helen bateu a testa contra os joelhos. Ela não podia acreditar que tinha sido assim tão estúpida. Com a orelha no chão, Helen ouviu passos se aproximando; eram relativamente pesados e rápidos demais para serem de alguém normal, e sorriu para si mesma aliviada, mesmo ainda estando com tanta dor.

— Obrigado, Matt — disse Lucas de algum lugar atrás dela. — Onde está doendo? — perguntou enquanto dava a volta e ficava à frente dela, com Jason logo atrás.

Helen apontou para o estômago e falou com os olhos. Lucas assentiu e olhou em volta, confuso.

— Você viu o que aconteceu? — perguntou para Matt.

— Acho que ela estava correndo atrás de alguém. Não sei — disse Matt com ceticismo. — Acabei de ouvir Gretchen dizer que Helen estava correndo atrás de um cara, depois gritou e caiu. — Isso é verdade? — perguntou Lucas para Helen com o rosto tenso.

Ela assentiu e ele sorriu para ela, seus olhos preocupados se suavizando para acalmá-la. Lucas tirou alguns fios de seu cabelo da testa suada e olhou para trás, por cima do ombro.

— Estou indo — disse Jason, baixo demais para um mortal comum e então Helen escutou os rápidos passos indo embora.



171

— Eu deveria ir com ele — começou a falar Hector de algum lugar que Helen não conseguia ver.

— Não, você não deveria — ordenou Lucas. — Preciso que você vá buscar as meninas. Elas podem estar com a mesma doença de Helen e podem precisar de você. Certo?

— Certo — disse Hector sem amargura, de repente entendendo o que Lucas queria dizer.

Cassandra e Ariadne não sabiam de nada, estavam desprotegidas e, portanto, correndo o grande risco de serem atacadas por aquele estranho. Hector correu tão silenciosamente que Helen nem conseguiu ouvir seus pés na grama e não pôde evitar ficar tanto impressionada quanto assustada com sua habilidade.

— Matt, você pode me ajudar a levantar Helen? Se segurar os pés dela... — pediu Lucas timidamente.

— Claro, sem problema — disse Matt enquanto segurava a parte detrás dos joelhos dela. — Minha nossa, Len, você está fedendo! Você precisava cair em cada uma das piscinas de cranberry da ilha?

Helen deu uma risadinha, mas rir doía, então parou.

Helen primeiro imaginou por que Lucas pediria a ajuda de Matt se não precisava dela, mas, ao escutá-los conversando e trabalhando juntos para carregá-la até a SUV de Hector, se deu conta de que Lucas deveria ser a pessoa mais inteligente que ela já conhecera. Pedir ajuda não somente fez Lucas parecer normal,

como também fez Matt se sentir necessário. Lucas o tratava como parceiro e, mais importante ainda, como homem. Helen sabia que se Lucas algum dia quisesse a lealdade de Matt, esse simples gesto de inclusão tornaria mais provável que a conseguisse. Uma nova onda de dor a atingiu com tanta força que suor brotou sobre seu lábio superior. Helen expirou lentamente tentando sobreviver à dor. Lucas abriu a parte de trás da SUV, deitou Helen e depois perguntou se Matt não se importaria de esperar com eles até que sua família chegasse.

— Se Helen piorar, não vou esperar por eles, vou levá-la logo para o hospital. Se isso acontecer, eu agradeceria muito se você



172

pudesse ficar aqui para dizer a eles onde fui. Não deve demorar — explicou Lucas.

— Fico o tempo que precisar — ofereceu Matt, com sua habitual generosidade.

— Caramba, Matt. Você ainda não cansou de ficar me vigiando quando estou doente? — perguntou Helen com um meio sorriso.

— Você não tem ideia — disse ele, e abriu um sorriso breve. — Agora são duas vezes este ano. Você nunca ficava doente, Len, nem mesmo naquela vez em que todo mundo ficou com gastroenterite depois do aniversário da Gretchen, no quarto ano. Todos nós vomitamos as tripas por dois dias, mas você ficou bem.

— Ah, é! Aquilo foi nojento! Ei, pelo menos eu levei Gatorade e cream-crackers para todos, lembra? — disse Helen brincando.

Ela estava tentando amenizar o clima, mas ainda sentia dor.

Apertou a barriga de novo e Matt franziu a testa. Ele estava preocupado e ela, também. Suas cólicas jamais demoraram tanto assim para passar.

— Talvez você devesse parar de correr — sugeriu Matt de repente.

— Acho que Matt está certo — disse Lucas, com a fisionomia surpresa e agradecida por Matt ter sugerido isso. — É óbvio que não está fazendo bem para você. Você deveria parar.

Helen estava muito atordoada para responder. Ela encarou

Lucas com a boca aberta até Hector, Cassandra e Ariadne chegarem

e encerrarem a conversa. As meninas entraram na SUV com Lucas e Helen, e Hector pegou as chaves da Mercedes dizendo que esperaria por Jason. Ariadne, com sua voz mais doce, ofereceu uma carona até em casa para Matt, mas ele recusou. Então, depois de uma breve conversa sussurrada entre Lucas e Hector, Lucas sentou-se ao volante e dirigiu, levando as três garotas até a propriedade dos Delos, em alta velocidade o caminho inteiro. No carro, Cassandra foi para trás e empoleirou-se perto de Helen, calma e equilibrada demais para alguém da sua idade.

— Você conseguiu olhar bem para ele? — perguntou ela com a voz estranhamente adulta.

— Sim — respondeu Helen.



173

— Se eu lhe mostrar algumas fotos, você consegue reconhecê-lo?

— Tipo retrato falado? Sem problema. — Helen foi direta. —

Tenho certeza de que não há tantos caras no mundo que parecem uma versão maior e mais loura de Hector, mas com o rosto todo marcado e assustador.

Ela sentiu que o humor dentro da SUV mudou.

— Creon — sussurrou Cassandra.

— Você tem certeza? — perguntou Lucas, erguendo o rosto para ver Cassandra pelo espelho retrovisor.

— Sim — respondeu ela, com um olhar pensativo. — E tio Pallas o seguiu da Europa até aqui. Ele está lá em casa.

Parecia que Lucas não precisava de mais informações. Ele pegou o telefone celular no bolso da calça e apertou um número na discagem rápida.

— Jase, volte. Cassie pode vê-lo agora — disse ele, com voz assustada. Escutou por um momento e então continuou, ignorando as perguntas de Jason. — Quando chegarmos em casa. Seu pai está esperando por nós.

Helen sentiu que havia perdido um detalhe importante.

— Quem é Creon? — perguntou a Cassandra assim que conseguiu se sentar.

— Um primo nosso — respondeu ela sem ajudar muito.

— Foi ele quem atacou Hector em Cádiz — disse Ariadne com a voz trêmula por um segundo. Ela olhou para Lucas, que estava prestes a interrompê-la, e continuou a falar. — Tudo bem, eles se atacaram. Creon é um fanático radical e está procurando briga com qualquer um dos moderados, não só com a gente. Mas é de Hector que ele está realmente atrás. Nem mesmo você pode negar isso, Luke.

— Aquele cara, hein? — Helen tentou fazer uma piada enquanto dobrava os braços sobre a barriga.

Ninguém riu. Sentia a mão direita rígida, então abriu os dedos; um pedaço de pano caiu do punho fechado.

— O que é isso? — perguntou Cassandra.



174

— Hum... É do Creon. Eu o alcancei e, quando tentei segurá-lo, arranquei a camisa dele — respondeu Helen, como se pedisse desculpas.

— Você correu atrás dele, alcançou-o e chegou perto o suficiente para rasgar a camisa dele?

Ariadne não conseguia acreditar. Parecia que Creon era rápido, mesmo para os padrões deles.

— Ele me viu tentar voar, está bem? — começou Helen, sentindo que havia feito algo de errado. — Eu não sabia quem ele era, só sabia que tinha me visto saltar uns cinco andares de altura e precisava alcançá-lo antes que ele fugisse.

— Ótimo — disse Cassandra em tom amargo. — Ele veio aqui checar nossa família e talvez procurar briga com Hector, mas, agora que você se expôs, tudo mudou.

— Ele estava indo em direção à escola — disse Helen, na defensiva.

— E o que ele faria? — gritou Cassandra de volta, furiosa de repente. — Atacar algum normal patético? Use a cabeça, Helen! Por algum motivo as duas mulheres que a atacaram não contaram aos demais Cem Primos que você existe, provavelmente porque querem a glória de matá-la sozinhas para conseguir um Triunfo. Creon deve estar pensando do mesmo jeito, mas se não estiver ele vai contar a Tantalus. Isso significa que metade da família estará aqui em

poucos dias e você nem consegue segurar uma espada ainda!

— Dá um tempo, Cassie! — disse Lucas, irritado. — Fomos criados para isso e Helen tem o quê? Uma semana inteira para se adaptar?

Ele olhou para Cassandra pelo espelho retrovisor e até no reflexo os olhos dele pareciam intensos. Cassandra jogou as mãos para cima em rendição.

— Você está certa, Cassandra. Eu não usei a cabeça — disse Helen, apertando o estômago. — Talvez possamos conversar com ele.

Ariadne fez um som abafado.

— O quê? Por que vocês têm tanto medo dele? — perguntou Helen.



175

— Ele é um Mestre das Sombras — falou Ariadne, em tom sinistro, do banco da frente. — Ele pode parar a luz. Não é natural.

Helen pensou na escuridão que rodeava Creon e entendeu o que Ariadne queria dizer. O sol não brilhava nele e Helen instintivamente sentiu que havia alguma coisa errada nisso.

— Mestres das Sombras são raros — tentou explicar Lucas, um pouco mais calmo, mas Helen ainda conseguia ouvir o medo na voz dele. — Não houve muitos deles na história da nossa Casa, mas todos de que temos notícia acabaram se revelando, bem... Maus.

Alguns minutos tensos se passaram enquanto Cassandra colocava as mãos sobre os olhos em postura de concentração profunda. Por fim ela olhou para Helen e, com um sorriso determinado, afastou o prolongado pessimismo.

— Bem, você está segura por agora. Não vejo nenhuma ameaça imediata — disse ela tranquilizando Helen e observando-a embalar a barriga ainda dolorida. — Alguma ideia de que humano viu você correr atrás de Creon?

— Gretchen. Não se preocupe, ninguém vai ligar. Ela sempre inventa coisas sobre mim — disse Helen otimista. — Espere um pouco. Como você sabe que alguém me viu?

— Sabe essas suas cólicas? É a maldição agindo. Sua mãe a amaldiçoou para que você sinta uma dor quase insuportável

quando usar seu poder de Descendente na frente de simples mortais — disse Cassandra, dando de ombros.

— É isso? Tem me deixado doido a semana toda! — disse Lucas no banco da frente enquanto percorriam a longa entrada de garagem dos Delos.

— Claro que você não iria reconhecê-las. Você é um garoto — disse Ariadne. — Cólicas de maldição são realmente sádicas. Há séculos que nem mesmo leio sobre alguém que tivesse feito isso.

— Minha mãe me amaldiçoou? — repetiu Helen, olhando para Cassandra, que assentiu com tristeza.

— Muito tempo atrás, há centenas de anos, pensava-se ser o único jeito de fazer mulheres Descendentes agirem de acordo com a sociedade da época. Mães faziam isso com as filhas para evitar que chamassem muita atenção para si mesmas, porque não se esperava que as mulheres fossem especiais, inteligentes ou talentosas. —



Cassandra enrugou o nariz, como se algo que cheirava mal tivesse saído de sua boca.

Helen teve uma discussão inútil consigo mesma por alguns segundos, incapaz de processar o que acabara de descobrir.

Cassandra pegou a mão de Helen e sorriu com gentileza.

— Se for algum consolo, a maldição deve ter mantido você escondida por todos esses anos.

— Por mais que eu deteste admitir que algo tão cruel possa ser útil, tenho que concordar — disse Ariadne, abrindo a porta e saindo do carro. — Se você não fosse amaldiçoada, dá para imaginar o que seu pai mortal teria passado quando você era um bebê superforte? Ele tenta deixá-la de castigo, você o joga pela janela. A hora de ir para a cama teria sido um massacre.

— Bem, pensando desse jeito — admitiu Helen enquanto saía do banco de trás com a ajuda de Lucas, que educadamente ofereceu sua mão. Enquanto ela e Lucas andavam lado a lado na direção da casa, atrás de Ariadne e Cassandra, ela começou a rir sozinha.

— O que foi? — perguntou ele.

— Eu sempre soube que minha mãe me odiava e agora

descubro que ela literalmente me amaldiçoou — respondeu ela, com a voz casual. — Durante minha vida inteira não acho que tenha ouvido algo que fizesse tanto sentido.

— Sua mãe estava tentando proteger você — argumentou Lucas, sensato.

— Ah, você diz isso porque é um garoto! Nunca teve cólica — resmungou Helen.

Eles pararam na entrada.

— Talvez você deva tirar os sapatos — disse Lucas olhando para os pés de Helen.

Ela estava coberta de lama preta até a cintura.

— Talvez seja melhor pegar uma mangueira — respondeu Helen com um sorriso.

— Tenho uma ideia melhor que uma mangueira — disse ele com um riso fácil, puxando-a pela mão para que o seguisse até a piscina. — Chuveiros externos são quase uma exigência para nossa família.



AFTER DARK

177

Ele a levou até o chuveiro e a deixou lá enquanto apanhava toalhas e uma muda de roupa na casa da piscina. Quando ele estava completamente fora do campo de visão, Helen, constrangida, tirou a roupa sob o chuveiro. As belas divisórias de teca faziam uma espiral e cobriam as partes importantes do corpo, mas os pés e o topo da cabeça ainda eram visíveis.

Já tomara milhões de chuveiradas desse tipo na praia, mas nunca sem biquíni. Ela se lavou o mais rápido que pôde e estava quase terminando quando Lucas voltou.

— A camiseta é minha, mas não tenho ideia de quem é a calça de moletom. Mas não se preocupe. Ninguém vai se importar — disse ele, pendurando as roupas e uma toalha grande de praia na divisória. Depois colocou uma sacola de plástico no chão. — Isso é para seu uniforme e o tênis.

— Obrigada — disse Helen, dolorosamente consciente da

distância entre seu corpo nu e ele.

Era bobagem. Todo mundo está pelado debaixo de alguns milímetros de roupa, mas isso de alguma forma parecia diferente. Parecia perigoso. Pelo espaço debaixo da divisória ela viu os pés de Lucas quando ele se virou, hesitou, depois saiu correndo. Ela soltou a respiração que nem havia se dado conta de estar prendendo.

As roupas que ele deixou eram gigantescas, mas macias, confortáveis e com cheiro de amaciante. Ela se secou com a toalha, vestiu a roupa emprestada e saiu do chuveiro carregando a sacola com as roupas sujas.

Quando ela e Lucas entraram na casa, Jason e Hector estavam sentados à mesa da cozinha vendo Cassandra e Ariadne encherem de carinho um homem que Helen não conhecia. Lucas apresentou Helen antes de dar um grande abraço no tio.

Pallas Delos era um homem grande, louro, ainda cheio de saúde e jovialidade, mesmo com as têmporas já grisalhas. Ele e Hector tinham o mesmo sorriso cauteloso e olhar afiado, mas havia mais da beleza de Jason e Ariadne nele do que da brusca masculinidade de Hector. Com educação, ele apertou a mão de Helen, mas o olhar curioso a acompanhou ainda por muito tempo

depois da apresentação, o que fez Helen sentir-se constrangida. Ela se perguntava se ele estava apenas reagindo ao seu nome tabu, ou



178

se ouvira de alguém da família coisas desagradáveis sobre ela. Seu olhar deixava Helen nervosa. Ela tentou se esconder atrás de Lucas.

— Tudo bem, todo mundo para fora. Preciso fazer o jantar — ordenou Noel enquanto entrava na cozinha balançando as mãos e espantando os familiares.

Helen se viu ser puxada por Lucas pela porta dos fundos.

— É uma boa ideia ficar fora do caminho da minha mãe quando ela fica daquele jeito, ou você acaba passando a próxima hora picando verduras — disse ele.

Então a levou para o gramado entre as quadras de tênis e a piscina.

— Eu não me importo em ajudar — disse Helen, começando a voltar na direção da casa.

— Eu me importo — disse Lucas com um sorriso malicioso, segurando a mão dela. — Além disso, pensei que quisesse aprender a voar. Não foi isso que causou toda aquela confusão mais cedo? Helen percebeu que ele estava chateado e não queria demonstrar. — Sobre isso — começou ela, fazendo uma careta culpada.

— É, não foi nada bom. E foi culpa minha. Eu deveria tê-la ensinado a voar assim que você se recuperou, mas não confiei... — disse ele, interrompendo-se e balançando a cabeça arrependido. — Não importa. O fato é que, quando descobri que podia voar, tudo o que queria fazer era ficar no ar. Não conseguia dormir, não conseguia comer. Foi besteira minha pensar que você poderia esperar.

— Quantos anos você tinha quando descobriu? — perguntou Helen.

— Dez. Mas levei algum tempo para entender — disse ele, parecendo querer prepará-la para alguma coisa. — Os Descendentes nascem com todos os seus talentos, mas demoram a descobrir como utilizar alguns deles. Principalmente se não houver alguém com aquele talento para agir como mentor.

— Você teve um? Quero dizer, um mentor?

— Não. Não conheço nenhum outro Descendente, além de você, que voa. Mas eu tinha livros e minha família para me apoiar.



179

— Ele parou e encarou Helen. — Você nunca teve isso, então pode ser um pouco mais difícil.

— Eu sou boa com coisas difíceis, não acredito no que é fácil

— respondeu ela, mas Lucas a olhou como se achasse que Helen não havia entendido direito.

— Só não quero que você fique desanimada se a gente demorar um pouco com isso. Então, antes de começar, preciso lhe explicar algumas coisas — disse ele, muito sério de repente. — Força, velocidade, agilidade, audição e visão aguçadas, beleza, cicatrização rápida e inteligência, apesar de o último ser passível de discussão, são dons que quase todo Descendente tem, e não precisamos ser treinados para usá-los. Mas há um conjunto de

talentos que são raros, e a maioria exige trabalho. Voar é um dos mais raros e difíceis de aprender.

— Para ser sincera, não me importa o quanto vai ser difícil ficar boa nisso. Não me importa se vou levar anos, simplesmente estou doida para fazer de novo!

Helen deu pulinhos impacientes.

— Está bem, está bem! Antes de tudo, você precisa ficar parada. A parte do pulo vem depois, quando você quiser velocidade

— disse ele, rindo, e colocou a mão na cintura de Helen.

Ela ofegou de leve com o toque inesperado e tentou ficar quieta como ele dissera, mas não foi fácil. Os dois ficaram por alguns instantes apenas se olhando.

— Feche os olhos — sussurrou ele. O coração dela estava acelerado e Helen tinha a sensação de que Lucas podia ouvi-lo. — Calma — continuou, sorrindo com os olhos fechados. — Tente desacelerar sua pulsação, se conseguir.

— Estou tentando. Você precisa ficar tão perto? — perguntou Helen, com a voz fraca e trêmula.

— Sim, não quero que você se afaste de mim. Isso seria ruim

— disse ele, com a voz inexpressiva, mantendo a concentração.

Alguns segundos se passaram. Quando falou de novo, ele parecia muito calmo e distante. — Agora se concentre no seu corpo. Respire fundo e sinta o ar entrar, como se seu cérebro estivesse suavemente flutuando dentro do ar que você está respirando.



180

Esperou alguns instantes para Helen chegar ao mesmo estado em que ele estava. Demorou algumas respirações, mas acabou conseguindo. Ele soube na mesma hora quando ela estava pronta. — Bom. Agora você está dentro de si — disse ele de maneira triunfante. — Você consegue sentir seu peso todo empilhado, todo junto?

Ela conseguia sentir aquilo. O peso da pele sobre os músculos e sobre os ossos, tudo empilhado, tal como ele dissera. Havia milhões e milhões de pequenos pedaços dela, todos marchando como soldados com ordens diferentes, mas fortemente unidos. Aquelas eram suas células, finalmente ela percebeu. Helen deu

uma risada, pensando em como era estranho ser esse exército maciço e jamais ter sentido isso. Ouviu Lucas rir também e soube que ele estava logo ali, com ela, experimentando a sensação juntos. — Agora quero que você faça algo muito difícil — disse ele com a voz leve e curiosa, quase infantil. — Quero que continue dentro, mas que também olhe para fora, se puder. Não fique com medo. Estou bem aqui com você.

Helen fez como ele disse, mas a sensação era intensa demais para processar.

Certa vez, ela havia perdido seus óculos escuros. Procurara em todos os lugares, na cozinha, na sala, no quarto, mas não conseguia encontrá-los em lugar algum. Era irritante porque sabia que acabara de mexer neles, mas não conseguia lembrar o que fizera depois. Então seu pai dissera que os óculos estavam na cabeça dela.

Naquele momento, ela percebeu que estava usando o sentido errado. Estava olhando quando deveria estar sentindo. Ela levantou a mão e sentiu os óculos, mas também os sentiu com o couro cabeludo e, quando pensou nisso, se deu conta de que estava sentindo os óculos em cima da cabeça o tempo todo. Ela apenas

estivera muito ocupada olhando, e não havia pensado em sentir. Isso era semelhante. De novo, estava se dando conta de que havia muitas formas diferentes de experimentar o mundo à sua volta. Agora ainda estava ciente da existência das suas milhões de células, mas também conseguia sentir algo novo. Ela se sentia



181

caindo na direção de algo muito, muito grande e sabia que tinha outro sentido que podia impedir a queda.

Morrendo de medo, ela instintivamente apelou para esse novo sentido. Precisava colocar distância entre seu pequeno exército e o grande e veloz monstro para o qual ela caía — o monstro em cuja direção ela de repente se deu conta de que estivera caindo durante cada segundo de toda a sua vida.

Tarde demais para se deter, Helen se deu conta de que o monstro era a Terra e que a sensação de queda era a gravidade — e que o que acabara de fazer tinha sido desligá-la. A vertigem a

consumiu, tirando seu equilíbrio. Agarrou Lucas de forma frenética e enterrou o rosto no peito dele. Ele era o único objeto inerte em todo o universo, e se o largasse Helen sabia que ficaria girando no espaço para sempre.

— Está tudo bem — sussurrou Lucas no ouvido dela. A respiração dele estava morna e sua voz a acalmou. — Eu não vou soltar você, Helen. Prometo. Você confia em mim?

A temperatura caiu e lufadas de vento emaranhavam o cabelo dela.

Ela manteve o rosto no espaço em que o ombro de Lucas encontrava o pescoço. E disse a si mesma que aquele era o verdadeiro significado de difícil, o “difícil” que ela havia sido ingênua ao desprezar e dizer para Lucas que preferia ao “fácil”.

— Sim — sussurrou Helen, sentindo o leve vento frio entrar pelas roupas e levar o som que saía dos seus lábios.

— Então prove — respondeu ele aos sussurros. — Abra os olhos.

* * *

Eles ficaram no ar até o céu estar quase escuro e Helen ficar com tanto frio que não conseguia parar de tremer. Havia muito o

que aprender. Desafiar a gravidade era importante, mas apenas metade do esforço para voar. A outra metade era menos difícil do que um salto mental, mas também bastante complicada. Helen aprendeu que para se mover no ar não bastava bater os braços ou balançar as pernas; precisava manipular o ar à sua volta. Lucas começou a ensinar como ela controlava o ar, o fazia mais denso de um lado e mais rarefeito de outro, para criar uma pequena corrente



182

do tamanho de Helen ao seu redor. Quando Lucas fazia isso, parecia estar flutuando no mar. O vento não batia nos cabelos ou nas roupas, mas corria à sua volta, segurando-o com suavidade ou empurrando-o com mais força, dependendo do quão rápido ele queria ir.

Lucas passou a maior parte dessa primeira lição flutuando na frente de Helen como se estivesse no oceano, as pernas e os braços compridos se movendo de forma sinuosa com as correntes e as

mãos espalmadas para evitar possíveis turbilhões. Ele manteve os braços esticados, pronto para pegá-la caso ela acelerasse demais ou criasse uma corrente de ar imperfeita e caísse rodopiando. Voar era complicado, e Helen ainda não pegara o jeito. Era um pouco como aprender a dirigir e fazer pontaria com um rifle ao mesmo tempo. Exigia sutileza e total concentração.

Lucas também ensinou truques para não ser vista pelos “deficientes de gravidade”, como chamava os pobres mortais presos à Terra para os quais olhavam lá de cima. Helen se surpreendeu com o fato de que o começo da noite era na verdade a hora mais perigosa para se voar. Era durante o pôr do sol que as pessoas olhavam para cima para admirar as belas cores do céu, e em Nantucket era quando metade dos moradores da ilha ganhava a vida tirando fotos ou criando aquarelas.

Várias vezes Lucas precisou agarrar Helen e voar sobre o oceano para não serem vistos. Parecia que voar era perigoso a qualquer hora do dia, mas se Helen ficasse alto o suficiente, qualquer um que a visse pensaria que era um pássaro. À noite era mais seguro, claro, e era quando eles podiam voar perto do chão, o que Lucas garantiu ser emocionante. Mas tudo era emocionante

para Helen, e quando Lucas por fim disse que eles deveriam entrar ela choramingou como um bebê e pediu mais cinco minutos. Lucas riu.

— acredite, sei como se sente. Mas estou morrendo de frio — disse ele.

Helen se afastou com os olhos semicerrados e um pequeno sorriso. Ela passou deslizando sobre os ombros de Lucas e o rodeou pelas costas, roçando de leve nele.



183

— Amanhã? — perguntou ela, sentindo-se tímida e poderosa, tudo ao mesmo tempo.

Ele girou graciosamente e segurou um dos braços dela antes que Helen flutuasse para longe.

— Amanhã. Prometo — disse ele baixinho enquanto a puxava para perto. — Mas já está quase de noite e minha família vai ficar preocupada com a gente se ficarmos fora por mais tempo hoje.

Helen não pôde argumentar contra isso, então deixou Lucas segurar seus ombros e a levar para baixo, para o trecho de grama macia de onde eles haviam decolado. Ela pairou no ar enquanto ele transitava com facilidade para o estado de gravidade.

— O que faço? — perguntou ela, de repente com medo de novo.

— Está tudo bem. Sei que aterrissar é assustador, mas estou bem aqui — disse Lucas com paciência, em pé com os braços esticados para segurar as mãos dela enquanto flutuava sobre ele.

— Acho que já vi um quadro assim — disse Helen, tonta de medo. — Mas a mulher no desenho tinha asas.

— Semideuses e deuses sempre se sentiram atraídos por artistas, e algumas vezes eles nos pintavam. As asas são uma grande bobagem, claro, mas são bonitas — disse ele descontraído. Lucas estava apenas dando um tempo para Helen se acalmar, e ela sabia disso.

— Tudo bem, o que faço? — perguntou ela, sem se afetar.

— Quero que você pegue o mundo de volta — respondeu ele.

— O que você quer dizer com pegar o mundo? — soltou Helen.

— Concentre-se. Você consegue sentir o que eu quero dizer,

sei que consegue, mas precisa confiar em mim.

— Eu confio em você — disse Helen pela centésima vez naquele dia, mas dessa vez ela o olhou nos olhos enquanto dizia, e ele retribuiu o olhar, acreditando nela.

Seu rosto se iluminou. Nada podia ser impossível se Lucas acreditasse nela. Então, ela pegou o mundo... E caiu exatamente como qualquer um faria se tentasse andar a dois metros do chão. Claro, Lucas sabia o que esperar e a pegou com facilidade quando ela caiu. Ele a pegou no ar e suavizou sua queda até que os pés dela tocassem a grama devagar.



184

Finalmente em pé depois de muito tempo sem usar as pernas, Helen sentiu-se um pouco instável. Sua visão rodopiava e ela se apoiou em Lucas por alguns instantes, com os braços em volta do pescoço dele. Quando a tonteira passou, ela manteve os braços no lugar na esperança de sentir algum tipo de convite da parte dele.

Lucas se afastou e forçou um sorriso.

— Viu? Moleza. Na próxima vez, balance as pernas logo antes de mudar de estado e você ficará bem — disse ele com a voz despreocupada e começou a andar na direção da casa. — Você está aprendendo mais rápido que eu, sabia?

— Ah, claro! Eu teria despencado como um tijolo se você não tivesse me segurado — disse ela, empurrando Lucas enquanto andava e rindo com ele, mesmo que estivesse com o coração na boca.

Ela não estava exatamente esperando um beijo, mas com certeza queria um. De repente, sentiu-se muito boba, como se fosse uma verdadeira idiota por até mesmo tentar beijar alguém tão mais inteligente, tão mais confiante, tão mais experiente que ela. Helen cruzou os braços e tentou acelerar o passo, mas Lucas não deixou que ela passasse. Em vez disso, fez Helen soltar os braços e pegou sua mão. Era orgulhosa o suficiente para sentir-se ofendida por ele insistir em pegar sua mão depois de se recusar a beijá-la.

— Eles estão vendo a gente — disse ele tão baixo que Helen mal pôde escutá-lo.

Ela o viu erguer o queixo na direção da casa.

Seguindo a direção do gesto dele, ela viu que Pallas e Castor estavam sentados no deque escuro do lado de fora do escritório. Eles deviam ter saído para conversar em particular e foram interrompidos pela demorada aterrissagem de Helen. Também deviam tê-la visto esperando pelo beijo de Lucas, o que a assustava tanto que ela teve que expulsar esse pensamento da mente para sempre ou explodiria de tanta humilhação no mesmo instante.

— Ela está aprendendo rápido, não está, pai? — gritou Lucas.

— Muito melhor que a primeira aterrissagem — respondeu Castor de maneira jovial e então se virou para Helen. — Estou feliz em ver que você parou de tentar bancar o cometa.



185

— É. Também decidi, de agora em diante, fazer todos os pousos acordada. Economiza comida — falou Helen de forma cordial, feliz por estar escuro demais para verem que tinha ficado vermelha.

Ela sorriu para Pallas, mas ele não retribuiu o sorriso; apenas a observou.

— Muito inteligente de sua parte — disse Castor. — A propósito, você não deveria planejar nenhum outro passeio, Lucas — alertou. — Sua mãe está quase terminando o jantar e não está com humor para esperar por ninguém esta noite.

— Devidamente registrado. Obrigado pelo aviso — disse Lucas enquanto levava Helen de volta para a casa.

Pela forma como Lucas a apressava, parecia que ele evitava o pai e o tio de propósito. Ou estava mantendo Helen longe deles.

— OK, o que está acontecendo? — perguntou ela assim que entraram na garagem escura e fecharam a porta atrás deles. — Seu tio age de um jeito estranho comigo. O que ele descobriu na Europa?

— Ninguém ouviu falar de você por lá, ou pelo menos ninguém está falando de você. Meu tio Pallas veio para cá porque estava seguindo Creon, mas, até onde sabemos, Creon veio para os Estados Unidos sem contar para a família. Achamos que ele só quer ficar de olho na gente, principalmente em Hector — disse Lucas, com um olhar sombrio.

— Seu tio ficou sabendo alguma coisa sobre aquelas duas mulheres? As que me atacaram? — sussurrou Helen, tensa.

— Não, isso ainda é um mistério. Nenhum dos contatos do tio Pallas sabe qualquer coisa sobre elas. Não achamos que Tantalus já sabe quem é você, mas faz anos que ninguém o vê, então é difícil dizer com certeza qual é o plano dele.

— Ninguém tem visto Tantalus? — perguntou Helen, surpresa.

— Como ele comanda, então?

— Através da esposa. É ela quem dá todas as ordens para os Cem Primos e tem sido assim por quase dezenove anos.

— Por quê?

— É uma longa história — disse Lucas, enrugando a testa e olhando para baixo.



Helen sabia que isso significava que aquela era uma história importante.

— Meu tipo predileto — falou, entortando a cabeça para capturar seu olhar abatido.

Quando fez isso, deu um sorriso persuasivo que fez com que ele se rendesse. Lucas, distraído, pegou sua mão e começou a brincar com os dedos dela enquanto falava.

— Meu pai tinha outro irmão. Ele era o mais novo dos garotos e o preferido de todos. Até mesmo Tantalus gostava mais dele — disse ele, fazendo uma careta como se duvidasse que Tantalus pudesse amar alguma coisa. — O nome dele era Ajax.

— O que aconteceu com ele? Morreu? — perguntou Helen, cautelosa. Lucas assentiu com a cabeça.

— Foi assassinado. Por alguém de quem ele não podia ficar longe — disse ele em um fôlego só. Frustrado, passou a mão pelo rosto antes de continuar. — Enfim, quando Ajax foi morto, meu tio Tantalus se escondeu para se proteger; como líder da Casa, temia ser derrubado. Depois disso, todas as ordens vinham escritas ou através da esposa, Mildred. Mas, desde então, ninguém o viu pessoalmente.

— Mildred? Não é um nome grego.

— Ela é normal, claro — disse Lucas, levantando a

sobrancelha. — Descendentes de outras Casas em geral nos fazem sentir uma ira assassina, lembra? Não são uma boa escolha para um casamento. E a única outra opção seria casarmos com nossos primos.

— Ah, certo. Eu me esqueci das Fúrias por alguns segundos. E com apenas uma Casa sobrando os únicos Descendentes são seus parentes. Nojento — falou Helen revirando os olhos para si mesma por ter deixado escapar aspectos tão evidentes.

— Você não é minha parente — sussurrou ele gentilmente, puxando-a mais para perto.

Então, de repente, ele virou e começou a conduzi-la pela garagem.

Eles poderiam ter ido direto pelo canto, mas, em vez disso, Lucas decidiu guiá-la pelo labirinto de carros. Antes de chegarem à porta da cozinha, ele parou e virou-se para ela sorrindo. Helen



conseguia ouvir sua respiração acelerada e as mãos suaves nas suas. Por um momento ele se aproximou dela como se procurasse uma forma de aproximar o peito do dela e beijá-la, mas na hora H ele se virou e a levou para dentro de casa como se nada tivesse acontecido.

Talvez não tivesse mesmo. Ela estava muito confusa. Mas, assim que entraram na cozinha, Helen tinha outras coisas com que se preocupar. Como o zumbido. De repente ela entendeu porque Castor e Pallas foram conversar do lado de fora. Estava muito barulhento lá dentro.

Noel estava fazendo sua mágica no fogão e o resto da família parecia gravitar ao redor dela tão inevitavelmente quanto a Terra ao redor do Sol. Todas as cadeiras estavam ocupadas e o espaço para ficar em pé ao lado do balcão mudava o tempo todo à medida que Noel rodopiava para um lado e para outro na cozinha. Todos conversavam, riam e discutiam ao mesmo tempo, e apesar de Helen não entender uma palavra, eles de alguma forma pareciam se entender. Era uma sinfonia Delos, e Noel era a maestrina. Como alguém que observava de fora, Helen conseguia ver o

que Noel era de verdade: o centro da família, o coração pulsante que

alimentava todos os gigantes em quem ela tropeçava enquanto tentava cozinhar. Ela era a personificação do calor do fogo, da porta aberta, e sempre recebia bem; até mesmo esperava que desgarrados

como Helen entrassem para saborear sua comida.

— Aí está você — disse ela sem tirar os olhos do fogão. — Eu liguei para seu pai e o convidei para o jantar. Imaginei que você estaria muito cansada para cozinhar. — Ela virou as verduras que estava refogando com um ágil movimento do pulso, como Helen já vira famosos chefs fazerem na TV. Helen sempre quisera aprender aquele movimento e por um momento seu cérebro em choque se distraiu com ele. Então ela registrou o fato de que Noel estava falando com ela.

— Você convidou meu pai? — perguntou Helen, estridente.

— Certamente que sim. Pallas finalmente está aqui e como você vai passar bastante tempo em nossa casa para treinar, achei que já era hora de nossas famílias se conhecerem. Pedi Jerry para trazer sua Kate também, mas ela está trabalhando na loja hoje à



AFTER DARK

188

noite, então isso vai ter que esperar. Seu pai vai chegar em aproximadamente quinze minutos, então, se tiver alguma coisa que você precise escovar, ou lavar primeiro — disse ela finalmente se virando para inspecionar a garota que havia sido varrida pelo vento em pé em sua cozinha usando roupas que eram aproximadamente quatro números maior que ela —, é melhor se apressar — terminou com um sorriso astuto.

Helen olhou para os pés sujos de grama. Tentou passar a mão pelos cabelos e gemeu de dor quando arrancou os cabelos curtos da nuca. Ariadne riu.

— Você está parecendo que foi arrastada, de costas, em um arbusto. Mas eu posso consertar isso. — Ariadne se levantou, tirou a mão de Helen da de Lucas e a levou para fora da cozinha.

Helen não conseguia acreditar na quantidade de nós que tinha nos cabelos, mas Ariadne acabou conseguindo desfazê-los com

creme e um pente. Então Helen lavou os pés, amarrou os cabelos em um rabo de cavalo e calçou tão rápido os chinelos que Ariadne lhe emprestou que já estava na metade da escada quando percebeu que eram tão grandes para ela que poderia acabar quebrando o pescoço.

— Que diabos você está usando? — disse Jerry logo que a viu. Helen caiu na gargalhada, em parte porque seu pai disse exatamente o que ela estava pensando, mas principalmente pela cara de bobo que ele estava.

— São emprestadas. Meu uniforme de corrida estava todo suado. Ei, são enormes, mas pelo menos estão limpas — disse Helen mostrando a gigantesca camisa e as calças de moletom enroladas.

— Ah, bem, você parece... Confortável? — disse ele, desconfiado.

— Da próxima vez vou usar um vestido longo — prometeu Helen. Ainda rindo com o pai, ela se virou e notou que metade da família Delos os observava, aparentemente impressionados.

— Entendi o que você disse — falou Castor para Lucas e os dois compartilharam um olhar que Helen não entendeu; depois ele

se virou para Jerry e sorriu, receptivo.



AFTER DARK

189

— É bom vê-lo de novo, Jerry — disse Castor, andando na direção dele com a mão estendida para cumprimentar Jerry.

— Igualmente, Castor. Eu tinha a intenção de ser o primeiro a sugerir que nós todos nos sentássemos para compartilhar uma refeição agradável, mas sua esposa parece estar um passo à minha frente — disse Jerry de forma bastante simpática.

— Bem-vindo ao meu mundo — reagiu Castor com um sorriso lacônico, e os dois homens já apreciavam a companhia um do outro.

As apresentações foram tão breves quanto possível, considerando-se que havia muitas pessoas, e Jerry soube lidar com aquilo como um profissional. Ele tinha uma loja há quase vinte anos e estava acostumado a lembrar-se de nomes e a se adaptar até às personalidades mais excêntricas. Helen o observou responder da

forma certa para fazer um sorrir, outro gargalhar e até um deles refletir sobre algo. Tinha orgulho do pai, não só porque ele era inteligente e engraçado, mas porque sabia quando não ser.

Também ajudava o fato de que a família de Lucas tinha gostos semelhantes tanto para conversa quanto para comida. Jerry comeu feito um rei e pressionou Noel com gentileza até ela confessar ter sido chef antes da maternidade, há anos, quando morava na França. Noel até admitiu suas discretas idas à News Store e generosamente declarou que o croissant de Kate, feito com sal marinho, alecrim e creme de leite fresco, era uma obra de gênio. Jerry ficou radiante de orgulho, como se Kate fosse um tesouro enterrado que ele tivera a sorte de encontrar. Helen o cutucou.

— Você está ficando vermelho — cochichou ela para o pai.

— É, e você não. Por quê? — perguntou ele.

— Porque não tenho motivo para isso — disse ela, com um rubor traiçoeiro começando a brotar nas bochechas.

— Ah, tá — disse ele, sem acreditar. — Essa é a parte em que eu tenho que agir como um pai preocupado e exigir que você me conte o que está acontecendo entre você e o Sr. Superfantástico ali?

— Não. Essa é a parte em que você cuida dos próprios

assuntos e come seu jantar — disse Helen, exatamente como se fosse mãe dele.



AFTER DARK

190

— Que ótimo! Desviou de mais uma — disse ele com um sorriso, e pediu para repetir as batatas gratinadas de Noel. O resto da noite correu tão bem quanto Helen poderia ter esperado, até o final. Helen bateu papo com Jason, brincou com Ariadne e até conversou rapidamente com Pallas sobre o trabalho dele como curador de museu. Até aquele momento, Pallas tinha sido frio, até mesmo hostil com ela, mas assim que começaram a discutir pintura, ele pareceu ficar um pouco mais acessível. Helen não era uma especialista, mas sabia o suficiente sobre arte para manter uma conversa interessante. Os dois ficaram surpresos em descobrir que tinham gostos semelhantes e tiveram um momento de admiração mútua quando discutiram um dos pintores prediletos. Helen começou a pensar que ela e Pallas poderiam se

dar bem, mas depois que a conversa terminou viu que ele se virou com a testa enrugada, em uma expressão de profunda desconfiança.

Helen ouviu um tilintar alegre e virou-se ao sentir um toque no braço.

— Você não pode levá-lo a sério. — Pandora a consolou. —

Olhe, eu amo todos os meus irmãos, mas algumas vezes eles podem ser grandes idiotas. Principalmente Pallas.

— Só queria saber o que eu fiz — disse Helen, frustrada.

— Não, não é você! Você não fez nada. Toda essa porcaria de Descendentes existe a muito mais tempo do que você pode imaginar.

— Desde o início dos tempos, certo? — perguntou Helen, tentando ser brincalhona mesmo que ainda estivesse magoada pela reação de Pallas.

— É certo. No sentido literal, isso é verdade, mas, nessa família, estou me referindo a algo mais específico. Algo que aconteceu lá atrás, logo antes de você nascer; foi nessa época que tudo começou a dar errado.

Para surpresa de Helen, Pandora pegou sua mão e a levou

para um canto, onde puderam sentar próximas e evitar a confusão do resto da sala. Parecia que o que quer que Pandora tivesse para lhe contar teria que ficar entre elas.



191

A família Delos era grande o suficiente para ter panelinhas e, se Helen fosse identificar a família segundo o ensino médio, Pandora seria a artista misteriosa com quem todos queriam andar, mas somente alguns conseguiam.

— Deixe-me começar dizendo que é mais difícil para Pallas porque ele já perdeu mais do que a maioria de nós — disse Pandora, triste, e depois se endireitou na cadeira, desculpando-se com um sorriso. — Não me entenda mal, meu irmão ainda é um idiota por tratá-la desse jeito, mas você conseguirá entendê-lo melhor se puder se colocar no lugar dele. Tente entender que sua chegada em nossa vida é tão bombástica para nós quanto é para você. Você sabe como herdamos nossa aparência física?

Helen sentiu uma careta se formar em seu rosto com a confusão sobre o que parecia ser uma guinada de cento e oitenta graus na conversa.

— Mais ou menos — respondeu. — Castor falou alguma coisa sobre arquétipos e então Cassandra disse que nós todos parecemos com as pessoas que lutaram na Guerra de Troia, ou alguma coisa assim.

— Então, todos nós temos os rostos reciclados, certo? E nem sempre nos parecemos com nossos pais, ou mesmo com outros Descendentes da nossa Casa, mas sim com alguém da história que as Moiras quiseram que repetíssemos.

— É, entendi. As Moiras gostam mesmo de repetições.

— E como Descendentes tendem a se apaixonar por uma pessoa “predestinada” e então têm uns bilhões de filhos ainda jovens, a geração mais antiga algumas vezes tem a duvidosa honra de ver, na geração mais jovem, rostos de pessoas que já conheceram antes, ou, o que é pior, rostos de pessoas contra quem já lutaram antes. Algumas vezes, até mesmo nos próprios filhos, ou em alguém que seus filhos amam.

— Ah. Isso não parece bom — disse Helen, com um estranho

pavor crescendo dentro dela. — Pallas me detestou desde a primeira vez que me viu. Então, com quem eu pareço?

Pandora suspirou. Os pingentes em seu pulso balançaram quando pegou a mão de Helen.



192

— Isso é realmente uma droga — disse ela, com um tom de desculpas. — Mas você é a cara de Daphne Atreus, a mulher que matou nosso irmão Ajax há vinte e um anos.

Helen notou que a voz de Pandora falhou ao dizer o nome dele.

Por um momento pensou que Pandora, que quase sempre estava feliz, fosse chorar.

— Mas eu não fiz isso! Eu não matei seu irmão — disse Helen, abalada pela profunda emoção da outra.

Ao ouvir Helen, Pandora dissipou os pensamentos tristes e apertou a mão dela.

— Eu sei disso! — exclamou de maneira gentil. — É insano

culpar você, e a maioria de nós não faz isso. Eu com certeza não faço isso. Nem temos como saber se você é da Casa dela.

— Mas Pallas me culpa — disse Helen, finalmente entendendo a antipatia imediata de Pallas por ela.

Pandora, relutante, assentiu.

— Quando perdemos Ajax, foi como perder o melhor de nós — disse Pandora, com os olhos tristes e os lábios apertados. — Ajax era... o melhor. Você deveria tê-lo visto. Na verdade, você pode vê-lo.

Pandora balançou o pulso direito fazendo um monte de pulseiras se espalhar. Lá embaixo, bem próximo à pele, havia um bracelete. Pandora abriu a face oval revelando que o bracelete era, na verdade, um relicário de pulso, algo que Helen jamais vira.

Dentro havia uma foto de alguém que ela pensou, em princípio, ser Hector fazendo cócegas em uma garota com cabelos negros e curtos.

— Meu irmão Ajax — disse Pandora, saudosa. — Ele sempre tinha tempo para mim, o que é importante quando se tem uma família tão grande quanto a nossa. É fácil ficar perdida na confusão, especialmente quando se é a menor. Eu costumava segui-

lo para onde ele fosse, implorando para que me deixasse fazer coisas. Ele começou a me chamar de “Escudeira”, e eu adorava. Helen olhou para a garotinha alegre se contorcendo sob a mão gigantesca do irmão mais velho e então para os olhos reluzentes de Pandora.



193

— Só de olhar para essa foto dá para ver que ele a amava

muito.

— Ele me amava e eu o amava. Eu costumava fingir que ele era um glorioso cavaleiro e eu sua única companheira fiel, e ele me acompanhava na brincadeira. Era tão paciente! Costumava me enviar para missões perigosas para encontrar as chaves do carro ou chamar o elevador. Eu tinha sete anos quando ele morreu. Não deveria ter seguido Ajax naquela noite, mas foi o que fiz. Eu estava lá quando ele foi assassinado.

Helen estava prestes a falar algo, dizer alguma coisa reconfortante se pudesse, mas Pandora mudou de assunto de repente e continuou:

— Ele era como Apolo — disse ela com um sorriso brilhante, apesar de um pouco forçado. — Como Hector em muitas coisas... Só que doce, não um sabichão mal-humorado. Não me entenda mal, amo meu sobrinho, mas, caramba!, ele sabe ser um saco. As duas caíram na gargalhada que tanto precisavam à custa de Hector.

— Eu gostaria de tê-lo conhecido. Seu irmão, quero dizer — falou Helen, surpresa em perceber que estava sendo sincera. Ajax

devia ter sido muito especial para inspirar um amor tão duradouro na irmã caçula.

— De muitas maneiras, nenhum de nós superou a perda dele

— disse Pandora, dando de ombros como se não houvesse explicação. — Mas meu irmão Pallas é o único que não consegue olhar para você e aceitar que são pessoas diferentes, mesmo sabendo que isso não teve nada a ver com você.

— Eu entendo — admitiu Helen. — Não é justo e ainda acho que é maldade, mas entendo porque Pallas me odeia.

— Não se preocupe, ele vai superar isso. Lá no fundo ele sabe que você não escolheu seu rosto, foram as Moiras — disse ela.

Depois sorriu alegre para Helen. — E acredite, você ganhou um rosto bem legal!

— Você também! — retribuiu Helen com um elogio sincero.

— Está bem! — disse Pandora revirando os olhos e balançando o pulso, fazendo as pulseiras tilintarem. — Devo ser uma em uma



centena que recebeu o rosto de alguma serva estúpida, ou de uma vestal de Troia, considerando minha sorte com homens!

Até enquanto ria, Helen não conseguia se livrar de uma estranha dúvida. Por fim se rendeu e perguntou:

— Então, com quem de Troia eu me pareço?

— Ah, não! — disse Pandora enquanto se levantava. — Eu prometi, todos nós prometemos. Você precisa conversar com Lucas sobre isso, Helen. Sinto muito, mas já lhe dei o suficiente para pensar durante uma noite.

Com uma considerável quantidade de tilintares e brilhos, Pandora anunciou que precisava de uma taça de vinho e desapareceu por entre os familiares. Helen sorriu para as costas dela. Ela sabia que Pandora se abria bastante e confiara a ela informações emocionalmente densas, mas Helen ainda estava insatisfeita. Ela queria saber que papel as Moiras queriam que tivesse. Ela perguntaria a Lucas assim que estivessem sozinhos. Olhou para ele. A noite inteira sentiu que ele a observava e a força do olhar dele era como uma mão encorajadora em suas costas. Helen não precisava se encolher, nem fingir ser fraca, ou

menos nerd do que era. Simplesmente se encaixava ali. Ela se deu conta de que essa nova tranquilidade se devia em parte ao fato de que, pela primeira vez na vida, estava rodeada de gente tão estranha quanto ela... Mas era mais por causa de Lucas. Ele não ficou perto dela, mas Helen podia sentir que ainda estavam conectados pela confiança que desenvolveram durante o voo. O olhar dele tinha um impacto tão positivo nela que se sentiu tonta assim que os olhos dele a abandonaram. Olhou ao redor para ver o que havia prendido a atenção dele e viu que Lucas estava conversando sozinho com Pallas. Helen não achava certo usar a audição de Descendente para violar a privacidade de alguém. Ela e Hector tiveram uma discussão sobre aquilo quando o acusara de bisbilhotar Jerry e ela da sacada, mas agora parecia não conseguir se controlar. Quando ouviu Pallas dizer seu nome, precisava saber o que estavam dizendo sobre ela.

— Não vou mentir para você. Helen chamou minha atenção — dizia Lucas em voz baixa. — Mas não está acontecendo nada.



AFTER DARK

195

— É o que me dizem — replicou Pallas. Helen viu que ele coçou o queixo, pensando antes de continuar. — Não estou tão preocupado quanto a isso agora, mas o que me preocupa é daqui a um ou dois meses, quando os dois estiverem voando juntos para todo lado. Sozinhos. Nada pode acontecer, Lucas.

— Não vai. — Lucas foi frio. — Estou ensinando Helen a voar e quero me certificar de que ela não vai ser morta, mas eu jamais tocaria nela. acredite em mim.

Eles continuaram a conversar, mas Helen não estava mais ouvindo. Ela se sentiu enjoada. Tropeçando nos chinelos emprestados, foi até o pai, ficou em pé bem ao lado dele, enquanto ele conversava com Pandora, e o encarou até ele entender a dica e olhar para ela.

— O que houve com você? — Primeiro ele fez a pergunta sarcasticamente, mas então olhou bem para ela e ficou preocupado.

— Você está bem, Len?

— Podemos ir? Tenho muita coisa para fazer. Dever e coisas da casa. E estou tão cansada. — disse ela, inventando desculpas tolas até ele responder.

Estava causando uma pequena cena, o que detestava, mas de jeito nenhum conseguiria ficar ali e engolir aquilo nem por mais um segundo.

Jerry deu uma olhada no relógio.

— Claro, vamos. Acho que está ficando um pouco tarde. Essa era pra ser minha fala? — perguntou ele, com um sorriso culpado.

— Não, tudo bem. Ainda está cedo. É que eu... Tenho coisas — disse Helen, antes de começar a bobagem dos “muito obrigada, tchau e até amanhã” que ela queria muito poder simplesmente pular.

Ariadne lhe lançou um olhar preocupado, mas Helen já não se importava com mais nada, com os sentimentos de ninguém, ou se eles achariam que ela era mal-educada, doida, ou os dois. Nada disso importava. Ela só precisava sair daquela casa antes que visse Lucas de novo, ou acabaria perdendo a cabeça. Foi rude e estranho, mas Helen conseguiu arrastar o pai antes mesmo que Lucas e

Pallas interrompessem a conversa no canto da sala e olhassem para eles.



196

11

No dia seguinte, Helen foi de bicicleta para a escola e deu instruções ao pai para dizer a Lucas que tinha algumas coisas para fazer antes da aula. Jerry ficou chateado quando ela se recusou a ligar para Lucas e explicar, mas ela sinceramente não conseguiria ouvir a voz dele.

— Aconteceu alguma coisa no jantar ontem à noite? —
perguntou Jerry.

Ela saiu correndo porta afora e começou a pedalar antes que ele conseguisse uma resposta direta.

O vento fresco do outono lhe dava uma sensação boa no rosto,

que estava inchado de ficar acordada metade da noite com lágrimas nos olhos. Ela não chorou de verdade e não teve o alívio explosivo que vem com a boa e velha crise de choro. Deitada na cama, ela estava chocada demais para isso. Sentia-se uma idiota. Sabia que deveria haver no mundo coisas piores do que ser desprezada pelo garoto dos seus sonhos, mas naquele momento não conseguia pensar em nenhuma.

Kate, Claire e até mesmo seu pai tinham perguntado repetidas vezes o que estava acontecendo entre ela e Lucas, como se fosse esperado que os dois acabassem juntos, mas ninguém jamais perguntara a Lucas o que ele pensava a respeito de ficar com Helen. Agora Helen sabia que ele "jamais tocaria nela". Aquelas palavras ficavam voltando; não somente as palavras, mas a veemência com que ele as falou. A forma como ele falara sobre ela fez com que parecesse que a simples ideia de beijá-la era repulsiva para ele, e Helen estava tão confusa com isso quanto magoada. Como ele podia segurar a mão dela o tempo todo se achava que ela era repulsiva? Helen chegou à escola, trancou a bicicleta e pegou um caminho alternativo até o armário. Era mais longo, mas ela sabia que estaria livre dos Delos e, portanto, os passos extras valiam a



AFTER DARK

197

pena. Ela havia saído de casa tão cedo que até mesmo com a caminhada mais longa chegou antes de todo mundo para a primeira aula.

Quando Claire a viu, notou imediatamente que Helen estava horrível. Como boa amiga que era, esqueceu a discussão que deveriam ter e fez uma dúzia de perguntas a Helen sobre o rosto vermelho e o cabelo desgrenhado antes mesmo de se livrar da bolsa.

Helen mentiu o melhor que pôde, mas tão sem entusiasmo que jamais a teria enganado se Matt não tivesse dado cobertura, explicando o quanto ela passara mal no dia anterior. Não ajudou em nada o fato de Zach ficar fazendo gracinha enquanto Helen tentava distrair Claire. Helen o ignorou, como fazia sempre, mas ainda conseguia sentir que ele a observava com uma expressão irônica.

Helen ficou com a cabeça baixa o dia inteiro e fez seus deveres. Ela descobriu que já não se importava mais se iria bem nas aulas, se chamaria atenção ou se teria cólicas. No caminho para o almoço, pensou em fingir uma dor de estômago se isso pudesse mantê-la afastada de Lucas. Ela não queria entrar no refeitório e enfrentar todo mundo, mas tinha que ir a algum lugar, e a porta do auditório estava ali bem na frente dela. Estava entreaberta, então Helen empurrou e entrou. Ela sabia que não era permitido ficar lá dentro. Qualquer espaço não supervisionado por um professor era proibido para os alunos, mas isso não a impediu; ela não se importava nem um pouco se fosse pega; só precisava de um momento sozinha. Havia apenas uma luz fraca no palco e estava bastante silencioso, exatamente o que Helen procurava. Sentou-se na beirada do palco e pegou o lanche. Mastigando, Helen olhou em volta e observou todos os novos cenários que estavam sendo montados. O grupo de teatro montava duas peças por ano: uma no inverno e um musical na primavera. Tentou imaginar qual peça o grupo de teatro ia montar e viu um roteiro caído na coxia. Sonhos de uma Noite de Verão. Helen abriu na primeira página e leu: CENA I. ATENAS. PALÁCIO DE

TESEU. Revirou os olhos e deixou cair o roteiro, sentindo-se presa em uma armadilha. Talvez as Moiras realmente manipulassem tudo.



198

Helen passou pelos três últimos tempos como um zumbi, mas sua sorte não duraria o dia inteiro. Quando o último sinal bateu, ela correu para o armário para chegar ao treino de corrida o mais rápido possível, mas Lucas foi mais rápido do que ela.

— Ei! — gritou ele do meio do corredor. Parecia grande e perigoso enquanto andava na direção dela, cada passo afastando um calouro do seu caminho. — Onde esteve o dia todo?

— Ocupada. Não posso chegar atrasada para o treino de corrida de novo.

Ela foi curta e grossa, e nem olhou para ele enquanto tirava as coisas de dentro do armário.

— Eu vou andando com você — disse ele.

Tentou olhar no rosto dela.

Ela manteve a cabeça baixa, cobrindo o rosto com os cabelos, e não respondeu. Seguiram pelo corredor lado a lado, no mesmo ritmo, mas naquele dia Helen se sentia ainda mais solitária com Lucas ao seu lado do que quando estava sozinha.

— Por que não me ligou de manhã? Eu poderia ter pego você mais cedo se precisava parar em algum lugar antes — falou ele quando o silêncio ficou intolerável.

— Olhe, Lucas, essa coisa toda de me dar carona até a escola é gentil, mas acho que é mais fácil eu vir de bicicleta. Então talvez devêssemos esquecer isso.

— Você não quer mais que eu a busque? — perguntou ele com a voz fria.

— Não. Não quero — disse ela.

Eles chegaram perto do fim do corredor que levava ao vestiário. Por fim ela se virou para olhar para ele, o que não deveria ter feito. Lucas parecia magoado.

— Tudo bem — disse ele, pouco mais alto que um sussurro. — Você vai me dizer o que fiz de errado, ou devo adivinhar?

— Você não fez nada de errado — respondeu Helen,

indiferente.

Ele olhou para ela à espera da mentira, mas não havia uma. A luz se dispersou em volta do rosto dele por um momento, escondendo sua expressão.



199

— Você vai para minha casa depois do treino? — perguntou ele olhando em volta, tão confuso que não sabia para onde olhar nem o que dizer.

— Sobre isso — começou Helen, tentando pensar em uma desculpa plausível.

— Você tem que ir. Ainda não encontramos aquelas duas mulheres e agora Creon está solto por aí. Aprender a se defender é mais importante do que o que eu fiz ou deixei de fazer para deixá-la brava comigo — disse ele, irritado de repente.

Helen assentiu, sabendo que era estúpido da parte dela até mesmo sugerir desistir do treinamento. Ela mal conseguia enxergá-

lo através das imagens confusas que ele criava ao refratar a luz à sua volta. Era como se por um momento houvesse três dele rodopiando, como se ela estivesse olhando através de um caleidoscópio. Manteve a cabeça baixa, com os cabelos tapando os olhos, até a imagem dele parar e ela poder olhar para ele sem ficar tonta.

— Quer que eu fique longe de você pelo resto do dia? — perguntou ele, com a voz cuidadosamente controlada.

Não, ela pensou. E sim. Ambas as respostas eram verdadeiras.

Ela não podia mentir para ele, mas a verdade, de repente, tinha ficado bastante indefinida.

— Acho que seria melhor — murmurou ela.

Ele não disse nada. Simplesmente se virou e saiu.

— Ei, Luke... tchau, Luke — disse Claire enquanto se juntava a eles. Olhou para um e para outro. — Briga?

Helen deu de ombros e pegou a mão de Claire, levando-a para o vestiário.

— Na verdade, não me importo — foi tudo o que ela teve energia para dizer.

Enquanto corriam na pista, ela perguntou sobre o dia de

Claire. Helen lhe contou o segredo do auditório e pediu a ela que contasse para Matt também, a fim de evitar um drama na amizade. Claire fez uma cara engraçada, mas não perguntou nada.

Helen sentia que o mundo todo se tornara uma enorme piada pela qual esperara com paciência, para então, depois de escutar, sentir-se insultada. Se estivesse em um show de comédia, teria se



200

levantado e saído, mas em vez disso, depois da escola, precisava ir para a casa do comediante e deixar o primo dele enchê-la de pancada.

Quando o treino terminou, Helen obedientemente pedalou até a propriedade dos Delos; chegou antes de Lucas, Jason e Hector. Desceu para as quadras de tênis, que estavam sendo convertidas em adequados ringues de lutas com piso de areia e olhou ao redor. Havia uma espada no chão. Ela a levantou e a girou para ver como era.

Sentia-se idiota demais. Helen supôs que não era uma espadachim.

— Acho que Hector quer que você aprenda a usar a lança primeiro. É a tradição — disse Cassandra, que surgira atrás dela.

— Eu não mexeria com a tradição.

Helen foi sarcástica enquanto jogava a espada no chão com a ponta para baixo, enfiando-a na areia de forma que o punho formou uma cruz acima do chão.

— Sim, você mexeria, sim. Aliás, acho que era o que sua mãe tinha em mente para você o tempo todo — falou Cassandra, com aquela voz assustadora e distante que usava em momentos cruciais. — Mas escolher seu nome foi algo que sua mãe fez no passado, e eu só consigo ver o futuro.

— Você é um oráculo! — Helen falou, impressionada.

Ela deveria ter percebido antes.

De repente, não tinha tanta certeza se queria estar sozinha com Cassandra. Havia algo de errado com os olhos dela. Helen começou a rodeá-la, sempre mantendo a mesma distância entre as duas, mas sutilmente diminuindo o espaço entre ela e a saída.

— Delfos, Delos. E o Oráculo de Delfos sempre foi um dos

sacerdotes escolhidos por Apolo — continuou Helen, tão tranquila quanto pôde, tentando manter Cassandra distraída.

— Quase. O Oráculo era um dos Descendentes de Apolo e sempre uma sacerdotisa. Uma garota — disse Cassandra, de forma amarga. — O Oráculo de Delfos é a filha de Apolo e das Três Moiras.

— Tenho quase certeza de que isso não estava no livro que você me deu — disse Helen, incerta, enquanto Cassandra puxava a



201

espada do chão, sentia seu peso, pensativa, e dava alguns passos em sua direção.

— Nenhum dos historiadores antigos ficaram sabendo disso, mas sabiam que Apolo era filho de Zeus e não um dos deuses originais. Ele era da segunda geração, um tipo de Descendente glorificado e, como nós, iria morrer algum dia.

Cassandra chegou mais perto de Helen, ainda segurando a espada.

— Então, por que ele não morreu? — perguntou Helen, cautelosa, tentando ficar calma para não provocar Cassandra. Ela deu a volta para o outro lado, sem tirar os olhos da lâmina de bronze que Cassandra ora levantava, ora deixava cair, como se não conseguisse mesmo levantá-la.

— Apolo fez um trato com as Três Moiras — disse ela, um pouco distraída por algum pensamento obscuro. — Ele ofereceu a elas algo que não podiam ter sem ele. Um bebê. Ele jurou pelo rio Estige dar a elas uma filha, e em troca elas juraram jamais cortar a linha da vida dele. Daquele dia em diante, Apolo recebeu sua imortalidade, e a cada geração uma de suas Descendentes pertence às Moiras. É a filha espiritual delas e às vezes pode ver o que as mães têm reservado para o mundo.

Cassandra estava protelando alguma coisa, Helen percebeu. O que quer que ela estivesse planejando fazer, a transtornava, mas, ainda que parecesse incerta, continuava a fechar o cerco. Enquanto fazia isso, a luz começou a dançar para dentro de sua pele, e seus olhos e dentes começaram a brilhar com o tom levemente arroxeadado da luz negra. Helen sabia que era mais velha, maior e mais forte que Cassandra, mas também sabia que era ela quem estava em

perigo. Cassandra não era o único ser dentro daquele pequeno corpo. Estava sendo visitada, e talvez até mesmo parcialmente controlada, pelas Três Moiras.

Helen observou quando Cassandra fechou sua saída. Helen podia voar, agora que sabia como se erguer no ar, mas não tinha certeza se conseguiria controlar o voo quando estivesse flutuando. Também não sabia como pousar sem que Lucas segurasse suas mãos. Mas naquele exato momento tinha mais medo do Oráculo com a espada do que de cair do céu. Helen estava prestes a arriscar



202

levantar voo quando o comportamento de Cassandra mudou de repente. Ela passou da obscura e assustadora mensageira das Moiras para uma adolescente bastante vulnerável.

— Vi uma coisa, Helen — disse ela, desesperada. — Então vi de novo e de novo. Estou tão envergonhada e assustada por não ter contado a ninguém o que vi! E sinto muito se estiver errada, pelo

bem de todos nós. Mas tenho que fazer isso... Porque... É o que vem depois.

Os olhos dela se encheram de lágrimas. Ela parecia tão atormentada que Helen faria qualquer coisa para fazê-la se sentir melhor. Ela sorriu, compreensiva, para Cassandra, que tentou controlar a respiração acelerada, assentiu e segurou o punho da espada com as duas mãos. Ela ergueu a espada por sobre os ombros e parou, esperando que Helen estivesse pronta. Helen engoliu o grito que estava pronto para sair.

Se Cassandra, o Oráculo de Delfos, tinha visto sua morte, havia sentido em lutar contra isso? Helen tinha alguma escolha?

Cassandra girou a espada. Naqueles milésimos de segundos Helen soube que teve uma boa vida, porque de repente percebeu que a amava tanto que poderia ter chorado de gratidão. Tinha amigos incríveis, o melhor pai do mundo e um corpo forte e saudável. Havia até mesmo experimentado a alegria de voar. E uma vez, apenas uma vez, no meio da noite, quase beijara o único garoto que havia desejado...

Helen sentiu cócegas e uma vibração estranha, como se alguém tivesse colocado uma flauta gigantesca na sua garganta e

soprado. Ela viu os olhos de Cassandra se arregalarem ao afastar a lâmina da lateral do pescoço de Helen e olhar para ela.

A espada estava destrocada no meio, mastigada como se fosse uma folha de papel-alumínio amassada. Em choque, Cassandra encarou Helen por um momento. Lágrimas de alívio escorreram por suas bochechas.

— Eu estava certa. — Deixou cair a espada e puxou Helen para um abraço. Então começou a pular, fazendo Helen pular com ela. — Você não está morta! Isto é... Você não tem ideia do quanto estou feliz por não tê-la matado! — dizia com a voz aguda.

— Idem — disse Helen, espantada.



203

Estava viva.

— Espere aí. Ainda temos que testar isso — disse Cassandra, empolgada, enquanto corria até um baú de armas no canto da quadra.

Ela abriu a tampa e pegou um arco e flecha. Rindo, atirou em Helen.

Helen ouviu Ariadne gritar alguma coisa atrás dela, e alguém correu em velocidade de semideus para deter a flecha, mas era tarde demais. A flecha a acertou no peito e quicou, fazendo um som de vibração. Muito tarde para mudar de curso, Jason se jogou em cima dela pelas costas e a jogou no chão. Eles rolaram juntos até ele se erguer nos cotovelos em cima de Helen e olhar o peito dela, sem acreditar.

— Eu vi aquela flecha atingir você — disse ele, veemente como se jurasse perante um júri.

— Atingiu — falou Cassandra do outro lado da quadra de tênis, radiante.

— Acho que Cassie finalmente enlouqueceu — sussurrou Hector, triste, mas nada surpreso, para Ariadne.

— Não, não enlouqueci, Hector. Eu vi isso acontecer — disse Cassandra, ainda sorrindo de orelha a orelha. — Helen não pode ser ferida por arma nenhuma. Tente você mesmo.

Ela puxou uma espada da caixa e ofereceu a ele.

— Cass, largue a espada — disse Ariadne com a mão

levantada em um gesto para acalmá-la. — Podemos conversar sobre isso.

— Não estou maluca! — gritou Cassandra, furiosa de repente.

— Ela não está maluca — disse Helen com convicção. Ela se soltou de Jason e levantou. — Vá em frente, Cass. Atire em mim.

Cassandra colocou a flecha no arco e atirou em Helen, dessa vez na cabeça. Ariadne gritou de novo, mas o grito morreu quando viram a flecha cair. Todos ficaram em silêncio por um momento.

— Não acredito! — gritou Hector, com uma pontada de inveja que o fez soar quase irritado.

— Isso doeu? — perguntou Jason, virando-se para Helen com uma expressão incrédula no rosto.



204

— Só um pouquinho — disse Helen, mas Jason estava empolgado demais para ouvir.

Ele correu até a caixa, pegou uma lança e jogou em Helen. Ela

ricocheteou.

— Está bem, isso espetou — disse Helen, sorrindo e levantando as mãos para sinalizar de forma amigável que era o suficiente. Hector, porém, pegara uma espada e já estava caminhando para ela.

— Vou parar assim que você começar a sangrar, tudo bem? — avisou ele, como se não fosse nada, antes de começar a acertá-la com a espada.

Quatro golpes e a lâmina estava arruinada.

Helen cambaleou para trás com os braços levantados e caiu.

Não estava machucada, mas o instinto de se proteger ainda existia, e Hector parecia bastante assustador quando a atacou. A chuva de golpes terminou de repente quando a espada se quebrou. Ela tentou se levantar, mas assim que conseguiu foi jogada para o chão de novo quando algo caiu do céu com violência em cima de Hector. Lucas acertou o primo por cima, enfiando-o meio metro na areia antes de se ajoelhar para bater nele.

— Lucas, pare! — gritou Helen em uníssono com Cassandra e Ariadne.

Jason não gritou, mas, como sempre, mergulhou entre os

outros dois. Em meio à sua fúria, Lucas por acidente bateu em Jason, e aquele golpe sem direção fez com que parasse e olhasse direito para os primos. Hector estava no fundo da pilha, coberto de areia, as mãos para cima, pedindo trégua. Jason estava deitado atravessado no corpo do irmão, com a boca sangrando e empurrando os ombros de Lucas para mantê-lo afastado. Lucas piscou e olhou para Helen.

— Ele estava tentando matar você. — Lucas abaixou o punho. Fez força para se concentrar em Hector, e sua voz saiu falhada como se fosse a de um garotinho. — Eu vi. Você estava com uma espada.

— Estou bem. Olhe para mim, Lucas. Nada de sangue. Estou bem — disse Helen com gentileza enquanto ia para o lado da vala.



205

Colocou as mãos nos ombros dele e tentou convencê-lo a sair de cima dos primos, que estavam assustados e ofegantes. Lucas se

permitiu ser guiado para fora da vala, dócil, confuso e cheio de remorso.

Cassandra

explicou

rapidamente

para

o

irmão

a

impenetrabilidade de Helen, enquanto Ariadne, Helen e Jason puxavam Hector para fora do buraco. Ele estava machucado, não com seriedade, mas o suficiente para não conseguir andar sozinho.

Ariadne e Jason levaram Hector para dentro de casa, tendo que o ajudar a ficar em pé enquanto ele andava. Lucas assistiu ao primo mancar, meio se arrastando pelo quintal. E precisou se sentar na areia ao ver aquilo. Três figuras vieram correndo da casa para ver o que estava acontecendo. Pallas ajudou os filhos pelo resto do caminho até a casa, enquanto Castor e Pandora trocaram palavras rápidas com Ariadne e depois se dirigiram para a quadra de tênis.

— Por que você não me avisou, Cassie? — dizia Lucas,

baixinho, enquanto Castor gritava perguntas ao entrar com Pandora na quadra de tênis.

Cassandra deu de ombros, evitando o olhar de todo mundo.

— Ela estava com medo — respondeu Helen na defensiva, cortando as perguntas de Castor. Ela pegou na mão de Cassandra e a puxou para perto, um pouco brava por eles tentarem culpá-la pelas ações de Lucas. — Ela teve uma visão de si mesma me atacando com uma espada e pensou que ia me matar. Pensou que tinha que me matar. Você teria contado isso para alguém se estivesse no lugar dela?

Pandora lançou um olhar inquisitivo para Helen como se perguntasse se ela estava bem. Helen abriu um sorriso incerto como resposta, aliviada por Pandora ter sido sensível o suficiente para manter essa troca de informações em silêncio. Então as duas voltaram à atenção para Lucas, que ainda estava em estado de choque.

— Se estava com medo, por que não falou nada para mim, Cassie? Você sabe que sempre pode me procurar — disse Lucas com firmeza, mas a irmã balançou a cabeça.

— Vocês não estão mais qualificados para serem meus

confidentes. Sou a única que pode decidir o que revelar e o que



AFTER DARK

206

manter em segredo — disse ela com tranquilidade. Cassandra saiu do lado de Helen e ficou em pé. Era como se estivesse dispensando seu sistema de apoio com um doloroso gesto. Ela respirou, ansiosa, e se virou para Helen. — Ficar lá parada, esperando que eu cortasse sua cabeça fora? — disse a mais nova, mais velha e um pouco mais melancólica Cassandra. — Foi a coisa mais corajosa que eu já vi.

Isso é porque você não podia se ver, pensou Helen.

Cassandra olhou para Lucas, que ainda estava em choque com o que fizera. Colocou a mão no ombro dele e o balançou até que o irmão olhasse para ela.

— Vamos entrar para ver como Hector está — disse ela enquanto o ajudava a se levantar.

Helen ainda estava trêmula com a adrenalina. Enquanto andava para casa, ao lado de Lucas, desejou que ele pegasse na

mão dela como costumava fazer, mas então se censurou por até mesmo pensar naquilo. Apertou o passo e andou na frente para não ficar tentada a ter pena de si.

Todos eles se sentaram à mesa da cozinha para discutir a nova descoberta, mas ninguém tinha respostas. Perguntaram a Helen se ela conseguia se lembrar de alguma vez ter se machucado com uma faca, mas a infância de Helen tinha sido impressionantemente livre de violência, em especial por se tratar de uma Descendente. Ela não conseguia se lembrar de alguma vez ter tido algo mais grave que um corte de papel. Isso acendeu um debate filosófico sobre o que se qualificava como arma; se papel podia cortá-la, mas uma lança não seria possível fazer uma lança de papel e matá-la?

— Um garfo é arma? — perguntou Jason indicando um no balcão.

Ariadne deu de ombros e com o garfo apunhalou Helen no ombro; com o contato, ele derreteu como um sorvete de casquinha.

— Acho que sim — disse Ariadne. — Talvez uma colher?

Ela se virou para encontrar uma.

— Você pode parar com isso, por favor? — disse Lucas,

nervoso. — Vamos acabar encontrando algo que pode machucá-la. Talvez até mesmo matá-la. Acho que deveríamos parar um pouco com os experimentos até descobrir por que ela é desse jeito.



AFTER DARK

207

— Concordo com Lucas — disse Castor, cauteloso. — E o quanto antes descobriremos como ela ficou assim, melhor.

— Não pode ser algo que ela tenha herdado, ou teríamos visto isso em outro Descendente antes — disse Pallas, encarando Helen como se ela fosse um inseto novo e exótico que encontrara debaixo de um tronco cortado. — Mergulhada no rio Estige? — Lançou essa ideia como se fosse a explicação mais lógica. — Ela não parece um zumbi, mas talvez Aquiles também não parecesse.

— Não. Aposto qualquer coisa que ela ainda tem alma — disse Castor, balançando a cabeça.

— E como teria chegado até o rio Estige? Há milênios não há quem tenha descendido — acrescentou Cassandra, incerta.

Descendido?, Helen se perguntou.

— E que tal algo mais básico como um revólver? — perguntou Jason, que ainda tentava entender o inacreditável talento de Helen.

— Desde quando balas são rápidas o suficiente para acertar um Descendente? Por isso ainda usamos espadas, bobão — disse Ariadne, começando a rir. — Somos as únicas coisas que se movem rápido o suficiente para matar um de nós.

— É, mas e se ela ficasse parada lá levando bala?

Tecnicamente podemos morrer assim, se formos atingidos vezes suficientes — disse ele, pensando de forma lógica.

— Não importa quantas vezes ela seja atingida por tiros. Você poderia jogar uma bomba nela e ela ficaria bem; é isso que estou tentando dizer a vocês — falou Cassandra, frustrada.

— Tem que haver uma razão por trás disso. Isso não é um talento, então ela deve ter alguma forma de proteção que desconhecemos. Vou começar a fazer algumas pesquisas e listar algumas possibilidades — interveio Pallas, ainda encarando Helen.

— Vou ajudar você, pai — falou Hector, da porta. Ele mancou para a cozinha, com o cabelo úmido do banho. — Estou doido para saber como a Faísca faz seu pequeno truque de impenetrabilidade.

— Tentei fazê-lo se deitar, mas ele não me escutou —
reclamou Pandora do corredor atrás dele.

Hector foi direto até Lucas.

— Como se sente? — perguntou Lucas, sentindo-se culpado.

Hector apertou a mão dele.



208

— Está tudo bem, irmão. Eu teria feito a mesma coisa se fosse
você — disse ele. Então lançou um de seus sorrisos travessos. — Só
que eu teria batido mais forte.

Eles se abraçaram como se todo o confronto estivesse
esquecido. Ariadne começou a fazer uma pergunta a Pandora, mas
Helen não conseguia segurar a língua por nem mais um segundo.

— Alguém pode, por favor, me dizer por que vocês todos me
chamam de Faísca? — estourou frustrada. — E se eu for espetada
mais uma vez esta noite, vou perder a cabeça! — acrescentou,
virando-se para Jason que se esgueirava por trás dela segurando

um grampeador.

— Você ainda não contou pra ela? — falou Cassandra com Lucas, incrédula. — Você deveria ter feito isso há dias.

— Eu ia contar hoje, mas não tive oportunidade — respondeu ele, olhando para o chão.

Helen pensou em como ele correria atrás dela no corredor depois da aula, como se tivesse algo urgente para dizer, e em como ela dissera que não queria vê-lo. Mas isso era culpa dele, ela se lembrou. Era ele quem se forçava a ensiná-la como lutar e como voar, certo?

— Bem, conte agora, então — disse ela na mesma hora.

Lucas lançou um olhar significativo para ela. Seus olhos estavam bravos.

— Você pode criar relâmpagos. Eletricidade. Não sei qual a carga que você consegue gerar, mas, de acordo com o que senti, e de acordo com o que Hector sentiu no supermercado, acho que deve ser grande.

— Relâmpago? — disse Helen incrédula.

Ela se lembrou de Hector em convulsão quando tocou nela no supermercado, então pensou em Lucas soltando-a abruptamente

no corredor na primeira vez em que ela o vira. Estivera com tanto medo dos dois, tão desesperada para se defender... Seria possível que tivesse invocado um poder que jamais soubera ter? Ela criara relâmpagos?

Em algum lugar no fundo da mente ela viu uma luz azul e Kate cair no chão. Um pensamento terrível lhe ocorreu. Ela tentou



209

bani-lo, como sempre fizera desde a infância, mas dessa vez ele não foi embora.

— Achamos que isso significa que você é Descendente de Zeus

— disse Cassandra. — Mas de qual Casa, ainda não está claro. As quatro Casas foram fundadas por Zeus, Afrodite, Apolo e Poseidon.

Afrodite e Apolo eram filhos de Zeus, então, Descendentes das Casas deles poderiam apresentar suas características também. A quarta Casa, a Casa de Atenas, foi fundada por Poseidon, então, pode ser eliminada. Bem, talvez.

— Minha Casa? — disse Helen, ainda tão submersa em pensamentos que achava difícil entender o que diziam.

Ela estava se lembrando de um clarão azul no passado e de um homem assustador que ficava tentando tocar em seus cabelos, e que voou para longe dela nos fundos da balsa de Nantucket. O cheiro de queimado tomou sua garganta. Helen passou a mão pelo rosto e tentou sepultar de novo aquela lembrança. Ela sempre acreditara que não poderia ter sido a causa daquilo. E pior: será que ela tinha machucado Kate também?

— Quando falamos sua Casa, queremos dizer sua herança, Helen — disse Castor de forma gentil, percebendo a inquietação de Helen. — Zeus teve muitos filhos, então sua Casa não pode ser apontada com certeza. Mas não se preocupe, ainda estamos tentando descobrir quem era seu pessoal.

— Obrigada — murmurou Helen ainda confusa.

— Você ainda não consegue controlar os relâmpagos; eles parecem irromper quando está chateada — disse Lucas depois de uma longa pausa.

Ele olhava para ela de forma estranha.

— É como uma arma de choque? — perguntou Helen ansiosa,

de repente saindo de seu transe.

— É — respondeu Hector, como se lembrasse das duas sensações e as comparasse mentalmente. — Só que mais forte.

— Dói muito? — perguntou Helen baixinho. Sentia um embrulho no estômago.

— Imagino que sim — disse Hector dando de ombros de forma condescendente. — Se treinar bastante, acho que você logo vai conseguir gerar uma carga letal.



210

— Isso não será necessário — disse Helen, levantando-se de um pulo, horrorizada com a sugestão e consigo mesma.

— Espere, Helen, poderia ser bom — replicou Jason. — Você poderia aprender a usar seus relâmpagos, em vez de lutar.

— Você não precisa usá-los para matar. Só para derrubar as pessoas — emendou Lucas, ciente então de que algo perturbava muito Helen.

Ele não poderia saber que o que dizia para melhorar a situação somente piorava tudo. Helen pensou no corpo inconsciente de Kate; em como ela tivera convulsões daquele jeito horrroso quando a luz azul brilhara, em como a cabeça dela pendera para trás e a boca se abria sem controle quando Helen a pegara do chão. Ela não conseguia tirar da cabeça aquelas imagens assustadoras, então começou a andar, apertando as mãos para dispersar a energia nervosa que sentia. Sabia que todos olhavam para ela. Levantou o rosto e trocou olhares com Pandora, que estava claramente atenta à estranha reação dela.

— Por que não falamos disso amanhã? — disse Pandora para todos. — Hector precisa comer e os outros precisam de um banho. Sem ofensa, mas que fedor, gente.

Ela conseguiu arrancar algumas risadas, mas o mais importante foi que tirou o foco de Helen, que sorriu agradecida.

— Você está bem? — cochichou Ariadne no ouvido de Helen enquanto a família se dispersava.

Helen apertou a mão dela e tentou sorrir, mas não tinha ideia do que dizer. Começou a andar na direção da porta.

— Eu levo você para casa — afirmou Lucas por sobre o ombro,

terminando a breve conversa com o pai e o tio.

— Fiquei de vigiar Helen esta noite — disse Jason, desculpando-se.

— E estou com minha bicicleta — disse Helen.

Ela não aguentaria ficar sozinha com Lucas.

— Não me importa — replicou Lucas bruscamente. Ele encarou Jason por um momento, com os olhos bastante expressivos, e então se virou para Hector. — Preciso da sua caminhonete — disse ele mal controlando a raiva.



211

Hector assentiu, olhando para Helen e depois para Lucas com algo próximo de compreensão.

Lucas agarrou a mão de Helen e a puxou para fora. Colocou a bicicleta na traseira da SUV de Hector, segurou a porta para Helen enquanto ela entrava e saiu da garagem sem dizer uma palavra.

Uma vez fora da propriedade Delos, ele parou o carro em um dos

vários mirantes da ilha, virou-se no banco e encarou Helen.

— O que está acontecendo? — perguntou irritado, frustrado e assustado, tudo ao mesmo tempo.

Helen não tinha uma resposta.

— Você pode pelo menos me dizer o que eu fiz de errado?

— Eu já disse, você não fez nada — respondeu Helen, olhando para o colo.

— Então por que está me tratando desse jeito? Olhe para mim

— pediu ele, pegando a mão dela.

Ela encarou as mãos unidas como se fosse a primeira vez que via aquilo.

— Que diabos é isso? — perguntou ela, puxando a mão em repulsa. — Quer saber de uma coisa? Retiro o que disse. Você fez algo. Você me provocou.

O rosto inteiro de Lucas se contraiu. Helen não tinha motivo algum para ainda ter esperança depois do que ouvira na noite anterior, mas por alguma razão, havia uma minúscula centelha brilhando dentro dela que dizia que talvez, de alguma forma, ela houvesse entendido mal. Ou que ele mudaria de opinião. Mas a centelha se desvaneceu por completo quando Lucas assentiu.

— Eu provoquei você — disse ele, apertando os olhos e fechando os punhos com tanta força que Helen, por um momento, pensou que fosse arrancar o volante. Sua voz estava grave, quase um rosnado. — Você e eu não podemos ficar juntos, então tire isso da sua cabeça e vamos seguir em frente.

Helen soltou o cinto de segurança e saiu do carro.

— Espere, por favor — começou a falar Lucas, quase como se estivesse com dor, mas Helen bateu a porta e o interrompeu.

— Esperar para quê? Para você me dizer que eu sou uma garota bem legal, mas que você jamais tocaria em mim? Obrigada,



212

já entendi essa parte. Agora abra a parte de trás para eu pegar minha bicicleta — explodiu ela.

Sua voz soou estranha para ela, tão amarga e carregada de sarcasmo que parecia ser de outra pessoa.

— Prometo que não digo nada pelo resto do caminho se você

quiser. Só me deixe levá-la em casa — replicou Lucas, tranquilo.

Ela detestava o fato de ele estar calmo.

— Abra a porcaria da porta, ou eu a arranco! — gritou Helen de volta.

Ela sabia que estava fazendo papel de boba, tendo um ataque de raiva no meio da estrada daquele jeito, mas não conseguia evitar. A humilhação saía por todos os seus poros e ela precisava se afastar dele o mais rápido possível. Também não queria deixar nada para trás, nada que a forçasse a voltar mais tarde para recuperar o que era dela.

Ela ficou em pé, atrás do carro dele, com a cabeça baixa e os braços cruzados com força sobre o coração partido. Sabia que Lucas estava olhando para ela pelo espelho retrovisor, então saiu do seu campo de visão. Finalmente ele abriu a porta de trás. Ela então pegou a bicicleta e saiu pedalando sem dizer mais nenhuma palavra.

Quando chegou em casa, caiu na cama sem nem mesmo tirar as roupas. Podia ouvir Jason se movimentando na sacada enquanto ele se ajeitava para a noite, mas não se sentia culpada em deixá-lo lá em cima. Tudo o que Helen queria era correr para bem longe da

família Delos o mais rápido que podia.

* * *

Ela estava na fronteira das terras áridas, em um lugar novo, que tinha visto de longe, mas que jamais pensara poder alcançar. Ainda era rochoso, mas, entremeadas de tufos de grama tão afiada quanto lâminas, havia ruínas de mármore esculpido, milhares de colunas típicas do Parthenon. Antes houvera um império ali. Não mais.

Bem longe, havia a promessa de um rio. Helen não sabia se podia ouvi-lo, ou se sentia a maior concentração de umidade no ar, mas sabia que havia água corrente por perto. Sentia-se tão seca e vazia por dentro. Onde estava o rio?



213

Enquanto procurava, olhou para a construção destruída e leu os nomes gravados nas laterais. Gracus e Lucinda. Ethan e Sarah. Michael e Erin. Ao longo do que pareceram dias, ela correu os dedos

*pelos nomes esculpidos nos ossos fragmentados de amores
arruinados, pisando nos pilares quebrados de promessas não
cumpridas e, com as mãos, tirando a poeira das lápides no cemitério
do amor. Todo tipo de morte tinha um lugar para descansar nas
terras áridas.*

Ela andou até os pés sangrarem.

* * *

Helen acordou em um quarto repleto de uma triste luz azul. Tentou se virar na cama e sentiu-se amarrada ao colchão, como se tivesse sido atacada no meio da noite pelos liliputianos. De alguma forma, durante o sono, ela havia tirado a blusa e os sapatos, mas o jeans estava tão preso ao lençol que precisou se jogar da cama e lutar contra ele para se desenrolar. Foi uma batalha feia, em especial porque ainda estava coberta de areia da vala que Lucas cavara com o corpo de Hector, de sangue seco dos pés cortados e um pó cinza das terras áridas. Os pés haviam cicatrizado, claro, mas ainda havia marcas de sangue incrustadas no lençol, que estava arruinado; teria que comprar outros. Por sorte, seu pai era muito melindrado com assuntos femininos para fazer perguntas. Ela conseguiu tirar o jeans a caminho do banheiro e entrou no

chuveiro antes mesmo de a água ter chance de esquentar. Abrindo a boca, ela bebeu tantos goles do jato frio quanto conseguiu. Estava tão seca por dentro. Seu corpo doía por ter andado centenas de quilômetros debaixo do sol, e a água fria era como uma bênção, mesmo que a fizesse tremer. Helen olhou para a própria pele e observou a água formando pequenos rios, desviados por seus pelos arrepiados. Isso fez com que pensasse no rio que vira de longe antes de acordar.

Não conseguia se lembrar dele.

Sabia que havia sentido um alívio pelo qual valia a pena suspirar e apenas uma coisa poderia ter feito com que ela sentisse isso nas terras áridas: água. Mas não conseguia se lembrar de nada.



214

Como podia esquecer um rio nas terras áridas? Era

impensável, então parou de pensar nisso.

Estava incomodando-a o fato de que seu cérebro se recusava a pensar naquilo. Andou, ainda nua e pingando, até a penteadeira do quarto, pegou um velho delineador verde que Claire deixara para trás da última vez que havia dormido lá e escreveu no espelho: O RIO DE QUE NÃO CONSIGO ME LEMBRAR, só para o caso de esquecer novamente. Então se vestiu.

Estava ficando frio lá fora, e o ar estava úmido com a neblina.

Helen fechou o zíper da jaqueta até o pescoço e se arrependeu de não ter calçado as luvas. Enquanto pedalava para a escola, teve que manter a mão no bolso e a outra no guidom, e então trocar, quando a mão que usava ficava adormecida.

Quando chegou, viu Lucas esperando no estacionamento, encostado em um Audi que já vira na garagem dos Delos, mas que nunca havia visto Lucas dirigir. Isso a fez lembrar o quão estúpida tinha sido de pensar que ele iria beijá-la naquela noite na garagem. Abaixou a cabeça e se apressou na direção do prédio, sem cumprimentá-lo. Ele deu um passo atrás dela e abriu a boca para dizer alguma coisa, mas parou e deixou que ela fosse embora.

Quando Helen chegou à porta, ouviu Claire chamá-la. Ela

parou e esperou a amiga alcançá-la.

— Vocês estão brigando? — perguntou ela, olhando para Lucas, ainda apoiado no carro. Quando deu uma olhada e viu como Helen estava terrível, exclamou: — Minha nossa! Que diabo aconteceu com você?

— Não dormi direito a noite passada — murmurou Helen.

— Você está com olheiras, Len. Como se não dormisse há semanas. — reagiu Claire, parecendo bem preocupada. — Você chorou muito?

— Não. Nem um pouco — disse Helen.

Era verdade. Estava triste, mas nunca tinha vontade de chorar quando estava deprimida; só queria dormir.

— Você pode me dizer o motivo da briga? — perguntou Claire, cautelosa.

— Não teve briga, sério. Lucas só não quer ficar comigo — disse Helen.



Ela fechou os punhos dentro dos bolsos. Sentia que se tensionasse os músculos poderia controlar os movimentos.

— Não acredito nisso — disse Claire, incrédula. — Ele deu um soco na cara de Hector só por ele conversar com você e quase anunciou para a escola toda que você era namorada dele.

— Bem, imagino que ele tenha mudado de ideia, então — disse Helen dando de ombros.

Ela não tinha forças para discutir; mal tinha energia para colocar a combinação em seu armário. Estava tão cansada por ter andado durante semanas, mas aquilo fora um sonho, não? Como poderia estar fisicamente exausta devido a algo que só acontecera em sua mente?

— Você está falando sério, não está? — perguntou Claire, estudando a postura encurvada de Helen.

— Estou, sim. Ele não me quer, Claire. Ele mesmo me disse isso. Podemos deixar isso para lá agora? Estou muito cansada.

— Claro. Sem problema — disse Claire, esfregando as costas de Helen.

Por um segundo Helen se apoiou na amiga em um abraço de

lado.

— Droga. Vou matá-lo — propôs Claire.

Helen tentou rir, mas o que saiu mais pareceu uma tosse seca.

— Obrigada, mas não. Não quero que ele morra — disse Helen, arrastando os pés atrás de Claire até a sala de aula.

O Sr. Hergeshimer perguntou sobre a saúde dela assim que teve chance de compreender o quanto ela parecia arrasada. Helen assegurou estar bem e, depois de avaliar o rosto dela de maneira cética por um momento, ele desistiu e voltou a importunar Zach sobre sua escolha para a palavra do dia. Matt, sussurrando, perguntou a Helen se o estômago dela estava melhor e então repetiu

sua sugestão de que devia parar de correr.

— Você está ficando muito magra mesmo — disse ele, parecendo demais com o pai dela.

O resto da manhã foi igual. Todos os professores perguntaram se ela precisava ir à enfermaria e seus conhecidos estavam preocupados que ela ainda não houvesse melhorado de seu “ataque” durante o treino no outro dia. Exceto Zach.



AFTER DARK

216

— Eu nem fazia ideia de que você era tão rápida, Hamilton — disse ele, enquanto corria para alcançá-la no corredor.

— É, eu sou bem rápida — rebateu ela, tentando parecer desinteressada.

— Logo antes de você cair, eu a vi correr atrás daquele cara sem camisa e percebi que todos esses anos eu havia entendido tudo ao contrário. Sempre achei que era você quem gostava de ser perseguida, sendo tão irritante e tal — disse ele, zombando dela. — Mas é difícil acreditar que qualquer garoto pudesse correr mais que você. Acho que nunca vi alguém correr rápido daquele jeito.

— Espere, você contou para Gretchen? — perguntou Helen com um aperto no estômago. — Pensei que tivesse sido o contrário.

— Tenho que admitir — disse ele, sarcástico —, quando você quer, consegue se mover tão rápido que não parece humana. A única outra vez que vi alguém se mexer rápido daquele jeito foi

quando um daqueles garotos Delos estava bancando o herói durante o treino de futebol, e um calouro caiu do outro lado do campo...

Zach foi interrompido pelo professor de história de Helen, que gesticulou para ela entrar rápido na sala de aula.

Por enquanto Helen estava salva, mas pelo jeito que Zach olhava para ela teve a sensação de que aquilo não era o fim do problema. Ela tentou tirar aqueles pensamentos da cabeça, dizendo para si mesma que ele podia espalhar quantos boatos quisesse, mas todo mundo pensaria que ele estava exagerando. Zach gostava de fofocar, mas, apesar de as pessoas em geral darem ouvidos a ele, a velocidade de Descendente era algo que se precisava ver para crer.

No caminho para encontrar Matt e Claire no auditório, Helen foi interceptada por Cassandra e Ariadne. Perguntaram onde estava indo e ela não quis mentir, então as convidou.

Quando a área estava limpa, elas se esgueiraram pela saída de incêndio destrancada e entraram no auditório pela parte de trás do palco. Matt e Claire já estavam sentados na beirada do palco, o almoço espalhado em guardanapos como se fosse um piquenique.



AFTER DARK

217

— Bom. Você convidou as meninas — disse Matt assentindo satisfeito quando viu que Helen não estava sozinha. — Mas é melhor não trazer mais ninguém, ou seremos pegos.

— Provavelmente seremos pegos de qualquer forma — disse Claire, sorrindo. — Mas vale muito a pena. Onde mais poderíamos ter esta atmosfera?

Ela indicou o cenário bonito e brilhante que era construído pouco a pouco.

Cassandra e Ariadne olharam ao redor apreciando em especial as partes do cenário que seriam o palácio de Teseu. Elas compartilharam um sorriso conspirador com Helen, que conseguiu levantar metade do rosto em algo quase parecido com um sorriso. A parte da terra das fadas do cenário de Noites de Verão agradou Helen, mas os pedaços gregos a perturbaram. As colunas gregas estavam pintadas pela metade e caídas no chão, como se tivessem

sido derrubadas, e fizeram Helen pensar na árdua jornada da noite anterior.

Ela não queria voltar nunca mais às terras áridas, mas se pudesse encontrar o rio... Espere, que rio?, pensou. Virou de costas para as colunas semiconstruídas e sentou-se perto de Claire para almoçar.

Helen fez o melhor que pôde para entrar na conversa, mas mal tinha forças para mastigar, quanto mais para rir e fazer piadas. Ela percebia que os amigos estavam sendo inteligentes e divertidos, pela forma como Cassandra e Ariadne reagiam, mas era difícil ficar acordada, e impossível participar da conversa.

Ficava pensando em voar. Bem, na verdade ela se pegava pensando em Lucas, mas assim que os pensamentos iam nessa direção, ela desviava a imaginação e pensava em voar. Talvez tentasse de novo, mais tarde, decidiu, mas dessa vez faria dentro de casa, para não correr o perigo de sair flutuando por aí. Embora a possibilidade de sair voando com a brisa não parecesse uma ideia tão ruim naquele momento.

— Lennie! O sinal está tocando — disse Claire, já com a bolsa no ombro.

Helen levantou de um pulo e juntou suas coisas enquanto os amigos se entreolhavam atrás dela.



218

* * *

Claire tentou conversar com Helen durante o treino de corrida, mas acabou desistindo quando Helen ficou desviando a conversa para perguntar sobre Claire. Helen não queria compaixão e não queria falar sobre si mesma. Só queria desligar o cérebro e flutuar. Claire acabou entendendo e começou a falar sobre o luau na praia naquela noite. Ela não conseguia decidir se pegaria carona com Ariadne ou não.

— Por um lado, quero conhecê-la melhor, mas isso significaria ter que ir com Jason também, e ele sempre encontra um jeito de começar a discutir comigo. Você tem certeza que não pode tirar a noite de folga no trabalho? Poderíamos pegar um carona com Matt juntas — disse Claire, otimista.

— Você sabe que não posso.

— Se pedisse a Kate, tenho certeza de que ela não se importaria — tentou convencê-la Claire.

— Claire, não quero mesmo passar a noite sentada na areia fria vendo as pessoas se beijarem — disse Helen, incisiva. — Mas você deveria ir e se divertir. E, quem sabe?, talvez você e Jason se deem bem hoje à noite, para variar.

Claire se lançou em um discurso sobre como Jason era chato por sempre discordar dela. Escutando sem muita atenção, Helen manipulou as correntes de ar ao redor, praticando o voo com gravidade. Mal podia esperar para chegar em casa à noite depois do trabalho e tentar.

* * *

Escondido atrás de uma duna de areia, Creon contava os minutos que passavam enquanto seus primos Hector e Jason ficavam submersos. Ele não sabia desse talento e estava feliz porque as circunstâncias o levaram a testemunhar aquilo. Perdera Lucas de vista mais cedo, o que acontecia muitas vezes, considerando que o priminho podia voar, então teve que se conformar em seguir Jason e Hector para aquela ridícula festa na

praia. Enquanto assistia aos primos furarem ondas enormes e saírem delas sem problemas, ele espumava de indignação. Todo aquele talento desperdiçado em covardes que tinham medo demais dos deuses para desafiá-los, e que se interessavam demais por seus



219

próprios prazeres para pensar nas implicações que paquerar garotas humanas, poderia ter para a Casa inteira.

Jason passou a maior parte da noite conversando com uma garota japonesa. Ele parecia conseguir se controlar quando estava com mulheres, mas com Hector a história era diferente. Ainda nem era meia-noite e Creon já tinha visto Hector rolando na areia com duas garotas diferentes. Ele não sabia o quanto era fácil para Descendentes engravidarem mulheres mortais? Será que o primo idiota realmente queria que seu primeiro filho fosse de uma garota tola sem personalidade? Estava claro que Hector não se importava com a Casa deles, do contrário não perderia tempo com garotas tão

bobas. Isso o irritava tanto que Creon teve que olhar para o outro lado e ranger os dentes. Havia apenas uma garota na ilha que tinha o mesmo status que qualquer um deles. Somente uma merecia sua atenção.

Helen. Mas Lucas não saía de perto dela nem por um momento, o que forçou Creon a se manter a distância. Ele não podia confrontar os primos de forma direta, ou estragaria sua missão secreta, mas houve momentos em que Creon levou isso em consideração. O rosto de Helen ficara gravado em sua memória. Ele pensou de novo no confronto entre os dois. O medo e a ira nos olhos dela enquanto o perseguia foram tão puros, tão ardentes, que tinha sido quase difícil demais resistir. Ela era poderosa e ainda tão desconhecedora de seu potencial que era quase indefesa. As mãos dele tremeram com a ideia de conquistá-la, mas precisava ser paciente.

Sua mãe implorara para que ele esperasse até que ela pudesse, com calma, perguntar por aí e descobrir se havia a possibilidade de alguém ter deixado um bastardo em Massachusetts. Creon concordou relutante em esperar uma semana pela resposta, mas já sabia qual seria. Mesmo não tendo

visto as Fúrias quando a encontrou pela primeira vez, ele sabia que Helen não era sua prima.

Havia boatos de que alguns Descendentes no passado descobriram uma forma de enganar as Fúrias, e Creon acreditava que Helen estivesse incluída nesse caso. A mãe dele disse que tal coisa era impossível, que todas as outras Casas haviam sido



220

destruídas, mas Creon tinha mais certezas do que somente um pressentimento. Os traidores a guardavam como se fosse o último inimigo Descendente, e ela era tão despreparada, tão ignorante a respeito do que e de quem era, que parecia óbvio para Creon que ela havia sido escondida de propósito de todas as Casas, até mesmo da sua própria. Mas, acima de qualquer uma dessas razões, era o corpo de Creon que lhe dizia que ela não era sua parente. Ele havia conhecido dezenas de primas, todas bonitas como as filhas de Apolo deveriam ser, mas nenhuma o mantivera acordado à noite como

Helen. Ele sabia que ela era de outra Casa.

Creon era obrigado por dever familiar a assistir e esperar por mais alguns dias, a fim de continuar fiel à promessa que fizera à sua mãe, mas muito em breve ele teria a prova. Estava disposto a encarar esse desafio e, apesar de haver alternativa para a unificação das Casas além de combate, Creon se forçou a não pensar sobre isso, não importava o quão tentador fosse. Essa era a única chance de ele alcançar a glória que merecia, a última chance dessa glória para qualquer Descendente. Havia outro Triunfo esperando para ser capturado; no seu coração, ele sabia que esse Triunfo abriria os portões de Atlântida.

Creon estava destinado a ser o Descendente que faria sua família imortal e por isso seu pai o honraria acima de todos os outros.



AFTER DARK



221

12

Helen ouviu alguma coisa no telhado. Subiu as escadas e correu até a sacada; abriu a porta o mais rápido que pôde, mas a sacada estava vazia. Suspirou, aliviada. Não queria mais nenhum dos Delos dormindo no telhado. Principalmente, não queria Lucas por perto enquanto tinha pesadelos, e acabara de acordar de um dos piores. Olhou ao redor na sacada vazia, sentindo-se desolada e sozinha, mas não tinha certeza se era devido ao sonho ou à sua vida real.

Desceu para o quarto e se forçou a notar o que escreveu no espelho. Então escreveu EU VI DE NOVO com o delineador verde de Claire e se obrigou a encarar as palavras. Já era a segunda noite seguida que ela havia visto o rio de que não se lembrava. Ela revirou o cérebro tentando encontrá-lo, mas os olhos da mente insistiam em olhar para outra direção. De repente, viu seu próprio reflexo no espelho e suspirou.

As bochechas estavam fundas, a camisola, bagunçada, e os braços e as pernas, cobertos por uma lama preta nojenta. Sujeira de rio.

Tinha visto um rio com margens escuras e águas cinzentas. Ela conseguia se lembrar de sentir sede e de não poder beber. Mas por que era tão difícil pensar em qualquer outra coisa que acontecera? Concentrou seus pensamentos na tentativa de trazer a memória à tona.

* * *

A sede a atormentava, então desceu até a água. Ela se inclinou para as margens imundas de lama preta e viu peixes pálidos e aleijados trombando sem jeito para todos os lados, como se tivessem



222

esquecido de como nadar. Ela se afastou do rio, recusando-se a beber daquela água, mesmo que morresse de sede com o som das águas correndo em seus ouvidos...

* * *

Helen correu para o banheiro e se jogou no chuveiro, se

esfregando para tirar a lama preta e lavando a boca com goles e mais goles de água. Sentia-se poluída. Esfregou-se até a pele ficar vermelha e os olhos arderem por ficarem abertos debaixo da água. Quando saiu do chuveiro, arrastou os lençóis e a camisola até a máquina de lavar. Não havia sangue desta vez, mas Helen duvidava que conseguiria se livrar daquela lama. Colocou meio copo de alvejante dentro da máquina e certificou-se de que a água estava quente, na esperança de ser capaz de salvar alguma coisa. Então voltou para cima para limpar as pegadas que deixara pela casa. Era sábado de manhã e normalmente seu pai estaria em casa durante o dia e trabalharia à noite, mas ele decidira trabalhar dobrado para dar um dia de folga a Kate. Helen tinha um pressentimento de que os dois estavam se evitando. Tentara falar com Kate sobre isso na noite anterior, depois que Claire saiu para a festa, mas não teve energia para pressionar Kate a dar mais informações. Tudo parecia enfadonho para Helen. Abafado, como se os sentimentos estivessem estocados, enterrados debaixo de montes de pacotes de amendoim.

Helen foi para o quarto e alternava entre ativar e desativar a gravidade, flutuando e caindo até descobrir como balançar as

pernas e aterrissar nas pontas dos pés em vez de cair esparramada. Trabalhou um pouco com as correntes de ar, mas não conseguia fazer mais do que ajustar sua posição enquanto flutuava sem arriscar fazer o quarto em pedaços. Depois de algumas horas, o telefone, que não parava de tocar, a fez sair. A família Delos queria saber por que ela ainda não estava na casa deles para treinar, e eles não parariam de ligar até que ela atendesse.

Helen estivera pensando. Não via razão para aprender como usar uma espada se armas não a machucavam, e ela não precisava lutar já que podia simplesmente sair voando. Sabia que Hector e Jason acabariam indo até a casa dela para procurá-la, então vagou do lado de fora sem destino definido na esperança de que um pouco



223

de velocidade a ajudasse a limpar a mente. Vestia jeans e um suéter, que não eram lá muito apropriados para corrida, mas não importava. Assim que saiu do centro da cidade, ela pegou a Polpis

Road para o leste. Não se importava onde chegaria, desde que ficasse longe das pessoas. Enquanto corria, percebeu que já fora naquela direção uma vez e, apesar de não querer pensar em seu primeiro voo e em tudo o que veio depois, sabia que aquele era o lugar perfeito para encontrar a solidão que procurava.

O sol estava se pondo, e ela se sentia agradecida por estar entorpecida suficiente para experimentar algo bonito sem que seus pensamentos deprimentes se intrometessem e arruinassem tudo.

Olhando ao redor, ela viu um farol familiar. Olhou para a areia sob seus pés e se perguntou se era a mesma areia que acolhera Lucas e ela quando eles estavam com tanta dor. Quando morreram por um momento, ela se deu conta.

Assim que o pensamento lhe ocorreu, ela soube ser verdade.

Eles fizeram mais que somente sofrer terríveis ferimentos naquela noite: eles haviam começado a fazer a travessia. Ou pelo menos Lucas começara, e ela o seguira para detê-lo. E lá havia um rio...

Espere, que rio?

— Ei! Que diabos você pensa que está fazendo? — gritou

Hector.

Ele estava furioso e a seguira até a praia, suas pernas

avançando muito mais rápido do que um humano conseguiria, enquanto ia na direção dela.

— Como me encontrou? — vociferou Helen.

— Seus movimentos não são tão difíceis de adivinhar — zombou ele. — Agora trate de levar seu traseiro até minha casa.

— Não quero mais praticar. Não faz sentido — gritou Helen por sobre o ombro enquanto se virava para ir embora. — Só quero que me deixem sozinha.

— Você quer que a deixem sozinha, é, princesa? Sinto muito, não funciona assim — disse ele enquanto segurava os ombros dela e a girava.

Isso foi a gota d'água. Ela deu uma gargalhada histérica — era isso ou começar a chorar — e empurrou Hector para longe. Com força.



224

— O que você vai fazer? O quê? Vai me bater até a morte?

Você não pode! Não é forte suficiente — falou Helen enquanto socava os ombros dele várias vezes, tentando instigá-lo a lutar. — Então vá pegar uma espada. Pode ir. Ah, espere, esqueci. Isso também não me machuca. Então, o que vai fazer, seu valentão? O que tem a me ensinar?

— Humildade — respondeu Hector com calma.

Ele se movimentou rápido, mas também estava refratando a luz, como Lucas. Enquanto ela tentava focar os olhos, irritada porque nem mesmo pensou que Hector também pudesse ter esse talento, ele a agarrou, jogou-a por sobre os ombros e começou a andar na direção da água.

Irada, Helen, pela primeira vez, usou toda a sua força contra ele. Não se importou com o quanto o machucaria. Ela empurrou até se soltar e ouviu o braço de Hector quebrar quando se afastou dele. Então mudou de estado para sair voando. Quando invocou um vento para levá-la embora, ele a agarrou com a outra mão; sua mão mais forte. Helen se deu conta, um pouco tarde demais, que Hector permitira que ela quebrasse seu braço esquerdo para que escolhesse usar a falta de peso — falta de peso e fraqueza momentânea. Antes que ela pudesse digerir o que Hector fizera, e

voltar para o estado de gravidade de modo a recuperar vantagem suficiente e empurrá-lo, ele a puxou com facilidade para dentro da água, onde a falta de peso dela era inútil.

Hector andou para dentro da água, avançou e mergulhou até que ambos estivessem submersos por completo no que para Helen pareciam metros e metros de água escura. Ela lutou inutilmente. Esse era o elemento de Hector, e ele tinha total controle. Podia até mesmo falar e ser ouvido debaixo da água.

— Você não é a única com talentos, princesa — falou ele.

Não havia bolhas saindo de sua boca, somente o discurso claro. Ele podia respirar, podia falar, podia andar no fundo do mar como se estivesse em terra firme. Helen por fim entendeu porque Hector a aterrorizava tanto: ele era uma criatura do oceano, e ela morria de medo do oceano.

Desde quando quase se afogara quando criança, Helen suspeitava que o oceano tivesse alguma coisa contra ela, mas



jamais contara isso a alguém porque tinha certeza de que pensariam que era doida. Agora, quase uma década depois, enquanto olhava nos olhos azuis vazios de Hector, sabia que sempre estivera certa. Helen resistia e se contorcia naqueles braços implacáveis. Enormes bolhas saíam de sua boca enquanto gritava em pânico silencioso. Ela arranhava o rosto dele e chutava, mas não havia nada que pudesse fazer para que a largasse. Iria se afogar.

Ácido efervesceu em suas veias e sua visão escureceu enquanto ela começava a desmaiar. Quando seus olhos fecharam, sentiu que ele segurava suas pernas, rebocando-a de volta para a praia. Pelo tornozelo, ele a transportou para fora da água e depois a balançou por sobre a cabeça e para baixo, em direção à areia, como se ela fosse um martelo, com força suficiente para deslocar o líquido acumulado nos seus pulmões. Ela vomitou água salgada que fez sua garganta arder e tossiu até os ouvidos estalarem e ouvir o sangue pulsar em sua cabeça.

— Se estivesse treinando comigo hoje, você saberia que pode usar os relâmpagos debaixo da água — disse ele, dando um tranco

no braço quebrado para colocar os ossos no lugar com um estalo aflitivo. Ele gritou e caiu de joelhos, ofegante por um momento, antes de continuar, por entre os dentes. — Mas você não apareceu para o treino.

Sentaram-se lado a lado na areia por algum tempo, ambos machucados demais para se mexer. Enquanto cicatrizavam, o sol se pondo parecia desistir do dia e pular de cabeça na água. O céu ficou escuro.

— Pensei que você fosse Descendente de Apolo — falou Helen, com a voz rouca.

Suas cordas vocais ainda estavam danificadas, mas, de qualquer forma, não precisava falar mais nada. Hector não tinha lhe parecido o membro mais inteligente do clã Delos, mas Helen começava a suspeitar que, mesmo não se dedicando à leitura tanto quanto Cassandra, ele era inteligente, como o restante da família.

— Uma deusa menor do oceano chamada Nereida se envolveu com nossa Casa em algum momento. Há muitos deuses menores e espíritos da água ou da floresta correndo por aí, e coisas acontecem



AFTER DARK

226

ao longo de milhares de anos. Nenhuma das linhagens das Casas ainda é Descendente pura de um deus ou outro, e todas as gerações mais jovens de Descendentes têm mais talentos que seus pais — respondeu ele.

— Por quê?

— Cassandra acha que tem a ver com o fato de as Moiras quererem que os Descendentes adquiram mais talentos e fiquem mais poderosos para então poderem dominar Atlântida, mas pessoalmente acredito que seja só porque todos nós somos vira-latas. Meu tatarata-tataravô dormiu com uma ninfa, e eu ando debaixo da água. Você não precisa das Moiras para explicar isso.

— Foi assim que soube que eu posso me afogar? Porque você tem poder sobre a água?

— Isso foi bom-senso. E não tenho poder sobre a água, só me sinto à vontade nela — disse ele, e se virou para olhá-la nos olhos.

Quando continuou, foi em um tom excruciantemente similar à voz que Lucas tinha usado quando a ensinara a voar, e isso emocionou Helen. — Você ainda não pensa como uma lutadora. Tem todos esses talentos impressionantes, talentos pelos quais a maioria dos Descendentes trocaria metade da vida, mas você não consegue usá-los porque não pensa de forma tática. Só pare e use a cabeça por um segundo. O oceano não é uma arma, mas pode matar. O ar não é uma arma, mas se eu a privasse dele, você morreria. A Terra não é uma arma... — começou.

— Mas se eu batesse você nela com força suficiente... Entendi — terminou ela engolindo com dificuldade e encarando as ondas implacáveis.

— A água é seu ponto fraco. É o único elemento que você teme, por não ter controle sobre ele.

Helen não sabia como ele descobrira isso, mas sabia que ele estava certo. De alguma forma, mesmo quando não sabia nada a respeito de suas habilidades, ela no fundo, inconscientemente, percebia que tinha menos a temer de três dos quatros elementos. Podia comandar o ar e invocar os ventos, podia manipular a gravidade da Terra, podia tolerar o calor do fogo com facilidade,

porque, para criar relâmpagos, ela deveria suportar temperaturas maiores do que as de qualquer chama. Mas água era o único



AFTER DARK

227

elemento que a deixava indefesa. Por fim, ela entendeu seu próprio medo, mesmo que ainda não estivesse nada perto de dominá-lo.

— Como você podia saber isso sobre mim? — perguntou

Helen, um pouco impressionada.

— Porque fui treinado a ter pensamento tático e encontrar as fraquezas do meu adversário desde o dia em que nasci. Você, não. Há tantas formas de matar uma pessoa, Helen. Você pensa que está a salvo porque passou no teste de Cassandra com a espada, mas não está — falou Hector, com a voz cheia de frustração e preocupação. — Sei que ainda está em choque, mas não tenho tempo para esperar você ficar confortável com o que é. As pessoas estão vindo atrás de você. Você tem que crescer, e precisa fazer isso agora, ou várias pessoas morrerão. Então vá para casa. Coma

alguma coisa e descanse. Você parece doente, e eu não quero Luke me culpando por isso. Mas amanhã você vai treinar. Chega de desculpas.

Sem esperar por uma resposta, Hector se levantou e a deixou sozinha na praia escura. Ela mexeu no colar de coração, passando o pingente no lábio inferior enquanto permanecia sentada, sentindo vergonha de como agira. Suas roupas estavam pesadas por causa da água, mas ela não as torceu. Sentia que merecia ficar encharcada e desconfortável por mais algum tempo.

Era óbvio que precisava continuar treinando com Hector, mas para isso tinha que ir à casa dos Delos, o que significava ver Lucas, e de jeito nenhum faria isso. Não importava o quanto pensava sobre o assunto, ela se sentia sufocar sempre que lembrava que precisaria vê-lo todos os dias, sabendo que ele se forçava a ser agradável com ela, que devia ter pena dela. Para começar, ainda não conseguia entender como pudera estar tão errada sobre Lucas, e isso tinha ficado preso dentro dela como uma farpa que você não consegue encontrar e tirar. Helen não esperava que ele caísse aos seus pés ou coisa parecida, mas passar de segurar a mão dela o tempo todo para dizer que nunca a tocaria? Como isso tinha

acontecido?

Incapaz de ficar quieta com esses pensamentos na mente, Helen deu um salto para o ar com um gritinho e deixou um vento leste levá-la sobre a água. Por alguns instantes, ela se deixou ficar



228

lá, pairando envolta em uma tranquila corrente de ar, enquanto as estrelas brilhavam e ela absorvia desesperada a beleza daquela experiência como se fosse uma anestesia emocional.

Quando estava mais calma, circulou mais alto e pegou uma carona em uma rajada de vento oeste que a levou de volta para a ilha. Ainda não era uma voadora graciosa, na verdade sequer era boa, mas se ela não pensasse muito naquilo, sabia o que fazer para se mover. Não tinha a menor ideia de para onde ir, mas de repente começou a ficar com frio e a precisar de conforto. Sem fazer uma escolha consciente, ela se encontrou circulando sobre a casa de Claire.

Helen desceu no jardim e então se deu conta de que, na condição em que estava, não podia simplesmente andar até a porta e tocar a campainha. Estava encharcada e tremendo de frio. O Sr. e a Sra. Aoki ligariam para o pai dela na mesma hora se a vissem daquele jeito.

Dando a volta na casa a pé, Helen deu uma olhada pelas janelas tentando descobrir onde Claire estava. Tirou o celular do jeans para ligar para Claire sair e então deu um tapa na testa quando percebeu que o telefone que tinha há dois dias fora destruído pela água salgada. Escutou Claire gritar com a mãe em japonês enquanto batia os pés e subia para o quarto. A luz do quarto de Claire acendeu, e ela bateu a porta atrás de si.

Era uma forma terrível de se revelar para Claire, e Helen tinha uma vaga noção disso quando flutuou até a janela e viu sua melhor amiga sentada na cama com a boca aberta. Helen esperou que ela fosse gritar, mas como Claire não fez isso, indicou a janela trancada.

— Quero entrar — falou rápido por entre os dentes que batiam.

— Minha nossa. Você é uma vampira — disse Claire.

Parecia desapontada, mas nem um pouco surpresa.

— O quê? Não! Abra logo a janela, Claire. Estou congelando! — sussurrou Helen ansiosa.

Claire se arrastou para fora da cama e andou até a janela com os ombros caídos e desanimada.



229

— Eu sei que isso está na moda e tudo mais, mas realmente não quero que você sugue meu sangue. É muito anti-higiênico! — queixou-se Claire lamentosa enquanto abria a janela.

Ela protegeu o pescoço despido com as mãos, mas mesmo assim deixou Helen entrar, apesar do perigo, o que Helen não deixou de notar.

— Ah, por favor, me poupe. Não sou uma droga de vampira, Claire! Está vendo? Sem presas! Sem olhos malucos.

Helen levantou o lábio superior expondo seus caninos normais e então abriu os olhos para mostrar a completa falta de desejo por

sangue.

— Está bem! Mas foi uma pergunta pertinente, considerando as circunstâncias! — reagiu Claire na defensiva, enquanto Helen flutuava pela janela e mudava para o estado de gravidade na frente dela.

— Está bem! Concordo, foi uma preocupação pertinente — cedeu Helen, mas alguma coisa estava errada. — Eu acabei de entrar voando pela sua janela. Por que você não está mais surpresa?

— Desde que éramos crianças eu sabia que você podia voar. Até já empurrei você do telhado para ter certeza. Aliás, desculpe por isso — falou acanhada.

— É verdade, você me empurrou! — disse Helen baixinho, de repente se lembrando de todo o incidente.

Elas tinham uns sete anos de idade e estavam brincando na sacada de Helen. Helen caíra, mas não batera no chão. Ela meio que pousara como uma folha caindo da árvore. Claire jurara que Helen havia escorregado, mas Helen jamais havia conseguido se lembrar de ter perdido o equilíbrio, e pela forma como Claire olhara para ela durante as semanas seguintes Helen suspeitara que algo

estivesse errado, antes de esquecer aquilo. Naquele momento, tudo fazia sentido. Helen encarou Claire, sem palavras.

— O quê? Eu não achei que você fosse morrer, ou nada assim!

Para encurtar a história, vi quando você não caiu da minha escada no dia anterior quando realmente tinha escorregado, então precisava testar minha teoria — disse Claire, como se tudo fizesse sentido.



230

— Claro... Me empurrando do telhado?

— Você não tem ideia de como fiquei brava, desde então, por você esconder isso de mim! Você pode voar, Lennie, e nunca me contou! — gritou Claire, tirando o foco da discussão dela.

Helen decidiu que dava para entender, considerando que era óbvio que Claire estava magoada.

— Eu não sabia até algumas semanas atrás! — insistiu Helen.

— Você é tão mentirosa! — disse Claire, batendo no quadril.

— É verdade! Minha mãe me amaldiçoou quando eu era bebê para que não pudesse usar meus... Ah, droga! Seria tão mais fácil se eu fosse uma vampira. Você entenderia tão fácil! — Helen soltou o ar, frustrada e sentindo-se incompreendida. Andou pelo quarto por um instante, desembaraçando os cabelos com os dedos, antes de conseguir colocar os pensamentos em ordem. — Hergie fez você ler a Ilíada, certo? Você se lembra de como todos os heróis eram superfortes e podiam fazer todo tipo de coisa que pessoas normais não podiam? — perguntou.

— Claro, porque eram semideuses. Mas isso não era verdade — disse Claire, como se fosse óbvio. Então entendeu tudo. — Ah, meu...

— Sou Descendente de um daqueles heróis. Somos denominados Descendentes e tenho um monte de poderes, coisas em que você não acreditaria. Mas eu não tinha ideia do que era, ou o que podia fazer até alguns dias atrás. Queria poder contar tudo para você, mas não sei o que posso e o que não posso dizer. Por favor, Claire. Sei que parece loucura, mas nunca menti para você. Precisa acreditar em mim.

— Tudo bem — disse Claire, balançando a cabeça uma vez e

olhando Helen nos olhos como se por fim sentisse que estava sendo respeitada como merecia. — Eu já tinha praticamente entendido isso tudo há algum tempo, sabe. Você descobriu que é semideusa... Que legal, aliás!... Quando a família Delos mudou para cá. Porque eles são como você. Soube disso assim que os vi. Só não sabia o que vocês eram.

— Viu? — disse Helen, com um sorriso perturbado. — Por isso eu tinha que lhe contar. Preciso poder falar de tudo isso com você



231

para que me ajude a entender. Mas você não pode dizer aos Delos que lhe contei até eu descobrir se está tudo bem ou não.

— Não importa. Posso blefar ou fingir que adivinhei sozinha.

Afinal, foi mais ou menos o que aconteceu — falou Claire, com um sorriso satisfeito. Então algo lhe ocorreu e a fez mudar para uma atitude mais séria. — Onde você esteve, a propósito? E por que está

tão horrível?

Helen estava prestes a explicar o que acontecera entre ela e Hector quando o telefone de Claire tocou. Claire leu a mensagem e começou a digitar a resposta.

— É o Jason. Preciso dizer que você está aqui, ele procurou por você o dia todo — contou Claire para Helen. O telefone tocou de novo. — É ele. — Ela leu a mensagem na tela. — Ele quer que eu a segure aqui. Está a caminho.

— Não! Ainda não estou pronta para conversar com nenhum deles! — exclamou Helen, se afastando.

— Len, ele está muito preocupado com você; eles todos estão.

— Preciso sair daqui — gaguejou Helen.

Passou a mão sobre o rosto e virou-se para a janela.

— Aonde você vai? — perguntou Claire, tentando bloquear a passagem de Helen com um braço esticado. — Eu falo para ele ir embora, se você quiser, mas você precisa me dizer que vai ficar bem.

— Eu só vou para casa. Prometa que não vai deixar Jason me seguir, está bem?

Claire prometeu e abraçou Helen. Helen então pulou pela

janela, mudando de estado no ar. Ouviu Claire suspirar quando ela saiu voando. Um minuto depois, Helen estava pousando no jardim e indo em direção à escada para tomar um banho e se aquecer. Ele esperava por ela atrás da porta da frente. Deu uma rasteira nela sem nem mesmo se preocupar em fechar a porta. Tudo ficou completamente escuro, mais escuro que qualquer coisa que Helen já vivera: qualquer noite, qualquer venda ou qualquer sala fechada. Ela estava envolvida em uma escuridão desorientadora que a fez se sentir tão tonta e tão fora do mundo que não conseguia nem mesmo lembrar a disposição das coisas na própria casa. Onde



232

estava a escada? A mobília? Ela não sabia. Foi como se tivesse caído em um buraco negro.

Helen estava tão chocada que não teve tempo de rolar antes de sentir um homem muito grande a derrubar por trás. Ele segurou a cabeça dela entre as mãos e puxou para o lado, tentando quebrar o

pescoço dela. Ela segurou os pulsos dele e os puxou para fora, tentando fazer com que a soltasse, mas ele tinha a força da alavanca a seu favor. Os músculos do pescoço dela estiraram de forma perigosa e ela sentiu que começava a entrar em pânico pela segunda vez em uma hora. Mas foi aquela recente luta com a morte que a influenciou enquanto chutava e brigava. A ideia de usar o relâmpago fez seu estômago revirar, mas ela sabia que não tinha escolha.

Helen sentiu a corrente começar em sua barriga.

Naturalmente, tentava sair dela como um arco em direção ao chão, e tudo o que tinha que fazer era soltá-la. Mas, como ainda não tinha treinado, deixou o relâmpago sair e ele acertou suas próprias pernas, causando-lhe convulsão. Em seu desespero, ela fez os últimos volts correrem para as mãos e atravessarem sua pele, entrando pelos pulsos do homem.

Por um breve momento a faísca azul iluminou a sala em um clarão, e ela viu seus olhos se arregalarem de surpresa. Então ela o sentiu tremer com a corrente e o ouviu gritar enquanto era eletrocutado.

Helen sentiu cheiro de cabelo queimado e de ozônio, como

uma lembrança do pior pesadelo de infância. Sentiu o que talvez fosse metade da energia de seu corpo sair, fazendo com que ficasse fraca como um gatinho. O peso daquele homem grande em cima dela ficou insuportável; sabia que tinha que sair de debaixo dele antes que ele se recuperasse, ou estaria na mesma situação difícil de quando ele agarrara sua cabeça. Enquanto seu agressor ainda tremia, ela conseguiu empurrar um pouco do peso para longe, e quando uma fresta de luz entrou na sala, ela por fim deu uma olhada no atacante.

Os cachos louros brilhantes e o corpo grande eram de Hector e por um momento ela temeu tê-lo matado enquanto ele devia estar tentando lhe ensinar uma lição. Ela se inclinou por cima dele para



233

ver se ainda respirava. Com o rosto a centímetros do dele, na escuridão normal da noite, viu que era Creon, mas foi tarde demais. No momento em que o reconheceu, ele abriu os olhos e a segurou

no peito, em um abraço de urso mortal.

Helen gritou e lutou. Concentrou-se na barriga procurando por uma corrente, mas tudo o que havia restado era uma estática fraca. Já havia descarregado toda a voltagem armazenada em seus músculos. Liberar toda aquela energia a havia deixado fraca e vulnerável. Seus braços e pernas não tinham força, e Creon partiu para cima dela em um novo ataque, amassando-a como se fosse um papel. Caiu sobre ela, prendendo-a ao chão enquanto puxava do cinto uma faca de bronze.

— Uma pena, preciosa. Você é a garota mais bonita que eu já vi. Quase perfeita demais para cortar — gemeu na orelha dela. — Mas Atlântida...

Ela desviou o pescoço dos lábios dele com tremores de nojo correndo por sua pele. Então ele deu um impulso, afastando-se dela e levantando a faca acima da cabeça. Creon se deteve e por um breve momento Helen pensou que ele não fosse atacá-la, mas então viu o olhar dele se endurecer. Ele direcionou a faca para o coração dela.

A faca de Creon sibilou várias vezes enquanto quebrava e se espalhava pela pele de Helen. Ele teve apenas um instante para

registrar o que acontecera antes de ver um pé acertando sua cabeça e o mandando voando para bem longe de Helen.

Lucas pulou em Creon com um rosnando violento e os dois começaram a lutar tão rápido que Helen mal via as mãos se movimentando. Eles se socaram, se agarraram, se cortaram, ambos trocando de golpes com as mãos em garras para um tipo de luta em que tentavam dobrar para o lado contrário as articulações do outro. Helen mal teve tempo de rolar de joelhos antes que tudo acabasse. Encurralado e ainda fraco por ter sido eletrocutado, Creon se cobriu com uma estranha sombra e saiu correndo em alta velocidade assim que pôde colocar dois centímetros de distância entre ele e Lucas, que o seguiu até metade do gramado de Helen antes de se virar e voltar para dentro.

— Você está bem? — quase gritou Lucas.



234

— Estou, eu só não consigo... — disse Helen, tentando se

levantar e então caindo sentada no chão com um baque surdo.

— O que ele fez com você? — perguntou Lucas com a voz aguda, preocupado. Ele levantou Helen e tentou equilibrá-la para que ficasse em pé sozinha. — Suas pernas estão quebradas?

Ele a segurou enquanto freneticamente verificava o estrago.

— Não, eu só... Hector disse para usar meus relâmpagos para lutar e usei, mas foram para o lugar errado, eu acho — murmurou ela.

Estava confusa e via pontos pretos.

— Por que não consegue ficar em pé? — perguntou Lucas enquanto tentava colocá-la em pé de novo.

O coração dela doía ao ver o rosto bonito de Lucas, ao sentir seu cheiro e suas mãos nela. Helen tinha uma vaga noção de onde estava o chão, mas o mundo inteiro estava desmoronando, e ela se sentia muito cansada para aquilo tudo. Não conseguia mais continuar. Precisava de um cochilo.

A próxima coisa que percebeu foi um gosto doce em sua boca.

Mel. Arregalou os olhos e viu que estava sentada no balcão da cozinha, com Lucas em pé entre suas pernas, mantendo a cabeça dela erguida e virada para trás enquanto despejava mel de um urso

de plástico na língua de Helen.

— Pronto — sussurrou Lucas com um sorriso discreto quando ela abriu os olhos e olhou para ele.

Então olhou de volta para ela com tanto carinho que Helen teve que se lembrar que Lucas, na verdade, não estava interessado nela. Pela milésima vez se perguntava o que acontecera para ele afastá-la da forma como fez.

— Oi — disse ela, a voz falhando como se tivesse acabado de acordar de uma longa noite de sono. — Como chegou aqui?

— Cassie teve uma visão do ataque de Creon, mas não sabia onde iria acontecer, porque tudo o que via era escuridão. Eu arrisquei um palpite — disse ele, tirando os cabelos dela do rosto e colocando uma longa mecha para trás do ombro. — Desculpe por chegar atrasado.

— Não esquentar — disse ela, com a voz ainda trêmula de medo. Respirou fundo para se acalmar e se endireitou.



— Você acabou com ele direitinho. Nunca vi Creon fugir de uma briga desse jeito antes — falou Lucas, admirado.

— Eu só o amaciei para você. — Ela não conseguia não sorrir para ele, mesmo sabendo que passaria horas repensando e se arrependendo disso. — Perdi alguma coisa enquanto estava desmaiada?

— Só uma viagem de lá para cá — disse ele apontando por sobre o ombro e então para o balcão. — E uma rápida ligação para Jason pedindo reforço.

— Lennie! — berrou Claire, enlouquecida enquanto passava pela porta da frente.

Ela arfou ao ver a mobília da sala revirada.

— Aqui dentro. Não se desespere, estou bem — gritou Helen para Claire e viu o olhar inquisidor de Lucas. — Tudo bem, ela sabe de algumas coisas — disse para ele e o empurrou para conseguir pular do balcão.

Claire entrou primeiro, seguida de Jason, que parecia estar pronto para enforcá-la.

— Desculpe, Luke. Eu estava na casa dela procurando por

Helen quando você ligou. Tentei vir sozinho, mas a Tampinha agarrou meu braço e não me deixou sair sem ela — rosnou Jason, frustrado, quase arrancando os cabelos.

— Hum, como é? Ela é minha melhor amiga e eu sabia que alguma coisa estava acontecendo — Claire estourou com Jason. — Como isso pôde acontecer? Você voou da minha janela há, sei lá, dois segundos, só.

Claire agarrou Helen em um abraço.

— Você sabe... Das coisas? — perguntou Jason, surpreso e sem ter certeza do quanto deveria falar.

— Eu contei para ela — admitiu Helen enquanto se livrava do abraço entusiasmado de Claire e passava a mão no pescoço inchado.

— Mas eu sempre soube, mais ou menos. Só achava que ela era uma morta-viva ou coisa parecida — disse Claire, dispensando o assunto com um gesto. — Acredite, estou muito mais feliz por vocês todos serem em parte deuses gregos em vez de serem alguma

coisa nojenta como morcego, lobo ou mosquito.



AFTER DARK

236

Jason e Lucas trocaram olhares por sobre a cabeça de Claire.

Helen, o mais rápido que pôde, explicou o que havia acontecido e

Lucas levou Jason para fora para procurarem pegadas, mas era

tarde demais para tentar seguir Creon. Eles voltaram para dentro

com expressões severas e encontraram Helen e Claire de luzes

acesas, verificando o estrago no hall de entrada.

— Isso aqui são pedaços de facas? — perguntou Claire.

— São. Ele meio que me apunhalou no coração — falou Helen, de forma hesitante, sem saber como Claire reagiria.

— Você ainda consegue fazer isso? Deter lâminas? —

perguntou Claire sem surpresa. — E o negócio do relâmpago? Você ainda faz aquilo?

— Como você sabe tudo isso sobre mim? — falou Helen, atabalhoada. Claire suspirou.

— Depois que a empurrei do telhado... — começou ela.

— Depois que você o quê? — gritou Lucas.

— Foi quando tínhamos sete anos! E ela não se machucou! — gritou Claire de volta. — De qualquer forma, eu sabia sobre o negócio da faca porque, bem, eu também tentei cortá-la uma vez — continuou, constrangida. — Mas eu já sabia que você ficaria bem depois do que aconteceu com Gretchen e a tesoura no segundo ano. Lembra?

Helen fez uma careta.

— Ah, é! Gretchen e a tesoura! Ela estava mesmo querendo me matar, não estava?

— É, estava. Ela morria de ciúme de você. Mas eu nunca quis machucar você. Só precisava ter certeza de que não estava ficando doida. Era assustador, sabe? — perguntou ela, desculpando-se.

Helen sorriu, perdoando-a imediatamente.

— Acho que não posso culpá-la. Mas como soube da história do relâmpago?

— Lembra quando a gente tinha nove anos e estava saindo da ilha na balsa para ir ao Aquário de Boston, e aquele cara assustador, com uma pança enorme, ficou tentando falar com a gente? Lembra como ele ficava “sem querer” esbarrando em você e

pegando no seu cabelo?



AFTER DARK

237

Helen lembrava, mesmo tendo passado muito tempo tentando esquecer. Houvera aquele terrível cheiro de cabelo queimado e o olhar vazio nos olhos dele. Helen balançou a cabeça, estremecia só de pensar, e temia onde Claire queria chegar.

— Lembra como ele de repente desapareceu antes de a gente atracar? Bem, ele não simplesmente desapareceu. Ele tentou agarrá-la, Len, e eu vi uma centelha elétrica pular de você na direção dele. Isso o atirou longe, para fora do deque da balsa. Parecia um relâmpago, só que saiu de você.

— Acho que o matei — sussurrou Helen, precisando por fim admitir o que fizera.

— Bem! Ele era um pedófilo! Talvez você devesse ganhar uma medalha — insistiu Claire.

Helen olhou para o rosto sério de Claire. Provavelmente o

homem tinha mesmo intenção de fazer algo terrível, mas isso justificava fritá-lo?

— Primeiro, você não sabe se o matou. Segundo, foi um reflexo. Se ele merecia morrer, ou não, não é a questão. Você não deveria se sentir culpada por algo feito em legítima defesa — insistiu Lucas.

Ele tocou no ombro de Helen. Ela se esquivou, incomodada, sem saber como se sentir. Por sorte, Jason mudou de assunto.

— Então você sempre soube que ela não era uma humana normal — Jason disse a Claire com um sorriso torto. — Isso nunca a incomodou?

— Eu ficava um pouco preocupada de que ela, em algum momento, pudesse querer me arrastar para o inferno e sugar minha alma, mas achei que isso ainda era melhor do que ter Gretchen como amiga — disse Claire, com honestidade suficiente para arrancar risadas. — Além do mais, não sei se percebeu ou não, mas essa ilha é cheia de gente branca. Não é nada fácil para uma japonesa crescer aqui. Mas com Lennie por perto eu sempre soube que, não importava o quanto eu fosse estranha, ela seria sempre muito mais. Então isso era legal.

— E você nunca contou para mais ninguém durante todos esses anos? Nunca mencionou isso a alguém quando era pequena, mesmo por acidente? — perguntou Lucas, cético.



AFTER DARK

238

— Ah, sem essa, Lucas. Não sou estúpida! Eu assisti a E.T., e sei o que os homens de jaleco branco fizeram com ele e Elliot — respondeu ela com uma expressão indignada. — Eu jamais entregaria Lennie. Ou vocês, a propósito.

— Obrigado — reagiu Lucas, um pouco confuso com a metáfora de alienígena.

Ele e Jason trocaram mais olhares, e dessa vez havia uma evidente admiração neles.

— Sabe o que não estou entendendo? — perguntou Helen, mudando de assunto. — Como ela pode estar por perto quando faço coisas de Descendente e isso não me afeta? Todas essas vezes, ao longo dos anos, ela me viu usar meus poderes, mas não me lembro

de jamais ter sentido dor no estômago.

Helen explicou para Claire a maldição da mãe, mas ninguém tinha uma resposta para ela. Voltaram a atenção para arrumar tudo o melhor que pudessem antes de Jerry chegar em casa. Claire se ofereceu para passar a noite com Helen, no caso de ela ficar muito assustada para dormir sozinha, mas Jason vetou aquela ideia na hora.

— E o que você vai fazer se Creon aparecer de novo? Jogar sua caderneta nele e gritar? — disse ele balançando a cabeça. — Sei. Entendo que as duas são como irmãs, mas você não vai ficar aqui.

— Eu fico, você leva Claire para casa — disse Lucas, assumindo com tranquilidade o controle antes que Claire pudesse começar outra discussão com Jason. — E me informe se você vir alguma coisa perto da casa dela.

— Certo — assentiu Jason com a cabeça enquanto guiava Claire para a porta.

Ele não parecia surpreso com a possibilidade de haver algo à espreita na casa de Claire, mas Helen e Claire ficaram. Helen levantou o braço para impedi-los de sair, de repente aterrorizada de novo. Já era noite e qualquer sombra poderia esconder Creon.

Sentindo o medo de Helen, Lucas interceptou a mão dela e segurou firme.

— Jason dá conta disso — falou ele, confiante.



239

— Espere, o que você quer dizer com isso? Meus pais estão em casa — disse Claire, sua ansiedade também vindo à tona. — Você não acha que o cara que fez isso...

— Não se preocupe — disse Jason com a sensibilidade que ele costumava reservar para todo mundo menos para Claire. — Não vou deixar nada acontecer com você ou com seus pais.

— Obrigada — disse ela devagar, um pouco surpresa por ter tido algum motivo para dizer essa palavra para ele.

Ela se virou e acenou para Helen, que pensou que o impossível tinha acabado de acontecer. Claire finalmente não tinha nada horrível para falar com Jason. Helen fechou a porta e respirou fundo. Então deu uma olhada em Lucas e rezou para um panteão

de deuses para que, um dia, olhar para ele ficasse mais fácil.

— Você parece cansado — disse ela, dando-se conta de que era verdade.

— Você também. Ouvi falar que tem tido muitos pesadelos — respondeu Lucas, sem constrangimento nenhum em admitir que perguntava aos primos sobre ela.

— Por que você se importa? Por favor, Lucas, vá embora — implorou Helen, passando as mãos pelo rosto.

— Não posso. Não vou — disse ele, dando um passo para frente e puxando-a para seus braços.

Ela sentiu-se frágil demais para lutar. Derreteu no peito dele e ficou ali por alguns instantes.

— Por que você está cheirando a maresia? — perguntou ele de repente, empurrando-a para ter uma visão melhor. Analisou as roupas dela, esfarrapadas e sujas de areia, e perguntou, desconfiado. — O que aconteceu com você hoje além de Creon?

— Como isso é justo? — perguntou ela, empurrando Lucas com uma risada amarga. — Se eu mentir, você vai saber, e se eu ficar em silêncio, você vai pensar algo pior do que a verdade.

— Então só me conte o máximo, ou o mínimo que quiser —

falou ele com tranquilidade, afastando-se dela para lhe dar um pouco de espaço. — Mas me conte alguma coisa. O que aconteceu? — Eu estava evitando o treinamento porque não queria ver você. Hector me encontrou escondida na praia, eu o irritei e ele quase me afogou para me dar uma lição de humildade — explodiu



240

ela, com lágrimas de exaustão brotando de seus olhos. — Então, fui à casa de Claire para chorar no ombro dela e contar que eu era uma Descendente. Depois voei para casa, onde Creon me atacou,

tentou quebrar meu pescoço e enfiar uma faca no meu coração. O resto você sabe. Agora só quero tomar um banho quente e deitar, porque estou com frio e com coceira e não acho que posso aguentar qualquer outra coisa hoje.

— Tudo bem, você vai para o chuveiro — disse Lucas, assentindo, firme, enquanto saía do caminho dela. — Espero por você no quarto.

Cambaleante, Helen subiu a escada e correu para o banheiro.

Entrou no chuveiro e começou a chorar. Sentada na banheira com a água caindo, não conseguiu mais evitar as lágrimas. Tentou ser o mais discreta que pôde e torceu para que a água corrente pudesse abafar o som do choro.

Quando finalmente tinha desabafado tudo, ela se secou e colocou uma camiseta cheirosa e calças de moletom que tinham acabado de voltar da lavanderia. Enquanto passava fio dental e escovava os dentes no banheiro enfumaçado, ela ouviu o pai chegar em casa e ligar a TV na sala. Ela chegou à beirada da escada e gritou boa-noite para ele lá embaixo. Ele resmungou boa-noite de volta, mas estava muito entretido com o jogo do Red Sox para

conversar. Helen entrou no quarto.

Lucas estava esperando por ela. Quando Helen viu Lucas deitado sobre as cobertas, vestido e sem sapatos, ela parou na porta e o encarou. Ele era grande demais para a cama de menina dela, mas mesmo assim parecia perfeito deitado ali. Ele a encarou de volta por um momento antes de engolir em seco, levantar as cobertas e sinalizar para ela entrar. Quando ela parou, indecisa entre argumentar que o pai dela poderia entrar a qualquer momento e mandar que ele tirasse as roupas, ele falou:

— Minha força de vontade tem limite, Helen — sussurrou

Lucas. — E já que você aparentemente dorme com a camiseta mais transparente que eu já vi, vou ter que pedir para você entrar debaixo das cobertas antes que eu faça alguma coisa estúpida.

O sangue correu para o rosto de Helen e ela na mesma hora cruzou os braços para cobrir o peito. Depois correu e pulou debaixo



das cobertas. Lucas sorriu e puxou o edredom para cima dela como se fosse algum tipo de linha intransponível que, como mágica, impediria os dois de fazerem “alguma coisa estúpida”. Enquanto ela se acomodava, Lucas passou o braço em volta dela e esfregou o rosto em sua nuca.

— Não precisa ficar constrangida. Depois que a vi usando a camisola da minha prima, você não tem nada a esconder. Mas por que estava chorando no chuveiro? — murmurou ele no cabelo dela. Helen podia sentir os lábios dele se movendo contra seu couro cabeludo e a pressão dos quadris através das cobertas, mas os braços dele eram uma jaula inflexível. Ela tentou se virar para olhá-lo e dizer que ele era bem-vindo debaixo das cobertas com ela, mas Lucas não deixou.

— Eu estava chorando porque estou frustrada! Por que você está fazendo isso? — cochichou ela dentro do travesseiro.

— Não podemos, Helen — foi tudo o que ele disse.

Ele beijou a nuca de Helen e disse repetidas vezes que sentia muito, mas por mais que ela tentasse Lucas não a deixava olhar para ele. Começou a sentir que estava sendo usada.

— Por favor, seja paciente — implorou ele enquanto impedia a

mão dela de tocá-lo.

Ela tentou sentar, empurrá-lo da cama, qualquer coisa menos ficar deitada perto de alguém que brincava com os sentimentos dela de uma forma tão terrível. Lutaram um pouco, mas ele era bem melhor naquilo que ela, e era ainda mais pesado do que parecia. Ele bloqueou com facilidade toda tentativa dela de passar os braços, as pernas ou os lábios em volta dele.

— Você me quer, de alguma forma, ou só acha divertido me provocar assim? — perguntou ela, sentindo-se rejeitada e humilhada. — Você não vai nem me beijar?

Ela finalmente conseguiu ficar de barriga para cima e olhar para o rosto dele.

— Se eu beijar você, não vou parar — sussurrou ele, desesperado, enquanto se apoiava nos cotovelos para olhá-la nos olhos.

Ela olhou para ele, vendo Lucas de verdade pela primeira vez naquela noite. A expressão dele estava vulnerável e incerta. Sua



AFTER DARK

242

boca estava cheia de desejo. O corpo dele tremia e havia uma fina camada de um suor ansioso encharcando suas roupas. Helen relaxou na cama com um suspiro. Por alguma razão que obviamente não tinha nada a ver com desejo, ele não se permitiria ficar com ela.

— Você não está debochando de mim, está? — perguntou ela, cautelosa, por precaução.

— Não. Não há nada engraçado nisso — respondeu ele.

Desviou-se e deitou ao lado dela, ainda com a respiração pesada.

— Mas, por algum motivo, você e eu nunca vamos ficar juntos

— disse ela, sentindo-se mais calma.

— Nunca diga “nunca” — disse ele apreensivo, rolando de volta para cima dela e usando todo o peso do corpo para pressioná-la dentro do casulo de sua cama de garotinha. — Os deuses adoram

brincar com pessoas que usam termos absolutos.

Lucas correu os lábios pelo pescoço de Helen e deixou que ela colocasse os braços em volta dele, mas isso foi tudo. Ele a manteve presa debaixo das cobertas, mumificada em sua infeliz castidade, permitindo que ela o segurasse, mas não o abraçasse por completo.

— Você se importa comigo? Mais do que só essa coisa de vida ou morte de “precisamos impedir os Cem Primos de começar uma guerra com os deuses”? — perguntou ela de maneira irreverente. Helen sabia que de alguma forma estava sendo tola e insegura, mas precisava saber o que Lucas sentia por ela. Ele se levantou nos cotovelos para vê-la melhor e para que ela pudesse vê-lo também.

— Claro que me importo com você — disse ele, sério. — A única coisa que eu não faria para ficar com você é causar a morte de pessoas inocentes. E basicamente é só isso. — Ele voltou a deitar de costas, passando a mão pelos cabelos. — Mas parece que isso é o suficiente.

Helen sabia que havia muito mais por trás do que ele estava dizendo do que deixava transparecer, mas ela não conseguia suportar fazer qualquer pergunta que pudesse ter respostas terríveis. Já havia vivido coisas ruins suficientes por um dia. Ela

rolou para cima dele e se enfiou naquele pedaço do peito dele em



AFTER DARK

243

que estava convencida que ainda havia uma cavidade em seu formato.

— Só para você saber, só para que fique claro, eu me importo com você também. E se esse abraço for tudo o que eu puder ter, prefiro ter isso a qualquer outra coisa de qualquer outra pessoa.

— Isso é porque você nunca esteve com um homem — disse Lucas enquanto beijava a testa dela no lugar em que o cabelo começava a crescer. — Agora vá dormir.

Helen teria argumentado, mas estava cansada demais por ter lutado por sua vida duas vezes em um dia para fazer mais do que olhar para ele contrariada. Os braços de Lucas formaram uma proteção em volta do coração remendado dela, e ela relaxou completamente lá dentro. Ouviu a ressonância peculiar da respiração dele, um som que já conhecia tão bem, e mergulhou em

um sono profundo, livre de pesadelos.



AFTER DARK



244

13

Envolto em sombras, Creon estava agachado do lado de fora da casa de Helen, os olhos colados na janela do quarto. Conseguia ouvir Hector a quatro casas dali, passando pelo quintal dos vizinhos, procurando por ele. Mas Creon sabia que Hector não tinha a menor chance. Ninguém encontrava Creon à noite se ele não quisesse ser encontrado.

Seu priminho Lucas estava lá em cima, na cama de Helen, abraçando-a enquanto ela dormia. Creon tremeu da cabeça aos pés, resistindo ao impulso avassalador de atravessar o vidro e lutar contra o primo pela vida dela. Ou talvez simplesmente por ela. Creon já não tinha certeza do que faria e não gostava dessa nova

incerteza que descobrira. Ele rangeu os dentes e fez força para se controlar. Se ele desafiasse o primo, seria uma luta até a morte. Creon não tinha dúvida de que ganharia, mas, ao ganhar, perderia tudo. Ele se tornaria um Banido e Atlântida continuaria perdida. As opções eram claras: a imortalidade ou Helen. Então, por que estava suando com o esforço de resistir? Ele ouviu Helen suspirar enquanto dormia e Lucas movendo o corpo sob o dela, puxando-a ainda mais para perto. As pernas de Creon se moveram como se por vontade própria. Ele deu dois passos em direção à janela, sua cabeça nadando na neblina rubra da sede de sangue. Seu telefone vibrou dentro do bolso.

Alerta ao perigo, Hector acelerou e se colocou na direção do leve som. Creon não tinha escolha senão correr. Ele não podia encarar os dois primos e Helen. Teria que voltar em outro momento. Ele levou dez minutos para despistar Hector no centro da ilha. O primo era persistente, mas a sufocante escuridão das sombras de Creon acabou por desorientar Hector o suficiente para deixá-lo escapar.



AFTER DARK

245

Percorrendo o lado leste da praia, Creon por fim verificou a chamada que o salvara de um terrível erro. Não o surpreendeu que fosse de sua mãe. Podia não ser uma Descendente, mas tinha um timing excepcional. Ele ligou de volta e revelou o que descobrira quando tentou apunhalar Helen.

Primeiro, ela não acreditou nele, apesar de, pela cuidadosa escolha de palavras, Creon ter sentido que a desconfiança tivesse origem não na crença de que o que ele descrevera fosse impossível, mas na dúvida de que Helen fosse a responsável pelo fenômeno que ele testemunhara. De alguma forma sua mãe já tinha visto, ou ouvido falar, de um Descendente que podia quebrar lâminas com a pele, e Creon a pressionou para dizer quem era. Em vez de responder, ela pediu mais uma vez para Creon descrever Helen. Ele o fez.

— Bem, sua faca devia estar com defeito. Pela forma como

— Você descreve Helen, não pode ser ela, ou filha dela — disse Mildred sem hesitar.

Creon continuou a pressionar a mãe e ela acabou ainda mais frustrada, levantou a voz e até mesmo xingou um pouco. Ele ficou chocado com o comportamento grosseiro dela. Uma dama jamais se diminuía usando linguagem sórdida, e Creon jamais considerara que sua mãe fosse capaz daquilo até aquele momento. Ele perguntou educadamente como ela podia ter tanta certeza de que sua faca estava com defeito.

— Porque se essa garota fosse mesmo impenetrável por armas, você teria dito que ela tem o rosto mais belo que já viu. Você não seria capaz de ignorar esse fato, está em seu sangue — respondeu ela de forma petulante.

— E se ela tiver o rosto mais belo que eu já vi? E então? — perguntou Creon com calma, apesar de uma maravilhosa descarga de adrenalina enviar um arrepio pela sua pele.

A linha ficou silenciosa por exatos cinco segundos.

— Você precisa vir para casa agora. Precisamos contar para seu pai. Isso é muito maior do que você imagina — desabafou Mildred finalmente antes de desligar o telefone de repente.

* * *



AFTER DARK

246

Na manhã seguinte, Helen se jogou da cama, o corpo inteiro mudando do estado de sono para totalmente alerta em um piscar de olhos. Sua mão foi direto para o lugar no peito onde a lâmina de Creon se quebrara e ela teve de apertar o dedo no esterno para se convencer de que não havia um buraco ali. Ouviu um sussurro fraco vindo do outro lado do quarto. Ao se sentar viu Lucas em pé em frente à janela, conversando com alguém lá fora em tom tão baixo que nenhum humano poderia ouvir. O relógio ao lado da cama indicava 5h25, e o céu mal estava cinza com a aurora.

— Ela está segura, é tudo o que importa — disse Lucas para fora da janela.

— Não é tudo o que importa — veio à resposta sussurrada.

Helen saiu da cama e se juntou a Lucas na janela. Ela olhou para baixo e viu Hector em pé no gramado. Ele olhou para cima, se

focando em Helen e Lucas a cada vez, indignado.

— Você está bem? — perguntou Hector de forma ríspida a Helen.

— Sim. Mas você não parece tão bem — disse ela.

Até mesmo de um andar acima, ela podia ver que os olhos de Hector estavam vermelhos de cansaço e preocupação. Ele deu uma risada sarcástica para o olhar de compaixão dela e se voltou para Lucas com um aviso.

— Fique no alto até termos certeza. Ela está mais segura no ar.

Hector saiu tão rápido que Helen só conseguiu identificar uma mancha. Lucas fechou a janela e se recostou nela. Os olhos dele estavam arregalados, decididos.

— O que foi aquilo? — perguntou Helen, com a voz quase inaudível.

Ela conseguia ouvir a respiração profunda do pai vindo do quarto. Felizmente, ele ainda estava dormindo.

— Minha família saiu à procura de Creon ontem à noite — respondeu Lucas sem olhar para ela. — Achamos que ele pegou um voo fretado para fora da ilha, mas não temos certeza.

— Ele foi embora? — perguntou Helen, um pouco esperançosa demais. — Talvez. Mas se ele foi mesmo embora, não será para sempre.



AFTER DARK

247

Lucas encarou Helen com tanta intensidade que ela precisou se esticar para tocar nele de alguma forma, só para quebrar a tensão. Deu um passo para frente e colocou a mão no peito dele. Lucas estava tremendo.

De repente, esticando-se, ele atravessou o quarto e foi até a porta.

— Vista alguma coisa quente.

— Por quê? Aonde vamos? — cochichou ela. — Para cima.

Assim que levantaram voo, Lucas pareceu relaxar um pouco, mas não muito. Ela pediu uma aula de voo, em parte porque queria aprender, mas, mais importante, para distraí-lo. Por mais de uma hora, eles trabalharam no controle de Helen sobre a pressão do ar

antes de receberem uma ligação de um dos Delos. Castor tinha ligado do aeroporto, confirmando por fim que Creon deixara a ilha em um voo fretado como haviam suspeitado, e que Lucas já podia levar Helen para casa com segurança.

Hector pegou o telefone e insistiu para que eles fossem para lá naquele segundo; ele queria que ela retomasse, naquela manhã, o treinamento de combate. Os primos começaram uma discussão acalorada. Finalmente Lucas concordou em pousar, mas parecia irritado com o pedido.

— Qual é o problema? — perguntou Helen, confusa por ele não estar mais feliz em saber que Creon tinha ido embora.

— Hector faz a ideia errada de nós dois aqui sozinhos. Eu não estou mantendo você no alto para que a gente possa... Que droga, você precisa aprender isso! — vociferou ele, passando a mão pelo cabelo. — Quero que você seja capaz de levantar voo para fugir do perigo, em vez de tentar ficar e lutar.

— Eu também — reagiu ela, entusiasmada, segurando nos ombros de Lucas para não flutuar para longe. — Ligue para seus primos e diga que não acabamos. Sempre prefiro passar o dia voando com você a ficar suando com Hector.

Lucas lançou um olhar profundo para Helen, como se estivesse pensando algo doloroso.

— É melhor a gente voltar. — Ele decidiu finalmente, o rosto tenso. — Você precisa aprender os dois.



248

Helen sabia que Lucas estava preocupado, mas depois de passar a manhã planando sem peso ela não conseguia sentir nada além de entusiasmo. Pegou as mãos dele e o girou ao seu redor; então rodopiaram em espiral e caíram no ar como se estivessem em uma montanha-russa. A sensação arrebatadora no estômago a fez dar um grito, mas funcionou. Lucas sorriu e mordeu a isca.

Ele segurou os braços dela e a levou para um mergulho que a fez berrar com todas as forças. No último momento, puxou Helen para cima, aninhando-a nos braços antes de deixar que ela flutuasse ao seu lado. Pairaram por sobre o gramado dos Delos daquele jeito por um momento, de mãos dadas e rindo sem parar.

Não viram os olhares preocupados que receberam do resto da família dentro da casa.

— Agora, antes de você pousar, vou lhe ensinar outro truque

— disse Lucas enquanto rodopiava sobre os ombros dela e, por trás, colocava um braço ao redor dela. — Vou lhe ensinar a transitar para o estado compacto, aumentar a gravidade agindo sobre você. A melhor maneira de entender isso é fazer enquanto estiver pousando.

— Foi isso o que fez quando caiu em cima de Hector, outro dia, na quadra de tênis? — arriscou Helen. — E ontem à noite? Ela estava pensando no quanto ele fizera o corpo pesar quando estavam lutando na cama dela. Ela apertou os lábios para evitar um sorriso.

— Isso mesmo — disse ele na orelha dela, deixando o lábio inferior roçar sua pele. — É o terceiro estado de gravidade para quem voa e pode salvar sua vida em uma luta.

Com o braço ao redor da cintura dela e os dois flutuando a três metros de altura, ele ensinou como ela podia alterar a maneira como o mundo a puxava. Lucas a orientou para reverter o impulso que a tornava sem peso e fazer o corpo ficar mais pesado. Ela

conseguiu assimilar o básico logo e, quando Lucas pediu que aterrissasse, ela atingiu o gramado com um baque forte, levantando dois grandes blocos de grama com os calcanhares. Estava impressionada consigo e olhou para Lucas procurando aprovação, mas parecia que ainda havia muito o que aprender.



249

— Você vai ficar melhor nisso — disse ele, tentando encorajá-la enquanto aterrissava ao lado dela, cavando duas valas fundas na grama com os pés.

— Você é tão exibido! — reclamou Helen, sorrindo para ele.

— Ei, tenho que impressioná-la o máximo que puder enquanto eu puder. Logo você estará voando em círculos ao meu redor — respondeu ele. Pegou a mão dela e puxou-a com firmeza para seu lado enquanto a guiava na direção da casa.

— Dúvido — falou Helen balançando a cabeça.

Lucas era tão gracioso no ar. De jeito nenhum ela voaria como

ele.

— Você é mais forte que eu — disse ele sem inveja ou julgamento, somente aceitando um fato. — Quando se der conta disso, você vai ser capaz de fazer coisas com que nunca sonhei.

— Se sou tão forte, então por que sempre preciso que você venha salvar meu pobre traseiro? — perguntou ela sarcasticamente.

— Porque lutar é muito mais que força — disse ele, de maneira séria. — O que é bom, se não Hector ainda seria capaz de me dar uma surra durante a luta.

— Eu ainda posso dar uma surra em você na luta — gritou Hector de dentro da casa.

Lucas deu uma gargalhada e balançou a cabeça enquanto caminhava para a cozinha. Não foram muito longe.

— Não no meu chão limpo! — berrou Noel, apontando para os pés enlameados dos dois. Depois ela entendeu por que estavam daquele jeito. — O que vocês, selvagens, fizeram com meu gramado? — rosnou.

— Eu precisei, mãe. Helen tem que aprender.

Lucas, obediente, saiu da casa e tirou os sapatos. Helen fez o mesmo.

— Helen, querida, você parece estar com fome. Não deixe de comer antes de ir embora — disse Noel, gentil, antes de voltar a repreender o filho. — Em relação ao gramado: você conhece as regras, Luke.

— “Consertar o que estragar”, está bem, está bem. E você sabe que eu sempre conserto — disse ele com um sorriso travesso



250

enquanto entrava e começava a perseguir sua pobre e aborrecida mãe pela casa com ameaças de cócegas.

Ela tentou bater nele com o pano de prato, mas não conseguiu. Enquanto Lucas corria para cima para trocar de roupa, Helen percebeu que ele estava feliz. Ela também estava. Sabia que ainda corria perigo e que deveria estar aterrorizada, mas vendo Lucas saltar os degraus de três em três tudo o que sentiu foi uma alegria boba e esfuziante. Ainda não fazia ideia do que diabos estava acontecendo entre eles, mas se sentia feliz.

Parecia que Helen não era a única. Pandora entrou na cozinha brilhando por causa da ioga, cantarolando sozinha. Não estava com os braceletes. Em vez deles, tinha tornozeleiras e uma corrente cheia de lantejoulas na barriga que tilintavam alegremente a cada passo.

— Ah, meus deuses, adorei isso! — exclamou ela, esticando o braço e tocando o pingente que Helen sempre usava no pescoço. — Sempre digo: se não for cravejado de diamantes, não é joia de verdade.

— O quê? — perguntou Helen, confusa, olhando para baixo. Pandora estava bebendo de uma garrafa que tirou da geladeira e não ouviu.

— A sala de ginástica é toda sua — falou para Hector por sobre o ombro.

Helen passou o dedo no pingente de coração e se perguntou por que Pandora mencionara diamantes. Não havia diamantes no pingente.

— Você está pronta para uma surra, princesa? — perguntou Hector quando a tia saiu dançando da cozinha.

— Você precisa me chamar assim? — bufou Helen,

imaginando se ser um idiota era parte da sua estratégia ou apenas um traço de personalidade.

— Bem, agora eu preciso — disse ele gargalhando, satisfeito consigo por ter encontrado um ponto fraco.

— Vamos antes que eu esfregue sua cara grande e idiota na cozinha de Noel.

— Esse é o espírito — respondeu Hector, encorajando-a.



251

Helen teve de rir. Ele conseguia ser bem charmoso quando não estava tentando matá-la.

Hector e Lucas apresentaram Helen ao saco de pancada, pensando que era o lugar mais básico para começar. Ela não pegou o jeito. Tentou acompanhar com os quadris como eles disseram, mas ficava se posicionando de forma estranha e só tomando impulso com o balanço. Ela só não gostava de dar socos. Não era natural para ela. Hector não conseguia nem olhar.

— Você tem o instinto assassino de uma samambaia — rosnou ele cobrindo o rosto.

— Talvez devêssemos passar para o combate corpo a corpo.

Provavelmente vai ser mais útil, considerando que todos os ataques a ela têm sido a curta distância — sugeriu Lucas.

Helen logo concordou. Ela lutava muito mal, mas nem mesmo Hector poderia negar que estava tentando. Os garotos fizeram um breve resumo do comportamento no dojô e então ela entrou no ringue fazendo reverência como fora ensinada. Estava esperando que Lucas fosse o professor, mas ele ficou parado e deixou Hector entrar no dojô com ela.

— Pensei que isso fosse sua especialidade — falou Helen, olhando para Lucas.

— É. Ele é muito melhor no tatame que eu — respondeu

Hector por ele com um sorriso. — Agora fique de quatro. Você sabe, como se fosse um cachorro.

Apesar de Hector estar tentando irritar Helen de propósito, ela ficou calma e concentrada nas instruções que lhe foram dadas. Jiu-jítsu era em parte físico, o que era divertido, mas o principal, o verdadeiro desafio, era mental. Helen tinha a sensação de estar

tentando resolver uma charada, tentando se desenrolar do pretzel que Hector fizera com ela. Algumas vezes ela o irritou dando risadas e saindo constrangida das posições sexualmente sugestivas em que ele tentava colocá-la, mas ele perseverou e continuou trabalhando com ela em vez de deixar Lucas assumir a lição.

— Nada disso! — disse Hector quando Lucas tentou entrar no ringue. — Você. Fora.

— Você não está explicando o passo a passo para ela, Hector!

— berrou Lucas do lado de fora da jaula. Ele não entraria no



252

ringue, não quebraria as regras do dojô, mas podia gritar das laterais. — Ela não sabe nada sobre manter a guarda!

— Bem, que pena — respondeu Hector enquanto se levantava de entre os joelhos dela. — De jeito nenhum vou deixar você entrar aqui, meu irmão, então pode esquecer.

Ele gesticulou para o corpo dela deitado de bruços e as pernas

abertas e levantou as sobrancelhas. Helen começou a rir como uma louca.

— Você não tem nada com o que se preocupar, Hector! — conseguiu soltar Helen. — Confie em mim!

Isso fez Lucas ficar vermelho. Helen ouviu uma risada familiar de fora do ringue.

— Risadinha? É você?

Ela se levantou e jogou Hector para o lado.

— Sim, sou eu. Preciso dizer, Len, que achei que você não abriria as pernas para alguém tão facilmente, mas parece que Hector não está tendo dificuldade alguma — provocou Claire.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou Helen, surpresa.

— Tentei detê-la, mas ela foi entrando sem mais nem menos e... — começou Jason com a voz falhando, frustrado.

— Eu queria muito ver você fazer coisas de semideus! — disse Claire, interrompendo-o. — Nunca tinha visto seus truques feitos de propósito.

— Truques? Nós não somos pôneis de circo, Claire! — gritou Jason para ela.

Helen olhou para Hector e deu de ombros enquanto Claire e Jason continuavam a brigar.

— Sabe de uma coisa? Acho que eles gostam de brigar — comentou ela.

— Ela é sua amiga — falou Hector para ela.

— Ele é seu irmão — replicou Helen.

Ela então ouviu a porta bater. Lucas tinha saído da sala.

Helen levantou e o chamou, mas não podia sair do ringue até que Hector, seu mestre do dojô do dia, a dispensasse. Ela se virou para ele e implorou com os olhos.



253

— Você pode estar segura por hoje, mas ainda está correndo muito perigo, e sabe disso. Sei que não gosta do que estamos fazendo, mas precisa praticar. E, de qualquer forma, seria melhor que você o deixasse começar a odiá-la agora, Helen — disse ele, de maneira decidida.

— Do que está falando? — perguntou ela, surpresa que Hector pudesse ser tão insensível.

— Ou então corra atrás dele, se você precisa — disse ele, desviando o olhar. Helen fez uma reverência e saiu correndo do ringue. — Mas só vai piorar — avisou quando ela se virou para fechar a porta, que acabou batendo com força para deixar claro seu ponto de vista... Apesar de não saber exatamente qual era.

Ela correu para fora e ouviu um ruído forte e profundo vindo das quadras de tênis. Começou a correr e então se deu conta de que, dã, podia voar. Dando um salto para o ar, olhou para baixo e viu Lucas na quadra de tênis transformada em arena, arremessando lanças em um alvo. Ele a viu, levantou voo e a encontrou no ar.

— Venha — disse ele, pegando a mão dela e olhando para algumas pessoas na praia quase vazia lá embaixo. — Alguém ainda pode nos ver.

Eles voaram alto, indo em direção ao norte, para Great Point, onde poderiam ficar sozinhos. Tocaram a areia macia ao redor do farol e se transformaram em duas pessoas normais andando pela praia gelada, de mãos dadas. Depois de um momento Lucas ainda

estava calado, então Helen decidiu falar primeiro.

— Você sabe que estávamos todos brincando, certo? Eu não quis ferir seus sentimentos. Sinto muito se magoei você — disse Helen.

— Você não me magoou — disse ele, balançando a cabeça e fechando os punhos. — É muito mais simples que isso. Muito mais básico. Odeio ver Hector em cima de você. Estou com ciúmes, Helen.

— Então você pode me treinar — disse ela com esperança. Ele parou de andar e se virou para o outro lado, resmungando. — Espere, por que não? — insistiu.



254

— Sou um semideus, não um santo — disse ele com uma risada autodepreciativa. — Há um limite para o que eu consigo aguentar.

— Isso mesmo. Então, o que você não consegue aguentar?

Decida qual das duas opções é mais difícil e faça a outra. Dessa forma, não importa o quanto sua escolha seja difícil, você pelo menos pode se consolar sabendo que está evitando algo ainda pior — disse Helen, de forma lógica.

Lucas olhou para ela de lado e sorriu.

— Você dá bons conselhos, sabia disso?

— Talvez sim, talvez não. Tenho meus próprios interesses — disse ela, com um sorriso brincalhão.

— Você está apostando que vou decidir treiná-la, não é? — perguntou ele, com uma risada subindo pelo peito.

— Estou apostando todas as minhas fichas nisso.

Andaram por algum tempo, sorrindo para si mesmos com seus próprios pensamentos. Ela podia sentir que ele estava lutando para tomar uma decisão e o deixou quieto. Por fim, ela sentiu que Lucas havia se rendido a alguma coisa e respirou fundo.

— Os gêmeos ainda vão lhe ensinar arco e flecha e lança, e Hector vai continuar responsável por boxe e luta com espada, mas vou assumir todas as disciplinas de artes marciais. Só um aviso: isso ainda pode ser vetado pelo meu pai e pelo meu tio, não importa o que eu diga.

— Eu não tenho direito de opinar? — perguntou Helen, um pouco irritada. — Castor e Pallas não podem me dizer o que fazer. Se eu quero que você me treine, por que não posso ter o que quero?

— Hum... Melhor deixar minha família comigo — disse Lucas sem ficar bravo, e Helen decidiu esquecer o assunto. — Vamos, precisamos voltar. Não gosto que você fique muito tempo exposta assim.

* * *

— Tudo fica tão perto — disse Helen enquanto pairavam no ar sobre o gramado dos Delos, ainda impressionada com o quanto era fácil e simples ir de uma extremidade da ilha a outra. — Você nunca fica enjoado de estar preso aqui em Nantucket?



255

— Ficaria, se eu estivesse preso — disse ele, irônico, enquanto tocavam o chão do quintal —, mas fui à Nova York outro dia

mesmo.

— Você foi? Para quê?

— Bagels. Tem um lugar no Brooklyn que eu amo. Levo apenas dez minutos para chegar lá no modo subsônico.

Helen ficou paralisada quando se deu conta do que aquilo significava.

— Você quer dizer que qualquer dia desses na escola você e eu podemos simplesmente voar para Boston e almoçar na Harvard Square e então voltar a tempo para a quinta aula?

— Claro — respondeu ele, dando de ombros. — Quero que você tenha mais algumas semanas de experiência antes de sairmos da ilha, mas logo estará forte o suficiente para ir a qualquer lugar comigo.

— Quero ver as estátuas da Ilha de Páscoa! E Machu Picchu! E a Grande Muralha da China! — exclamou Helen, quase histérica de tanta animação.

Começou a dar pulinhos nas pontas dos pés enquanto andavam na direção da casa. Lucas segurou a mão dela.

— Vamos ter que esperar um pouco antes de sobrevoarmos os oceanos. Você mal consegue ficar no ar por aqui, e é mais difícil

navegar sem ponto de referência. Além do mais, as correntes de ar oceânicas podem ser um pesadelo.

— Mas você estará comigo, e você já sabe disso tudo! — Ela parou e apertou a mão dele contra o peito. — Sou forte o suficiente agora. Juro! Por favor? Sempre sonhei em viajar! Lucas, você não tem ideia! Minha vida inteira eu quis sair desta ilha.

— Eu sei, e nós vamos, em breve! Vamos prender um mapa em um alvo e no lugar em que acertarmos, nós iremos. Fiji, Finlândia, Florença, qualquer lugar! — disse Lucas, indulgente, puxando-a para fazê-la parar de pular e evitar que acabasse decolando sem ele. — Podemos comer sushi em Tóquio toda noite até cansarmos. Nós podemos fazer o que você quiser, Helen. Quando estiver voando melhor.

— Nós realmente podemos, não é? — perguntou ela, sem respirar, dando-se conta do fato de que ambos usaram a palavra



“nós”. Então um pensamento menos prazeroso lhe ocorreu. — Você tem feito isso há algum tempo, não é? Dar uma fugida para outros continentes quando tem algumas horas disponíveis.

— Sim, tenho.

— Mas sempre sozinho?

— É possível carregar alguém por curtas distâncias se for preciso, mas é inacreditavelmente exaustivo interferir na gravidade de outra pessoa. É mais fácil ir andando.

Ele tentava parecer tranquilo com aquilo, mas seu rosto estava voltado para baixo. Helen olhou para ele de lado, tentando entender como deve ser saber que você poderia ir ao Louvre e ver a Mona Lisa em vez de só ficar olhando para uma imagem dela em um livro, mas que teria que ir sozinho. Devia ter sido muito solitário para ele. A vida inteira Lucas tinha sido o único Descendente que podia voar, e isso significava ficar isolado de várias formas... Até conhecê-la.

— Haverá tempo suficiente para a gente ver o mundo, mas por agora acho que é melhor você ficar por aqui. E como não posso lhe pedir para fazer algo que eu mesmo não gostaria de fazer, prometo que não vou sair da ilha sem você — disse ele.

— Sei, claro — disse Helen, rindo e tentando puxar a mão para

se soltar da dele, mas ele a segurou.

— Estou falando sério — repetiu Lucas, apertando a mão dela e puxando-a para perto até que estivesse quase pisando nos pés dele. — Há outro motivo para eu querer que fique na ilha, especialmente quando eu não estiver com você. Minha família não pode protegê-la se não puder encontrá-la. Não esqueça que aquelas mulheres ainda estão por aí. E Creon virá atrás de você...

A menção do nome de Creon trouxe tudo de volta. Ele havia tentado matá-la, e esteve bem próximo de conseguir. A escuridão vertiginosa tinha sido ruim suficiente, mas ele a obrigara a usar seu relâmpago e reviver outra lembrança terrível.

— Helen? — disse Lucas, virando o rosto dela para que olhasse para ele. — Desculpe falar sobre isso, mas você sabe que eu precisava.

— Eu sei, Lucas, não é isso — começou ela, e parou; precisava de um segundo para se organizar. — Você acha que meu relâmpago é perigoso?



AFTER DARK

257

— Muito — respondeu ele, sério. — Mas somente se você não aprender a usá-lo.

— Não quero usá-lo! Quero voltar a esquecer que ele existe!

— Helen, você não precisa mais fugir de si mesma — disse ele, olhando para o chão. — Olhe, isso é, em parte, minha culpa. Eu deveria ter lhe contado sobre seu relâmpago mais cedo, mas dava para perceber que você o estava evitando, talvez até mesmo reprimindo, por alguma razão. O que eu queria mesmo era que você descobrisse por conta própria e que quisesse aprender sobre ele, como aconteceu com voar.

— Lucas, eu... — Helen se interrompeu, balançando a cabeça.

— Acho que matei alguém assim e, mesmo que o cara estivesse tentando me machucar, isso ainda me assusta.

— Você não pode mais ficar com medo dos seus poderes,

Helen — disse Lucas de forma gentil. — Você é a mais forte de todos

nós, mas toda essa força não serve para nada até você assumir que a tem.

— Mas eu passei a vida inteira morrendo de medo de usar qualquer um de meus poderes — disse Helen com a voz estrangulada, pensando em suas cólicas.

— Sei que estou lhe pedindo para esquecer anos e anos de condicionamento, e é provável que isso não vá acontecer do dia para a noite, mas ainda assim tem que acontecer, e você tem que ser a pessoa a decidir fazer acontecer. Você é a Descendente mais incrivelmente talentosa que já conheci. — Lucas passou a mão pelos cabelos e balançou a cabeça, sem saber o que dizer. — Verdade, Helen, você não consegue se ver da forma como eu a vejo, mas, se pudesse, ficaria sem palavras. É hora de você parar de ter medo do que consegue fazer e com certeza é hora de você começar a usar todos os seus talentos quando treinar, em especial o relâmpago.

— Como é que posso fazer isso sem fritar todo mundo? Não acredito que você tenha uma garagem cheia de para-raios — disse ela, tentando brincar, confusa por Lucas pensar que ela era

poderosa, mas, o mais importante, por ele parecer amar isso nela.

— Ainda não pensei nos detalhes — disse ele, com um sorriso

largo. — Mas vou encontrar alguma coisa.



258

* * *

Quando entraram em casa era hora do jantar. Helen ficou feliz em ver que Claire ainda estava lá, sentada à mesa, esperando para ser alimentada como o restante da família, conversando com os gêmeos sobre um trabalho a ser entregue na manhã seguinte em uma das aulas avançadas e parando somente para acenar animada para Helen quando ela e Lucas entraram pela porta dos fundos.

Como de costume, a cozinha estava lotada. Pallas e Castor pairavam famintos ao redor do fogão, queimando-se toda vez que mergulhavam o dedo em uma panela para experimentar o que Noel estava cozinhando, mas sem intenção de parar. Pandora e Hector estavam fazendo graça um com o outro perto da pia, dando risadas

idênticas enquanto tentavam ver quem era melhor em cuspir uma uva para cima e pegá-la com a boca. A pobre Noel não podia virar para um lado ou para o outro sem tropeçar em um dos filhos, uma visita, um marido ou um parente, e ainda assim ninguém parecia estar ajudando Noel.

— Você sabe que eu sei cozinhar, não é? Será que eu deveria oferecer ajuda para a sua mãe? — perguntou Helen a Lucas de forma tímida.

— Você está brincando? Minha mãe adora isso. Algumas vezes acho que ela está esperando todos casarmos e sairmos daqui para ela abrir o próprio restaurante. — Ele viu o olhar de dúvida de Helen. — É sério! Ela estava dizendo para meu pai, outro dia, que quer fazer um jantar e convidar metade da ilha. É maluca.

— Aí está você, Helen, querida — disse Noel quando levantou o olhar, como se tivesse estado ansiosa para saber do paradeiro de Helen. Então se virou de novo para o fogão e começou a falar consigo mesma. — Ela vai precisar de mais. Tão magra de repente... O pai ainda não sabe a coisa mais importante sobre ela, por isso não a está alimentando direito, e Kate está tão preocupada! Agora, onde está Cassie?

Noel estava murmurando para si, mas alto o suficiente para Helen escutar. Ela não sabia se Noel estava maluca de tanto estresse, acostumada a não ser ouvida em um ambiente tão barulhento, ou se ela estava deixando Helen acompanhar seus



259

pensamentos de propósito. Noel encheu os pulmões de ar e chamou Cassandra.

Houve um barulho surpreso vindo do andar de cima e a voz distante de Cassandra gritando de volta:

— Comecem sem mim, estou ocupada!

Helen e Claire trocaram olhares arregalados que acabaram em idênticos e calorosos sorrisos. Ambas haviam sido filhas únicas, ambas cresceram sem permissão para levantar a voz dentro de casa. Juntas, sonharam em ter uma família grande e a casa cheia, com milhares de coisas acontecendo ao mesmo tempo, e agora viam na outra a lembrança desse desejo de criança. A gritaria dava um

pouco nos nervos, mas não havia como negar que fazia com que a casa dos Delos parecesse um lar.

— Hec... Jace... Castor... Lucas! — vociferou Noel enquanto olhava o filho nos olhos e insistia em esquecer o nome que dera a ele. — Pegue sua irmã e a traga até aqui. Temos convidadas esta noite.

Lucas fez como a mãe pedira, voltando com uma Cassandra muito mal-humorada pendurada no ombro.

— Mas eu vejo as duas todos os dias! — choramingou Cassandra enquanto Lucas curvava-se para frente e a colocava em pé perto de Helen.

— Mamãe que mandou — replicou Lucas, dando de ombros como se pedisse desculpas.

Parecia que não haveria discussão contra aquilo porque Cassandra revirou os olhos e sentou-se à mesa sem mais uma palavra.

— Oi — falou Cassandra para Helen de forma levemente irritada. — Você come muito alho?

— Não. Por quê? Estou com mau hálito? — respondeu Helen, insegura, já começando a ficar vermelha só de pensar que podia ter

intoxicado Lucas o dia inteiro com bafo de dragão.

— De jeito nenhum. Só estava tentando entender por que você é impenetrável por armas — disse ela. Levantou, então, um livro que estava segurando e balançou atrás de Noel, que permaneceu indiferente. — Estou tentando solucionar um problema aqui —



260

falou alto, obviamente com a intenção de que sua mãe a escutasse, mas Noel continuou a cozinhar.

— Eu também tenho pesquisado algumas coisas —

acrescentou Hector, com as mãos atrás da cabeça, parecendo exatamente como alguém que não tinha pesquisado nada.

— Você se preocupa em ensiná-la a se defender e eu cuido da pesquisa — disse Cassandra, irritada, enquanto abria o livro e passava as páginas.

Hector sorriu, bem feliz por estar livre daquilo.

Castor, Pallas e Cassandra perguntaram a Helen sobre

diferentes hábitos — o que ela comia, sua rotina diária, até mesmo orações que sua mãe pudesse ter lhe ensinado a dizer na hora de dormir. Nada levou a uma resposta, e desistiram quando o jantar foi servido.

Estava bom. Muito, muito bom. Helen comeu como se não comesse há semanas. Bebeu copos e mais copos de água. Estava tão desidratada que podia sentir o líquido fresco se espalhar pelo corpo e engrossar seus tecidos como se fossem panos secos engordando ao absorver uma poça d'água. Certa hora sentiu-se culpada por empanturrar-se tanto e se forçou a largar os talheres, mas Noel lhe lançou um olhar recriminador e perguntou se ela não havia gostado da comida. Helen murmurou suas desculpas e, satisfeita, retomou a comilança.

Depois do jantar, Lucas a levou de carro para casa, o que agora para eles era desperdício de tempo e combustível, mas necessário para que Jerry não suspeitasse de como Helen estava viajando pela ilha.

— Não gosto de deixar você sozinha — disse Lucas, olhando nervoso para todas as sombras no quintal.

— Vou ficar bem — mentiu Helen.

Na verdade, naquele momento, quando já estava escuro do lado de fora, ela não queria que Lucas ficasse mais do que alguns centímetros longe dela, mas com o pai em casa não havia opção a não ser se separarem.

— Volto em mais ou menos uma hora — disse Lucas enquanto ela saía do carro. Helen fechou a porta, mas continuou parada e olhando indecisa para ele pela janela. — O que foi? — perguntou.



261

— Eu me sinto péssima, Lucas! É outono e você e seus primos estão dormindo do lado de fora à noite. Isso é simplesmente inaceitável.

— Não temos muita escolha. Não podemos deixar você sozinha até que possa lutar.

— Não vou mais permitir isso — falou ela, colocando os cabelos para trás da orelha e cruzando os braços de maneira teimosa. — Vocês vão ter que ficar no meu quarto.

— Porque isso seria relaxante — reagiu ele com um sarcasmo gentil. — Eu mal fechei os olhos ontem à noite. Confie em mim, vou dormir melhor no telhado.

— Não — disse ela, mantendo-se firme, mesmo ficando envergonhada e nervosa com a ideia de tê-lo no seu quarto de novo.

— Ou você entra, ou você não passa a noite aqui.

Lucas olhou para ela.

— Vamos encontrar uma forma quando eu voltar, tudo bem?

Helen concordou, relutante, e entrou em casa para ver o pai.

Em meio a um grande bocejo, ele tentou perguntar como tinha sido o fim de semana dela, mas depois de trabalhar por dois turnos durante dois dias seguidos mal conseguia manter os olhos abertos.

Helen falou para ele ir para a cama, prometendo fazer café da manhã no dia seguinte. Jerry já estava roncando antes mesmo de ela ter acabado de escovar os dentes. Ela terminou de usar o banheiro e colocou um short e uma camisa larga de gola V, pensando que Lucas apreciaria sua tentativa de se cobrir. Depois foi até o armário de roupa de cama procurar um colchão inflável que tinha certeza que seu pai ganhara de aniversário alguns anos antes.

No fundo do armário ela encontrou o conjunto ainda fechado, com alguma poeira grudada nos cantos, e levou para o quarto. Sentou-se no chão, abriu a caixa e tirou os componentes. Enquanto tentava encontrar as instruções escritas em sua língua, ela ouviu uma leve batida. Sorriu involuntariamente e acenou para Lucas entrar pela janela aberta, maravilhada com o quanto ele estava bonito enquanto planava pela janela, certa de que ela não ficava daquele jeito quando voava.



262

— Esse quebrador de coluna é para mim? — sussurrou ele, com um sorriso, ao apontar para o colchão inflável.

— Ei, se não gosta dele, sou a favor de você dormir na minha cama — sussurrou Helen de volta, fingindo que fecharia o conjunto.

— Não. É perfeito — disse ele, impedindo-a ao segurar as mãos dela e puxar Helen para seus braços.

Ele a segurou como se não a visse há quarenta dias, e não

quarenta minutos, e sorriu largo, esfregando o rosto na bochecha dela.

— Você precisa fazer a barba! — falou ela, afastando-se da pele áspera dele. Lucas riu de forma sádica e voltou sua atenção para o colchão inflável.

— Eu ia dormir no sofá lá embaixo — disse ele, ainda decidindo se aquilo não seria melhor.

— Meu pai...

— Não seria capaz de descer rápido o suficiente para me pegar.

— E se você não o escutasse e não saísse a tempo? Eu nunca seria capaz de explicar — replicou Helen.

— Melhor isso que a alternativa — disse ele, ajeitando o colchão. — Olhe, fico bem no telhado, Helen. Não me sinto nem um pouco confortável dormindo aqui dentro com você. Acho que seria um erro.

Não importava o quão culpada ela ficava em fazer Lucas dormir no telhado, ela sabia que não conseguiria vencer essa.

Arrastaram o colchão inflável para a sacada e acabaram conseguindo descobrir como enchê-lo, mas Lucas precisou ler as

instruções em espanhol porque as outras estavam quase incompreensíveis, hilárias.

— Insira a boca para fins de inflar — sussurrou Helen citando um dos estranhos itens das instruções enquanto arrumava o lençol no colchão que tinham acabado de encher.

— Expila seus pulmões no tubo de inflar — cochichou Lucas de volta e enfiou o travesseiro em uma fronha limpa. — Isso deve doer.

Tentar silenciar a risada deles somente fez com que ficasse mais difícil parar. Os dois se enroscaram no colchão, sufocando as



263

risadas. De vez em quando conseguiam se controlar, para depois bufar e enfiar a mão de volta no rosto assim que faziam contato visual. Isso continuou ainda por muito tempo depois que a garganta deles já estava ficando irritada com a tensão de segurar o som. Finalmente riram tudo o que podiam e ficaram deitados de barriga

para cima, respirando pesado, exaustos pela maravilhosa crise de risos. Helen sentiu Lucas pegar sua mão e balançar a cabeça para o céu noturno.

— O que estou fazendo? — sussurrou ele para si, passando a outra mão no cabelo.

— O quê? Agora a gente não pode rir juntos? — cochichou ela, ainda com a sombra de um sorriso nos lábios.

— Não é isso — falou ele de forma delicada, virando o rosto na direção dela. — Mas não é exatamente saudável para mim gostar tanto da sua companhia que algo tão estúpido quanto encher um colchão seja divertido desse jeito. Sempre que penso que tenho tudo sob controle, você me faz rir ou diz algo muito inteligente, e sinto como se me perdesse um pouco. Pensei estar preparado, mas isso é mais difícil do que imaginei.

— E o que exatamente é “isso”, Lucas? Por que você está dormindo no meu telhado e não na minha cama? — perguntou Helen.

Ela rolou de lado para olhar para ele e esticou o braço para correr os dedos pelo espaço em formato de U abaixo do pomo de adão.

— Desça — mandou ele, desesperado, empurrando a mão dela antes que ela o tocasse. — Por favor, Helen. Vá pra sua cama. Havia uma parte de Helen que sabia muito bem como seduzir Lucas, ele querendo ou não, e isso a assustou o suficiente para fazê-la levantar-se e andar com as pernas bambas até o quarto. Ela ficou confusa com o fato de que podia ser tão agressiva, tão indiferente com o que ele queria, a ponto de forçar a barra. Ao se ajeitar debaixo das cobertas ouviu Lucas jogar as coisas e se virar lá em cima. Ouviu que ele se levantou com um profundo suspiro e foi até a porta da sacada.



264

O coração dela começou a martelar de alegria quando ouviu Lucas colocar a mão na maçaneta e girar. Helen sentou-se, ouvindo que ele a ouvia.

Ambos conseguiam ouvir a respiração um do outro, a corrente sanguínea um do outro correndo sob a pele e, por um segundo

apenas, Helen pôde jurar que estava tão consciente da presença dele que podia sentir de tão longe o calor do corpo de Lucas. Por fim ele parecia ter vencido algum tipo de luta e forçou-se a deitar de novo no colchão inflável.

Helen também se deitou. Depois de controlar seu coração que batia acelerado, ela caiu no sono sem sonhos com o qual normalmente era abençoada quando Lucas a vigiava.



265

04

Um pouco antes do amanhecer Lucas tocou o rosto de Helen para acordá-la. Quando ela abriu os olhos, ele beijou-lhe a testa e disse que voltaria logo para levá-la à escola. Então pulou pela janela e saiu voando. Helen concluiu que não conseguiria voltar a dormir, levantou-se e fez um grande e elaborado café da manhã

para o pai.

— Você está bem? — perguntou Jerry, com a boca cheia de panqueca, calda e bacon.

— Guardadas as proporções? Estou ótima — respondeu ela honestamente enquanto tomava um gole de café.

— Como estão as coisas entre você e Lucas? — perguntou ele de forma cautelosa.

— Mais estranho impossível — respondeu ela com um sorriso, deu de ombros e gargalhou. — Mas o que se pode fazer?

— O que se pode fazer? — seu pai repetiu.

A mastigação desacelerou, como se um pensamento o consumisse por inteiro e bloqueasse suas habilidades motoras.

Helen sabia que ele devia estar pensando em Kate, mas instintivamente não o abordou. Ele ainda precisava de mais tempo, e quando estivesse pronto a procuraria para conversar sobre o assunto.

Lucas voltou para buscar Helen, conforme combinaram; eles sentiram a química e ficaram vermelhos quando se viram. Só de sentar no mesmo carro que ele Helen ficava com um humor tão bom que, quando uma de suas músicas prediletas começou a tocar

no rádio, ela se embalava no banco e de alguma forma convenceu Lucas a cantar com ela enquanto iam para a escola. Ele negou isso depois, mas se divertiu bastante com aquilo, e Helen ficou boquiaberta só ouvindo.



266

— O quê? — perguntou ele, surpreso ao perceber que estava cantando o refrão sozinho.

— Você tem uma voz linda! Tem alguma coisa em que você não é bom? — perguntou ela, empolgada, batendo de brincadeira no braço dele.

— Apolo também é o deus da música. Agora pare de me perturbar e cante comigo — disse ele, aumentando o volume até som fazer vibrar as janelas do carro.

A voz de Helen não era nem de longe tão bonita quanto à dele, mas compensava a falta de habilidade com puro entusiasmo.

Terminaram a música juntos e ainda ficaram no carro depois de

estacionar para ouvir a parte instrumental. Lucas fazia o volante de bateria e Helen solava com uma guitarra imaginária.

— Minha nossa, somos bons! Meu solo de guitarra foi inspirado!

Helen estava entusiasmada ao saltar do carro.

— Devíamos fazer um tour — concordou Lucas enquanto pegava a mão dela e a levava para dentro da escola.

Estavam sendo observados, mas Helen não se importava. Já não sentia dores de estômago. Podia relaxar agora que sabia que só sentiria as cólicas de maldição se usasse seus poderes na frente de pessoas normais e não como resultado de qualquer tipo de atenção. Ela começou a se perguntar quantos de seus episódios passados tinham sido reais e quantos haviam acontecido pelo medo de que surgissem. Era um alívio saber que tinha algum controle sobre a maldição e, pela primeira vez na vida, Helen sentiu que talvez não tivesse problema em ser um pouco diferente.

— Ainda não somos notícia velha? — perguntou ela, com um brilho maroto nos olhos.

— Não sei. Vou verificar com a CNN — falou Lucas, pegando o celular e fingindo abrir o navegador.

Helen ofegou e levou a mão à boca.

— Ah, não, meu telefone! Eu me esqueci de contar ao meu pai que quebrei o celular de novo!

Ela ficou paralisada no corredor enquanto lembrava que Hector a fizera nadar com o aparelho.



267

— Hector vai comprar outro telefone para você. Um melhor — foi tudo o que Lucas disse ao beijar a testa dela. — Vou me certificar disso.

— Isso parece muito ruim — resmungou Helen, mas o sinal bateu e ela precisou correr, ou sofreria a ira de Hergie.

O resto do dia foi tão perto de perfeito quanto um dia na escola pode ser. Helen sentiu-se bastante disposta, Claire era um raio de sol de quase quarenta e um quilos e Ariadne também ficou em um humor fantástico depois que Matt a ajudou com o golfe no auditório na hora do almoço. Matt era o capitão do time de golfe e Ariadne

estava pensando em entrar para o time, apesar de precisar aprender a jogar.

— Não, você ainda está segurando o taco com muita força. —

Matt a orientava com gentileza. — Pense nele como um florete, não como um machado — falou ele, involuntariamente acertando em cheio a metáfora para ela.

Seu balanço melhorou no mesmo instante.

— Cassie, por que você não larga esse livro e vem aprender a jogar golfe? — chamou Ariadne.

Em resposta, Cassandra abriu outro livro.

— O que você está procurando, afinal? — perguntou Matt.

— Encantos e magias da mitologia grega antiga que protegem contra ferimentos — respondeu ela enquanto passava a mão pelo rosto.

O gesto fez Helen se lembrar de Lucas. Se Matt tinha achado a resposta de Cassandra estranha, ele não pareceu se importar, e se concentrou em Ariadne e sua postura.

— Quanto tempo mais vocês acham que temos antes de sermos pegos aqui? — perguntou Claire.

— Quem se importa? Essa é uma das melhores ideias que

Lennie já teve. Deveríamos aproveitar enquanto podemos e não estragar o momento nos preocupando em perder isso — respondeu Matt, sereno. Claire olhou para Helen e ambas assentiram, surpresas com a resposta inteligente de Matt.

— A Matt Millis. Amigo. Filósofo. Jogador de golfe profissional

— reagiu Helen, fazendo um brinde com a garrafa térmica.

— Tintim — gritou Claire.



268

Ela levantou o leite de soja em um brinde moleque. Matt fez uma reverência majestosa e ficou vermelho quando Ariadne sorriu para ele.

— Ei, Len? Você ganhou um colar novo? — perguntou Claire, esticando-se para tocar o pingente que Helen sempre usava.

— Não, é o mesmo de sempre. Você está ficando doida de novo, Claire? — respondeu Helen, tentando ver seu pingente de coração.

— Parece um morango, não um coração. Ou talvez esteja apenas mais brilhante. Devo estar doida.

* * *

Os dias seguintes foram felizes e Helen sentiu uma paz que não usufruía desde que os Delos haviam chegado à ilha. Foi como se alguém tivesse colocado antidepressivo na água. Helen manteve os treinos à tarde, mas, à medida que os dias passavam sem sinal do retorno de Creon à ilha, ela percebia que estava esquecendo o perigo. A única pessoa que parecia imune aos bons fluidos no ar era Zach. Ele insistia em tentar conversar com Helen sozinho, mas ela o evitava, o que era fácil demais quando se está sendo protegida por uma família de semideuses. Mesmo assim, cada vez que ela o evitava, percebia que ele ficava mais rancoroso.

Ela esperava que, se deixasse a situação de lado por tempo suficiente, ninguém nem se lembraria de como ela havia entrado em colapso ao perseguir um estranho sem camisa. Esperava que, se conseguisse enrolar Zach por tempo suficiente, ele deixaria isso de lado. Mas, em vez disso, a atitude dele estava ficando cada vez mais insistente. A última coisa que Helen queria era contar a Lucas e fazer daquilo um problema. Depois do incidente "Hector tentou me

afogar e por isso arruinou meu celular”, Lucas, de modo fraterno, tinha dado uma surra no primo na arena recém-construída, e uma hora depois um Hector sem dente dera a ela um telefone novo, que Helen tinha quase certeza de ter poder tecnológico suficiente para colocar um satélite em órbita.

Mas Zach estava tornando impossível Helen protegê-lo.

Quanto mais ele tentava colocá-la contra a parede, mais Lucas suspeitava dele, até que o inevitável aconteceu. Depois da escola, na quarta-feira, enquanto Lucas andava com Helen até o treino de



269

corrida, ele viu Zach andando por ali. Quando Zach viu Lucas, mudou de direção e foi para o vestiário masculino, mas não antes que seu comportamento suspeito fosse notado.

— Zach está seguindo você? — perguntou Lucas, com os olhos arregalados.

— Ah, não. Ele quer conversar comigo sobre alguma coisa,

acho — disse Helen como se não fosse importante.

Fechou a boca antes que falasse demais.

— É, aposto que sim — falou Lucas com sarcasmo, seus olhos azuis ficando quase pretos ao sentir a inverdade dela. — Há algum motivo para Zach pensar que talvez você esteja solteira?

— Não! Espere, o quê? — gaguejou Helen, sem entender a raiva de Lucas.

— Você disse a ele que não somos um casal de verdade porque eu não... — Ele parou de falar e passou a mão pelos cabelos enquanto andava em círculos. — O que você tem falado para as pessoas sobre nós?

O contorno do corpo dele começou a ficar borrado enquanto Lucas, agitado, começava a refratar a luz ao seu redor.

— Eu não falei nada a ninguém! — disse Helen com a voz fina ficando ainda mais aguda.

— Você está tentando me fazer ficar com ciúme ou só está tão frustrada que já começou a procurar outra pessoa? Alguém que vai se render a você? Ele estava tão bravo que Helen mal podia vê-lo à medida que ele se embaçava, mas ela também estava irritada.

— Eu NÃO estou procurando outra pessoa! — rosnou para ele.

Lucas deu um passo involuntário para trás enquanto observava a aura azul pálida que crepitava ao redor da cabeça e das mãos de Helen. Seu relâmpago não parecia responder ao controle de luz de Lucas e, como as distorções que ele criava eram afastadas pelo brilho metálico de Helen, ele foi forçado a proteger os olhos.

— Minha nossa!

Ela deu uma risada abafada, sentindo-se como se estivesse no alto de uma montanha-russa, prestes a cair.

Ela ergueu um braço para o lado para se equilibrar. Lucas deu um passo para frente para segurá-la, mas foi esperto o suficiente e parou antes de tocá-la e ser eletrocutado. A luz azul então se



270

apagou como se um interruptor tivesse sido desligado e Helen despencou no chão como uma fruta madura.

— Eu me sinto péssima — falou com ele, aturdida.

— Você já está neutralizada? — perguntou ele, quase vibrando

de preocupação.

Helen olhou para o chão e disparou a rir como maluca enquanto a eletricidade que corria pelo corpo fazia cócegas em seu cérebro.

— Não. Linóleo — falou ela ao bater a palma das mãos no piso não condutor. Sua visão mergulhou em eletricidade estática. — Você estava ce-ce-certo. Eu deveria ter aprendido a u-u-usar isso.

— Ela precisava se livrar da energia agora. — Luke-ke-ke. Corra-a-a — falou ela, a mandíbula trepidando seu controle com energia, enquanto o relâmpago exigia ser liberado. Ela o segurara por tempo demais.

Lucas não queria deixar Helen e ela sabia que poderia matá-lo se não fizesse a coisa certa. Forçou o cérebro preenchido pelo relâmpago, e com sorte conseguiu lembrar-se da aula de ciências do quarto ano. Desesperada para livrar-se do monstro que convocara, ela escorregou de joelhos em direção à porta no final do corredor e bateu com o ombro nela.

Assim que fez contato com a barra de metal que atravessava o centro da porta, o metal brilhou alaranjado com o calor e começou a derreter. Ela quase não conseguiu mover-se rápido o suficiente

para abrir a porta antes que ela virasse um bloco sólido de metal em brasa. Rolando a pequena escada abaixo e arrastando-se para fora de joelhos, jogou-se para frente sobre as mãos. Com um suspiro bem-vindo ela descarregou o relâmpago no único lugar em que ele poderia ficar seguro: o chão.

Depois de alguns segundos ela se sentiu ser puxada da benevolente terra e ser carregada.

— Você está machucada? — perguntou Lucas, ansioso.

— Só cruelmente cansada — disse ela, suspirando, um pouco surpresa consigo por ter usado a palavra cruelmente. Estava muito exausta para se importar. — Sério, me põe no chão — exigiu quando ele não respondeu. Lucas parou e a ajudou a se equilibrar de pé. Ela passou a língua nos dentes e depois chupou o céu da



271

boca. — Minha nossa! Estou com sede! Acho que sei por quê. É um relâmpago, não é? Então isso quer dizer que estou gerando a eletic,

quero dizer a eretic, quero dizer o raio, tirando a água do meu corpo! Isso faz muito sentido — disse, se ouvindo falar como uma líder de torcida que de repente descobriu como seu pompom é feito. — Helen? Você está me assustando. Aqui, sente-se, por favor. Você precisa de alguma coisa? — perguntou Lucas fazendo com que ela o olhasse nos olhos.

Ela ainda parecia soltar faísca.

— Sim, eu preciso de alguma coisa — disse ela se esforçando para controlar a dicção e seu cérebro atrapalhado da melhor forma possível. — Eu preciso lhe dizer o que está acontecendo para que você e eu não nos matemos por acidente por causa de um estúpido mal-entendido, e eu preciso que você me prometa que, se eu falar, você não vai acabar com a raça de ninguém.

— Não sei se gosto desse acordo — disse ele de maneira hesitante.

— Você não tem escolha.

Ele assentiu. Ela olhou ao redor por um instante e então decidiu sentar-se no degrau de cima da escada de fora antes que caísse.

— Foi Zach quem me viu correr atrás de Creon. Outro dia na

aula ele me deu algumas indiretas bastante ameaçadoras sobre mim e sobre você e como somos todos anormalmente rápidos e fortes. Agora ele fica tentando conversar sozinho comigo e acho que deve estar querendo me chantagear ou coisa parecida. Eu tenho evitado Zach tanto quanto eu posso por que...

— Quanto mais você esperar, mais provável será que a coisa toda se transforme em uma grande história fantástica e ninguém acredite nele — terminou Lucas para ela com um gesto de compreensão.

— Certo. Você é tão esperto — disse Helen, maravilhada.

— E seu cérebro está frito — falou Lucas sorrindo de forma indulgente para ela. O sorriso se desvaneceu. — Por minha causa. Eu sou tão idiota — resmungou, olhando para as mãos entrelaçadas.



272

— Correção: você é um idiota ciumento, e isso precisa mudar

agora mesmo — reagiu Helen séria, ainda se sentindo tonta, mas tentando melhorar. — Você não tem razão para ser ciumento. Eu já disse que não quero outra pessoa além de você. Nunca quis.

— Você viveu a vida toda nesta ilha, ainda não sabe o que “outra pessoa” quer dizer — disse ele suspirando. — E você não faz ideia de como é... Atraente não é a palavra certa. Não descreve por completo o efeito que você exerce sobre os homens. Sobre mim. Olhe, não sou uma pessoa ciumenta, Helen, verdade. Todas as outras garotas que eu namorei... — Lucas se interrompeu, respirou e reorganizou os pensamentos antes de recomeçar. — Você sabe, nunca acreditei naquela coisa de “o rosto que lançou mil navios”. Eu costumava detestar aquela parte da Ilíada. Até ri dela — disse ele, parou e balançou a cabeça com pesar enquanto levantava os olhos para o céu por um momento, se repreendendo. — É ridículo quando você pensa sobre aquilo. Uma guerra de dez anos porque algum covarde egoísta fugiu com uma mulher infiel? Isso me deixava irritado, e eu detestava Páris e Helena por serem tão fracos. Então fiz algo muito, muito estúpido. Jurei nunca fazer as mesmas escolhas que eles e que eu seria mais forte. Duas semanas depois vi seu rosto pela primeira vez.

— Espere — disse Helen. Ela piscava por estar com sede, esgotada e chocada. — Não sou uma rainha mimada que abandonou o marido, fugiu com outro cara e destruiu uma cidade inteira. Não me importa que nome a droga da minha mãe me deu, não sou como Helena de Troia.

— Não importa o nome que nenhuma de nossas mães tenha nos dado — disse ele, com uma risada irônica. — Confie em mim.

— Hamilton! — gritou a treinadora Tar agarrada à sua prancheta e marchando em direção a eles com os olhos arregalados.

— Você está pegando fogo?!

Helen olhou para onde a treinadora estava apontando e se deu conta de que o chão ao redor dela estava queimado, enegrecido. A porta de saída parecia alguma coisa saída de uma pintura de Dali.

Por sorte, Lucas era um fantástico mentiroso. Quando um bando de professores veio correndo para ajudá-los, ele explicou que tinha havido algum tipo de faísca elétrica acima da porta, sugerindo



que talvez a placa eletrônica tivesse entrado em curto. Ele e Helen correram para fora para pisar nas faíscas que haviam caído na grama. Enquanto tecia sua história, Helen podia ouvir como ele parecia honesto, como era convincente. Ela assentia toda vez que ele olhava para ela, sabendo que precisava ficar com a boca fechada, ou iria arruinar tudo. Como o fogo havia sido obviamente elétrico e a única fonte possível era a placa eletrônica, acreditaram na história.

Helen e Lucas insistiram que não estavam machucados, mas por precaução foram enviados para a enfermaria para um exame rápido. Pouco antes de Lucas levar Helen dali, ela viu Zach, na multidão, encarando os dois, com os olhos assustados e irritados. Ele sabia que os dois haviam provocado o incêndio. Helen tocou o ombro de Lucas e apontou para Zach, e Lucas acenou com a cabeça entendendo Helen sem problemas.

— É muito importante para deixar ele estragar tudo —
murmurou ela pesarosa.

— Vamos discutir isso hoje à noite com minha família. Cassie saberá o que fazer — sussurrou ele, pegando a mão dela coberta de

fuligem em uma das mãos e com a outra digitando uma mensagem de texto para os primos enquanto andavam pelo corredor indo para a enfermaria.

A Sra. Crane examinou os dois, balançou a cabeça admirada e declarou que ambos estavam em perfeitas condições para ir embora para casa, ou até mesmo para participar do treino, se quisessem, apesar de dar um sermão absurdo sobre ficar embaixo de armadilhas elétricas letais.

Ela então olhou para o colar de Helen e sorriu de forma doce.

— Sempre gostei de borboletas — murmurou ela, tocando de leve o pingente de Helen antes de expulsar os dois da enfermaria com seu jeito firme, mas gentil.

Helen e Lucas chegaram antes de todo mundo na propriedade dos Delos, decidindo que assim que chegassem teriam direito a alguns instantes de relaxamento antes de iniciarem o que Helen começava a pensar como suas lições de super-herói. Eles pararam na cozinha para ela pegar mais uma garrafa de água e então saíram para um voo rápido.



AFTER DARK

274

— Jase e Hector chamarão quando chegarem em casa, de volta do treino. Ainda temos mais ou menos uma hora — disse Lucas, confiante, quando desceram nas dunas.

Andaram até a areia meio úmida que estava lisa e firme, perfeita para um passeio.

— Nós devemos ter a primeira reunião do treino de corrida semana que vem — disse Helen de repente, mordendo o lábio preocupada. — Não sei se a treinadora vai me deixar correr depois de perder tantos treinos.

— É, sobre isso — disse Lucas, dando um suspiro profundo e fazendo Helen parar e olhar para ele. — Você precisa parar com a corrida.

Helen o encarou por um momento.

— Parar com a corrida? Você ficou louco? De que outro jeito vou ganhar uma bolsa?

— Isso já não importa mais — respondeu Lucas sacudindo a cabeça.

— Não importa? Lucas, você está falando da minha vida.

— Exato. Você foi atacada quantas vezes até agora? Ainda não sabemos quem são aquelas mulheres. E acho que você não se dá conta do tamanho da ameaça que Creon é mesmo comigo bem a seu lado, ainda mais quando sai correndo sozinha pela ilha.

Estamos falando sobre sua vida, não só uma bolsa de estudos — falou ele, equilibrado e calmo. — Eu quero que você pare. Pelo menos por enquanto.

— Você só pode estar brincando comigo — reagiu ela, completamente sem expressão.

— Não estou. Pare de correr. Até a gente descobrir como lidar com Creon, é muito perigoso.

— E se eu virasse para você e o mandasse parar de jogar futebol? — perguntou ela de forma sarcástica.

— Feito — falou ele estendendo as mãos em um gesto de apaziguamento. — Eu já lhe disse uma vez, e estava falando sério, que jamais lhe pediria para fazer algo que eu mesmo não faria.

Estamos nessa juntos.

— Você é... Isso é... Eu não acredito que você está jogando a responsabilidade para cima de mim! — gritou ela apontando para



AFTER DARK

275

ele de maneira infantil. Ela andou em círculos batendo os pés, chutando a areia e tentando descobrir por que estava tão chateada.

— Não estou jogando a responsabilidade para cima de você! Mas para cima de nós dois! Isso é o que tenho tentado lhe dizer — insistiu ele, levantando a voz frustrado.

— Sempre me senti presa a esta ilha e sempre pensei que a corrida seria uma maneira de sair daqui. Agora você está me dizendo para desistir de meus planos como se fosse a coisa mais fácil do mundo!

— É mais fácil que morrer! — gritou ele para ela, mas havia um tom humorístico invadindo sua voz e um sorriso se formando nos lábios.

— Não sei se já notou isso ou não, mas você pode voar. Não

vai ficar presa em lugar algum nunca mais!

Helen não queria rir. Na verdade, ela estava se esforçando para lançar um olhar penetrante para Lucas, mas não importava o quanto tentava, não conseguia manter uma fisionomia séria. Ela fez um som horrível, um enorme ronco de porco, e isso fez Lucas se dobrar de tanto rir, até precisar colocar as mãos nos joelhos e se segurar. Quando Helen cobriu o rosto e se permitiu rir de verdade, sentiu Lucas colocar os braços em volta dela.

Eles se abraçaram, um apoiando o outro. Foi quando Helen começou a entender como as coisas funcionavam entre ela e Lucas. Precisavam fazer aquilo juntos, precisavam compartilhar meio a meio os enormes fardos colocados sobre eles, ou seriam esmagados. Lucas virou os lábios na direção da bochecha dela enquanto corria a mão pelas costas e começava a afagar a nuca de Helen. Ela sentiu os músculos nos ombros dele ficarem tensos e ele, de repente, colocou um joelho entre as coxas dela. Helen, ofegante, tentou decidir se o puxava para baixo, para cima dela, como ela queria, ou se o empurrava, afastando-o, como ele queria, mas não teve chance de fazer qualquer um dos dois. Tão rápido quanto mudara, ele voltou ao que era antes. Afastou-se dela com um

sorriso triste, e então saltou para o ar.

— Sabe, você não precisa correr para entrar numa boa universidade. Você vai arrebentar no SAT — disse ele



276

despreocupado, mas ainda com um fraco tremor insistente em sua voz.

— É o que o Hergie acha também — disse Helen, ainda um pouco confusa e trêmula. Ela se juntou a ele no céu e continuou seu pensamento quando por fim teve um. — Eu só não queria ser aquela garota, sabe? A garota que faz qualquer coisa que o namorado manda porque quer que alguém tome as decisões difíceis por ela.

— Eu detesto aquela garota — disse Lucas com o nariz franzido enquanto voavam de volta, de mãos dadas, para a casa dele.

— Todo mundo detesta aquela garota. Por isso eu não posso

automaticamente fazer qualquer coisa que você disser, mesmo que esteja certo. Tenho meu orgulho — disse Helen, brincando, quando eles pousaram no quintal dele, mas ele não riu. Ela apertou a mão dele. — O que foi?

— Orgulho é uma coisa muito perigosa para um Descendente. Somos inclinados a ele e normalmente é a nossa ruína. Sei que estava brincando, mas cuidado, está bem? — disse ele de maneira gentil.

— Ah, é, o orgulho arrogante. O grande inaceitável da Grécia antiga. — disse Helen assentindo de forma grave. Lucas olhou surpreso para ela. — O quê? Tenho feito meu dever de casa de mitologia. Na verdade, acho que é meu dever de casa de história, não é?

— É. História de família — falou ele e a puxou para perto.

Eles desceram para o ringue com os braços em volta um do outro e depois se separaram. Vestiram as roupas de treino e se encontraram de novo no dojô.

Helen achava que ainda haveria um pouco de tensão entre ela e Lucas depois do leve “escorregão” dele em Great Point, mas aquele

descontrole momentâneo só servira para fazê-lo ficar ainda mais concentrado no treino. Em geral, havia um momento ou dois em que um ou o outro se dava conta da posição íntima em que se colocavam enquanto Helen ainda tentava aprender o básico do jiu-jítsu, mas não naquela tarde. Lucas estava muito sério.



277

— Acabei de me dar conta que lutamos o dia todo — falou Helen enquanto tentava, e falhava, escapar da chave de braço dele pela décima vez. — E acho que não ganhei nem uma vez.

— Faz quanto tempo? — perguntou ele curioso de repente sobre algo que ela não entendeu logo. Ele inclinou a cabeça, olhou o relógio na parede, depois para Helen. — Você já está com seus relâmpagos de novo?

Helen conectou-se com aquela estranha sensação na parte de baixo da barriga e sentiu uma faísca lá. Ela assentiu um pouco surpresa e ele segurou na mão dela colocando-a em pé.

— Então vamos lá experimentar — disse ele com um sorriso largo enquanto a guiava para fora do ginásio.

— Espere — disse Helen, em dúvida, detendo Lucas com a mão esticada. — Meu relâmpago quase o matou hoje.

— Porque você ainda não sabe como controlá-lo. — Lucas se virou e colocou as mãos sobre os ombros dela. — Você precisa aceitar isso. Sei que faz você morrer de medo, mas, por mais duro que pareça, você simplesmente precisa superar isso. Isso é quem você é, Helen. E eu não tenho medo de você, ou dos seus relâmpagos. Então, você também não deveria ter.

Helen olhou para Lucas. Os olhos dele estavam tão tranquilos, tão receptivos.

— Sabe de uma coisa? — disse ela em pé, se endireitando. — Eu quero aprender a controlar meu relâmpago.

— É isso aí! — quase gritou ele. Quando chegaram do lado de fora, viram a caminhonete de Hector encostando e o restante da família descendo.

— Vamos testar os relâmpagos dela! — berrou Lucas na direção deles.

Jason e Hector trocaram olhares rápidos. Ambos dispararam a

correr.

— Há quanto tempo foi aquilo? — gritou Hector acelerando na direção deles tonto como uma criança.

— Há mais ou menos uma hora e quarenta e cinco minutos — respondeu Lucas. — Ela bebeu oito litros de água.

— E ainda estou com sede — admitiu Helen.



278

— Bem, pegue mais água para ela, Lucas! — ordenou Cassandra quando ela e Ariadne alcançaram os irmãos. — Como você quer que ela faça relâmpagos sem hidrogênio?

— Certo — falou Lucas distraído. Saltando para o ar ele voou para a casa e voltou em mais ou menos vinte segundos. — Por que não me falou que estava com sede? — perguntou a Helen, lhe entregando uma garrafa grande ainda fria da geladeira.

— Eu não sabia. Acho que tenho que começar a prestar mais atenção a isso — murmurou Helen para si mesma, tímida.

— Você tem que prestar atenção a tudo o que a faz ficar mais poderosa. E seus relâmpagos fazem você ficar muito poderosa — falou Hector com um sorriso felino se espalhando pelo rosto. Helen virou a garrafa e bebeu bastante.

— Aquela porta foi uma loucura! — exclamou Jason. Ao se lembrar, ele passou a mão pelo rosto com aquele gesto dos Delos que Helen sempre notava. — É como se você tivesse usado um soldador industrial nela.

— Quantos volts você acha que tem armazenado agora? — perguntou Cassandra.

Todos entraram na arena.

— Não tenho ideia. — Helen deu de ombros. Ela procurou sentir a carga e tentou medir quanto era, mas não conseguia descrevê-la. — É uma sensação e não um display digital, Cass.

— Ah, então espera! — disse Cassandra, levantando as mãos.

— Talvez eu possa criar uma forma de medir isso.

— Cassie, deixe para ser nerd depois! Estamos todos doidos para ver isso agora mesmo — resmungou Hector.

— Tudo bem! Desculpe, Helen. Quando estiver pronta — aceitou ela, relutante.

A família Delos ficou atrás de Helen, dando-lhe espaço suficiente para mirar o relâmpago na areia não condutora de eletricidade da arena. Ela levantou a mão direita. Era a mão com a qual escrevia, mas não parecia ser a melhor escolha, então trocou para a mão esquerda. Foi então que, pela primeira vez, deliberadamente, invocou o raio.

Helen disparou um relâmpago com a mão. Não era estático, não era um patético fragmento de faísca, mas um verdadeiro



279

relâmpago. Saiu em um arco para frente, brilhante, com ramificações borradas, e deu um altíssimo estalo, como uma orquestra de chicotes batendo ao mesmo tempo. Em um segundo o ar estava cheio de uma ofuscante luz azul-clara; no segundo seguinte metade da arena estava coberta por uma grossa camada enfumaçada de vidro âmbar.

Ninguém falou nada por um segundo.

— Incrível — exclamou Hector surpreso.

Helen estalou a língua no céu da boca e tropeçou na direção da garrafa d'água que Lucas sem pensar entregou para ela. Ela bebeu um litro inteiro em cinco goles.

— Talvez isso tenha sido um pouco demais — disse ela enquanto se apoiava em Lucas.

— Você poderia fritar mais ou menos umas cinquenta pessoas

— murmurou Ariadne, distraída, olhando para Helen e para a cobertura irregular de vidro.

— Eu não quero fritar cinquenta pessoas. Cinquenta batatas fritas, certamente. Quem não iria querer cinquenta batatas fritas?

Delícia — disse Helen.

Sentiu que deu um sorriso pateta.

— A eletricidade faz Helen ficar um pouco confusa — explicou Lucas em tom constrangido. — Espero que não seja ruim para ela.

— Não é a voltagem, Lucas. É a desidratação severa! — reagiu Cassandra. — O corpo dela é preparado para aguentar eletricidade. É a drenagem dos fluidos dos tecidos que a faz parecer uma tonta. E isso não é permanente nem prejudicial, então pare de se preocupar.

* * *

Na cozinha, Helen colocou a boca na torneira. Todos esperaram com paciência ela beber até ficar satisfeita, enquanto trocavam olhares por suas costas. Ela conseguia sentir o medo deles.

E esse era o exato motivo pelo qual ela havia se afastado do poder, para começo de conversa. Aquele poder era tão intenso, tão destrutivo, que era impossível qualquer um confiar nele.

Helen fechou a torneira e virou-se para eles.



280

— Eu acabei de matar todo mundo de medo, não é? —
perguntou ela.

— É — falou Lucas, sem mostrar o que sentia. A garganta de Helen se fechou e o corpo inteiro ficou rígido. Manteve o olhar em Lucas, mas esperava qualquer um deles condená-la por ter ido longe demais. Lucas olhou para Helen e sorriu. Ele sorriu como se

tivesse orgulho dela. — Mas isso é problema nosso. — Ele foi firme.

— Não há nada de errado com o que você consegue fazer. Não há nada de errado com você.

— Além do mais, aposto que você é realmente boa para fazer sanduíche de biscoito com marshmallow e chocolate — acrescentou Ariadne.

— Mas a principal questão é: será que ela consegue fazer isso sem liquefazer o chocolate? — perguntou Jason como se fosse algum tipo de guru do sanduíche de biscoito.

Helen olhou para cada rosto, o coração tocado por gratidão em encontrar nada além de aceitação e compaixão onde quer que seu olhar pousasse.

Depois de toda a conversa sobre batata frita e sanduíche de biscoito, todos estavam com junk food na cabeça, então foram para uma lanchonete à beira-mar. Quando Helen e Lucas chegaram ao balcão, a caixa esticou-se para tocar o colar de Helen.

— É um cavalo-marinho! Eu amo cavalos-marinhos — exclamou a mulher, entusiasmada, levantando a mão para tocá-lo e depois soltando-o, constrangida.

Helen agradeceu, porque se sentiria mal se não agradecesse,

fez o pedido com Lucas e foi se sentar em um dos sofás, onde se entreolharam confusos.

— Seu colar não é um cavalo-marinho, é um coração — discordou Lucas, veemente.

— Do que você está falando, Luke? — disse Hector, em tom depreciativo. — O colar de Helen é uma concha. Sempre foi, apesar de eu apenas ter notado hoje. Estranho — falou ele franzindo o rosto, confuso.

— Não — discordou Jason sorrindo. — É um morango. Eu estava olhando para ele essa manhã mesmo.

— Coração — insistiu Lucas.



281

— Todo mundo perdeu a cabeça? Ela está usando uma chave dourada com rubis encravados no topo — disse Ariadne, esticando-se para tocá-lo. — Que, a propósito, acho maravilhoso.

Helen, ainda um pouco desorientada com a desidratação,

levantou-se e se aproximou de dois estranhos em outro sofá. Sorriu para os dois turistas em choque, apontou para o colar e perguntou ao homem mais próximo o que ele pensava que era aquilo.

— Uma rosa, claro — disse ele com um sorriso esperançoso.

O amigo inclinou-se e deu uma olhada, como se tivesse sido atraído pelo colar.

— Isso é um medalhão — disse ele com o olhar distante. —

Igualzinho ao que minha mãe costumava usar.

— Obrigada — falou Helen com eles e então se virou e voltou para a mesa, dando de ombros. — Vocês estão todos errados, exceto Lucas. Minha mãe me deu esse pingente quando eu era bebê. É um coração, e eu jamais usei outra coisa além desse coração em toda a minha vida.

— É isso que vejo! — disse Cassandra como se tivesse acabado de resolver um mistério. — Eu estava tentando pensar sobre o que todo mundo falava.

Helen sentou-se perto de Lucas.

— Pessoalmente, acho que vocês todos veem o que querem ver.

O queixo de Cassandra caiu.

— Ah, meus deuses! Ela está projetando. Por isso que todo

mundo está tão alegre e de repente começou a pular uns nos outros como se fosse a época do cio no zoológico — disse ela, com os olhos arregalados. Ela se virou para Hector. — Preciso ir para casa agora mesmo.

— Mas... Os nossos hambúrgueres — falou ele, um pouco desapontado, mas também ciente do fato de que acabaria fazendo qualquer coisa que Cassandra dissesse.

— Vamos precisar de tudo isso para viagem — falou Cassandra para o atendente. Virou-se para Helen. — Acho que descobri o que isso quer dizer, mas ainda preciso testar. Correram de volta para a propriedade dos Delos, onde o barulhento grupo entrou correndo na biblioteca, preocupando Castor e Pallas. Cassandra puxou uma das escadas até uma



282

estante alta e então pediu a Lucas para segurar a parte de baixo. Enquanto subia, pediu ao pai e ao tio para olharem o colar de Helen

e descreverem o que viam.

— Parece... Isso é impossível — falou Pallas, com os olhos enfurecidos, dando um passo para trás.

— O que você vê? — perguntou Castor, cauteloso, ao irmão.

— Eu dei isso para Aileen — falou Pallas, apontando para o colar como se estivesse acusando Helen de roubo.

— Cass? — chamou Lucas para a irmã no alto da escada, preocupado.

— O colar dela se parece com qualquer coisa que atrairia a pessoa que olha para ele. Essa habilidade é relacionada somente a uma deusa e a uma relíquia — respondeu Cassandra olhando para baixo, ainda procurando por alguma coisa. — O cinto de Afrodite.

— Não pode ser — disse Pallas, balançando a cabeça. — Então vamos logo dizer que ela tem a égide de Zeus. Ou, então, o Monstro do Lago Ness. É folclore, não existe.

— O que é esse cinto? — perguntou Helen em voz baixa, para o caso de ser uma pergunta muito idiota e todos terem que conseguir fingir que não ouviram.

— É o cinturão de Afrodite — respondeu Lucas sem pensar, o olhar dele indo de Cassandra para Castor e depois pousando em

Helen. — É um objeto mítico que torna quem o carrega impenetrável por qualquer arma.

— E impossível de se resistir — acrescentou Castor, e lançou um olhar preocupado para o filho.

— E eu devo ter essa coisa comigo? Bem, detesto dar essa notícia, mas não tenho nenhum cinturão mítico no momento — disse Helen com uma risada sarcástica, mas ninguém riu com ela.

— Deixe-me ver esse colar que sua mãe lhe deu — pediu Cassandra, descendo a escada com um livro enfiado debaixo do braço.

Ao pisar o chão, esticou o braço.

— Por quanto tempo você vai querer ficar com ele? —

perguntou Helen, desconfortável, ao passar o dedo pelo colar.

Ela detestava tirá-lo por qualquer motivo, mesmo que fosse tão importante quanto Cassandra fazia parecer.



— Eu irei devolvê-lo logo, prometo — falou Cassandra, com os olhos presos em Helen.

— Sim, claro — respondeu Helen, sentindo-se boba por hesitar.

Ela, obediente, passou pela sensação de pânico que não conseguia esconder ao pensar em tirar o colar. Então o entregou. Assim que o colocou na mão estendida de Cassandra, sentiu uma ardência no braço.

— Cass, você está doida? — gritou Lucas.

Ele arrancou a pequena lâmina que a irmã tinha empunhado. Helen sentiu alguém chegar por trás dela e colocar a mão em seu ombro; pelo tamanho, sabia que era Hector, apoiando-a e protegendo-a.

— Sinto muito, Helen. Mas era a única forma de testar — disse Cassandra, mordendo o lábio inferior, com olhar defensivo.

— Tudo bem — murmurou Helen, ainda sem entender o que havia acontecido.

Todos estavam olhando para o braço dela. Ela olhou para baixo e viu um corte fino pingando sangue no tapete.

* * *

— Mas é apenas um colar — repetia Helen enquanto corria o pingente pela corrente e olhava para o braço.

O corte já havia cicatrizado.

— Isso se transforma no que você precisar que seja, é parte da mágica — disse Cassandra frustrada, procurando por palavras. — É como quando parece ser algo diferente para todo mundo. É porque não há nada que seja o enfeite mais bonito, ou o mais bonito qualquer coisa, aliás. Como posso explicar isso?

— O que eu acho bonito é muito diferente do que até mesmo meu irmão gêmeo pensaria ser bonito, porque todos nós somos atraídos por coisas diferentes — explicou Ariadne de forma direta.

— Isso — falou Cassandra.

— Mas por que um cinturão? — insistiu Helen.

— Você precisa se lembrar que há milhares de anos cinturões eram considerados muito atraentes, mas eram também uma forma de proteção para quem usava. Alguns ainda tinham placas de osso ou bronze neles, como uma armadura leve — explicou Castor. Ele



AFTER DARK

284

parecia distante, sem o mesmo bom humor de sempre. — Mas havia duas partes do cinto de Afrodite. O cinturão propriamente dito, e seus adornos. Eram os adornos que tornavam a deusa irresistível para qualquer pessoa que ela quisesse seduzir, e tinham o poder de mudar de acordo com o gosto de quem olhasse para eles.

O tempo passou e os cinturões saíram de moda, mas a mágica transformadora do cinto ainda é a mesma. Pode virar qualquer coisa que você precisar para torná-la mais atraente, Helen. E durante todos esses anos você só precisou que ele fosse um simples colar.

— Eu sempre amei esse colar — admitiu Lucas, suavemente.

— A forma como ele se encaixa nesse lugar. — Ele tocou o local abaixo da garganta dela pelo mais breve dos instantes. — Acho que é perfeito.

Helen pôde ver uma descarga de vermelhidão atravessar as bochechas dele, mas ele manteve os olhos baixos, consciente do fato de que todos olhavam para os dois com a testa franzida de preocupação. Castor, em especial, parecia tão arrasado como se estivesse em um funeral.

— O que eu não entendo é por que estamos todos percebendo isso agora? É como se tivesse sido carregado de algum encanto amoroso nos últimos dias, ou coisa assim — devaneou Jason, falando para todos.

Um pensamento então lhe ocorreu e ele olhou de Helen para Lucas, e depois para nada.

— Como se tivesse acabado de ser ligado — falou Ariadne.

Olhou para Helen e Lucas, compartilhando da mesma ideia do irmão gêmeo.

— E se eu quisesse que fosse outra coisa? — perguntou Helen, ignorando os estranhos olhares que de repente recebia de todos eles.

Cassandra deu de ombros.

— Não sei. Talvez você devesse tentar mudá-lo? — perguntou ela com o olhar animado. — Mas eu o tiraria primeiro! Nunca se

sabe — acrescentou ela no mesmo instante.

Helen destravou o colar e tentou pensar em coisas atraentes, mas não conseguia ter nenhuma ideia. Depois de algum tempo ela



285

se deu conta de que não importava o que ela pensava ser atraente, mas o que outras pessoas achavam ser importante. Ela precisava de uma cobaia. Olhou para Hector, concentrando-se somente nele e sentiu o colar mudar de forma em sua mão.

— Helen! — exclamou Hector.

Helen olhou para baixo e viu que segurava um minúsculo pedaço de renda que mais parecia um fio dental cheio de diamantes do que uma calcinha. Todo mundo morreu de rir, olhando para Hector e fazendo graça do gosto duvidoso dele. Ela olhou concentrada para Lucas e o objeto voltou a ser o colar. Ele sorriu.

— Eu disse. Amo esse colar — falou sem receio.

O olhar dele era tão quente que Helen sentiu que precisava

fazer alguma coisa para desviar os olhares que estavam recebendo. Olhou ao redor da sala à procura de uma nova vítima. Todo mundo sabiamente decidiu desaparecer.

— Nem pense nisso! — gritou Ariadne, saindo correndo da sala para que Helen não conseguisse se concentrar nela.

— Ah, sem essa! Isso não é justo! — falou Jason. Ele se afastou cobrindo os olhos para não vê-la e o rosto, para que ela não pudesse vê-lo.

— Tudo bem, nada de pânico! — Helen colocou o colar de volta e riu, mas ninguém ficara na biblioteca para testemunhar a compaixão dela, exceto Lucas e Cassandra. — Eu prefiro ele assim.

— Bom — disse Lucas desviando o olhar e tentando fingir que não estava constrangido.

— Por que você não está correndo? — perguntou para Cassandra, brincando.

Quando viu o olhar tenso no rosto dela, soube que falara algo muito errado.

— Isso jamais funcionará comigo — Cassandra falou com a voz sem expressão, distante, e passou raspando por Helen.

— Sinto muito — disse Helen para Lucas quando Cassandra

desapareceu da sala. Colocou a mão no braço dele e fez com que olhasse para ela. — Eu não entendo, Lucas. O que foi que eu falei? — O poder de Afrodite só funciona em adultos, em indivíduos sexualmente maduros — respondeu ele com a voz arranhando como se a garganta tivesse ficado seca.



286

— Ah, não sabia, mas isso não é nada para ela se envergonhar. Ela só tem quatorze anos. Ela tem desenvolvimento tardio...

— Minha irmã nunca vai se desenvolver. Ela foi tomada pelas Moiras — interrompeu Lucas.

— O que isso significa?

— Significa que, mesmo se ela quiser, mesmo se ela sentir o que outra mulher sente, ela nunca irá se apaixonar ou ter filhos. Ela nem será capaz de ter o tipo de relacionamento físico sem compromisso que Hector tem quase uma vez por semana — disse

Lucas. — Ela é sacrossanta para as Moiras, e elas não vão compartilhar a filha.

— Mas se ela sentir o mesmo que uma mulher, por que não pode agir como uma? Quem se importa com o que três velhas solteironas empoeiradas dizem? — perguntou Helen, persuasiva, mas isso fez Lucas ficar ainda mais chateado.

— Você não está entendendo, Helen. Estamos falando das Moiras, não de pais superprotetores com problemas para lidar com a virgindade. As Moiras não podem ser evitadas, ou enganadas. Cassandra não será capaz de fugir pela janela do quarto e fazer sexo com algum garoto bonito que conhecer em uma festa — disse ele, andando em círculos. — Mesmo que fosse um homem que ela realmente respeitasse, um homem que ela pudesse passar a amar, as Moiras os separariam. O destino se certificaria de que Cassandra jamais colocasse os olhos nele de novo.

— Que cruel — disse Helen, horrorizada.

— E um dia as Moiras vão separá-la de nós, sua própria família. Você mal pode perceber agora, mas ela e eu éramos muito próximos. Ela costumava segurar minha mão sempre que andávamos juntos, mas não mais — disse ele com a voz falhando,

emocionado.

— Ela era a irmãzinha mais doce de todos os tempos, juro. Um coração enorme, caloroso, e uma mente incrível, inteligente, tudo dentro da menor garota que você já viu. Agora está ficando mais parecida com elas. Fria, meticulosa, impiedosa.

Helen colocou as mãos na cintura dele e esperou em silêncio até que ele estivesse pronto para puxá-la para os braços dele e



287

relaxar, o que ele por fim fez. Ela havia abraçado Lucas por apenas alguns minutos quando Ariadne entrou na biblioteca e falou com Helen que ela precisava ir até a cozinha.

— O que foi? — perguntou Lucas.

— Sua mãe descobriu tudo sobre a coisa do cinturão de Afrodite e está surtando, Luke — admitiu Ariadne, com o coração partido e seus olhos gentis mirando os dois com compaixão. — Tia Noel quer ver Helen.

Todo o ar parecia ter saído da sala, a maior parte sugado para dentro dos pulmões de Lucas. Ariadne virou-se e Lucas pegou a mão de Helen.

— Isso é ruim? — perguntou Helen a Lucas, sem ar, enquanto seguiam Ariadne pela casa.

— Sim — sussurrou ele. — Escute, prometa uma coisa.

— O quê?

— Prometa que, não importa o que minha mãe disser, essa não será a última vez que você fala comigo. — Lucas a fez parar e olhar para ele. Ele a segurou pelos ombros contraídos e colocou os

lábios na testa dela enquanto falava. — Prometa que você vai falar comigo de novo, mesmo que seja apenas uma vez.

— Eu prometo — gaguejou ela, sem ter certeza se aquilo estava mesmo acontecendo, ou se estava perdida em algum sonho bizarro.

Ela e Lucas entraram na cozinha segurando com firmeza a mão um do outro, como se fosse a última vez.

Noel olhou para Castor e gesticulou para eles como se fossem a “Prova A” da acusação.

— Luke, vá lá para cima — disse Castor sem ser capaz de olhá-lo nos olhos.

— Acho que tenho direito de ouvir isso — replicou ele com calma.

Helen agarrou a mão dele e olhou ao redor, para o rosto solene de todos.

Alguma coisa estava muito errada. Helen começou a respirar tão rápido que sentiu que pela primeira vez na vida poderia sofrer uma hiperventilação.



AFTER DARK

288

— Quero vocês todos fora daqui. Este é meu lar e meu direito sagrado por Héstia — falou Noel firme, como se estivesse invocando algum antigo ritual. — Isso é entre mim e Helen agora.

Depois de alguns momentos de silêncio Jason foi o primeiro a se mexer. Ao ver o olhar de Noel, ele foi até Lucas e separou a mão dela e de Helen. Se tivesse sido qualquer outra pessoa, Helen estava convencida de que Lucas teria começado uma briga, mas ele permitiu que Jason o guiasse para o andar de cima. Todos os outros saíram da cozinha parecendo tristes. Aliás, todos, exceto Pallas. Helen notou que ele parecia satisfeito, até mesmo um tanto presunçoso.

— Sente-se — disse Noel, puxando uma cadeira para si, encarando Helen. — Você não está entendendo o que está acontecendo, está?

Helen balançou a cabeça e engoliu. Noel fez outra pergunta:

— Ariadne explicou a Trégua para você, certo?

— Ela disse que as Casas precisam ficar separadas ou os deuses vão voltar e começar a Guerra de Troia de novo — disse Helen, com um nó na garganta.

— Certo. Agora, o que isso significa? Qual seria a maneira mais simples de as Casas se unificarem? — perguntou Noel de forma brusca. Helen balançou a cabeça de novo, muito assustada, e Noel continuou. — Há duas formas óbvias: uma Casa pode destruir as outras, ou duas pessoas de Casas diferentes podem se casar. Em geral, isto é impossível para Descendentes, porque as Fúrias mantêm todos se odiando, mas isso não é um problema para você e Lucas.

Helen deixou escapar um enorme suspiro de alívio.

— É isso? — perguntou ela. — Ninguém vai casar com ninguém! Lucas e eu somos muito jovens! Não somos assim tão estúpidos.

Noel balançou a cabeça como se Helen tivesse perdido um detalhe.

— Você sabe como o casamento era definido na Grécia antiga?

— perguntou Noel em um tom mais calmo. — É muito simples.

Uma virgem vai até a casa de um homem com a família reunida como testemunha. A virgem e o homem compartilham fogo, uma



289

refeição e uma cama. Se a garota, de manhã, não for virgem, então o par será considerado casado. É isso. É só o que é preciso. Você ainda é virgem, certo?

Helen ficou vermelha, furiosa, e seu queixo caiu.

— Sim. Mas isso não é da conta de ninguém!

— Com certeza é da nossa conta. Porque você e Lucas compartilharam quase tudo da lista, tudo o que falta é a consumação do casamento. Se isso acontecer, então, conforme o entendimento dos deuses, você será esposa dele. Se for esposa dele,

isso unificará as duas Casas que restam. E você sabe o que isso significa.

— Guerra — falou Helen, completamente atordoada. Seu

cérebro estava embaralhado tentando encontrar uma falha no argumento de Noel, a única coisa que o tornaria inverdade, mas ela não conseguiu descobrir nada. — É impossível.

— Não. É irônico. A primeira Guerra de Troia começou porque dois adolescentes se apaixonaram e fugiram juntos, e aqui estão você e Lucas, inclinados a cometer o mesmo erro — disse Noel, sua compaixão começando a superar a raiva.

— E Lucas sabia disso tudo? Desde o começo? — perguntou Helen, sentindo-se estranhamente anestesiada.

— Desde a primeira vez que a viu — respondeu Noel.

— Isso explica muita coisa — sussurrou Helen, ainda juntando os pedaços na cabeça. — Pensei que ele só fosse conservador, ou alguma coisa desse tipo.

— Lucas? Não. — Noel riu, balançando a cabeça com o pensamento. — Mas ele é honrado, então confiei nele com você. Permiti que isso continuasse porque acreditei que ele poderia se controlar e não fazer qualquer coisa que o mundo pudesse lamentar. Mas o cinturão muda as coisas.

— Por quê? — perguntou Helen, de repente recuperando o ânimo. — Eu sempre usei o pingente e Lucas sempre foi capaz de se

controlar. E eu nem tornei a coisa fácil para ele — acrescentou ela com culpa. — Mas de agora em diante não vou pressioná-lo, e desse jeito a gente ainda pode ficar junto, não é?

— E depois? — questionava Noel de forma gentil. Toda a raiva tinha desaparecido quando percebeu como Helen se envolvia, como



290

Helen se importava. — Vocês podem honrar com sua palavra e jamais tocarem um no outro, mas o que você pensa que isso vai fazer ao seu relacionamento com o tempo? O que você acha que isso vai fazer a Lucas?

Noel parou e olhou para as mãos no colo.

— Vai ser difícil, mas a gente sabe o que está em jogo... — começou Helen, tentando barganhar.

— Já fui informada de que vou perder minha filha para a loucura. Não posso perder meu filho também — interrompeu Noel, com os olhos arregalados de medo. — Por favor, Helen, estou lhe

implorando. Fique longe de Lucas. Se derem um pouco de distância um do outro, talvez ele seja capaz de deixar você antes que seja tarde demais.

— Você fala como se eu fosse fazer Lucas enlouquecer, ou alguma coisa do tipo — falou Helen, frustrada.

Noel lançou um olhar profundo que alertou Helen a não minimizar a situação.

— O cinturão não é uma poção do amor bobinha que você pode comprar na feira municipal. Isso é uma relíquia da própria deusa do amor, e se você não acredita que é possível uma pessoa ficar enlouquecida de amor, é só porque ainda não sentiu isso de verdade.

— Então eu tiro o colar...

— Você não vai — ordenou Noel. — O cinturão provavelmente já salvou você mais vezes do que pode imaginar. Preciso lembrá-la de novo do quanto sua vida é importante?

Elas ficaram sentadas olhando uma para a outra por alguns momentos enquanto Helen lutava com os pensamentos. Ela havia lido a Ilíada e detestara Páris e Helena tanto quanto Lucas. Ela os vira como egoístas. Tão egoístas que estavam dispostos a assistir a

uma cidade se acabar em fogo em vez de se separarem. Mas seria Helen Hamilton de alguma forma melhor que Helena de Troia se não desistisse do homem que queria quando era necessário?

— Por que ninguém me disse isso antes? — desabafou Helen.

— Lucas proibiu. Ele disse que queria um pouco de tempo e um pouco de privacidade, e ninguém o culpou por isso.

Relacionamentos são pessoais.



291

— Mas não temos permissão para ter um relacionamento, temos? — Lágrimas tentaram formar poças quentes saindo dos seus olhos. — Isso não é justo.

— Sei que não é — disse Noel, colocando um cacho de cabelo de Helen atrás do ombro para conseguir ver seu rosto.

— A nenhum de nós é permitido escolher? — disse Helen, pensando em Cassandra e no que ela tinha que sofrer.

Seu corpo inteiro estava úmido com o suor nervoso e

começava a tremer. Como poderia ficar longe de Lucas? Ela não pensou que conseguiria se forçar a fazer isso mais do que conseguiria fazer uma de suas mãos murchar e cair.

— Castor e eu tentamos escolher algo diferente — falou Noel, triste. — Tentamos fugir, um pouco antes de Lucas nascer.

Queríamos tanto um novo começo que nem demos a ele um nome tradicional.

— E o que aconteceu? — perguntou Helen desesperada para manter Noel falando e, quem sabe, aprender alguma coisa que poderia lhe dar motivo para ter esperanças.

— O que sempre acontece — disse Noel com um sorriso sábio.

— Família.

Helen manteve-se quieta por um momento, sem vontade de se levantar e com medo de encerrar a conversa e deixar de ser bem-vinda à casa. Ela percebeu, ao observar a reação obediente de todos, que o que Noel falava na cozinha era lei para a família inteira. Helen sempre havia pensado que Noel era a fraca, a que precisava de proteção, mas estava começando a se dar conta de que Noel tinha um poder próprio. Quando dizia respeito a quem seria aceito na família e a quem seria negada hospitalidade, Noel tinha a

palavra final para todos que viviam sob o teto dela. Nem mesmo Lucas seria capaz de escapar daquilo sem ser forçado a deixar toda a família para trás. A Helen fora negada a bênção de Noel, e isso era o fim.

Helen conseguiu se levantar e se dirigir à porta, mas quando chegou lá parou.

— Posso lhe fazer mais uma pergunta? — disse ela, seguindo um impulso. Esperou educadamente até Noel assentir para continuar. — Qual seria o nome que você teria dado a Lucas?



292

— A tradição teria nos feito dar o nome do pai de Castor, que morreu um pouco antes de Lucas nascer — disse Noel com o rosto sério.

— E qual era o nome? — perguntou Helen, já mais ou menos sabendo que nome Lucas teria recebido, qual deveria ter sido o nome dele se a mãe e o pai tivessem seguido as regras.

— Páris — respondeu Noel, sem conseguir olhar Helen nos olhos.



AFTER DARK



293

15

O prado continuava e continuava interminável. Havia somente um tipo de flor que crescia ali, pequena, de pétalas tão pálidas que eram quase transparentes. Nenhuma abelha voava nessas flores e nenhuma delas mudava seu alinhamento preciso, a menos que Helen

esbarrasse nelas. Eram coisas inférteis, sem aroma, que não sustentavam nenhuma vida com seu néctar. Jamais dariam fruto.

O terreno por onde ela passava com dificuldade já não era montanhoso, nem árduo; a temperatura não era nem quente, nem fria, e nenhuma pedra afiada ou arbustos cheios de espinho

cortavam os pés dela, mas mesmo assim o lugar era insuportável. Helen poderia tanto ficar parada olhando para um único ponto por semanas, olhando as mesmas flores sem inspiração e respirando o mesmo ar rançoso, quanto andar. A terra em que entrara era imutável, repetitiva, sem sentido, e quanto mais ficava lá, mais se sentia anestesiada.

Era um prado de miséria.

* * *

Helen acordou e não conseguia lembrar que dia era. Isso importava?, se perguntou, mas então lembrou que se fosse domingo não teria que ir para a escola. Isso significava que não teria que lidar com nenhuma das constrangedoras perguntas aleatórias que ela sempre recebia das garotas ansiosas que tentavam determinar se ela e Lucas ainda namoravam. Os abutres estavam circulando, pintando os lábios ou exibindo os músculos, todos esperando ser o primeiro a pousar em uma ou outra daquelas carcaças.

Se fosse sábado, Helen não correria o risco de ver Lucas de longe enquanto ele ia de aula em aula. Ela não teria que reconhecer a curva graciosa dos ombros dele, ou a inclinação curiosa da sua cabeça erguendo-se em meio à multidão de formas indefinidas do

restante da população. Se fosse sábado, ela poderia ir à casa dos



AFTER DARK

294

Delos sabendo que ele não estaria lá enquanto treinava. Mas, se fosse sábado, aquilo somente a deixava com um monte de porcarias diferentes para lidar nas próximas dezesseis ou dezessete horas: teria de estar o dia todo onde ele não estava.

Helen rolou no colchão, olhou para o relógio, e viu que era mesmo sábado. Nove dias e meio tinham se passado desde que Noel a banira da presença de Lucas, e Helen ainda esperava sentir alguma coisa, mas só se sentia anestesiada. Ela ouviu Ariadne se mexer e então chegou à beirada da cama para olhar para baixo, para onde a outra estava deitada no colchão inflável.

— Bom dia — disse Ariadne com um sorriso abatido. —

Dormiu bem?

Helen respondeu jogando as cobertas para o lado e revelando os sinos intactos amarrados em volta dos tornozelos dela. Estavam

exatamente como quando as duas garotas foram para a cama, mas, abaixo dos sinos, os pés de Helen estavam sujos, inchados, e vermelhos do que pareciam ser semanas de caminhada.

— De novo? — perguntou Ariadne consternada. — Você só pode ter saído flutuando pela janela, porque juro que não ouvi nada, e mal preguei os olhos essa noite!

— Não é culpa sua — disse Helen balançando a cabeça e soltando os sinos inúteis. Por um momento, Helen pensou em contar para Ariadne sobre os pesadelos. Todos sabiam que ela os tinha, mas não compartilhava com ninguém sobre o que eram os sonhos, desde que os contara para Kate. Helen respirou fundo com a intenção de confidenciá-los a Ariadne e então se deteve. Será que Ari pensaria que ela estava enlouquecendo, como Cassandra? Helen decidiu que deveria manter a boca fechada. — Sabe, eu não vejo por

que você passa todas as noites aqui se tenho saído voando pela janela assim que você capota.

— Nem comece com isso, porque não vai acontecer — disse Ariadne, irritada, jogando as cobertas e levantando-se. — Lucas provavelmente me mataria por isso — murmurou ela sem fazer

sentido enquanto ia para o banheiro.

— Ah! Ei, desculpe! — falou Jerry surpreso quando trombou com Ariadne e suas poucas roupas no corredor.



AFTER DARK

295

— Ei — rosnou Ariadne para Jerry e bateu a porta do banheiro.

Helen jogou os estúpidos sinos debaixo da cama e olhou para o pai, que timidamente espreitava da porta.

— Não sabia que Ariadne estava aqui. De novo — falou ele.

— É — replicou Helen como se fosse óbvio.

— Tudo bem — disse ele, hesitante, sem conseguir se decidir se entrava ou saía do quarto. — E você vai ficar na casa dela o dia todo, suponho. Ainda trabalhando naquele projeto para a escola?

— É.

— Tudo bem — falou ele, a testa marcada pela confusão. —

Ah... Feliz aniversário?

— Obrigada — respondeu Helen com um aceno de cabeça, depois o encarou até que ele fosse embora.

— Ouvi seu pai dizer que é seu aniversário? — perguntou Ariadne com os olhos arregalados enquanto voltava para o quarto.

— Sim — disse Helen. — Nenhuma palavra para ninguém. Eu só quero treinar, depois vir para casa e voltar para a cama.

— Não! A gente deveria fazer alguma coisa! — protestou Ariadne. — Deveríamos tirar o dia de folga, fazer compras e talvez sair para jantar!

— Sinto muito, Ari, mas eu não consigo. Acabei de acordar e já estou exausta — reagiu Helen, ouvindo sua voz soar baixa. — Treinamento e voltar para a cama. É tudo o que quero no meu aniversário.

Ariadne balançou a cabeça, triste, e observou Helen enquanto ela desarmava a cama inflável que insistia em usar toda noite. Helen podia ver que Ariadne queria argumentar, queria insistir com ela para que pelo menos tentasse se divertir em seu aniversário, mas, por sorte, Ariadne desistiu.

Helen mal conseguia manter os olhos abertos e estava faminta. De novo se perguntava se tinha mesmo andado por dias,

como acontecera no sonho, ou se tinha algum problema mental. As palavras de Noel sobre como o amor é capaz de fazer uma pessoa enlouquecer voltaram para assombrar Helen. Será que Noel se referia aos seus pesadelos muito reais? Precisou então pensar se,



AFTER DARK

296

àquela altura, não seria um consolo ficar completamente maluca, delirante.

* * *

Creon pisou no deque do iate particular que seu pai providenciara para ele e sua equipe. A viagem para atravessar o Atlântico da Espanha para Nantucket fora longa e tediosa, mas necessária. Eles precisavam de ferramentas que jamais passariam pela alfândega, nem mesmo em um avião particular; além do mais, nunca conseguiriam levar a presa de volta num avião. Isso seria insensato. Ela precisava estar segura de verdade, não importava o quanto a preparação fosse inconveniente para Creon e sua equipe.

O pai lhe explicara tudo, como há anos ele havia tido a chance de matá-la, mas caíra no encanto do rosto dela, o Rosto. Creon ficou surpreso com o fato de seu pai ter sido mais fraco que ele, mas isso também era um sinal da chegada de Atlântida. As gerações Descendentes foram destinadas a ser cada vez mais fortes, a nascer com cada vez mais talentos, até finalmente surgir uma geração que pudesse derrotar os deuses. O momento de fraqueza do

pai, por mais infeliz que fosse, teve seus benefícios. Naquele momento, Tantalus descobriu sua fobia de água. A presa de Creon temia e detestava o oceano, e isso era uma vantagem para os Cem Primos. Ao usar um barco para transportá-la, ela estaria virtualmente aprisionada por um elemento que não conseguia controlar, e, considerando o quanto era poderosa, era necessário prendê-la em quantas prisões conseguissem encontrar.

Ao desembarcar, Creon virou-se para mandar a tripulação ficar no iate e esperar por seu retorno. Queria deixar claro para eles que estava no comando ao mantê-los tão longe da ação quanto fosse possível. Qualquer um de seus queridos primos poderia ficar tentado a aproveitar qualquer oportunidade para inserir-se nos

anais da história dos Descendentes ao roubar seu Triunfo. Creon não poderia permitir que isso acontecesse, nem por acidente. Depois de todos os riscos que assumira, depois de toda a paciência, ele por fim seria aquele a levar sua Casa à merecida glória. Ele estava destinado a ser igual aos heróis da Antiguidade, como Hércules e Perseu. Talvez ainda melhor, porque Creon faria mais



297

que matar uma hidra ou uma górgona. Muito mais. Ele seria aquele a oferecer a imortalidade à sua família e ao seu pai.

Somente uma vida estava em seu caminho, e essa vida seria entregue a Tantalus, Chefe da Casa de Tebas e futuro comandante de Atlântida, por Creon, seu filho e herdeiro, que receberia honras pela captura. E talvez ele também recebesse o estonteante prêmio que merecia: a filha da presa.

* * *

Ariadne e Helen foram de carro para a propriedade dos Delos

em total silêncio. Quando pararam atrás de Matt em um semáforo na cidade, Ariadne acenou. Ambas viram os olhos e a testa dele franzidos de preocupação quando encarou Helen pelo espelho retrovisor.

— Sei que está triste, mas você não deveria ignorar Matt desse jeito — falou Ariadne um pouco irritada. — Ele é uma das melhores pessoas que já conheci e você o está magoando.

— Você está certa. Estou sendo egoísta — falou Helen. Ela se sentia vazia por dentro. — Sei disso, detesto isso, mas não consigo parar.

— Não é o que quero dizer — gaguejou Ariadne, desculpando-se, os olhos na estrada. — Sei o que você está sacrificando e por quê. Mas quer saber de uma coisa? Acho que precisa chorar, mesmo que seja só uma vez. Talvez assim pudesse desabafar e se sentir um pouco melhor.

Helen havia tentado chorar, mas as lágrimas não vinham. Em vez disso, tudo o que sentia era esse assustador nada dentro dela. Sabia que deveria se importar com o que Matt sentia, mas não se importava nem com o que ela sentia, nem mesmo quando estava lutando por sua vida contra Hector no tatame. Os treinos tornaram-

se curtos e brutos. Agora que Helen já não tinha mais um bloqueio emocional contra usar seus relâmpagos, ela estava aprendendo a controlá-los e a liberá-los aos poucos. Somente alguém que não se importasse em ser frito poderia lutar contra ela mano a mano. Isso, aliado ao poder do cinturão, que a tornava invulnerável a qualquer arma, deixara Helen quase invencível.

Ao final da sessão daquele dia Hector tentou deter Helen em um kimura e ela o electrocutou pela terceira vez. Ele caiu



298

inconsciente no tatame. Um instante depois ela aproximou-se e o cutucou com o dedão do pé.

— Já acabamos? — perguntou ela com as sobrancelhas levantadas quando ele voltou a si.

— Você ainda não sabe lutar — murmurou ele enquanto limpava o sangue dos lábios.

— Você mordeu a língua — falou Helen sem expressão. —

Talvez devesse fazer uma pausa.

Helen foi para o canto beber um pouco de água. Viu Claire, Jason, Cassandra e Ariadne a olhando do lado de fora do ringue. Jason foi o primeiro a se mexer. Ele deu dois passos longos e pulou com facilidade por sobre a grade de metal e caiu perto do irmão trêmulo.

— Acho que já é suficiente, Hector — falou Jason. — Ela não precisa mais treinar.

— Ela não consegue nem dar um soco! — protestou Hector, embolando as palavras.

— Ela não precisa — disse Cassandra, definitiva. — Ela não precisa aprender a socar, segurar uma espada ou atirar uma flecha para se defender. Ela já é dez vezes mais letal que você, Hector, e se você continuar a tentar encontrar uma maneira de derrotá-la, vai acabar morto. Essas sessões acabaram.

Cassandra levantou-se e saiu do dojô.

— Ela ainda é vulnerável! — gritou Hector atrás de Cassandra enquanto ela se retirava. — Há um milhão de formas de subjugá-la, uma vez que você encontra uma maneira de evitar os relâmpagos!

— Chega, Hector — falou Jason com gentileza. — Cassandra

está certa. Descubra as vulnerabilidades dela e a treine para lidar com elas, mas o trabalho no dojô acabou. Combate mano a mano não é algo que ela tenha que temer.

— Então, nada de babá? — perguntou Helen levantando os olhos da garrafa de água vazia.

Os garotos Delos entreolharam-se, dando de ombros.

— Acho que não — finalmente concluiu Hector. — Pelo menos não até Cassandra prever uma ameaça. Então não vou me importar com o quanto você é letal; um de nós estará com você o tempo todo.



299

— Estou livre até esse dia? — perguntou Helen olhando para Hector e educadamente esperando permissão.

Ele assentiu. Ela se curvou e então saltou para o ar.

— Espere, Lennie! — gritou Claire para ela. — A gente ia dar uma festa para você. Kate fez um bolo!

Helen viu Claire, viu o quanto ela estava preocupada, mas não podia fazer o que ela queria. Não conseguiria fingir que estava feliz. Não por algumas horas, enquanto todo mundo fizesse uma festa para ela, não por meia hora, para deixá-los pelo menos cantar o “Parabéns pra você” e cortar um bolo, nem mesmo pelos cinco minutos que levaria para explicar a Claire por que ela não conseguiria fazer qualquer uma dessas coisas.

— Amo você — berrou ela para sua melhor amiga antes de sair voando.

Pensou ter ouvido Jason dizer alguma coisa como “Lucas também está assim” enquanto puxava a porta e saía em disparada, mas podia ter imaginado isso.

Não tinha destino ou limite de tempo, ela apenas sabia que não podia sair da ilha. Tinha dado sua palavra a Lucas e não queria voltar atrás. Helen precisava desesperadamente que as promessas deles fossem verdadeiras, ela não queria quebrar nenhuma delas, nem mesmo aquela que pudesse lhe trazer algum conforto. Talvez jamais fosse à Patagônia com Lucas, mas o mínimo que podia fazer para manter a confiança entre eles era não atravessar o oceano voando até que ele dissesse que sim.

Ela podia, no entanto, chegar bem perto. Há uma semana evitava Great Point, não porque estava preocupada pensando que cairia no choro quando fosse para lá, mas porque estava preocupada achando que não choraria. Começou a ficar com medo de nunca mais sentir qualquer coisa de novo, de ficar estéril e sem vida como uma daquelas flores pálidas que viu em seu vagar noturno. Ela tinha bom-senso suficiente para se perguntar por que estava reagindo daquela maneira, mas não suficiente clareza para descobrir a resposta. Até que viu Lucas sentado no alto do farol. Ele estava empoleirado bem na beirada do passadiço que rodeava a claraboia de vidro no topo do farol, assistindo ao final do dia cair no horizonte. Uma tempestade se juntava sobre a água e as



300

cores de ponche de frutas do pôr do sol pareciam tentar sair das nuvens de chuva. A pele dele estava pintada com aquelas cores pastel, e ele estava, como sempre, bonito.

Foi então que Helen entendeu porque ela estava contida como uma represa em vez de desaguando como uma cachoeira. Ela não estava triste. Estava furiosa.

Enquanto voava na direção dele, ele a viu e levantou-se. Helen não pousou no passadiço. Em vez disso, flutuou à frente dele, reivindicando o ar para si. Por um momento, eles só se entreolharam, ambos muito extenuados para quebrar o silêncio.

— O que você está fazendo aqui? — finalmente perguntou Lucas, seus olhos fundos arregalados e famintos por vê-la.

Helen ignorou a pergunta estúpida e disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Por que você não me contou? — exigiu ela, irada e magoada, e incerta quanto ao que queria ouvir dele. — Desde o começo. Por que você pelo menos não me explicou porque não podíamos ficar juntos?

— Se queria saber, por que você não atendeu o telefone uma das milhares de vezes que liguei semana passada? — exigiu ele de volta, tão irado e machucado quanto ela.

— Pare! Pare de me fazer perguntas quando você é a pessoa que tem as respostas! — berrou com ele por fim sentindo um nó e o

ardor de lágrimas na garganta.

A represa estava a ponto de romper e ela sabia que o que estava por vir era feio, com o rosto vermelho em prantos. Ela precisava ficar o mais longe possível de Lucas. Invocou um dos turbulentos ventos da tempestade para arremessar seu corpo longe e levá-la para onde quisesse, mas Lucas sentiu sua imprudência. Ele mergulhou no ar e a segurou antes que ela fosse engolida pela tempestade que subestimava de forma tão drástica. Assim que teve Helen segura em seus braços de novo, ele perdeu o controle e a beijou.

Helen ficou tão surpresa que parou de chorar antes mesmo de ter chance de começar, e quase caiu do céu. Ainda melhor na arte de voar, Lucas a segurou firme enquanto tropeçavam no vento, abraçando-se e beijando-se, e ele os guiou de volta para o



301

passadiço. Quando os pés deles tocaram o chão, a luz do farol

acendeu e projetou as sombras das figuras abraçadas dos dois nas ondas agitadas do oceano.

— Não posso perder você — falou Lucas afastando os lábios dos de Helen. — Por isso não lhe contei toda a verdade. Achei que, se soubesse o quanto isso era complicado, você me mandaria embora. Eu não queria que você abrisse mão da esperança. Não consigo fazer isso se você desistir de nós dois.

— Eu não quero desistir — disse Helen chorando. — Mas nunca poderá haver nós, Lucas. Você deveria ter me contado isso.

— Não diga “nunca” — falou ele. Depois esfregou o rosto no pescoço dela, não mais a beijando, mas sem conseguir largá-la por completo. — Nada é para sempre e não existem verdades absolutas. Encontraremos um jeito.

— Lucas — disse Helen franzindo a testa e empurrando seu peito até ele a soltar. Ela se sentou no passadiço e o puxou para baixo, para perto dela, para que pudessem conversar. — Nós odiaríamos a nós mesmos. E, no final das contas, odiaríamos um ao outro.

— Sei disso! — falou ele aumentando a voz, desesperado. — Não estou falando de fugir e fazer o que quisermos!

— Então o quê? — perguntou Helen de forma suave, acalmando-o. — O que deveríamos fazer?

— Ainda não sei — admitiu ele. Inclinou-se, então, contra a parede de vidro do farol e puxou Helen contra o peito dele. — Mas não vou passar outra semana como esta.

— Eu também não — disse ela, recostando-se nele, relaxada por completo pela primeira vez em dias. — Não me importa o quanto seja difícil ficarmos juntos, nada é pior que ficarmos separados.

— O que foi que você me falou? Decida o que você não pode fazer e então faça o oposto? — perguntou ele com um sorriso divertido, pressionando os lábios contra a testa dela. — Pelo menos agora sabemos que não podemos ficar separados.

— Era como estar morta — disse ela amedrontada, como se só de mencionar o torpor que havia sentido pudesse permitir que voltasse para seu corpo.



— Para mim também — disse ele com a voz estranha, estrangulada.

— E sua mãe? Ela não vai nos deixar ficar juntos.

— Vamos ter que conversar com ela. Vamos ter que conversar com toda a minha família.

— E se ainda quiserem nos separar?

— Aí a gente foge — falou Lucas com a voz baixa, equilibrada. Nenhum dos dois falou uma palavra por algum tempo. Apenas assistiram à luz do farol brilhar nas ondas espumantes do oceano agitado pela tempestade. Helen conseguia ouvir o coração dele bater, mas ele a segurava ainda mais forte, como se já estivesse se preparando para a batalha que iria travar para mantê-la perto dele.

— Eles virão atrás de nós — sussurrou ela. — Pensarão que começamos a guerra.

— Eu sei — disse Lucas. — Mas não vamos. Manteremos a Trégua, mesmo que eles não acreditem que podemos.

— Não precisamos cometer os mesmos erros que eles cometeram — disse Helen de maneira desafiadora. — Fico com muita raiva por todos pensarem que, mesmo sabendo o que pode

acontecer, nós ainda assim vamos sair por aí cometendo a mesma estupidez.

Lucas riu, mas não havia alegria na risada.

— É quase como se não precisássemos viver nossas vidas ou sentir nossos sentimentos, porque alguém já nos disse como seria o final — falou ele, amargo. Ela conseguia sentir que ele estava ficando tenso de indignação, até que um novo e preocupante pensamento o interrompeu. — Você está mesmo disposta a fazer isso? Sabe que significa que teria que deixar seu pai para trás?

— Eu sei — disse ela, sabendo muito bem que estaria magoando seu pai muito mais que sua mãe fizera, mas sabendo também que ela faria isso por Lucas, pelos dois.

— Entendo se não puder fazer isso... — começou ele, mas Helen o interrompeu.

— Se eles não nos deixarem ficar juntos, não teremos outra escolha. Teremos que fugir.



— Não será para sempre — disse ele, tentando se consolar, e a Helen também. — Só até a gente conseguir descobrir uma forma de contornar isso. E nós vamos descobrir. Tem que haver um jeito.

— Pensei numa coisa — falou Helen, o corpo inteiro ficando paralisado.

Ela sentiu Lucas se contrair.

— Acho que sei aonde você quer chegar e não acho que quero ouvir você dizer isso.

— E se eu não fosse virgem? — falou Helen rapidamente, só para ficar livre daquilo.

— Eu não vou compartilhar você, Helen — respondeu ele na mesma hora. — Além do mais, não vai funcionar.

— É sério, temos que levar isso em consideração — insistiu ela, lutando nos braços dele até que a soltasse o suficiente para ela se inclinar para trás e olhar para ele. — Diga a verdade. Deixaria de me querer se eu estivesse com alguém antes de você?

— Claro que não — disse ele sorrindo com doçura para ela. — E eu não só a quero, Helen. Eu a amo. Há uma grande diferença.

— Tudo bem, olhe. Eu detesto até mesmo pensar nisso, mas

vou fazer isso — afirmou Helen enquanto Lucas começava a balançar a cabeça, veemente. — Eu também amo você, e vou fazer qualquer coisa que tiver que fazer se isso nos permitir ficar juntos. O quê? Por que você está sacudindo a cabeça? Você não é o único a decidir, sabia?

— Truques como esse não vão funcionar, a menos que você só queira algo físico. É isso o que você quer de mim? Sexo? — provocou ele.

— Claro que não, você sabe disso! — disse Helen frustrada, empurrando Lucas para longe dela. — Acabei de falar que amo você!

— É por isso que não vai funcionar — falou ele. Depois pegou as mãos dela e a puxou para mais perto. — Se você e eu fôssemos ficar juntos da forma como queremos, ou pelo menos como eu quero... — começou ele, em dúvida.

— E o que exatamente você quer? — interrompeu Helen na mesma hora.



AFTER DARK

304

— Quero tudo. Tudo que já falamos. Quero que a gente vá para a faculdade, aprenda uma dúzia de línguas, viva em várias partes do mundo. Mais importante, quero que fiquemos juntos.

— Eu também quero! — falou Helen excitada, como se tivesse encontrado uma saída. — E nós podemos fazer tudo isso sem nunca casar!

— Compartilharíamos tudo — disse ele balançando a cabeça como se Helen não estivesse entendendo. — E por isso seríamos considerados casados aos olhos dos deuses, independente de quem tirou sua virgindade. Quero uma vida inteira com você e, porque eu quero isso, você seria minha esposa. Não posso nem fingir que aceitaria menos.

— Você está dizendo que é nosso compromisso um com o outro que nos definirá para os deuses, não um vestido branco ou um anel? — perguntou Helen, já sabendo a resposta.

— Sim — disse ele. Então de repente riu com um pensamento.

— Também, seria difícil vivermos juntos se eu estivesse na prisão.

— O que você está dizendo? — perguntou Helen, de repente alarmada. — Por que você iria para a prisão?

— Por matar o cara que tirasse sua virgindade — respondeu ele. — Você eu perdoaria. Mas o cara? Seria um homem morto.

Helen deu uma risada para Lucas como se não acreditasse, mas sabiamente decidiu não questionar a sinceridade dele.

— Então, qual é o plano? — Ela suspirou, recostando-se nele.

— Não podemos ficar juntos e com certeza não podemos continuar separados.

— Ficamos juntos e seguimos as regras até podermos reescrevê-las. Vamos encontrar uma maneira de fazer isso dar certo. Eu prometo.

— Isso não é orgulho arrogante? — perguntou ela levantando os olhos para encontrar os dele. — Pensar que podemos vencer as Moiras?

— Já não me importa mais o que é. Preciso ter esperança — respondeu ele antes de se permitir beijá-la.

Helen caiu contra ele e dessa vez foi capaz de aproveitar a

boca de Lucas sem o choque que veio junto com a surpresa do primeiro beijo. Dessa vez pôde prestar atenção a ele, sentir que ele



AFTER DARK

305

correspondia. Muito antes do que Helen queria, Lucas se afastou, apertou os olhos como se sentisse dor e empurrou as mãos dela com gentileza para longe de si.

— Você tem que parar — falou ele, forçando um sorriso, mesmo que fosse vacilante e fraco.

— Desculpe. Ainda não sei o que estou fazendo — disse Helen com os lábios formigando.

— Poderia ter me enganado — murmurou ele enquanto pegava as mãos dela e se levantava, colocando Helen em pé com ele. — Acho que um pouco de ar fresco vai nos fazer bem.

— Para onde? Veneza? — perguntou Helen com um sorriso largo.

— Claro. Porque é disso mesmo que você e eu precisamos, um

cenário mais romântico — respondeu ele de forma sarcástica. —
Desculpe Faísca, mas vou levá-la para seu pai antes que eu comece
uma guerra.

Ele saltou para o ar e girou de volta para encará-la, esticando
uma das mãos como se estivessem em um filme antigo e ele a
tirasse para dançar. Helen suspirou para o quão maravilhoso Lucas
estava, então se juntou a ele com um sorriso, pegando sua mão e
rodopiando o corpo nos redemoinhos brincalhões que esculpira no
vento.

Alguns momentos depois, estavam pousando no quintal de
Helen e caminhando na direção da porta, de mãos dadas. Quando
Helen estava prestes a entrar em casa, Lucas a deteve.

— Você pensou mesmo que eu não soubesse, não é? —
perguntou ele, incrédulo. — Feliz aniversário.

— Eu me esqueci totalmente! — exclamou Helen sorrindo,
perplexa. — Eu não — disse ele, beijando-a. Ele olhou para a casa
toda iluminada e ambos ouviram por alto um aviso de emergência
climática passando na TV. — Seu pai está esperando por você. É
melhor ir.

— É. Kate fez um bolo pra mim — falou Helen. Ela fez uma

careta, sentindo-se culpada pela forma como tratara a família na semana anterior.



AFTER DARK

306

— Amanhã bem cedo volto para buscá-la — prometeu Lucas enquanto roçava a boca de leve na dela. — Vamos então para minha casa contar para minha família. Juntos.

— Certo. Ainda temos que defender nosso caso — disse Helen. Enroscados um no outro, eles se beijaram por mais alguns instantes tentando ganhar o tempo que a tempestade não lhes daria. Por fim Lucas se afastou. Olhando desconfiado ao redor para qualquer sombra, ele falou para ela entrar depressa em casa. Estava escuro lá fora e ele não queria deixá-la desprotegida nem por um instante. Helen correu para dentro e fechou a porta da frente atrás de si, espreitando pela janela a tempo de ver Lucas sair voando. Ela chamou o pai enquanto entrava na sala de televisão. — Jerry não está aqui, Helen — disse uma voz feminina atrás

dela.

Helen virou, já convocando um relâmpago, mas a mulher a segurou firme pelos pulsos e sacudiu a cabeça.

— Isso não vai funcionar em mim — disse ela.

Eletricidade dançava através do rosto perfeito dela fazendo seu cabelo longo e louro crepitar e balançar, e circulando as pupilas de seus olhos castanhos e quentes.

— Ai, meu Deus! — disse Helen olhando para o pingente em forma de coração que cabia bem no local abaixo da garganta da agressora.

A mulher arrancou o colar idêntico de Helen com uma das mãos e enfiou uma agulha no pescoço dela com a outra. Helen sentiu os músculos amolecerem e recusarem seus comandos. O mundo desbotou em uma névoa cinza pálida e, mesmo que tentasse continuar vendo, os olhos dela somente conseguiam capturar os rabiscos brilhantes que atravessavam a parte de dentro de suas pálpebras. Estava perdendo a consciência tão rápido que Helen sabia que uma droga poderosa, talvez até mesmo letal, havia sido injetada nela. A última coisa que Helen sentiu foi sua agressora segurar seu corpo com gentileza enquanto desfalecia para o chão.

Helen não podia ver, não podia se mexer, mas por só mais um momento ela ainda podia ouvir.

— Minha doce garotinha — sussurrou a mulher e então Helen não experimentou mais nada, nem mesmo pesadelos.



AFTER DARK

307

* * *

Lucas estava a apenas metade do caminho para casa quando um vento tentou jogá-lo para baixo e o céu começou a brilhar com os primeiros relâmpagos da tempestade. Na mesma hora ele pousou e teve que andar o resto do caminho para não ser eletrocutado ou triturado. Ele se perguntou se Helen podia voar através dos relâmpagos e se seria capaz de controlá-los para que ele pudesse voar com ela em uma tempestade, se a situação algum dia se apresentasse. Isso seria bonito, pensou enquanto atravessava a garagem para entrar na cozinha: voar através de nuvens com o brilho dos raios.

Assim que abriu a porta, ele parou, pressentindo algo de errado.

— Você não trouxe Helen? — perguntou Cassandra, nervosa, enquanto ele permanecia em pé na porta. — Eu poderia jurar ter visto vocês juntos hoje.

Lucas olhou ao redor e viu Jerry e Kate, o bolo prometido espetado com velas apagadas, e Claire sentada com os olhos arregalados perto de Jason. — Acabei de deixá-la em casa para ficar com você dois — disse ele, apontando para Jerry e Kate. O pânico se espalhou por suas pernas, quase fazendo os joelhos dele dobrarem.

Lucas saiu correndo pela porta da cozinha, passou pelos carros na garagem e arrancou das dobradiças a porta de fora, ao saltar para o céu furioso. Pulando a seis metros, Jason agarrou Lucas e o puxou de volta para baixo prendendo o corpo dele sem peso no chão.

— Desculpe irmão, mas a tempestade está forte demais.

Vamos dirigir hoje — disse Jason.

— Tinha alguém esperando por ela dentro da casa! — gritou Lucas recuperando o peso e jogando Jason para longe.

— Nós sabemos seu idiota! Essa tarde, enquanto você estava com o telefone desligado, Cassie viu que Creon voltou para a ilha — disse Jason, segurando Lucas para ter certeza de que ele não mudaria de estado de novo e sairia voando. — Mas não é Creon quem está na casa dela!



308

— Então, quem é? — perguntou Lucas, se acalmando a olhos vistos. Ele e Jason ficaram em pé e esperaram Hector tirar a caminhonete da garagem.

— O dia inteiro, Cassandra estava recebendo pequenas imagens, mas não as entendia. Uma das coisas que viu foi uma mulher, que tinha esse hábito de enfiar o cabelo atrás da orelha com o dedo mindinho, seguindo Creon enquanto ele voltava para a ilha — começou Jason.

A caminhonete saiu da garagem e Lucas e Jason pularam para dentro dela. Eles se acalmaram enquanto a caminhonete acelerava

através da chuva e do vento severos.

— Cass então disse que continuou a ver flashes com a imagem de várias mulheres diferentes, repetidas vezes — continuou Jason.

— Ela não sabia por que estava tendo visões sobre mulheres que não reconhecia e que não pareciam ter nada a ver uma com a outra. Demorou um tempo, mas Cass finalmente notou que elas todas tinham o mesmo jeito de colocar o cabelo atrás da orelha, como um tique nervoso. Por isso, Cass se deu conta de que elas eram a mesma pessoa, e a visão mais persistente que ela ficava tendo era de uma dessas mulheres esperando por Helen na casa dela, como se ela morasse lá.

— A mulher entrava na casa de Helen com sua própria chave e ligava a TV como se tivesse feito isso milhões de vezes, então Cass não achou que houvesse perigo. Talvez fosse uma parente que Helen nunca tinha mencionado, certo? — interveio Hector. — Somente alguns segundos antes de você entrar pela porta ela juntou todas as partes e soube que, o dia inteiro, estava vendo a agressora de Helen. Tentamos ligar para você...

— Mas eu estava com meu telefone desligado — terminou Lucas, acrescentando um desagradável xingamento ao final.

— Como é a mulher que estava esperando na casa de Helen?

— perguntou Lucas com urgência, tentando fazer uma imagem mental da ameaça. — É aquela morena? Ou a mulher velha que atacou Kate?

— Nenhuma das duas. Cassandra disse que ela era inacreditavelmente bonita. Como Helen — respondeu Jason.



309

— Não só bonita como Helen, você está contando errado, seu idiota — interrompeu Hector. Ele costurava o trânsito como um louco, passando nos sinais vermelhos e fazendo ultrapassagens ilegais.

— Cassie disse que essa mulher era quase exatamente igual à Helen. Mas, quem quer que ela seja, Cass tem certeza de que essa mulher não está do lado de Creon. Ele nem sabe que está sendo seguido, o que pode ou não ser bom para nós.

— Por que diabos ninguém estava vigiando a casa? — gritou

Lucas frustrado, chateado demais para pensar no que a visão de Cassandra significava.

— É minha culpa — disse Hector, e continuou antes que seu irmão menor pudesse argumentar. — Cale a boca, Jase, fui eu quem a deixou sair sozinha depois do treinamento. Foi decisão minha, eu escolhi, mesmo sabendo no fundo que estava errado.

Lucas quis arrancar o rosto de Hector por ter assumido a culpa quando ele sabia de quem a culpa era na realidade. Ele deveria ter verificado o telefone, deveria ter verificado a casa, deveria ter prestado mais atenção à segurança, e menos às mãos macias e à pele quente de Helen. Ele esfregou as mãos no rosto e respirou fundo repetidas vezes. Precisava confiar que Hector os levaria até lá, e então tinha que se concentrar e ficar pronto para qualquer coisa que encontrassem. Se quisesse ser útil de alguma forma, ele precisava ficar calado e se acalmar.

Quando chegaram à casa de Helen, a TV e as luzes estavam apagadas e a porta da frente, trancada. Lucas voou para cima, para a janela do quarto de Helen que, ele sabia, ela sempre se esquecia de travar. Ele entrou e desceu para abrir a porta da frente para os outros. Nada havia sido levado e nada havia sido mexido dentro da

casa. Era como se Helen nem mesmo tivesse lutado.

— Ela devia conhecer a mulher e saiu com ela por vontade própria — disse Hector, levantando as mãos. — É a única explicação para este lugar não estar derretido.

— A menos que quem quer que tenha sequestrado Helen seja boa de verdade — acrescentou Jason.

— Do que você está falando? — disse Hector ridicularizando o irmão. — Helen é um monstro poderoso agora com seu relâmpago.



310

Não importa quem essa gêmea malvada é, ninguém é tão boa assim.

— Gêmea — repetiu Lucas, pensando. — Poderia ser simples assim. Ela teria o mesmo relâmpago, a mesma força e muito mais experiência.

Os irmãos olharam para Lucas quando ele se ajoelhou e colocou as mãos no chão para examiná-lo. Ele estendeu o braço

para baixo de uma mesa de canto e pegou uma agulha hipodérmica usada.

— Isso descarta a saída voluntária de Helen. Quem quer que fosse, ela veio preparada. E devia saber sobre o cinturão e como ele funciona, ou nunca teria sido capaz de penetrar na pele de Helen — disse Lucas, com a respiração um pouco ofegante quando falou o nome dela.

Ele entregou a agulha a Jason e voltou para o chão para examiná-lo uma última vez, caso tivesse deixado escapar algo. Quando estava satisfeito, levantou-se e olhou através dos primos, em vez de para eles, ainda pensando. Então foi até as janelas ao lado da porta e olhou para fora, para a tempestade furiosa. Lucas assistiu a pequenos deslizamentos de terra escorregarem na entrada da garagem de Helen e pararem na rua, e soube que qualquer pegada que Helen pudesse ter deixado já fora destruída há muito tempo.

— Havia mais alguma coisa na visão de Cassandra? — perguntou Lucas, esperançoso.

— A última coisa que ela disse foi que pensava que Helen ainda estaria a salvo amanhã de manhã — respondeu Jason

balançando a cabeça incerto. — Cass viu uma breve imagem de Helen em pé em uma janela que parecia ser algum tipo de hotel em Nantucket, mas ela não tinha certeza.

— Talvez Cass tenha visto mais alguma coisa — disse Hector, tão otimista quanto pôde. Ele abriu o telefone e tentou discar, mas um aviso de SEM SINAL estava piscando na tela. — Verifiquem os telefones — disse para o irmão e o primo.

Nenhum deles conseguiu fazer a ligação.

Lucas foi até a cozinha de Helen e verificou se o telefone fixo dava sinal de discagem, mas estava mudo. Ao juntar-se aos primos



311

de volta à entrada, a energia na casa acabou. Jason foi até a janela e olhou para as outras casas na região.

— O quarteirão inteiro está apagado — disse ele. — E raios gigantescos estão vindo nesta direção. Acho que estamos presos aqui por algum tempo.

— Vocês dois ficam aqui para o caso de Helen escapar e voltar para cá — disse Lucas, enquanto se virava para a porta.

— Onde diabos você pensa que vai? — Hector exigia uma resposta, agarrando Lucas pelos ombros e tentando virá-lo.

— Não faça isso — avisou Lucas com calma.

Eles se entreolharam até Hector desistir e tirar a mão do ombro de Lucas.

— Só fique fora do céu — avisou ele. — Você não vai poder ajudá-la se estiver morto.

Sem responder, Lucas saiu andando pela tempestade escura.

Ele estava frustrado por não poder voar e tentando decidir por onde começar. Se pudesse voar, ele conseguiria olhar ao redor, orientar-se e procurar por qualquer coisa suspeita, mas a tempestade o deixara completamente preso ao chão. De repente lhe ocorreu que, se alguém tivesse acabado de drogar uma garota conhecida pela maioria dos moradores de uma pequena ilha, essa pessoa iria querer sair da ilha o mais rápido possível. E se Lucas estava preso ao chão era quase certo que todas as viagens aéreas estivessem canceladas também. A única maneira de tirar Helen da ilha era de barco, e até mesmo isso era arriscado. Sair na água seria suicídio.

Ele correu até a balsa, onde ficou sabendo que a última embarcação havia saído há mais de uma hora, e que a Guarda Costeira suspendera oficialmente todas as viagens da marina e do aeroporto, enquanto a tempestade durasse. Naquela noite, New England seria assolada por uma boa e velha tempestade vinda do nordeste e aquele tempo devia continuar até o dia seguinte. Lucas relaxou um pouco quando ouviu aquilo. Ele tinha deixado Helen há menos de uma hora, depois da última balsa ter partido, então as chances de ela ainda estar na ilha eram grandes. Com sorte ela estaria em um hotel, mais ou menos segura.

Ele gastou mais algumas horas vagando por todos os motéis e pousadas perto da balsa perguntando se duas mulheres haviam



312

feito check-in naquela noite. Infelizmente, apesar de ter muita gente presa na ilha e enchendo as hospedagens devido à tempestade, não havia quem se parecesse com Helen. Lucas sabia que era inútil.

Nenhum Descendente seria tão estúpido para entrar em um hotel com uma garota inconsciente pendurada no ombro e pedir um quarto. Quem quer que tivesse raptado Helen devia ter invadido algum lugar, ou até subornado alguém na recepção, mas, de qualquer forma, Lucas sabia que essa pessoa não se anunciaria. Estava correndo atrás do próprio rabo, mas ainda assim não podia desistir. Verificou como estavam em casa, descobriu o que Cassandra vira em sua visão seguinte enquanto ele estava fora, e então correu de volta para a tempestade antes mesmo que seu pai pudesse começar a discutir.

O vento estava tão forte que derrubava árvores e destruía a arquitetura estoica de Nantucket. Até mesmo Lucas, forte como era, precisou mudar para seu estado compacto para ficar ancorado ao chão, enquanto pedaços das casas caíam na rua ao seu redor. O rosto, desprotegido, estava sendo golpeado por um turbilhão de detritos, e a chuva de lado acertara seus olhos. Durante a noite toda ele vagou, do lado de fora de todo hotel, pousada e hospedagem que ele conseguia lembrar, olhando para dentro das janelas com olhos que conseguiam ver até mesmo na mais escura das luzes, esperando por um sinal de Helen.

Ele sabia que não iria descobrir nada. Cassandra havia falado que Helen estaria em pé numa janela de hotel na manhã seguinte, mas ainda assim não conseguia parar. Não pararia porque, se por algum milagre, a encontrasse e a tirasse do hotel e a levasse de volta para a família, poderia provar que Cassandra estava errada. Tudo o que precisava era derrotar o Destino uma vez e saberia que ele era seu próprio mestre, não apenas uma história pré-escrita que é relida de tempos em tempos para agradar ao cosmos, mas uma verdadeira página em branco que ele poderia preencher com qualquer que fosse o futuro que decidisse escrever para si. Se pudesse pelo menos encontrar Helen naquela noite e levá-la para casa, então saberia que algum dia eles derrotariam o Destino e que poderiam ficar juntos.

Ele andou a noite toda.



A cabeça de Helen estava latejando e havia um gosto azedo e seco no fundo da garganta, como se tivesse engolido uma aspirina sem beber água. Seus olhos estavam inchados e a pele do rosto, pegajosa e quente, mas não se sentia tão desidratada quanto em geral ficava quando visitava as terras áridas. Era diferente. Ela havia sido drogada, lembrou-se de repente, por uma mulher. Uma mulher que se parecia muito com ela, porém mais velha.

— Tome um gole — disse uma voz enquanto Helen sentia um canudo ser pressionado em seus lábios.

Seus olhos se abriram e ela viu a mulher de novo, debruçada sobre ela e segurando um copo de água.

— Quem é você? — perguntou Helen com a voz trêmula.

Afastou a boca do suspeito copo com líquido e sentiu os braços presos por cordas. Ela estava amarrada a uma cama. Ainda insuportavelmente fraca devido a qualquer que fosse a droga que lhe havia sido dada, Helen sabia que demoraria algum tempo até se sentir forte o suficiente para se soltar. Olhou como louca ao redor. Estava em um quarto de hotel iluminado por velas. Ainda era noite e ela conseguia ouvir vento e chuva batendo na janela atrás da cortina fechada.

— Olhe para mim, Helen! Quem você pensa que eu sou? —
perguntou a mulher com tanta veemência que por um momento
deteve o pânico de Helen.

— Aqui, sei que você vai precisar de provas. Eu precisaria.

A mulher pegou um envelope cheio de fotografias. Eram fotos
dela mesma no final da adolescência. Em uma foto estava
segurando um bebê pequeno. Em outra estava sentada e
conversando com uma jovem Sra. Aoki enquanto duas garotinhas,
uma loura e outra de cabelos pretos, brincavam juntas no chão. Em
outra, ainda, ela estava beijando Jerry acima de sua barriga de
grávida.

— Beth — sussurrou Helen, contemplando as fotografias que
ela passara uma significativa parte de sua infância procurando.

— Meu nome verdadeiro é Daphne. Daphne Atreus. Imagino
que seja demais pedir a você para me chamar de mãe, não é? —



disse Daphne com um sorriso amargo. Helen gesticulou, indicando os pulsos amarrados.

— Imaginou certo — respondeu ela, começando a ficar muito irritada. — Você quer me dizer por que me apagou e me amarrou?

— Porque estamos sem tempo e, se eu fosse você, me detestaria tanto que nem me daria um segundo para explicar — respondeu Daphne com um olhar amoroso. — A menos que estivesse apagada e amarrada.

Helen a encarou, furiosa e ainda grogue com a droga.

— O que você quer de mim?

O rosto e o corpo de Daphne começaram a mudar, não só no humor, mas na forma. Em um momento Helen estava olhando para sua versão mais velha e no momento seguinte estava olhando para uma mulher na casa dos sessenta anos com cabelos grisalhos.

Antes mesmo que Helen pudesse respirar, a deselegante mulher desapareceu e foi substituída por uma morena de trinta e tantos anos. Então essa mulher desapareceu e, de novo, Helen estava olhando para a mãe. Ela segurou o colar de coração de Helen em uma das mãos e tocou o próprio colar idêntico com a outra.

— Há muitas coisas que preciso lhe contar sobre quem você é

e de onde vem. Coisas que vão magoá-la — disse Daphne de forma direta, quase brutal. — Mas não tenho escolha. Creon está nesta ilha agora mesmo, e ele veio para pegar você.



AFTER DARK



315

16

Por volta de seis horas da manhã Lucas finalmente aceitou o fato de que já não tinha mais tempo. O sol já havia nascido. Era o dia seguinte e Helen já devia estar em pé na janela de um hotel em algum lugar, de acordo com a profecia de Cassandra. Ele sabia que o melhor que podia fazer era desistir, ir para casa e esperar sua irmã mais nova ver outra coisa, mesmo que admitir isso quase o matasse. Ele não havia derrotado o Destino. De novo.

Lucas viu o Pig ainda estacionado na frente da casa dele e precisava entrar sem ser visto. Parecia que Jerry, Kate e Claire

tinham sido forçados a passar a noite para esperar a tempestade acabar, e isso significava que Jerry e Kate ainda não sabiam que Helen estava desaparecida. Para eles, Helen estava do outro lado da ilha, segura em casa com os três garotos, sem terem muito como sair do lugar. Lucas sabia que essa mentira não se sustentaria muito mais, mas decidiu que outra pessoa teria que pensar em uma história para contar a Jerry. Ele não conseguia controlar suas emoções em relação à Helen por tempo suficiente para convencer qualquer um de que ela estava segura, quanto mais o pai dela. Lucas entrou voando pela janela e andou pelo quarto por uma hora. Ele estava vagamente ciente do fato de que deveria comer, descansar ou se secar, mas só conseguia pensar em Helen. Cass saberia se ela estivesse machucada, não é?

Os hóspedes acordaram e desceram. Lucas ouviu o telefone de Claire tocar com alertas de mensagens de texto e sabia que os telefones estavam funcionando de novo. Ouvia do quarto quando Jerry e Kate tentaram ligar para Helen. Quando ela não atendeu nem o celular nem o fixo da casa dos Hamilton, eles ficaram preocupados e decidiram voltar para ver se ela estava lá. As estradas estavam uma bagunça, mas, mesmo que isso os fizesse ir



AFTER DARK

316

mais devagar, Lucas sabia que tinha somente no máximo poucas horas para encontrar Helen antes que o pai dela se desse conta de que ela estava desaparecida e chamasse a polícia. Assim que Jerry e Kate saíram, Lucas encontrou Hector e Jason na escada quando os três, ao mesmo tempo, saíram dos quartos onde se escondiam. — Cara, pelo menos coloque uma camisa limpa! — repreendeu Hector assim que viu Lucas. — Tanto faz — murmurou Lucas balançando a cabeça e tentando passar pelos primos, mas Jason deu um passo à frente. — Você não acha que sua mãe já está preocupada o suficiente? Vá se limpar antes de descer — disse Jason com calma.

Jason estava, pura e simplesmente, provocando seu sentimento de culpa, mas ainda assim estava certo. Lucas assentiu e tirou a camisa puxando pela cabeça enquanto ia para o banheiro. Ele se lavou, vestiu-se e encontrou o restante da família no andar

de baixo, na cozinha. Ainda assim, todos olharam para ele quando entrou na cozinha, e sua mãe parecia que tinha visto um fantasma. Lucas verificou seu contorno e se deu conta de que estava ficando embaçado. Sua mãe sempre se chateava quando ele fazia isso, porque sabia que significava que ele estava chateado. De forma consciente ele se esforçou para deixar a luz fazer o que queria e se sentou no canto, com os olhos em Cassandra. Então o som de uma discussão o fez se dar conta de que Claire estava lá.

— O que você ainda está fazendo aqui? — dizia Jason, com a voz desanimada. — Por que não voltou com eles?

— Não vou a lugar algum até a gente encontrar Lennie — disse Claire, bufando para ele.

— A gente? — desabafou Jason, mas, autoritária, Claire levantou a mão e tirou o telefone que vibrava do bolso de trás.

— Pessoal — falou Claire, olhando para o número que chamava. — É Helen.

— Deixe-me falar com ela — exigiu Lucas enquanto pulava da cadeira e esticava a mão para pegar o telefone.

— Ela ligou para mim, não para você — disse Claire de forma gentil.



AFTER DARK

317

Ela atendeu o telefone na mesma hora fazendo a Helen várias perguntas de uma vez. Então Claire ficou calada por um momento. Ela colocou a ligação em viva-voz.

— Tudo bem, Len, todos nós podemos ouvir você. O que houve? — perguntou Claire, olhando ao redor para o restante da família, mas evitando contato visual com Lucas.

— Estou com minha mãe, Daphne, e somente com minha mãe. Não estamos sendo coagidas por nenhum outro indivíduo, família ou Casa — anunciou Helen para todos de forma tão tranquila quanto se estivesse tocando uma gravação. — Minha mãe e eu estamos nos preparando para sair da ilha juntas e pedimos que vocês nos deixem sair em paz. Não estou correndo nenhum perigo. Vocês sabem que tudo isso é verdade porque seus Detectores de Mentira podem identificar isso em minha voz. Tchau. Vou sentir saudade de todos vocês.

A linha ficou muda. Lucas encarou o telefone enquanto Claire tirava do viva-voz, colocava o aparelho no ouvido e repetia o nome de Helen algumas vezes.

— Não era ela — insistiu Lucas, balançando a cabeça repetidas vezes. Ele sentiu que havia algo estranho, como se houvesse uma mentira escondida em algum lugar. Helen não deveria deixá-lo. Jamais. — Ela nunca me chamaria de “Detector de Mentira” daquele jeito.

— Lucas, era ela — insistiu Claire, por fim virando-se diretamente para ele e lançando-lhe um olhar triste. — Sei que ela parecia estranha, mas era Helen. Você sabe disso.

— Ela estava mentindo? — perguntou Castor a Lucas.

— Não — respondeu Lucas, rouco, como se sua voz não pudesse se comprometer por completo com algo que o resto dele sabia ser tão errado. — Ela não falou nenhuma mentira.

— Então Daphne está viva — disse Pallas em voz baixa, com os olhos arregalados e vazios de surpresa.

— Ainda não sabemos se “Daphne” é Daphne Atreus — disse Castor, impedindo o irmão de sair da cozinha.

— Chega, Castor. Pare com isso — disse Pallas com um tom de

aborrecimento pesando em sua voz. — Pensei que Helen fosse aquela vadia Atreus quando a vi pela primeira vez!



AFTER DARK

318

— E Hector é um clone de Ajax, e Lucas parece ser um dos filhos de Poseidon da Casa de Atenas! — gritou Castor, perdendo a paciência. — Mais do que frequentemente nossa aparência é coisa do destino, não de nossas Casas. Você sabe disso tão bem quanto qualquer um! A mãe de Helen poderia ser qualquer uma das cinco diferentes Daphnes que sabemos que foram mortas no massacre há mais de dezoito anos.

— Você faria qualquer coisa para manter a paz, não é? Até mesmo deixar aquela mulher escapar — disse Pallas, empurrando Castor para passar e tirando a mão de Hector do seu ombro. Lucas deu um passo automático para frente para proteger o primo. Hector poderia vencer com facilidade seu pai se precisasse, mas Lucas de forma alguma queria que eles lutassem. Uma briga

faria com que se atrasasse para encontrar Helen, e ele tinha que vê-la. Eles não podiam ficar separados, e Lucas não conseguia se livrar da sufocante sensação de que alguma coisa muito errada estava acontecendo.

— Aonde você vai, pai? — perguntou Hector, cansado, desistindo de uma briga física.

— Encontrar a mulher que matou meu irmão — disse Pallas por entre os dentes enquanto, com passos pesados, andava em direção à porta.

— Você não vai — falou Cassandra.

Todos congelaram ao som da voz dela. Parecia um coro, como se mais de uma pessoa estivesse falando ao mesmo tempo. As vozes

que saíam de Cassandra eram velhas e jovens, tudo junto, todas falando em harmonia. Lucas viu Claire instintivamente dar um passo para trás em direção a Jason, aterrorizada. A boca de Cassandra estava brilhando e seus cabelos serpenteavam ao redor da cabeça como cobras.

— Lucas, filho do sol, é o único que pode ver o rosto que procura — continuou a profecia. — Ele encontrará as filhas de

Zeus, elas que são amadas por Afrodite, e lhes dará abrigo na Real Casa de Tebas. Ah! Cuidado! Traição... — Ela se interrompeu, incerta.

A luz a abandonou e ela começou a tremer. Parecia assustada, mas nem mesmo Lucas quis chegar perto dela.



319

— Você está bem? — Lucas perguntou baixinho, do outro lado da cozinha, quebrando o silêncio constrangedor.

Ela assentiu com a cabeça e passou as mãos pelos ombros e braços, parecendo de repente bem menor do que era.

— Você vai precisar levar Hector e os gêmeos com você — avisou ela. — Acho que vai haver uma briga.

— Eu vou também — disse Castor, mas Cassandra balançou a cabeça.

— Se Daphne vir você ou Pallas, vai sair correndo — disse ela, dando de ombros e se desculpando.

— Então nossos filhos têm que enfrentá-la sozinhos? Não.

Daphne é muito perigosa. Não podemos deixá-los em lugar nenhum perto dela — contestou Pallas enquanto sua raiva dava lugar ao medo. — Ela seduziu Ajax e o matou!

— Não sabemos disso! — gritou Castor frustrado.

Por um momento parecia que Castor iria bater no irmão, mas Hector se colocou entre eles. Lucas quase gritou de frustração, perguntando-se como os Descendentes tinham sobrevivido por tanto tempo. Eles estavam sempre brigando uns com os outros e nenhuma dessas brigas fazia com que ele ficasse mais próximo de Helen.

— Todos se acalmem! Tio. Pai — disse Hector, virando-se de um para o outro e assegurando aos dois. — Nós damos conta disso. Houve uma risada ofegante, um som amargo que chamou atenção de todos. Quando Lucas olhou, Pandora tinha a mão sobre a boca e seus olhos se enchiam de lágrimas. Ela olhou com carinho para Hector e falou com ele com a mão sobre a boca.

— Você está falando como ele, sabe — disse ela com um sorriso estranho. — Como Ajax. É como se um novo ciclo estivesse começando.

— Não há ciclo algum me esperando, tia Dora. Vou ficar bem
— disse Hector com um sorriso convencido. — Todos nós
voltaremos em algumas horas com Helen e Daphne, são e salvos.
— Onde ela está? — perguntou Lucas a Cassandra, aliviado
por finalmente fazer alguma coisa.



AFTER DARK

320

— Helen e sua mãe estão em algum lugar perto da balsa, mas
estão se movendo, então eu não posso ver muito bem onde —
respondeu ela.

Lucas sentiu seus primos irem atrás dele quando se virou e
caminhou para a porta.

— Espere! Vou com vocês — insistiu Claire enquanto se
apressava para alcançar os rápidos Descendentes. — Lennie precisa
de mim.

— Você é doida mesmo, sabia disso? — disse Jason com
desdém, mas Lucas conseguia ouvir admiração por trás da falsa

raiva. — Você vai ficar aqui.

— Mas eu posso falar com ela! Ela vai me ouvir — ponderou Claire, levantando as mãos e pressionando o peito de Jason para evitar que ele passasse por ela. Ela olhou para Lucas, implorando que concordasse com ela, mas ele não podia fazer isso.

— Você não vai, Tampinha — disse Hector, encerrando a discussão. — Se houver uma luta, você será um alvo e não quero que ninguém se machuque tentando protegê-la.

Ele olhou para o irmão, assertivo.

— Não se preocupe, vou trazê-la de volta — assegurou Lucas a Claire. Ele seguiu os primos e pulou para dentro da caminhonete.

— Por favor, fique aqui e se mantenha segura.

— Claro — respondeu Claire com seu tom mais respeitoso.

Lucas não precisava ser um Detector de Mentira para saber que ela não estava dizendo a verdade.

Ele esperava que Claire não fizesse nada muito estúpido, mas não podia parar para descobrir o que ela estava planejando. Helen estava prestes a sair da ilha. Lucas não sabia se ele tinha um toque do talento de sua irmã ou não, mas sabia que se Helen o deixasse naquele momento ele poderia perdê-la para sempre.



AFTER DARK



321

17

Creon ficou nas imediações da propriedade, envolto por completo em sombras, e esperou até que os primos saíssem na SUV preta para correr atrás deles. Ele conseguia acompanhar a velocidade do carro em movimento com facilidade e, desde que ficasse dentro de uma nuvem de escuridão, podia aproveitar o tempo

sombrio para se manter perfeitamente escondido. Nenhum outro Descendente, em centenas de anos, tivera o controle sobre a luz que

Creon tinha, e em um dia nublado nem mesmo outro filho de Apolo poderia vê-lo. Creon havia seguido Hector e Jason até a propriedade da família Delos quando voltavam da casa de Helen naquela manhã.

Sem nada mais para fazer, ele decidira que a melhor coisa seria espiar sua família. Seu pai lhe contara sobre o poder de mudar a forma do cinturão e ele sabia que não tinha escolha senão esperar sua presa se revelar. Pensou que ela acabaria fazendo contato com os traidores, e estava certo. Agora tudo o que precisava fazer era segui-los e acreditar que seus primos acabariam levando-o direto para ela.

* * *

Helen olhou pela janela do hotel procurando na rua quase vazia, mas não viu Lucas em lugar algum. Desejara vê-lo uma última vez antes de partir, mesmo que ele não a visse. Era pouca coisa para desejar, mas parecia que pouco ainda era muito. Lucas não estava ali, a tempestade estava acabando e logo ela e a mãe estariam na primeira balsa para sair da ilha.

— Helen — chamou Daphne por detrás dela. — Você está usando seu próprio rosto. Você precisa ser consistente, ou seremos descobertas.



AFTER DARK

322

Helen se virou e concentrou-se em projetar a imagem de uma bela morena que ela e sua mãe decidiram que Helen seria quando fugissem.

— Muito melhor — disse Daphne com um satisfeito aceno de cabeça. — Ainda não consigo acreditar que você nunca tinha deparado com esse poder por conta própria.

Helen não tinha uma resposta para isso. Estava muito perturbada por seu poder recém-descoberto e sua mãe recém-descoberta para concluir se estava sendo elogiada ou insultada. Ela andou até a penteadeira do quarto para olhar a estranha no espelho. O cinturão podia fazer com que se parecesse com qualquer mulher do mundo, mas só tivera algumas horas para aprender a usá-lo. Sua mãe prometera que depois lhe ensinaria como ser de qualquer idade, raça ou gênero, mas, apesar de manter seu disfarce simples por ora, ainda assim ela ficava irreconhecível, desde que se

lembrasse de manter a aparência ilusória.

— Você não precisa manter sua metade do cinturão como um colar de coração, sabia? — disse a mãe, atrás de Helen, olhando para ela no espelho.

— É, eu sei. Pelo menos isso eu descobri como fazer por conta própria — respondeu Helen com a voz da estranha.

O colar de Helen era o verdadeiro cinturão de Afrodite, a metade protetora que a tornava intocável por armas. A metade de Daphne eram os adornos de Afrodite e, apesar de não poder deter uma lâmina ou uma bomba como a de Helen, ela era capaz de fazer algo que tinha o potencial de ser mais assustador. Daphne era irresistível a qualquer pessoa a quem decidisse seduzir.

— Bem, fico feliz. Sempre usei minha metade como um coração e sempre desejei que você também usasse — disse Daphne, tímida. — Imagino que você deva pensar que não tenho o direito de ser nostálgica a seu respeito. Mas eu sou.

Daphne passou o dedo em seu pingente de coração e abriu a boca para dizer algo, mas se deteve e foi para o outro quarto para mexer na bagagem pela décima vez. Uma parte de Helen queria correr para a mãe e dizer que ela também sempre esperara que o

colar fosse uma ligação entre elas. Mas outra parte dela queria arrancar o negócio do pescoço e jogá-lo na cara emprestada da mãe.



323

Helen não tinha certeza, até então, o quão longe o poder de persuasão de Daphne ia. Vinha do cinturão, então podia ser que Daphne fosse irresistível somente na questão sexual, mas Helen estava dolorosamente ciente do quão rápido concordara em deixar sua casa e as pessoas que amava. Ela estava seguindo uma mulher da qual não conseguia se lembrar, para um lugar que ela jamais vira e havia tomado a decisão de fazer isso em menos de uma hora. Helen pensou sobre tudo o que havia aprendido procurando por pistas que comprovassem que estava sendo controlada, mas, ao juntar todas as evidências, sabia que não precisava de lavagem cerebral para querer fugir.

Depois do que Daphne falara, Helen estava tão enojada

consigo mesma que fugiria de qualquer jeito.

— Você está com fome? — perguntou Daphne. Helen pulou se afastando da janela ao ouvi-la e, culpada, deixou a cortina cair. Sem nem mesmo se dar conta disso, estava procurando por Lucas de novo.

— Não — respondeu, sem ser capaz de levantar os olhos do tapete.

— Bem, você ainda vai ter que comer, e nós deveríamos testar seu novo rosto antes de embarcarmos na balsa — disse Daphne com um sorriso largo. — Vamos sair para tomar café da manhã antes de termos que viajar sobre o maldito oceano.

Helen tentou argumentar, ressaltar o quão idiota seria testar a habilidade dela de manter sua nova forma com tão pouca prática, mas Daphne apenas deu de ombros e disse que seria mais fácil testar em terra, antes de se aventurarem na água. Parecia que o medo que Helen tinha do oceano fora herdado. Daphne o odiava, e lembrando o que Hector lhe dissera sobre ela não gostar do oceano por não ser capaz de controlá-lo, Helen presumiu que sua mãe devia ser uma grande controladora para detestar tanto assim o mar. Depois de uma rápida verificação para ver se nenhuma das

duas estava usando roupas que fizessem com que fossem reconhecidas, Daphne arrastou Helen para a rua com a promessa de que seria “divertido”.

A tempestade havia esmagado as folhas de outono transformado-as em uma pasta vermelho-amarronzada que cobria



324

as ruas de pedras e entupia os bueiros sobrecarregados. A chuva estava parando e o vento, diminuindo, mas a parte inferior das nuvens ainda estava da cor de rímel borrado e a água corria em rios improvisados descendo as calçadas em direção ao mar. Havia galhos caídos aqui e ali, sem folhas em uma das pontas e com lascas brancas apontando em todas as direções como caixas de palitos derrubadas na outra, a que tinha sido arrancada das árvores. Helen conseguia sentir o cheiro da seiva das árvores, já que as poucas da ilha sangravam depois de perder a batalha contra o vento. Com uma perturbadora imagem de soldados de madeira

mortos e gigantescos cavalos de madeira na mente, a última coisa que ela queria fazer era comer.

— Nada vai estar aberto — protestou Helen, mas sabia que não era verdade.

— Eu costumava morar aqui, sabia? E se há uma coisa que aprendi... — Daphne andava confiante passando pelas janelas fechadas com tábuas dos marchands nervosos e descendo o quarteirão onde uma fila se formava do lado de fora do Overeasy Café —... É que os pescadores de baleias não amam nada mais que uma realmente boa tempestade — terminou com satisfação.

Era verdade. Os queridos conterrâneos de Helen tinham orgulho de sua habilidade de sobreviver a qualquer coisa que a Mãe Natureza mandasse para eles. Era uma coisa de macho, mas também uma chance de criar vínculo. Compartilhavam uma boa gargalhada ante o vento uivante, gelo, neve ou chuva, enquanto todos procuravam por seus gatos históricos e buscavam a decoração de jardim na sala de estar do outro.

Não havia eletricidade no quarteirão e o pessoal ainda estava varrendo os vidros das janelas quebradas. Apesar de tudo isso, Helen não estava nem um pouco surpresa que o café estivesse

funcionando. Na verdade, sabia que naquele momento seu pai e Kate estavam a seis quarteirões, na News Store, verificando o estrago. Também sabia que, se as pessoas começassem a ficar por ali com cara de fome, Jerry e Kate abririam as portas e as alimentariam. Com os refrigeradores desligados, os perecíveis teriam que ser consumidos ou jogados fora de qualquer jeito, e Kate preferiria dar comida para os vizinhos a vê-la estragar.



325

Helen pensou por um momento em como deveria estar lá com eles, mas então viu de relance seu novo reflexo na única janela do lado de fora do Overeasy Café que não estava quebrada. Ela não era Helen. Era uma linda morena do continente e ela e sua desleixada mãe com cara de cavalo estavam de férias em Nantucket. Essas duas turistas não deviam nada a ninguém.

Helen sentou-se, colocou o guardanapo no colo e pediu qualquer coisa que o café pudesse fazer em um fogão a gás — ovos,

bacon e café feito na cafeteira francesa. Enquanto empurrava a comida de um lado para o outro, Matt entrou no café. Os olhos de Helen se arregalaram quando Matt olhou direto para ela e, por puro hábito, tomou fôlego para chamá-lo, mas depois os olhos do amigo passaram direto por ela.

Era óbvio que Matt entrara no café procurando por ela. Helen gemeu sozinha e esfregou os olhos cansados. Claire devia ter lhe contado que Helen estava desaparecida. Helen imaginou o que mais ele sabia sobre ela. Conhecendo Matt e sabendo como era inteligente, tinha certeza de que ele havia descoberto alguns dos seus segredos sozinho, assim como Claire.

Por um momento ela quis que ele a encontrasse, mas estava procurando os brilhantes cabelos louros de Helen. Quando os olhos dele não a viram imediatamente, ele desistiu. Ela queria jogar o guardanapo em Matt e gritar que estava sentada a três metros dele, mas se deu conta de que era bobeira culpá-lo por não reconhecê-la. Mesmo assim, doía não ser reconhecida por um garoto que ela conhecia desde que usava fraldas. Enquanto via Matt sair do café, ela não pôde evitar se sentir anônima, sozinha e tão substancial quanto um fantasma.

— É melhor para ele — disse Daphne segurando a mão de Helen do outro lado da mesa, consolando-a. — Os humanos que nos amam nunca duram muito. Descendentes são ímãs de tragédia. É mais seguro para eles se partirmos antes de a confusão começar. Por isso não dei mais tempo a Jerry...

— Você nunca amou meu pai, quero dizer, Jerry — interrompeu Helen, amarga. Ela arrancou a mão de debaixo da mão de sua mãe.



326

— Não, não amei. Não vou mentir para você para parecer mais solidária — reagiu Daphne, movimentando a mão rejeitada para pegar a conta. — Mas jamais desejaria o mal para aquele homem. Lembre-se, ele é a única pessoa a quem confiei minha filha. Você me odeia por não amar Jerry? Tudo bem. Mas o mínimo que pode fazer é me respeitar por entender o quão especial ele era e lhe dar o presente de poder pensar que era seu pai.

— Jerry é meu pai de todas as maneiras que importam de verdade — disse Helen, saindo do assento afundado do sofá. Ela esperou de costas enquanto Daphne jogava algumas notas na mesa. No caminho para o hotel para pegar suas coisas, Helen viu Hector. Ele olhou direto para ela e depois passou, como Matt havia feito. Os gêmeos estavam com ele andando perto da balsa. Helen ouviu Ariadne chamar Matt, parecendo surpresa vê-lo, mas Daphne a puxou para dentro do hotel antes que pudesse descobrir o que eles falavam um para o outro. Helen ouviu o nome de Claire ser mencionado logo antes de a porta se fechar atrás dela, tornando impossível saber o que estavam falando sobre ela, mesmo com a audição de Descendente.

Lucas estava no saguão. Helen não viu o rosto dele, mas não precisava. Se tivesse apenas o visto de relance enquanto ele desaparecia virando a esquina a um quilômetro de distância, ainda assim seria capaz de reconhecê-lo. Ela virou o rosto, sabendo que não podia olhar para ele ou perderia a concentração e deixaria a máscara cair. Enquanto subia correndo as escadas atrás da mãe, ela tanto desejava quanto temia que ele gritasse seu nome, mas, é claro, ele não gritou.

De volta ao quarto, Helen pegou as poucas coisas que tinha e levou até a entrada, perto da porta, escondendo da mãe os olhos molhados e o nariz vermelho da melhor forma que podia. Ela tentou deixar os cabelos escuros da estranha caírem no rosto, mas infelizmente essa garota tinha franja. Enquanto sua mãe verificava o quarto uma última vez antes de saírem para o porto, Helen deixou escapar uma risada inadequada, lembrando-se de repente da última vez que pegara a balsa. Tinha sido quando Claire lhe contara pela primeira vez sobre a família nova que havia se mudado para a grande propriedade em 'Sconset. Claire tivera certeza de que



327

haveria um garoto dos sonhos por quem se apaixonar para cada uma delas, e Helen achava que Claire estava sendo ridícula. Tivera tanta certeza que mudara de assunto e pensara alto se deveria cortar os cabelos.

— Bem, Claire com certeza estava certa — disse Helen para si,

rindo através das lágrimas. — Eu odeio franja.

Com a respiração ainda ofegante da risada meio louca, Helen abriu a porta do quarto do hotel para sair e trombou com Lucas. Em uma fração de segundo ele registrou as lágrimas de Helen e o rosto surpreso da mulher estranha perto dela. Lucas agarrou o braço de Helen e a puxou para longe da mulher, colocando-se entre as duas.

— O que você fez com ela? — perguntou ele, ameaçando Daphne.

— E quem é você? — falou Daphne com sotaque sulista.

Lucas lançou um olhar confuso para a mulher e então olhou para Helen.

— Helen, quem é essa mulher? — perguntou ele.

— Entre — disse Daphne, deixando de lado o sotaque falso. — Venha, Helen. Fomos descobertas. Ele pode ver seu verdadeiro rosto.

— Como? — perguntou Helen, olhando para as mãos que não eram dela, para o corpo que não era dela, enquanto seguia Lucas de volta para dentro do quarto.

— Porque ele a ama. — Daphne fechou a porta atrás deles. —

O cinturão não consegue esconder o rosto de uma pessoa amada, consegue apenas revelar. Você jamais será alguém senão você mesma para ele, porque ele a ama exatamente como você é.

Daphne esfregou as têmporas frustrada com esse novo e irritante desenrolar. Virou-se para Lucas e deixou de lado o disfarce. Ele suspirou.

— Você é todas as mulheres — disse Lucas, lembrando o que Cassandra tinha visto. — Helen, essa é a mulher que tem atacado você, esse não é o rosto verdadeiro dela...

— Eu sei. Até sei que foi ela quem machucou Kate no beco — disse Helen, engolindo em seco. — Pensei que tivesse sido eu, que eu tivesse eletrocutado Kate por acidente.



328

— Helen, você não deve se culpar — disse Daphne, parecendo quase irritada com a ideia.

— Ela estava tentando me sequestrar para me manter longe

da sua família antes que vocês descobrissem quem eu era de verdade — continuou Helen, ignorando Daphne. — Ela sabia que eu não iria confiar nela e que teria que literalmente me amarrar para me fazer escutá-la. Então foi isso que ela fez. Mas essa é minha verdadeira mãe e esse é seu verdadeiro rosto, Lucas. É o nosso rosto.

— Não é possível — disse Lucas, olhando de Helen para Daphne e de volta para Helen. — Nenhum Descendente se parece com outro assim tão próximo.

— Os portadores do cinturão sempre se parecem com o primeiro Descendente a possuí-lo — disse Daphne.

— Helena de Troia — falou Lucas baixinho.

Helen assentiu e esclareceu enquanto olhava para a mãe.

— Afrodite e Helena eram meio-irmãs e se amavam muito.

Quando o cerco de Troia começou, Afrodite deu o cinturão a Helena para protegê-la. Desde então, ele tem sido passado de mãe para filha, junto com o Rosto.

— O Rosto? — perguntou Lucas.

— “Que lançou mil navios” — disse Daphne, repetindo o título de forma automática. — É nossa maldição.

— Helena de Troia era da Casa de Atreus — disse Lucas enquanto afundava na cadeira de encosto reto que decorava a entrada. — Então Pallas estava certo. Você é Daphne Atreus.

— Acho que Pallas tinha que estar certo sobre alguma coisa, algum dia — desabafou Daphne antes de se interromper e suavizar a voz. — Sei que é seu tio, mas temos uma história complicada. Seu pai era diferente. Ele foi muito gentil comigo, ou pelo menos tentou ser. As Fúrias fazem gentileza ser um termo bastante relativo.

— As Fúrias — disse Lucas quando uma ideia lhe ocorreu. — Por que não vejo as Fúrias quando estou perto de você?

— Pelo mesmo motivo que sua família não as vê mais quando estão perto de Helen. Vocês dois arriscaram a vida para se salvarem, e isso os livrou da dívida de sangue. Há muito tempo passei por algo similar com outro membro da Casa de Tebas. Mas



329

não tenho tempo para explicar a história toda para você — disse

Daphne, sem ser dura. — Helen e eu temos que sair desta ilha, e tem que ser agora.

— Não — disse Lucas, olhando para Helen. — Voltem comigo, as duas. Minha família...

— Sua família me quer morta — reagiu Daphne de forma fria.

— E Creon está aqui para caçar Helen. Tenho que tirá-la da ilha, e se você a ama da forma como sei que ama, vai me ajudar.

— Posso protegê-la de Creon — disse Lucas, com um tom desafiador, ainda esperando que Helen olhasse para ele, mas ela não olhava.

— Como? Você está pronto para se tornar um fratricida? Um Banido? — perguntou Daphne, severa.

Lucas virou a cabeça para olhar para Daphne, reagindo a um termo que havia sido criado para abominar. Por um momento ele a odiou, mas somente porque ela estava certa.

— Você não pode defender Helen contra a própria família, não até a morte. Eu sou a única que pode protegê-la agora — continuou Daphne, o tom sugerindo que ela genuinamente se sentia mal por ele. — E a melhor maneira de fazer isso é tirá-la de perto de Creon.

— Não vou deixá-lo chegar perto dela. Não me importa o que

eu tenha que me tornar — disse Lucas, preocupado com Helen e incomodado com o jeito como ela parecia evitá-lo.

Ele pegou as mãos dela.

— Lucas, deixe-me ir — falou Helen baixo, soltando as mãos das dele. Ele ficou calado, sentindo que algo muito errado estava por acontecer. De novo. — Se você me ama, vai me deixar ir. Você me ama?

A voz dela estava tão fraca que falhou.

— Você sabe que amo — respondeu ele, confuso. — Se está com medo, fuja comigo, como planejamos. Você sabe que fomos feitos para ficar juntos, sei que você consegue sentir isso, assim como eu consigo.

— Quero que você me deixe ir — disse ela com simplicidade quando por fim encontrou os olhos de Lucas e se manteve presa a eles.



Em vez de pensar em como o rosto de Lucas parecia estar debaixo do peso da surpresa e tristeza, Helen imaginou seu coração como uma gigantesca banheira cheia de água. Tudo o que já sentira na vida, tudo de bom e tudo de ruim, eram apenas fios coloridos naquela água, e toda a bela bagunça estava rodopiando e descendo pelo ralo. A única coisa que ela precisava fazer era esperar mais alguns segundos e a banheira estaria vazia.

— Você pode ouvir a verdade no que eu digo, não pode? — continuou ela, sem compaixão. — Eu quero que você me deixe ir. Lucas respirou e segurou o ar por um longo momento enquanto registrava que Helen não estava mentindo. Então ele assentiu e respirou de novo, com o rosto impassível.

— Acredito que você queira sair de perto de mim agora, mas também sei o que vai acontecer, independente da vontade de qualquer um — disse ele.

— O Oráculo! — exclamou Daphne para si, entendendo o que Lucas queria dizer. — Ela sobreviveu à sua primeira profecia? Ainda está sã? — perguntou ela, ofegante.

Ele fez um breve movimento com a cabeça em resposta às perguntas insensíveis dela.

Daphne começou a andar distraída, como se milhares de pensamentos estivessem se acotovelando em sua mente. De repente ela parou e encarou Lucas.

— O que ela disse sobre nós? — perguntou ela.

— Que as amadas de Afrodite encontrariam abrigo na Casa de Tebas — respondeu Lucas, sem emoção. — Está vendo? Vocês vão voltar comigo.

— É óbvio — disse Daphne, virando as palmas das mãos para cima aquiescendo. — Helen, pegue suas coisas.

Helen ficou de queixo caído e encarou a mãe, incrédula.

Depois de tudo o que Daphne havia contado para afastá-la da Casa de Tebas, essa mudança não fazia sentido.

— Mas vamos perder a balsa... — gaguejou Helen, ainda incrédula.

— O Oráculo falou — disse Daphne, colocando a bolsa no ombro com um olhar ávido.



Helen não tinha ideia do que sua mãe estava planejando, mas, sem motivo para se opor, não teve escolha senão obedecer.

Helen e Daphne assumiram seus disfarces e os três desceram até o saguão. Lucas pediu que esperassem um pouco quando chegaram à porta da frente. Ele pegou o telefone e ligou para Hector

dizendo para levar o carro até a entrada do hotel.

— Fiquem aqui — disse ele, firme. — Deixe-me verificar a rua antes de saírem. Hector disse que Creon vinha em nossa direção.

— Isso não é necessário, Lucas. Desde que você mantenha distância de nós, estamos bem escondidas — disse Daphne de maneira confiante enquanto pisava na calçada puxando sua extravagante mala de couro atrás de si.

Enquanto Helen via sua mãe sair, olhou de relance para o outro lado da rua. Creon estava em pé do outro lado, olhando as janelas do hotel com sua visão que desafiava os reflexos. Ele baixou os olhos quando viu Daphne.

Assim que viu Creon, a memória de Helen voltou ao último encontro com ele. Ainda podia sentir a respiração úmida dele no

pescoço enquanto sussurrava preciosa no seu ouvido, logo antes de apunhalá-la. Mais ainda, ela lembrava a sufocante escuridão que a fez sentir como se estivesse perdida no espaço, totalmente indefesa. O eco de terror que sentiu a fez esquecer por um momento que ambas, ela e sua mãe, estavam protegidas pelas aparências emprestadas.

— Mãe! Pare! — gritou ela por instinto, esticando-se para puxar Daphne de volta para o hotel.

Creon fez contato visual com Helen quando ela gritou. Então viu seu primo Lucas dar um passo largo e agarrar a estranha de forma frenética. Creon olhou da bela morena para Lucas notando como se seguravam de maneira tão protetora. Então olhou de volta para a mulher desleixada com a mala cara e sorriu. Correu para o outro lado da rua, a cabeça baixa e os ombros arredondados como um touro.

— Daphne! Ele sabe! — gritou Lucas, jogando Helen para trás dele e se movendo inacreditavelmente rápido para interceptar Creon.



AFTER DARK

332

Os primos se chocaram no meio da rua, ambos utilizando a aceleração para colocar força no primeiro soco. Mas Lucas conseguiu fazer algo que Creon não esperava. No último momento fez a gravidade agir mais forte sobre si mesmo e, em estado compacto, empurrou seu aturdido adversário para o asfalto com tanta força que afundou a rua.

Uma fração de segundo depois Lucas olhou para cima e viu a fisionomia aterrorizada de Matt através do para-brisa do carro quando enfiou o pé no freio. Matt tentou parar, mas era tarde demais. Ele colidiu com as duas figuras que apareceram de repente, do nada, no meio da rua, e seu carro foi amassado como se tivesse batido em um muro.

— Lucas! — berrou Helen quando tentou correr, passando por sua mãe. Daphne agarrou Helen e a deteve no momento exato em que a enorme SUV de Hector cantou pneu e parou em frente a elas,

impedindo Helen de chegar até o acidente. Ariadne pulou do assento do passageiro antes mesmo de Hector parar por completo e correu até os destroços.

— Entre na caminhonete agora! — berrou Hector para Daphne enquanto saía do lado do motorista e corria para o capô do carro de Matt, que soltava fumaça.

Helen lutava, incapaz de ver o que estava acontecendo. Ainda gritava o nome de Lucas quando Jason e Daphne a empurraram para a parte de trás da SUV.

— Luke está bem! — disse Jason entre os dentes enquanto brigava com ela. — Helen, por favor! Já estamos atraindo muita atenção.

Lembrando-se de onde estava, Helen se forçou a ficar mais calma e a sentar no banco de trás. Ela escorregou para uma das janelas escuras e suspirou aliviada quando viu Lucas em pé diante do carro destruído de Matt. Ele não estava machucado e segurava Hector para evitar que ele saísse correndo para algum lugar. Creon tinha sumido, então Helen presumiu que Hector estava tentando segui-lo. Por um momento parecia que Lucas ia bater no primo, mas depois sussurrou alguma coisa que parecia ter convencido o

primo cabeça-dura e, de repente, Hector acalmou-se e assentiu.



AFTER DARK

333

— Ele é exatamente igual a Ajax — sussurrou Daphne, com os olhos colados em Hector.

Helen deu uma breve olhada na mãe, depois voltou sua atenção para os destroços. Ariadne estava ajudando Matt a sair do carro, segurando-o. Ele estava cambaleando e sangrando na cabeça, branco como cera e com olhos arregalados de susto, mas não parecia muito machucado.

— Deveríamos levá-lo a um hospital — insistiu Ariadne, enquanto avaliava as pupilas irregulares de Matt.

— Não — disse Matt com veemência. — Não há como explicar isso. Gente normal não levanta e sai andando depois que você as atropela com um carro.

Todos sabiam que ele estava certo. Mesmo machucado, Matt pensava rápido.

— Você bateu a cabeça — alertou Jason enquanto os Descendentes trocavam olhares preocupados.

— E ainda sei o que vi. Olhe, não se preocupem comigo, eu jamais trairia um amigo, mas temos que ir agora mesmo — insistiu Matt. — Antes que a polícia chegue.

— Ari? — perguntou Jason ao encontrar os olhos de sua irmã gêmea em uma troca honesta. — Há risco de vida?

Ariadne correu as mãos sobre o crânio de Matt, um brilho pálido saindo pelas palmas.

— Ele vai ficar bem — disse ela depois de um breve momento. Começou a levar Matt na direção da caminhonete de Hector, mas Matt riu e parou de repente.

— Nossa! O que você fez comigo?

Ele deu um sorriso pateta para ela.

— Curei você. Esse é meu dom — respondeu ela ao sorrir de volta para ele, parecendo exausta de repente.

— Obrigado — disse Matt. Ele se permitiu ser levado para a caminhonete de Hector. — Espere. Onde está Claire?

Helen estava fora da caminhonete e correndo na direção de Matt antes que sua mãe pudesse estender um braço para detê-la.

— O que você quer dizer com “Onde está Claire”? — exigiu Helen, apertando os punhos com tanta força que os braços tremeram. — Onde você a viu por último?



334

— No banco do carona — respondeu Matt, fraco, enquanto apontava para o carro.

O corpo inteiro de Jason ficou rígido. Movendo-se tão rápido que era pouco mais que um borrão, arrancou a porta do carro com a mão e gentilmente tirou Claire de debaixo do painel com a outra. Ela estava inconsciente, sangrando, e tão mole quanto uma boneca de pano.

— Não — sussurrou Jason para ela. — Você deveria ter ficado longe de mim. — Ele colocou os lábios à distância de um fio de cabelo dos lábios dela e ficou parado como uma estátua.

— Como ela está? — perguntou Ariadne aflita.

— Ela está respirando — respondeu ele depois de um instante,

a voz falhando. Jason levantou a cabeça e encontrou os olhos de sua irmã gêmea.

— Bem, você pode curá-la ou não? — perguntou Ariadne calmamente, como se ela e seu gêmeo tivessem se preparado para isso.

Ele cerrou os dentes e assentiu, sem falar nada, e carregou Claire até a parte de trás da caminhonete e a segurou com cuidado no colo enquanto todos se organizavam.

— Vou cuidar do carro de Matt e encontro vocês de volta em casa daqui a pouco — Lucas falou para Hector, já obscurecendo os destroços ao refratar a luz ao redor.

— Espere — ordenou Daphne. Levantou a mão como se estivesse chamando um táxi e fechou os olhos. — Isso vai chamar menos atenção — disse.

Uma espessa grinalda de neblina cinza-perolada se ergueu da água e desceu a rua, as longas e filamentosas gavinhas correndo em direção aos seus delicados dedos inclinados. Helen teve a sensação de que a tempestade recente não havia acontecido ao acaso e se perguntou se sua mãe a teria invocado.

— Grande Zeus, Acumulador de Nuvens — falou Hector

baixinho, pensando o mesmo que Helen. A cena do acidente desapareceu na neblina e então ele se virou para Lucas. — Onde você vai esconder o carro?

— No oceano. Podemos limpar a área depois que escurecer — respondeu Lucas enquanto entrava na espessa névoa para



335

empurrar o pedaço de metal retorcido e perigoso de Matt para fora do porto.

Todos os outros se espremeram dentro da caminhonete de Hector. O incidente, desde o ataque de Creon até a fuga, levou apenas alguns minutos, e eles estavam há quatro quarteirões do local quando ouviram a primeira sirene atravessar a neblina.

Foram em absoluto silêncio, em uma velocidade totalmente legal, para 'Sconset, cada um deles preso nos próprios pensamentos, chocados e preocupados. Enquanto cruzavam a

estrada, Helen não conseguia tirar os olhos de Jason e Claire.

Jason começara a movimentar a mão dois centímetros acima do corpo dela, suas palmas brilhando como as da irmã quando havia curado Matt. Ele cochichou no ouvido dela. Soprou de leve sobre os olhos fechados dela como se estivesse expirando energia direto dentro de seus sonhos inconscientes.

O que quer que estivesse fazendo, estava ajudando Claire, mas também estava lhe causando uma dor excruciante. Uma espessa e escorregadia gota de suor brotou na pele pálida quando Claire pareceu se acomodar melhor nos braços dele e ficar com as bochechas mais coradas. Ao estacionarem na propriedade dos Delos, Jason estava tão desgastado que Helen nem mesmo perguntou; simplesmente tirou Claire do colo dele e a carregou para dentro da casa.

— Meu quarto. Rápido — disse Jason com a voz falhando enquanto Helen carregava Claire para dentro da cozinha cheia de gente.

Ela passou sem olhar para os rostos espantados da família Delos, carregando Claire perto do peito para protegê-la de olhares curiosos enquanto ela e Jason dirigiam-se para a escada. Na

metade da subida ela sentiu Jason colocar a mão em seu ombro e inclinar-se sobre ela para se apoiar. Ele estava tão fraco que mal conseguia colocar um pé na frente do outro. Acabou conseguindo completar o caminho.

— Como posso ajudá-lo? — perguntou Helen a Jason, acomodando Claire na sua cama.

— Não pode — respondeu ele enquanto esticava o corpo grande ao lado do de Claire. — Fiz minha escolha, e estamos



336

ligados até ela se recuperar. É mais ou menos como a última opção de um Curador. Neste momento, ou nós vamos conseguir atravessar aquele deserto juntos, ou não vamos.

— Ah, bom — disse Helen suspirando, por fim sentindo-se esperançosa. — Claire jamais permitiria que alguém com quem ela se importa morresse, principalmente se fosse para salvar a vida dela.

Ela viu Jason sorrir e balançar a cabeça brincando, enquanto ele lembrava que, não importava o quão terrível a situação podia parecer, pelo menos ele havia ligado sua força vital a uma lutadora lendária.

— Eu fiz tudo o que pude para mantê-la fora disso, para protegê-la de nossa espécie — sussurrou ele, encontrando os olhos de Helen.

— É, eu sei. Todas aquelas discussões de você dois, mesmo sendo obviamente perfeitos um para o outro — disse Helen, sentindo-se culpada. Jason havia tentado afastar Claire para mantê-la segura, mas Helen, não. — Agora entendo.

— Você tem outras coisas com que lidar — disse ele, os olhos já começando a fechar. — Vá. Vou guiá-la.

— Se você se perder, vou atrás de vocês lá embaixo — falou Helen, já sentindo o ar seco das terras áridas tirando toda a umidade da atmosfera.

De repente, Helen soube o que eram as terras áridas e por que ela sempre tivera tanto medo de reconhecer a verdade quando estava na cara dela. O deserto no qual vagava enquanto dormia, a terra que agora Jason tinha que atravessar para salvar Claire, era a

terra dos mortos. Pelo mais breve dos momentos ela pôde ver o esforço de Claire, confusa, assustada e sem voz gritando o nome de Jason. Helen baniu aquela imagem perturbadora e falou direto no ouvido de Jason.

— Conheço o caminho pelo cascalho e prometo: se você não conseguir sair sozinho, vou lá embaixo e carrego os dois para fora. Os olhos de Jason de repente se arregalaram de surpresa, mas seu espírito já estava seguindo o de Claire e, apesar de ele tentar lutar contra isso, seus olhos se fecharam de novo enquanto ele deslizava para um sono que mais parecia coma. Helen saiu do



337

quarto confiando nele por completo com relação à cura de Claire. Mentalmente ela já se juntava à batalha que a aguardava na sala de estar.

Helen seguiu seu caminho ouvindo a voz alta da mãe à medida que se aproximava. Aquela voz já era assombrosamente familiar,

mesmo tendo conhecido a mulher somente há poucas horas. A voz de Daphne era a sua própria, vinda de fora de sua cabeça como em uma gravação de uma porcaria de secretária eletrônica. Helen detestava aquilo; não o som, mas a sensação de estar presa no erro de alguém, condenada a adotar as piores qualidades das pessoas que ela mais deveria amar.

Helen parou por um momento para se preparar antes de entrar na sala de estar. Nos poucos minutos que Helen estivera no andar de cima, uma luta começara.

— Eu sou culpada? — berrou Daphne com Pallas, reagindo a algo que ele acabara de dizer. — Se vocês todos tivessem ficado em Cádiz, longe de Helen, nada disso teria acontecido!

— Isso foi culpa minha — admitiu Hector, tentando acalmar todo mundo. — Minha família precisou sair de lá porque quase matei um dos meus.

— Você não teria sido o primeiro — Daphne falou de lado.

— O que isso quer dizer? — perguntou Pallas, indignado.

— Você finalmente está pronto para falar sobre esse tabu entre nós? — falou Daphne com amargura. — Eu não matei Ajax. Foi Tantalus.

— Você é uma mentirosa! — falou Pallas, dando um passo ameaçador na direção dela.

— Então, como estou viva? Tantalus contou para todos vocês que ele me matou, não foi?

Pallas a encarou, furioso.

— Apenas responda a essa única pergunta. Se eu matei seu irmão Ajax, por que você não está vendo as Fúrias agora? — perguntou Daphne, esticando os braços como se quisesse mostrar que não as estava escondendo em lugar nenhum.

Todos se entreolharam como se esperassem que alguém tivesse uma explicação, mas ninguém tinha.



338

— Pallas, você lembra como Ajax e eu nos odiávamos, mais do que a ira das Fúrias podia dar conta, mas ao mesmo tempo não conseguíamos ficar separados? Você lembra como costumávamos nos perseguir, como se não aguentássemos ficar separados nem por

um momento? — perguntou Daphne em tom mais suave.

— Você era a obsessão dele — disse Pallas de maneira sombria, lançando um breve olhar para Lucas.

— E ele era a minha. Acabamos lutando, mas, no último momento, em vez de matarmos um ao outro, houve um terrível acidente. Acabamos por salvar a vida um do outro. Quando fizemos isso, paguei minha dívida com a Casa de Tebas e ele a dele, com a Casa de Atreus. Depois disso, Ajax podia estar com minha família sem incitar as Fúrias e eu, com a dele. Como eu poderia estar em pé na sua frente se isso não fosse verdade? — Daphne gesticulou na direção de Helen e Lucas. — Você viu isso acontecer de novo, bem na frente dos seus olhos, e todos vocês já sabem qual é o resultado. Uma vez que as Fúrias foram embora, Ajax e eu nos apaixonamos.

— Mentirosa! — sibilou Pandora.

— Não — disse Lucas balançando a cabeça com um olhar arrasado, quase temeroso. — Ela está falando a verdade.

— Eu toquei o corpo dele com minhas próprias mãos — gritou Pandora, as lágrimas se emaranhando sobre seu lindo rosto de fada. — Ele estava morto!

— Acho que nós dois estivemos mortos por alguns segundos — disse Daphne de forma compreensiva. Tentava fazer Pandora ouvi-la, mas em vão. Pandora balançava a cabeça para qualquer coisa que Daphne tentava dizer. — Ajax e eu nunca entendemos direito o que aconteceu de fato, mas, juro, eu não o matei.

Pandora deu meia-volta e se afastou de Daphne, deu as costas e ainda balançava a cabeça em negação. Ariadne ficou em pé perto dela e pegou sua mão, mas Pandora não queria consolo. Ela largou a mão de Ariadne e cruzou os braços no peito, como se seu coração doesse, com a mão esquerda segurando o medalhão no pulso direito.

— Ah! Típico! A Casa de Tebas pensa que sabe de tudo porque é a Casa do Oráculo — disse Daphne por trás de Pandora, quase



339

implorando. — E a ironia é que, porque vocês pensam que sabem tudo, as outras Casas foram capazes de esconder tanta coisa de

vocês, nossas relíquias, como o cinturão, até mesmo nossa existência. Vocês pensaram que a Casa de Atreus estivesse extinta, mas aqui estou. Abram os olhos! Vocês querendo acreditar, ou não, Pandora, Ajax e eu salvamos a vida um do outro naquela noite, e depois nos apaixonamos perdidamente.

— Depois os dois fugiram juntos? — perguntou Castor, chocando todo mundo com seu tom de compaixão.

— Não tínhamos escolha. Mesmo eu tendo pagado minha dívida com a Casa de Tebas, e podendo ficar perto de qualquer um de você sem incitar as Fúrias, todos ainda me queriam morta — respondeu Daphne, encolhendo os ombros. — Ajax disse que se nós pudéssemos explicar o que acontecera a Tantalus ele ficaria do nosso lado. Ele acreditou de verdade que seu irmão nos ajudaria. Éramos tão jovens, só tínhamos dezessete anos.

Uma emoção poderosa a sobrecarregou e ela de repente cerrou os punhos e os dentes como se se recusasse a chorar.

— Termine sua história — disse Lucas com calma.

— Jax e eu vivíamos em um veleiro, escondidos no mar.

Tantalus remou até lá para nos encontrar porque tínhamos muito medo de uma armadilha para irmos à terra firme. Assim que

Tantalus viu meu rosto, ele ficou maluco. Eles brigaram por mim dentro do barco. Eu não sei nadar, juro, não podia chegar até eles. Ajax perdeu — disse Daphne. Ela olhou diretamente dentro dos olhos de Lucas. — Tantalus alegou que me matou naquele dia, mas é óbvio que isso é mentira. Ele tem me perseguido desde então, talvez porque me queira para si, ou talvez porque pretenda me matar e não quer ninguém vindo atrás de mim por um Triunfo. Já não tenho tanta certeza do que ele quer.

— Não acredito nisso, e não importa o que você diga, Lucas — falou Pallas, balançando a cabeça em negação. — Tantalus amava Ajax.

— Sim, ele o amava. Ele amava o irmão dele, e então o matou — disse Daphne, frustrada ao ponto de ser cruel. — Agora, como o fraticida que é, ele é um Banido e não pode ter contato com



seu pecado.

— Pallas — disse Castor de forma gentil —, nunca o incomodou o fato de nosso irmão ficar escondido, mesmo quando já não havia outras Casas contra quem lutar?

— Mas havia outras Casas, e ainda há! — gritou Pallas, apontando para Helen e sua mãe. — Ele devia saber que ela estava viva e que podia seduzir qualquer um, até mesmo nós, para ajudá-la a chegar até ele.

— Eu não usei o cinturão em vocês, Pallas. Nem mesmo para fazer você acreditar em mim — falou Daphne, cansada. — Quero que você saiba, em seu coração, quem matou Ajax. Preciso que você acredite que não fui eu quem matou meu marido.

— Tudo o que ela está dizendo é verdade — falou Lucas, trocando olhares com Helen. — Ela não usou o cinturão. E ela e Ajax eram casados.

Helen desviou o olhar, apesar de poder sentir que ele analisava o rosto dela.

— As Fúrias fizeram isso várias vezes — entoou Cassandra, com um quê de brilho do Oráculo nos olhos e na voz enquanto rapidamente olhava através do Véu. — Os Amantes Predestinados

estão nas fibras e na trama do padrão, e minhas mães são compelidas a repetir e repetir. A simetria deve ser mantida ou o tecido do universo será arruinado. Todas as Quatro Casas foram preservadas dessa maneira.

— Todas as quatro? — repetiu Lucas enquanto seus olhos procuravam pelos de Helen.

Uma fraca chama de esperança queimou dentro dele, mas em vez de ver sua própria euforia ecoar em Helen, o rosto dela estava pálido e vazio. Ela desviou o olhar.

— Quatro Casas em Três Herdeiros — continuaram a recitar as várias vozes. — Os Amantes Predestinados preservaram a linhagem. E os Três reerguerão Atlântida.

Um estranho silêncio tomou conta do ambiente, como a pausa entre o clarão ofuscante de um relâmpago e o ensurdecedor rugido de um trovão que o segue sem que se possa evitar.



— Sibila! — falou Daphne de repente, abordando Cassandra pelo título mais antigo de sua função. — Imploro que me responda! Como podem os Descendentes se livrar das Fúrias?

— Ela ainda não consegue controlá-las! — sussurrou Castor para Daphne, que tinha uma expressão ávida e desesperada no rosto.

A mente de Helen de repente voltou à repentina decisão de Daphne de ir para a Casa de Tebas com Lucas, e ela soube que isso era o que sua mãe queria desde o início.

Castor agarrou o braço de Daphne, afastando-a da filha, mas era tarde demais. As Três Moiras haviam sido invocadas para o corpo do Oráculo e para responder a uma questão direta, e não seriam detidas. A boca de Cassandra brilhou, os cabelos contorceram-se e a cabeça caiu para trás. Os olhos ficaram enevoados com catarata e a pele enrugou. Uma velha forçou seu caminho através do invólucro de uma menina como se estivesse rasgando um pedaço de papel. Em convulsão, a velha transformou-se em outra mulher e depois em uma terceira, enquanto as várias vozes soavam.

— Aquela que Desce deve ir até lá embaixo, onde estão os que

não conseguem perdoar e não conseguem esquecer. Aquela que Desce e seu Escudo libertarão os Três do sofrimento, assim como libertarão as Casas de seu ciclo de sangue por sangue — disseram, e então se silenciaram.

A cabeça de Cassandra se ajeitou. As rugas se suavizaram e os olhos clarearam, mas a estranha presença ainda estava dentro dela. Daphne se afastou de Castor e aproximou-se do Oráculo com os braços cruzados e a palma das mãos contra o peito, em reverência.

— A Casa de Atreus tem uma dívida com você, Sibila — disse Daphne, curvando-se para cumprir sua parte no ritual.

— E a Casa de Atreus irá pagar quando for solicitada — disse o Oráculo antes que o brilho se apagasse por completo e Cassandra retornasse inteiramente a si, piscando várias vezes e soltando o ar. Todos olharam para Daphne em choque e com raiva.

— Sinto muito, mas eu precisava saber — falou ela, um pouco mais alto que um sussurro.



— Você poderia tê-la matado — disse Lucas, fechando os punhos. — Ela ainda é jovem demais.

— Se o ciclo de vingança não for quebrado, ela não terá futuro, de qualquer forma. Nenhum de nós terá — murmurou Daphne, incapaz de olhar para ele.

Várias pessoas levantaram a voz para discutir.

— Ela está certa — falou Cassandra, interrompendo todo mundo. — As coisas vão mudar, a Profecia foi feita e, quer queiram, quer não, eu sou o Oráculo. Não posso mais me esconder.

— Talvez não — disse Castor de forma sombria. — Mas da próxima vez nós decidiremos juntos quais perguntas faremos e quando perguntar. — Ele se virou e apontou para Daphne. — Faça outro truque como esse e eu vou me certificar de que você não viverá tempo suficiente para ouvir a resposta da Sibila.

Daphne assentiu uma vez com o rosto passivo que apaziguou Castor, mas não Lucas. Ele já tinha visto Helen com aquela expressão antes e sabia que era falsa. Lucas olhou para Helen, que havia notado o mesmo que ele, e trocaram um olhar ansioso.

Cassandra disse que estava cansada e Pandora a levou para o

andar de cima para deitar-se um pouco. Ariadne entrou na cozinha para ver como Matt estava; ele ainda colocava gelo em alguns inchaços e hematomas enquanto Noel dava um rápido curso sobre semideuses.

Lucas sinalizou com a cabeça para Helen se encontrar com ele na sala ao lado. Ela tentou balançar a cabeça dizendo não, mas ele já havia se virado e começado a andar em direção à porta. Ela teve de segui-lo.

Ele a levou para uma parte desconhecida da casa, a ala no extremo oposto do escritório do pai, onde Helen nunca entrara antes. Enquanto seguiam pelos corredores vazios e passavam por quartos que não eram usados, ela podia ver Lucas inclinar a cabeça de leve por sobre o ombro, ciente da presença dela.

Enquanto o seguia, nunca mais que alguns passos atrás, ela conseguia ver os ombros dele tensos, e a respiração, ofegante. Ela observava a pele quente dele se mexer debaixo da camisa a cada respiração e precisou pressionar os punhos para não se esticar e tocar nele. Finalmente ele entrou no solário vazio, na parte mais à



AFTER DARK

343

direita da propriedade e se virou. Ela teve um segundo para abrir a boca em protesto antes de ele a beijar. No segundo depois disso ela sentiu Lucas puxá-la com carinho para o chão. No segundo depois disso, Helen por pouco não se entregou a ele.

Uma onda de náusea varreu-lhe o estômago e ela apertou a boca fechada enquanto virava a cabeça na direção contrária. Lucas se afastou, cauteloso, pensando tê-la machucado de alguma forma. Ela apoiou os cotovelos contra o piso de mármore e empurrou o peito dele.

— Pare — implorou ela.

Ele se afastou dela no mesmo segundo, levantando as mãos em um gesto de apaziguamento. Quando ambos sentaram e se olharam, os olhos dele estavam tão confusos, tão magoados, que Helen começou a lacrimejar, mesmo tendo prometido a si mesma, na noite anterior, que jamais choraria de novo.

— O que foi? — perguntou ele, aturdido e magoado.

— Não podemos fazer isso — disse ela balançando a cabeça várias vezes.

— Do que você está falando? — Lucas tentou fazer com que ela olhasse para ele enquanto pegava suas mãos. — Helen, estamos livres. Há ainda duas outras Casas para preservar a Trégua. Podemos ficar juntos.

— Não podemos — repetiu ela, fechando os punhos para que ele não pudesse segurar suas mãos.

— Por quê? — perguntou ele, com a voz estrangulada, sentindo que Helen estava sendo honesta com ele, mas ainda assim sem entender por quê. — Seus sentimentos por mim mudaram tanto em uma noite? Você parou de me querer?

— Não é isso — falou ela, agoniada. — Eu queria não querer você.

— Como pode dizer isso? — perguntou Lucas, aliviado em saber que, pelo menos, Helen ainda sentia a mesma coisa por ele.

— Sei que você passou por muita coisa hoje e talvez não esteja pronta neste exato momento. Tudo bem, esperaremos o quanto você

quiser...

Ele tentou puxá-la para os braços dele só para abraçá-la, mas ela empurrou com força o peito dele e desviou o rosto.



344

— Somos primos de primeiro grau! — gritou Helen sem esperança, com os ombros começando a sacudir com os incontroláveis soluços. — Jerry não é meu pai, Lucas. Ajax era. O corpo inteiro de Lucas ficou paralisado de medo. No silêncio que se seguiu, tudo o que Helen ouviu foi o som da chuva no telhado de vidro.

— Isso não é possível — sussurrou ele, mesmo sabendo que ela não estava mentindo. Ele balançou a cabeça. — Não. Nós vimos as Fúrias quando nos encontramos. Não podemos ser parentes.

— Sim, podemos — disse Helen, secando uma face e depois a outra, e então de volta à primeira no que parecia ser um interminável processo. — Os filhos de linhagens mistas somente

podem ser reivindicados por uma Casa, e fui reivindicada pela Casa de Atreus. Tem sido assim desde o começo.

— Desde o começo? — perguntou Lucas, lembrando-se da declaração de Cassandra mais cedo. — Amantes Predestinados repetem-se na trama. Quantos outros Descendentes de linhagens mistas se escondem por aí?

Helen fungou e olhou para ele com um pequeno sorriso. Ele era tão sensível, tão rápido para pegar todos os detalhes que ela não conseguia evitar adorá-lo. Havia infinitas formas de ela admirar essa pessoa e, por isso, havia infinitas formas de se apaixonar por ele repetidas vezes. Percebeu que não teria que desistir de Lucas apenas dessa vez e pronto; ela precisaria desistir das diferentes formas que poderia aprender a amá-lo todos os dias, daquele dia em diante. O peso de todas aquelas futuras mágoas pesou em Helen até que ela deixou a cabeça cair, incapaz de olhar para ele enquanto respondia à pergunta.

— Daphne nos denomina Vadios, e, sim, há vários de nós — falou ela baixinho. — Ninguém sabe quantos, mas há pelo menos vinte que minha mãe consegue localizar.

— Então, se essas crianças só podem pertencer a uma Casa,

mas seus pais são de Casas inimigas, um lado da família...

— Cai na ira das Fúrias e caça aquele bebê. Daphne disse que o desejo de matar o recém-nascido é quase irresistível, da mesma forma que é com um recém-Banido. Um dos pais precisa lutar contra a família pela criança e em geral isso significa que ele morre



345

pelas mãos de seus próprios pais ou irmãos, ou acaba tendo que matá-los.

— Isso é repulsivo — disse Lucas em voz baixa.

Helen assentiu.

— É repulsivo. Bebês não deveriam fazer parte da disputa sangrenta. Isso não está certo. Daphne jurou se livrar das Fúrias para que bebês Vadios, como eu, possam ficar com as duas famílias e para que então ninguém jamais tenha que passar pelo horror de escolher entre proteger um filho e lutar contra seus próprios irmãos e irmãs, ou pais. Na verdade, ela fez disso sua missão de vida: livrar

os Descendentes da maldição das Fúrias para sempre.

Lucas assentiu, finalmente entendendo. Começou a andar como se não conseguisse permanecer no mesmo lugar por mais de um milésimo de segundo, com tantos pensamentos indo e vindo ao mesmo tempo.

— O que faremos? Não podemos ficar longe um do outro — disse ele quando parou de andar e encarou Helen, que ainda estava sentada no chão.

— Eu sei, mas também não consigo ficar perto de você — falou ela, levantando com um suspiro exausto.

Lucas gemeu e cobriu o rosto. Nenhum dos dois conseguia olhar para o outro, mas estenderam os braços, sem se olhar, e se abraçaram forte. Balançaram para frente e para trás, ambos precisando de consolo.

— Minha mãe e eu planejamos partir hoje — sussurrou Helen.

— Não me abandone — sussurrou Lucas de volta, apertando os braços ao redor dela.

— O que vamos fazer? — murmurou Helen desesperada, sabendo que ele não tinha resposta.

Eles ficaram agarrados um ao outro na sala vazia com a chuva

intermitente batendo nas paredes de vidro até que ouviram vozes preocupadas gritando seus nomes pelos corredores vazios.

— Acho que não consigo fazer isso — disse Helen. Ela se afastou dele e tirou o cabelo da testa febril. — Não posso explicar de novo.

— Eu faço isso — disse Lucas, esticando-se por instinto para pegar a mão dela e depois detendo o próprio gesto.



346

Hector alcançou a porta no momento em que Lucas a abria.

Seu rosto era uma máscara de ansiedade e o peito se movia com a respiração rápida. Ele olhou para um e para outro rosto desolado várias vezes antes de entender que eles estavam bem.

— Vocês dois estão... Vivos. Isso é bom — disse ele aliviado.

— Deveríamos voltar — disse Lucas com um olhar vazio antes de começar a andar com passos firmes pelo corredor, deixando Hector com Helen.

— Daphne nos contou — disse Hector sem rodeios. — Sinto muito, prima.

Helen assentiu algumas vezes, sem confiar em si mesma para dizer alguma coisa, e seguiu pelo corredor. Para sua surpresa, Hector a alcançou e colocou o braço em volta do ombro dela enquanto andavam. Ele a apertou forte por um segundo e a beijou no alto da cabeça. Quando se aproximaram da parte ocupada da casa, Helen se deu conta do quanto estava apoiada nele.



347

18

Esperar nas sombras do lado de fora da casa dos Hamilton era arriscado, mas Creon não tinha escolha. Ele não podia chegar a um quilômetro da propriedade dos Delos agora que havia mostrado suas cartas e os colocado na defensiva. Ele estivera tão próximo,

tão próximo, mas subestimar seu primo lhe custou muito. Lucas era mais forte do que ele pensara. Jamais cometeria esse erro de novo, mas era possível que somente uma vez fosse necessário para fazer Creon passar de um salvador para uma vergonha.

Agora que seu alvo estava sendo protegido por sua própria família, ele tinha poucas opções além de esperar e ver se ela seria estúpida o suficiente para sair sozinha. Ele esperava que, se ela fosse a algum lugar, seria para o lugar que ela uma vez chamou de lar.

Não era uma grande chance, mas era tudo o que tinha naquele momento. Ele não poderia voltar para o iate e encarar seus primos de mãos vazias. Precisava descobrir alguma coisa, uma pista, uma oportunidade, alguma coisa, antes de envolver qualquer um dos Cem. Não importava o desenrolar disso, seu pai jamais poderia saber do seu fracasso do lado do fora do hotel. Era humilhante demais até mesmo pensar naquilo.

Tantalus por fim havia confiado a Creon a verdade e, pela primeira vez em mais de dezenove anos, lhe havia sido permitido ouvir a verdadeira voz do pai. Não pudera ficar no mesmo ambiente, ou ver o rosto dele, porque aquela mulher o deformara de forma tão

monstruosa que seria a morte olhar para ele, mas pela primeira vez em tanto tempo Creon conversou de verdade com o pai, e ficou sabendo do fardo que carregava.

Seu pai o elogiara por ter sido tão forte e tão fiel ao longo dos anos. Então contara ao filho o que realmente acontecera no barco, como seus pensamentos e desejos haviam sido distorcidos de forma



348

tão severa que ele fora levado a um tipo de pecado que o marcara para sempre, como a Medusa. Tantalus admitira seus erros, arrependera-se deles e dissera ao filho que vinha tentando corrigi-los desde então. Ele jurara banir do mundo a maldade feminina do cinturão para que todos os homens, tanto Descendentes quanto mortais, pudessem finalmente controlar seu desejo. Então confiara a Creon a mesma missão sagrada.

E Creon fracassara.

Creon sentiu seu telefone vibrar no bolso pela quinta vez. Ele

vinha ignorando as ligações por algum tempo e não queria saber quem estava tentando contatá-lo, mas dessa vez pegou o telefone e tirou do bolso para ver a tela. Era sua mãe. Por um momento ele ponderou se atenderia ou não, mas então cedeu.

— Onde você está? — perguntou Mildred com a voz baixa.

— Caçando — respondeu Creon de um jeito vago, sentindo que sua mãe estava sendo observada, talvez até sendo escutada... Já acontecera antes.

— Uma das traidoras acabou de me ligar — disse ela em um sussurro urgente. — Ela me contou sobre seu fracasso em frente ao hotel e quer mudar de lado. Ela quer seus homens livres do cinturão...

Creon ouviu o chiado do telefone da mãe dele esfregando em um tecido, como se tivesse sido enfiado no bolso ou debaixo de um suéter. Alguns segundos passaram durante os quais tudo o que Creon pôde ouvir foi o ritmado barulho de roupas raspando contra o bocal do telefone enquanto sua mãe andava para outro lugar.

— Você ainda está aí? — perguntou ela por fim quando estava em relativa segurança.

— Sim, mãe. O que está havendo?

— Shh. Só escute. Os Cem estão começando a duvidar de você. Não posso deixar que saibam que estamos em contato — sussurrou aflita. — Onde você está? Ela quer um encontro agora mesmo para elaborar um plano.

* * *

Helen ficou quinze minutos ao telefone com seu pai tentando fazê-lo se acalmar. Ele esteve a ponto de ir à delegacia e exigiu saber onde a filha tinha passado a noite. Ela não tinha resposta



349

para ele. Jerry estava mais bravo do que já estivera. Mandou que ela voltasse para casa no mesmo instante. Até mesmo gritou com ela, o que não fazia desde que ela era criança. Helen não tinha costume de desobedecer ao pai, mas se viu contando para ele que estava a salvo e que não voltaria para casa, por enquanto. Ela desligou na cara dele enquanto ele ainda esbravejava.

Sabia que estava sendo injusta, mas não sabia o que mais

fazer. Ainda não havia decidido se ia contar para ele sobre o retorno de Daphne e depois dizer que estava indo embora com ela, ou se era

mais delicado só desaparecer. Daphne insistiu que uma partida sem maiores explicações seria o melhor para todos, inclusive Jerry, mas Helen não conseguia aceitar isso. Ele poderia ficar fisicamente mais seguro, mas ficaria psicologicamente arrasado. Helen pensou em ambos os cenários e nenhum deles pareceu ser o certo. De qualquer forma seu pai, a pessoa que menos merecia sofrer, era quem mais se machucaria. Sua meditação acabou sendo interrompida por Noel, que informou que Claire e Jason estavam acordados.

Helen subiu para o quarto de Jason e empurrou a porta um pouquinho. Daphne estava sentada na beirada da cama, perto de Claire, segurando a mão dela e olhando-a com carinho, embora inquieto. Daphne amava Claire quando essa era bebê, segundo explicara a Helen na noite anterior, e sempre se preocupara com a segurança de Claire crescendo ao lado de uma Descendente. No hotel, durante a tempestade, Daphne retirara a maldição de Helen e também explicara que havia excluído Claire da capacidade de

provocar as cólicas, mesmo que isso pudesse expor Helen, para o caso de Helen alguma vez precisar proteger Claire. Helen agradeceu por aquilo, apesar de ter pouca coisa que sua mãe contara durante aquela noite que a alegrasse.

— Você resolveu as coisas com Lucas? — perguntou Daphne quando Helen entrou no quarto.

Helen se encolheu ao ouvir o nome dele, assentiu sem maiores explicações e voltou sua atenção a Claire.

— Ei, Risadinha. Você realmente me assustou — disse ela.

Depois se aproximou e ficou em pé ao lado da cama.



350

— Assustei a mim mesma — falou Claire, gesticulando para ela se sentar. Então notou o rosto inchado de Helen. — Você está bem?

— Não é importante — disse Helen ao sentar-se perto da mãe.

— Como estão vocês dois?

— Foi mais fácil do que eu pensei — respondeu Jason. — Não fomos até os cascalhos; tudo o que fizemos foi subir as montanhas secas.

— Bom — falou Helen, sorrindo aliviada. — Isso é longe do rio.

— Eu sei — disse Jason, sorrindo de volta para Helen antes de olhar para Claire. — Ela foi muito forte mesmo.

— Que rio? Que cascalho? — interveio Daphne, olhando para Jason e Helen, mas foi superada pela aflição de Claire.

— Aquilo foi real? — desabafou ela, com os olhos escuros e arregalados de medo.

— Sim e não — disse Jason de forma suave, encostando os lábios contra a testa de Claire de leve enquanto se sentava, sentindo dor, e a levantava com ele. — É um lugar real, mas somente fomos lá em espírito.

— Mas eu estava com tanta fome, com tanta sede — sussurrou Claire, de repente horrorizada.

Confiante, ela virou o rosto para o pescoço de Jason e ele a segurou bem perto de si. A ligação que criaram nas terras áridas ainda os mantinha unidos, e Helen tinha a sensação de que Jason estava relutante em deixar que aquilo se dissolvesse.

— Não fique com medo; só andamos em volta, não atravessamos o rio e entramos lá. Nem os melhores Curadores podem entrar lá e sair com vida — falou Jason de forma tranquilizadora.

Ele buscou os olhos de Helen como se pedisse para ajudá-lo a explicar.

— O lugar aonde vocês foram é logo depois de onde você vai quando dorme. Não é algo de que tenha que ter medo — disse Helen, colocando a mão nas costas de Claire, tentando consolá-la.

— Apenas pense naquilo como um sonho intenso, se isso fizer ficar mais fácil, porque é essa a ideia.



351

— É mais como um pesadelo — falou Claire quando afastou seu rosto de Jason e se endireitou.

— Bem, você quase morreu — disse Helen, encolhendo os ombros. — Não é para ser divertido.

— Helen? — perguntou Daphne, a compreensão despontando em seu rosto. — Quantas vezes você foi a esse lugar de que está falando?

— Perdi as contas — disse Helen de forma suave, balançando a cabeça.

Daphne olhou sua filha de modo severo. Houve uma batida na porta. Matt enfiou a cabeça, tímido.

— Desculpe interromper — disse Matt com um leve sorriso. — Ei, Claire, você está bem?

— Entre — respondeu Claire ao tentar sentar-se ereta. Ela esticou a mão para Helen, que lhe deu apoio. — Estou feliz que esteja inteiro — falou, agradecida.

— É, eu também — falou Matt com alívio. — Mas ainda há um grande problema que precisamos consertar. Percebi algumas pessoas nos observando quando nós... é...

— Batemos em Luke com o carro? — terminou Jason para ele com um brilho de humor nos olhos.

— É. Então preciso ir lá cuidar disso. Antes que fique fora de controle — falou Matt de maneira desconfortável. — Quanto mais eu ficar aqui, mais as pessoas vão falar. Se eu começar a negar,

mostrando para todo mundo que eu não poderia estar envolvido em um acidente porque não estou machucado...

— Então a coisa toda acaba antes de começar — terminou Daphne por ele. — Você está mesmo disposto a mentir para sua própria espécie, por nós? — perguntou ela com frieza.

— Eu não vejo isso como espécies diferentes. Tudo o que vejo são meus amigos, que precisam da minha ajuda — disse Matt com os olhos apertados.

Ele deu uma olhada para Helen, na dúvida, como se perguntasse se ela estava segura a respeito dessa nova mãe que arrumara.



352

— Eu levo você aonde quiser — falou Helen enquanto se levantava. — De todo jeito, tenho que ir conversar com meu pai mesmo. Deixo você lá no caminho.

— Você não vai a lugar algum — disse Daphne, surpresa por

Helen até mesmo sugerindo aquilo. — É perigoso demais.

— Eu não posso simplesmente abandoná-lo — falou Helen. —

Foi isso o que você fez, e eu passei minha vida inteira arrumando a bagunça que você deixou para trás. Se aprendi uma coisa é que não quero repetir seus erros. Nem agora, nem nunca.

— Bem, não posso amarrá-la toda vez que discordarmos uma da outra, mas posso dizer para você ter cuidado, Helen, em especial quando usar palavras como “nunca” — reagiu Daphne, com os olhos suaves e compreensivos. — Os deuses sabem o que é ser eterno e adoram brincar com mortais que usam verdades absolutas. Helen se virou e cambaleou um pouco até a porta, tão balançada por ouvir um eco de Lucas em sua mãe que por um momento ficou tonta.

— Peguei você — sussurrou Matt no ouvido dela enquanto segurava o cotovelo de Helen e a guiava pela porta para que ela não batesse o ombro no portal. — Sua mãe é uma figura — disse com um toque de medo quando saíram do quarto e a porta estava fechada com firmeza atrás deles.

— Eu ainda não sei se ela está certa sobre tudo o que sempre importou para mim, ou se é só má — falou Helen, sendo honesta.

— Isso é o que todo mundo pensa sobre a mãe — disse Matt com um sorriso enquanto revirava os olhos. — A questão é que a mãe de ninguém é totalmente uma coisa ou outra.

Helen sorriu para Matt, desejando que ele estivesse certo, e o guiou para o andar de baixo. Entraram na cozinha procurando por alguém que pudesse emprestar um carro, mas a única pessoa que viram foi Pandora, que acabava de voltar, vinda da garagem.

— Helen — falou Pandora, surpresa. — Você não está saindo, está?

— Matt precisa ir para casa e eu tenho... — começou a falar Helen, mas Pandora sacudiu a cabeça.

— Não posso deixar você sair desta casa. Você sabe disso — disse ela, de maneira severa.



353

— Então talvez você possa levá-lo? — perguntou Helen.

— Sinto muito, não posso agora — disse Pandora olhando

para baixo, para as mãos sem adornos. — Por que não pede para Ariadne? Ela está na biblioteca.

Ela deu um sorriso breve para Helen e Matt e silenciosamente correu na direção da jaula de luta. Helen demorou um momento para se dar conta do que estava faltando. Pela primeira vez que Helen conseguia lembrar, Pandora não usava joias.

Helen levou Matt até a biblioteca onde Castor, Pallas, Hector, Ariadne, Cassandra e Lucas estavam conversando em um círculo fechado ao redor da cadeira de Cassandra. A conversa terminou tão logo viram Helen.

— Matt precisa de uma carona para casa — anunciou Helen, nervosa.

Tentou manter o olhar longe de Lucas, mas seus olhos insistiam em pular de volta para ele.

— Eu o levo — se ofereceu Ariadne, na mesma hora aproximando-se e gesticulando para Helen e Matt saírem da sala.

— O que está acontecendo? — perguntou Helen apenas mexendo os lábios, sem emitir som.

Ariadne pegou a mão dela e a levou dali. Quando estavam a alguns passos da biblioteca, Ariadne respondeu:

— Estamos tentando descobrir o que Creon está aprontando

— disse ela.

— Por que fui excluída? — perguntou Helen, ofendida.

— Ah, por favor, Helen — reagiu Ariadne com olhar de censura. — Lucas não consegue ficar no mesmo ambiente que você agora e, sem ofensa, mas ele é muito melhor soldado que você. Precisamos dele à mesa e precisamos dele concentrado.

Matt lançou-lhe um olhar confuso, mas felizmente não perguntou nada sobre ela e Lucas. De qualquer forma, em algumas horas, isso não importaria. Helen iria embora e jamais o encontraria, ou qualquer um deles, de novo. Mais tarde ela iria se arrastar para alguma cama estranha, em algum estado estranho, e então não se importaria se algum dia sairia ou não dali. Mas ela ainda não podia se permitir pensar naquilo. Primeiro, precisaria se certificar de que as pessoas que amava estariam bem.



Quando chegaram à cozinha, Ariadne pegou a bolsa do espaldar de uma das cadeiras e tirou as chaves de dentro, olhando ao redor como se houvesse algo fora de lugar. Olhou para fora, na garagem, contou os carros e então olhou de volta para dentro da casa sussurrando “Ela voltou?” para si. Antes que Helen pudesse perguntar o que havia de errado, Ariadne disse tchau e apressou Matt para o carro.

Helen esperou por alguns instantes o pequeno carro de Ariadne desaparecer na entrada antes de sair para o jardim, sem ser vista. Ainda não estava escuro, mas Helen sentia como se até mesmo as sombras dos arbustos estivessem tentando pegá-la.

Assim que se distanciou da casa, saltou para o ar, louca para estar no céu, o único lugar em que ela sabia que Creon não poderia pegá-la. Mais calma, uma vez que estava segura no ar, Helen voou para casa, circulando alto por algum tempo para vigiar os vizinhos antes de descer direto e rápido para evitar ser vista. Ao tocar o chão do quintal, Helen escutou os costumeiros barulhos do seu pai e notou que ele não estava sozinho. Kate estava com ele.

Estavam falando baixinho e de vez em quando riam, ou ficavam em silêncio, enquanto um ou o outro reunia os

pensamentos para ter certeza de que as palavras sairiam certas. Helen olhou pela janela e os viu sentados no sofá, a TV desligada, tendo o que parecia ser uma conversa importante. Se ela se concentrasse, conseguiria descobrir o que estavam dizendo, mas Helen não queria se intrometer em tal momento de privacidade entre duas pessoas que, obviamente, estavam apaixonadas. Ela tocou seu colar em forma de coração e desejou a eles uma enorme felicidade juntos. Não tinha certeza se o cinturão funcionava daquele jeito, mas tudo o que importava era que Jerry teria alguém para cuidar dele quando ela fosse embora. Helen se deu conta de que, se fosse embora naquele momento, sem confrontá-lo, ele jamais teria que saber sobre o retorno de Daphne à ilha, e se aquela ferida fosse deixada fechada então esse frágil entendimento entre ele e Kate poderia ter uma chance de durar. Ela ficou na janela por um momento, decidindo que rota tomar até por fim a queda brusca de temperatura e a cor de tangerina manchando as nuvens contar que ela não tinha mais tempo. Ela



AFTER DARK

355

voou para sua janela, sentou-se na escrivaninha e escreveu um bilhete para o pai. Disse a ele que o amava, que estava a salvo e que

jamais voltaria, escrevendo um bilhete breve para não precisar enchê-lo com mentiras. Jerry havia sido um bom pai e, se ela não podia ser completamente honesta com ele, o mínimo que podia fazer era mentir o mínimo possível.

Ela saiu voando pela janela e voltou para a propriedade dos Delos assim que terminou de escrever. Era um consolo para Helen saber que, enquanto fugiria mais tarde naquela noite, seu pai ainda estaria distraído. Por sorte, para o bem de todos, Kate estaria com Jerry na manhã seguinte, quando ele achasse o bilhete. Pensando nisso, ela voou para leste pela ilha que escurecia, com uma sensação quase de paz.

* * *

Daphne precisou esperar até que a pequena sessão de estratégia fosse desfeita antes de poder entrar na biblioteca sem ser vista e espiar por lá. Tudo o que precisava era o remetente nas últimas cartas enviadas por Tantalus para a sede de Nantucket da Casa de Tebas. Então, depois de tantos anos, ela poderia por fim ser capaz de descobrir o padrão de movimentação de Tantalus. Faltava para ela apenas um pouco de informação, um nome de cidade, e ela saberia para onde ir depois. Então encontraria Tantalus e o mataria do mesmo jeito que ele matara seu querido Ajax. Daphne já imaginara isso um milhão de vezes. Assim que ele fosse até a porta, ela iria cortar sua cabeça enquanto a esposa assistia. Se ela se vingasse, então talvez, quando Átropos cortasse sua corda, Ajax estaria esperando por ela do outro lado do rio. Ela ainda tinha um longo caminho a percorrer e muita coisa a fazer antes que isso acontecesse. Primeiro, ela precisava de uma cidade. Daphne começou a ler os carimbos dos correios nas cartas em cima da escrivaninha de Castor, mas uma rápida olhada revelou que o que ela procurava não estava lá. Ela conhecia a caligrafia de Tantalus como conhecia a própria, e não a encontrou em lugar algum. Então se deu conta de que, apesar de Castor ser o mais

esperto e o mais corajoso do clã Delos, ele seria a última pessoa que Tantalus contataria. Ela foi para o outro lado da biblioteca e começou a procurar em outra escrivaninha.



356

Viu um cofre debaixo da outra escrivaninha, colocou a mão sobre a fechadura de combinação e esperou que não fosse projetado por um Descendente. Depois de alguns instantes de joelhos ouvindo os cliques dentro da caixa de engrenagens, sua procura foi interrompida de repente. Ela sentiu a quente e grossa injeção de uma agulha invadindo a veia do pescoço. Suspirou reconhecendo o coquetel de drogas que usava em outros Descendentes. Ela lembrava vagamente que, quando dominara Helen, deixara uma seringa de reserva em sua bolsa, cheia e pronta, para o caso de precisar. Em segundos seu campo de visão se reduziu a nada.

* * *

Quando acordou, Daphne podia sentir que as mãos haviam

sido presas com algo metálico. Enquanto tentava focar seus olhos turvos, viu que estava em uma praia escura. Ouviu o tilintar de correntes quando mexeu a mão para perto do rosto e notou que seus pulsos tinham sido algemados. Havia profundos cortes verticais nos antebraços que ainda bombeavam o sangue rapidamente, mesmo enquanto cicatrizavam. Estava com sede devido à perda de sangue, mas ignorou aquilo e convocou um relâmpago.

As algemas esquentaram tanto até brilharem com tanta força que Daphne precisou virar os olhos fechados ou ficaria cega com a luz. O brilho era quase insuportável, mas as algemas não derreteram, nem mesmo quando acabou com a última das suas cargas. Havia poucas substâncias que aguentavam tanto calor em uma pressão atmosférica normal, sem virar líquido ou gás.

— Tungstênio — sussurrou ela através dos lábios secos e rachados, irritada consigo mesma por agir sem pensar.

Os elos, muito quentes, de metal quase impossível de ser derretido, iam até um para-raios enfiado no chão como uma estaca.

Não só ela estava imóvel, como também qualquer tentativa que fizesse de jogar um relâmpago em um inimigo se dissiparia na

areia.

— Eu não achava que você ainda tinha algum relâmpago — veio de baixo a voz de uma mulher, perto da margem. A figura agachada levantou-se e andou na direção de Daphne — Tirei muito sangue seu para desidratá-la, ou pelo menos pensei ter feito.



AFTER DARK

357

— Por que você está fazendo isso? — perguntou Daphne com a voz suave. — Você não é assassina, Pandora.

— Sei que não sou — admitiu Pandora com um aceno de cabeça, humilhada. — Tentei matá-la enquanto você estava inconsciente, mas não consegui.

— Então me deixe ir — disse Daphne com um sorriso triste. — Eu sei por que você está fazendo isso. Negação é uma coisa poderosa e o pesar pode fazer uma pessoa boa se tornar má. — Daphne se ergueu para ficar de joelhos. — Mas por que você não acredita em mim? Ou, se não em mim, por que não em Lucas, seu

próprio sobrinho? Ele é um Detector de Mentira.

— Lucas tem todos os motivos do mundo para querer que sua versão da história seja verdadeira — reagiu Pandora chutando a areia quando começou a andar. — Ele está cego de amor por Helen e faria qualquer coisa para ficar com ela. Talvez até mesmo mentir para sua própria família.

— Em primeiro lugar, Lucas só pode ter metade de Helen — falou Daphne de maneira sombria. — E em segundo lugar, você sabe que há formas mais fáceis de ver se estou falando a verdade sobre quem matou Ajax do que me sequestrar. Você já perguntou a Tantalus por que ele ainda está se escondendo?

— Provavelmente porque sabe que você pode se parecer ou soar como qualquer pessoa! — gritou Pandora furiosa. — A única coisa que você não pode fazer é falsificar a caligrafia de alguém. Por isso que ele tem apenas se comunicado por cartas, para se proteger, porque sabe que você o quer morto!

— E por que eu iria querer Tantalus morto? — Daphne ficou irritada. — Se era um Triunfo o que eu queria, por que não matei um de vocês, ratos de Tebas, assim que os vi? Por que eu iria querer Tantalus e somente Tantalus, a menos que ele tivesse

roubado algo precioso de mim? — perguntou ela, sua voz por fim falhando.

Pandora olhou Daphne se ajeitar de novo na areia, virando de costas para o oceano que temia, para ficar de frente, de queixo caído, para seus próprios pés. Pandora se afastou dela e cruzou os braços, inclinando o rosto contra o vento. Ela estava respirando com dificuldade e seus olhos se deslocavam da esquerda para a



358

direita como se estivesse lendo o horizonte. De repente ela recuperou sua atenção.

— Sua cobra — disse ela, virando-se para encarar Daphne com uma raiva aterrorizante. — Creon disse que você era ardilosa, mas isso já é outra coisa. Você acredita de verdade no que fala! Por isso Lucas não conseguiu encontrar nada falso no que você disse. Todos esses anos escondendo-se atrás do rosto de outras pessoas e agora tudo o que você é não passa de uma grande mentira. É por

isso que preciso mantê-la longe de Castor e Pallas, de todos que amo. No fundo, sei que você usou o cinturão para enganar meu irmão. Você nunca o amou e ele não poderia jamais ter amado você.

— As palavras dela eram fortes, mas a dúvida começava a se revelar em sua voz. — Ajax era bom demais, ele era puro demais...

— E muito nobre, e carinhoso, e generoso, e corajoso — disse Daphne levantando a voz para falar mais alto que Pandora.

Ela piscava sem parar porque seus olhos forçavam os canais lacrimais vazios e não conseguiam extrair nada deles. Seu corpo estava chorando, mas não havia umidade e de alguma forma isso fazia doer mais do que o normal. — Desde que Ajax deixou o mundo, há dezenove anos, não há mais nada de bom nele para mim — sussurrou Daphne.

— E Helen? Ela é boa. E ela pelo menos é uma parte de Ajax...

Pandora se interrompeu quando os olhos de Daphne penetraram os dela.

— O aniversário de Helen foi ontem, seu décimo sétimo aniversário — cochichou Pandora em choque. — Mas por quê? Por que você iria querer que ela pensasse que Lucas é primo dela...

Pandora desviou o olhar, balançando a cabeça com pesar. Ela

não conseguia entender como Daphne, como qualquer mãe, poderia magoar sua própria filha daquele jeito. Mas estavam sem tempo. Creon estava chegando à praia, por trás de Pandora. Daphne tentara obter o apoio dela, desejara de verdade poupá-la, mas nunca houve uma chance real para isso. Daphne somente podia rezar para que Ajax a perdoasse no Mundo Inferior.

— É isso mesmo, Pandora. Helen não é filha dele. Eu não tenho nada de Ajax, e então não tenho nada neste mundo que seja de algum valor para mim. Até você, a irmãzinha que ele tanto



359

amava, aquela que ele me fez prometer proteger, até mesmo você se

deixou corromper de uma forma que não há volta. Sabe, ver você assim mataria Ajax.

— Não se atreva a me dizer o que meu irmão sentiria! —

vociferou Pandora quando algo explodiu dentro dela, bem como

Daphne sabia que aconteceria. Ela mergulhou sobre Daphne, seus dedos como garras tentando arrancar os olhos dela. Daphne rolou debaixo de Pandora, protegendo-se o melhor que conseguiu, estando algemada. Sabia que precisaria se defender por apenas um momento.

— Não a toque, ela pode ter mais relâmpagos! — gritou Creon enquanto segurava Pandora por trás e a puxava de cima de Daphne.

Daphne se afastou de Creon e Pandora enquanto eles brigavam. Cobrindo o rosto com os braços, ela adotou cabelos curtos e escuros e fingiu encolher-se de medo.

— Ele jamais se apaixonaria por ela! — gritou Pandora, perdida em sua tristeza, enquanto lutava com Creon. — Ele a teria desprezado, assim como eu a desprezo, sei disso!

Pandora se esforçou contra os braços fortes de Creon, mas ele seguia todos os movimentos de sua desesperada tentativa de se livrar. Daphne não poderia ter pedido melhor distração.

— Não a deixe confundi-la, prima! Ela é uma das escolhidas de Afrodite e você não precisa ser homem para sentir sua influência. Ela pode distorcer o coração de qualquer um com um olhar — disse

ele quando por fim conseguiu arrastar Pandora para longe. Ele a levou pela praia, para longe da valiosa presa, conversando com ela o tempo todo. Os dois se afastaram o suficiente para Daphne ter certeza de que não a viram fazer a transformação total, quando adotou a forma de Pandora. Então bateu em si mesma no olho e na boca e começou a gemer. — Creon! — gritou Daphne-Pandora com voz rouca. — O que você está fazendo? Afaste-se dela. Essa é Daphne! Ela enganou você! Não a escute!

Daphne gritou e uivou até ver Creon hesitar e, com força, agarrar Pandora pelo braço e puxá-la de volta para onde Daphne estava presa ao chão.



360

— Quando estávamos rolando no chão! — disse Daphne, soluçando e apontando para Pandora, usando a influência do cinturão. — Ela se livrou das algemas e me colocou nelas. Ela é tão

forte, não tinha ideia!

— Ela está mentindo — gaguejou Pandora.

Tentou tirar o pulso da mão de Creon, mas ele não a largou.

Ela olhou de Creon para Daphne, tão chocada que não sabia o que fazer.

— Não acredite em uma palavra que ela diz! — falou Daphne, com os olhos presos aos de Creon enquanto dobrava a vontade dele como um pedaço de papel e a ocultava da mente dele. — Ela quer ser levada até seu pai, mas quer ser levada até ele como Pandora, para ficar perto o suficiente para matá-lo! Ela está planejando isso desde o começo, e eu caí direitinho! Sinto muito, primo. Eu não tinha ideia de como ela era astuta!

Creon encarou Pandora com ódio total. Ele rodou o braço dela, fazendo-a cair de joelhos, gritando. Com os olhos vazios, ele tirou uma pequena lâmina de bronze de seu cinto e cortou o pescoço de Pandora tão fundo que quase arrancou fora sua cabeça. Ela estava morta antes que seu sangue tivesse encharcado a areia.

* * *

Helen voou a quase quinze metros acima de Hector quando ele saiu correndo pela porta da frente da propriedade dos Delos e

iniciou um circuito ao redor das margens da ilha. Estava escuro, muito escuro, principalmente porque a energia ainda não tinha voltado na maior parte da ilha. Também estava frio. Todo mundo na ilha devia estar dentro de casa, aconchegado perto do fogo, ou ligando o gerador de emergência. O restante da família Delos estava certo de que Creon iria aproveitar que as ruas estavam desertas para tirar Daphne da ilha. Cassandra estava exausta e teve um branco, então foram forçados a tentar adivinhar como isso seria feito. Depois de longa discussão, a família ficou convencida de que Creon sairia de helicóptero, ou avião particular. Lucas ficou de voar sobre Castor e Pallas enquanto eles cobriam o aeroporto no lado oeste da ilha e Ariadne ficou de vigiar a balsa a noroeste, para o caso de Creon tentar levar Daphne escondida num barco. Hector fez



361

algo inesperado. Ele decidiu correr pelo escuro e deserto litoral nordeste, no que parecia ser uma missão infrutífera.

Claro, Helen de imediato se ofereceu para voar sobre ele. Se havia alguma coisa que ela aprendera em suas poucas e curtas semanas de treino era que Hector podia entrar na cabeça do adversário e descobrir exatamente o que ele, ou ela, faria em seguida. Não importava o quão lógica a estratégia da família Delos era, Helen confiaria nos instintos de Hector com relação a Creon acima de qualquer plano traçado de forma milimétrica. Houve uma discussão calorosa sobre se deveriam ou não permitir que Helen saísse da propriedade, mas no final ninguém da Casa de Tebas poderia negar à Herdeira o direito de procurar sua mãe, a Chefe da Casa de Atreus. Também ajudou o fato de todos acharem que Helen acabaria simplesmente voando na escuridão sobre Hector, a salvo e inútil no lado errado da ilha.

Abaixo dela, Helen assistiu a Hector entrar nas ondas algumas vezes. Ela o observava, perplexa. De vez em quando ele parava, estendia as mãos enquanto as mergulhava na água e então saltava para frente, frustrado. Ela sabia que ele tinha um talento de Descendente ligado à água, e pela forma como ele parecia testar as ondas, quase se comunicando com elas, Helen deduziu que estava procurando alguma coisa no escuro oceano. Ela de repente se deu

conta de por que Hector havia escolhido aquela rota abandonada — ele estava procurando alguma coisa dentro da água, talvez um barco em alto-mar. Por que se preocupar com registros de aeroporto ou de balsa quando se está em uma ilha? Na escuridão da noite, tudo o que você precisa é de um barco a remo e uma pequena embarcação de qualquer tipo ancorada em águas profundas e poderá entrar e sair do continente sem ter que declarar qualquer coisa às autoridades. Você poderia até transportar uma mulher sequestrada.

Helen sentiu o coração disparar e começou a procurar como uma louca na água escura por qualquer indicação de barco. Ela não conseguia parar de ver o ódio que Creon tinha no olhar quando ele abaixou a faca sobre o coração dela. Helen não amava sua mãe — ela mal a conhecia —, mas não desejaria a ninguém o horror que sentira naquele momento. Havia o mal dentro de Creon, e Helen



suspeitava que durante sua rápida briga vira apenas uma minúscula fração do que ele era capaz.

O contorno de Hector de repente arremessou-se para frente, incitado por uma enorme explosão de velocidade. Os olhos de Helen não eram tão bons sob a penumbra quanto os de Hector, e ela precisou apertar os olhos para ver o que ele havia visto, mas, quando conseguiu, vacilou e quase caiu do céu.

Havia sombras escuras na praia. Não havia fogo, nenhuma lanterna para iluminar a cena, então era difícil dizer quantas pessoas havia lá. Helen acelerou, ultrapassando Hector pelo ar e assistiu, sem poder fazer nada, quando uma mulher foi colocada de joelhos por um homem grande. Helen ouviu a mulher gritar e de repente o grito foi calado com um gorgolejo. Voando mais rápido que jamais antes, Helen se jogou para baixo e chegou perto o suficiente para ver Pandora cair sem vida na areia, aos pés de Creon, e outra Pandora, acorrentada e presa ao chão atrás deles, tremular e se tornar Daphne.

Um segundo depois, um rugido bestial irrompeu de Hector quando ele viu o corpo caído na areia. Seu contorno todo tremeu com ira e dor anormais, e Helen soube que as Fúrias haviam

possuído Hector. Ainda distante, Hector deu um salto, atravessando a areia molhada com os olhos presos a Creon enquanto Creon se virava e encarava Daphne. Creon segurou firme a faca ensanguentada que trazia na mão e avançou com propósito assassino na direção de Daphne.

— Afaste-se! — gritou Helen para Creon ao bater na areia, perto de sua mãe acorrentada.

As mãos de Helen brilharam azuis com a luz de um relâmpago. Sabendo que estava em desvantagem numérica e de armas, Creon na mesma hora virou-se e correu para o interior da ilha. Apenas a segundos de alcançar seu alvo, Hector rosnou e mudou de direção, correndo atrás de Creon.

— Hector, espere! Não vá atrás dele sozinho! — gritou Helen para ele, sem poder deixar a mãe amarrada e machucada para trás. Mas Hector não a ouviu. Helen viu os dois saírem acelerados, tão parecidos que por trás pareciam gêmeos. Mais precisamente,



para Helen parecia que Hector estava correndo atrás de uma versão dele em silhueta.

Helen se virou para Daphne e arrebitou as correntes das algemas com as mãos.

— O que você fez, mãe? — perguntou ela através dos dentes cerrados.

— Não fiz isso! — disse Daphne, sem fôlego, ao apontar para o corpo de Pandora.

— Do ar, eu vi você na forma de Pandora! — gritou Helen, passando as mãos pelos cabelos e começando a andar, frustrada.

— Fiz aquilo para confundir Creon! Eu não tinha ideia que ele a mataria!

— E você não usou o cinturão para influenciá-lo? — perguntou Helen, cética.

— Em momento algum eu o influenciei para matar ninguém!

— Daphne foi veemente quando se levantou e encarou Helen. — Eu estava apenas tentando ganhar tempo, enrolar o máximo que pudesse. Nunca pensei que ele faria isso!

— Tudo bem. Tanto faz — disse Helen, sem querer levar

aquela conversa adiante. Tirou a jaqueta e colocou sobre o corpo com aquela aparência horrível, o corpo de Pandora, Helen pensou com tristeza antes de se virar para a mãe. — Você está muito machucada? — perguntou.

— Vou ficar bem. Você precisa deter Hector — falou Daphne enquanto mudava de assunto suavemente. — Vá. Eu levo Pandora de volta para a família. Depois encontro você.

Helen assentiu, sabendo que havia mais coisas nessa história, mas elas teriam que esperar. Ela saltou para o ar e foi em direção oeste voando baixo, perto do chão, para não perder de vista Hector e Creon enquanto eles corriam pelo interior inacreditavelmente escuro da ilha. Seus olhos não conseguiam manipular a luz do jeito como os olhos dos Filhos de Apolo conseguiam, então estava em desvantagem. Desejou que Lucas estivesse com ela. Ele seria capaz de enxergar sem problemas, até mesmo no escuro do pântano. Ele também saberia para onde olhar, porque era melhor estrategista. Mais importante, só desejava que ele estivesse com ela para que não precisasse enfrentar Hector e Creon sozinha.



AFTER DARK

364

Colocando esse pensamento de lado, ela voou de uma ponta da ilha à outra, mas não os viu em lugar algum. Ela voltou, sabendo que seu adversário não era estúpido o suficiente para correr até cair no oceano. Creon estava preso na ilha, a menos que estivesse tentando chegar a algum lugar de onde pudesse sair dela. Helen fez uma curva fechada e voou para o norte, em direção à balsa.

Era tarde, muito tarde para pegar a última balsa, mas talvez Creon não soubesse disso. Em um segundo Helen aproximou-se da área mais populosa perto do centro da cidade e teria que voar mais alto para evitar ser vista, ou pousar e correr o resto do caminho. Ela decidiu pousar enquanto sabia que ainda poderia, sem ser vista. Começou a trotar em direção à balsa, mantendo os olhos e os ouvidos atentos. Ao passar pela India Street ouviu tapas e pancadas no que parecia ser uma bruta luta corpo a corpo. Ela

corria pisando com força o asfalto enquanto seguia pelo meio da rua, no sentido do barulho, já sabendo para onde ia, em que lugar as Moiras teriam arranjado isso. O ateneu de Nantucket. Helen virou a esquina e viu que uma sombra escura apagara o final da rua. Mesmo em um quarto escuro é possível sentir as coisas ao seu redor, mas as sombras de Creon eram tão absolutas que elas tiravam de Helen muito mais que somente sua visão, elas desenraizavam Helen, desequilibrando todos os outros sentidos também. Olhando para a coisa que ele havia criado, Helen entendeu porque Creon era denominado o Mestre das Sombras. Ele fazia mais que só tirar a luz, ele criava aquela mesma coisa que se esconde debaixo das escadas do porão, ou no fundo do armário: aquela escuridão total que faz seu cérebro acreditar ser repleta de serial killers e monstros. Helen teve que engolir um grito só de olhar para aquilo.

Em algum lugar dentro daquele assustador buraco negro ela podia ouvir Creon e Hector agredindo um ao outro, cegos pela ira. Helen estava perdida. Ela estava com tanto medo do desnorteante nada que Creon criara que não conseguia forçar seus pés a correr para dentro dele. Gritou o nome de Hector e fechou os punhos em

frustração, e quando fez isso suas mãos começaram a brilhar um forte azul-claro de eletricidade. Então algo lhe ocorreu.



365

Quando estava lutando por sua vida contra Creon na entrada de sua casa, sua faísca havia afastado as trevas e ela pôde vê-lo.

Mesmo que ele pudesse controlar outros tipos de luz, seu relâmpago tinha que ser algo diferente. Agiu, então, imediatamente, estendendo as mãos e invocando uma brilhante faísca para dançar entre suas palmas. Ela iluminou o local todo à sua frente.

Hector estava deitado de barriga para cima e Creon por cima, batendo a cabeça dele várias vezes nos degraus de mármore da biblioteca. O brilho azul estalou e zumbiu com intensidade crescente ao redor das mãos de Helen, e Hector virou seus olhos inchados na direção da luz brilhante. Ele sorriu. Livre das sombras desnorteadoras de Creon, Hector foi capaz de lutar e sair do controle do primo, levantando-se para enfrentá-lo.

Eles avançaram um contra o outro antes que Helen pudesse dar mais um passo. Chocando-se, Creon e Hector bateram o rosto um do outro nos degraus de mármore. Eles se jogaram contra as colunas dóricas e atacaram pele e ossos, cada um tentando despedaçar o outro. Helen começou a correr, gritando para que parassem, mas foi tarde demais. Quando ainda estava a meio quarteirão de distância, Hector conseguiu ficar atrás de Creon. Com um estalo, ele quebrou o pescoço de Creon.

Helen parou de correr e congelou no meio da rua, a boca aberta enquanto o corpo sem vida de Creon rolava os degraus abaixo. Hector olhou para baixo, para o corpo, depois olhou para Helen, por um momento livre das Fúrias e em total posse de seus próprios sentimentos. Por uma fração de segundo Helen soube que Hector entendeu o que fizera e que o que fizera era impensável. Ele matara seu próprio primo.

Um cometa escuro caiu do céu e acertou em cheio o corpo distraído de Hector, jogando-o através de três colunas e quebrando a fundação do templo falso.

— Lucas, pare! — gritou Helen, sua voz falhando, dolorida, enquanto ela gritava com toda a sua força.

Lucas não conseguia escutá-la. As Fúrias o haviam tomado.

Tudo o que ele conseguia ouvir eram seus comandos para matar o fraticida. Lucas acertou Hector repetidas vezes, tentando bater nele até a morte.



366

Durante os últimos passos até o par em luta Helen deu em um meio voo. Ela se jogou para o ar e desceu com violência em cima deles com o máximo de gravidade que pôde juntar. Empurrando os dois garotos para as pedras arrebetadas dos degraus da biblioteca, Helen jogou os braços acima da cabeça e convocou relâmpagos para cada mão. Antes que qualquer um deles pudesse bloqueá-la, ela jogou os relâmpagos para baixo, na cabeça de cada um dos primos em guerra, e os eletrocutou, deixando-os inconscientes. Quando caíram paralisados sob as mãos dela, Helen pôde ouvir passos apressados atrás dela. O restante da família Delos estava chegando. — Afastem-se — gritou ela com a voz arruinada, enquanto se

virava para encarar Ariadne e Pallas, ambos correndo na direção dela, vindos de ruas opostas.

Hector estava inconsciente, mas ainda podia incitar as Fúrias em sua família. Seu pecado era tão recente que o impulso de matá-lo seria imediato e cego, até mesmo para aqueles que mais o amavam. Helen fizera as pazes com a Casa de Tebas, mas não se tornara parte dela, então estava misericordiosamente livre do desejo de matar Hector, que se tornara o grande inimigo, um Banido. Ela entrou em contato com a sensação que a conectava com seu relâmpago e sentiu uma pequena e decepcionante faísca. Ela havia corrido por horas sem beber um gole de água.

Olhou de novo para Hector e Lucas, certificou-se de que ambos respiravam e então ficou em pé e saiu andando para a rua, colocando-se entre a figura inconsciente de Hector e a família furiosa dele.

— Não se aproximem — disse Helen, forçando a voltagem que lhe sobrara a brilhar nas pontas dos dedos em um falso espetáculo de poder.

Helen esticou as mãos azuis enquanto descia o que sobrara dos degraus e olhava dos olhos astutos de Ariadne para os dentes à

mostra de Pallas. Não eram mais eles mesmos, apenas brutos instrumentos para as Fúrias. Ela pisou na rua e levantou suas mãos brilhantes como um aviso. Ao ver o relâmpago de Helen, eles se afastaram um passo ou dois, mas quando estavam prestes a se afastar por completo, Castor virou a esquina seguindo os sussurros das Fúrias.



367

Helen estava em desvantagem. Ela não tinha certeza até onde teria que chegar para proteger Hector de sua própria família. Ela não podia matar nenhum deles mais do que podia deixá-los matar Hector. Se não acreditassem em seu blefe, ela ficaria sem opções. Jamais se sentira tão sozinha em toda a sua vida.

— Helen, peguei Hector! Fique entre nós enquanto eu o tiro daqui — gritou Daphne atrás dela. — O que quer que faça, não deixe que eles coloquem os olhos nele, ou perderemos essa luta! Helen suspirou ao ouvir o som da voz de sua mãe, tão aliviada

por ter alguém do seu lado que encontrou a força que precisava para fazer a única escolha que era possível.

Ela não se importava se secaria seu corpo até a última gota. A única coisa que importava para ela era cortar o ciclo de vingança antes que ele destruísse uma família que amava. Jogou os braços bem abertos para cima e com o que restava de suas forças fez seu relâmpago dançar em um grande e ofuscante círculo ao redor de si. Ariadne, Pallas e Castor levantaram os braços para proteger os olhos da única luz sobre a qual não tinham controle.

A aura do relâmpago globular de Helen era mais quente que a superfície do sol. Derreteu o asfalto debaixo de seus pés deixando-o como lava e esquentou o ar ao redor dela até ele zumbir. A família Delos pulou, afastando-se da luz e do calor insuportáveis, mas, o mais importante, eles pularam se afastando de Daphne enquanto ela corria para dentro da escuridão com o corpo inconsciente de Hector no ombro.

A dor era insuportável. Helen não iria conseguir manter a bola de eletricidade por mais do que alguns segundos. Assim que ouviu os passos de Daphne se afastando, ela apagou como uma lâmpada queimada e, desesperada, tropeçou para fora do líquido

borbulhante que estava se acumulando debaixo dela, queimando-a e fazendo-a engasgar com os gases nocivos. Ela engatinhou até Ariadne, Castor e Pallas, o rosto deles semelhante a máscaras de agonia quando todos, de repente, se deram conta do que quase tinham feito. Mas Helen não podia deixá-los desmoronar ainda.

— Lucas precisa de ajuda! — falou ela com a voz falhando, apontando para os degraus despedaçados do ateneu.



368

— Ariadne — disse Castor com a voz fraca. — Vá pegar Lucas.

Helen, você consegue andar?

— Não — admitiu ela, balançando a cabeça.

— As pessoas vão começar a chegar — disse Castor ao carregar Helen e começar a sair com ela, mas ele parou ao notar que seu irmão não estava seguindo. — Pallas! Precisamos ir!

— Meu filho — sussurrou Pallas, sem conseguir se mexer.

— Pai, vamos! Você tem que levar o corpo de Creon! — sibilou

a voz de Ariadne das escadas do ateneu.

Ela estava com Lucas nos ombros e olhava como louca ao redor para ver se havia alguma testemunha.

O som da voz da filha conseguiu afastar Pallas de seus pensamentos o suficiente para fazê-lo pegar Creon e seguir Castor para fora do centro da cidade e para dentro do pântano.



369

19

Helen observou o copo de água à sua frente enquanto ele transpirava a umidade condensada que escorria para a mesa da cozinha. Já havia bebido o que parecia ser uma banheira de água e não estava mais com sede, mas ficou com esse último copo para ter algo mais para olhar além dos rostos desolados que a rodeavam.

— A vida dele é essa família. Essa Casa — disse Ariadne. Os

olhos dela estavam arregalados, vermelhos e pasmos, como alguém que ficara preso em muitos aeroportos diferentes, em muitos fusos horários diferentes, por muito tempo. Eles todos estavam assim, como se tivessem acordado e descoberto que estavam do lado errado do planeta. — Como Hector pode ser banido da Casa de Tebas?

— Eu poderia tê-lo detido — falou Jason com uma amarga certeza.

— Você mal consegue se sentar direito na cadeira, Jase — disse Ariadne, balançando a cabeça. Jason ainda precisava se recuperar da cura de Claire e sua irmã gêmea não o deixaria assumir responsabilidade por alguma coisa que ele nem mesmo vira. — Eu estava lá. Eu deveria tê-lo impedido.

— Você não estava na India Street quando Hector matou Creon, Ari — disse Helen, ainda olhando o copo d'água. — Eu estava.

— Pare com isso, Helen — disse Lucas. — Você e sua mãe salvaram essa família; ou, pelo menos, o que sobrou dela.

As palavras de Lucas trouxeram novas lágrimas por Pandora.

Depois de muitos minutos de choro baixinho, a família voltou ao

silêncio. Todos tinham o mesmo pensamento: se cada um deles tivesse feito uma coisa diferente naquele dia, eles poderiam ter



AFTER DARK

370

evitado a dor que estavam sofrendo. Cassandra dissera a todos que eles não poderiam saber o que iria acontecer, mas, ao dizer isso, parecia tomar para si o fardo da culpa. Parecia trancada na própria mente, incapaz de superar o fato de que ela, entre todos, era quem deveria ter sido capaz de proteger a família.

— Ligue para sua mãe, por favor — falou Noel de repente com Helen, acordando todos dos próprios pensamentos torturantes. — Eu sou a única que vai conseguir ficar perto de Hector agora e quero ver meu sobrinho. Ele vai precisar de mim neste momento. Helen assentiu e pegou o celular. Era o mesmo telefone que Hector havia lhe dado, com sangue nos nós dos dedos e um sorriso desdentado depois de Lucas ter dado uma surra nele, mas ela deixou a lembrança de lado e ligou para a mãe. Quando completou

a ligação, ela se levantou para sair da cozinha e andou até a frente da casa, que em geral era mais tranquila.

Ouviu dois toques ao mesmo tempo, um no ouvido e outro em algum lugar dentro da casa. Helen olhou ao redor e encontrou a bolsa da mãe pendurada em um gancho na entrada. Ela se censurou por não ter sido mais atenta. Daphne havia sido sequestrada; claro que deixara suas coisas para trás. Helen apertou o botão e ouviu o telefone na bolsa parar de tocar. Olhou a bolsa da mãe e foi tomada por um impulso irresistível. Assim que ela se esticou para pegá-la, bateram na porta da frente, a alguns metros dela.

Helen abriu a bolsa da mãe com pressa e pegou o celular.

Rapidamente viu a lista de últimas chamadas enquanto passos chegavam da cozinha. Concentrada na tela acesa, Helen viu alguns registros de chamadas recebidas de números não listados e algumas ligações feitas para alguém chamado Daedalus antes de ter que jogar o telefone de volta dentro da bolsa.

Ariadne apareceu na entrada para atender à porta e um instante depois Castor e Pallas apareceram atrás dela. Estavam tensos e deviam esperar a polícia ou um membro dos Cem Primos.

Depois da mais breve pausa, assentiram para Ariadne, sinalizando que ela poderia abrir a porta. Quando abriu, Daphne estava em pé na entrada.



371

— Gostaria de convocar uma reunião entre a Casa de Atreus e a Casa de Tebas — anunciou Daphne ao cruzar os braços em X sobre o peito e inclinar-se para frente, com uma reverência.

Castor e Pallas se entreolharam. Qualquer ódio que tinham por Daphne precisava, naquele momento, ser colocado de lado, e os dois sabiam disso. Pallas engoliu em seco e por fim assentiu.

— Você é bem-vinda nesta Casa e tem nossa hospitalidade — disse Castor, formal, enquanto se curvava, dava um passo para o lado e deixava Daphne à soleira da porta como sua convidada sagrada.

A reunião oficial entre as Casas aconteceu na biblioteca, com todos ao redor da cadeira de Cassandra. Helen se sentou perto da

mãe no sofá e tentou não olhar para Lucas, mesmo ele estando bem à sua frente.

— Antes de tudo, eu gostaria de pedir desculpas pela violação da sua segurança enquanto você era convidada de minha Casa — começou Castor com humildade, mas Daphne o interrompeu antes que ele concluísse o pensamento.

— Pandora estava perturbada. Ela e Ajax tinham uma ligação especial e por isso eu jamais poderia guardar rancor dela por tentar vingá-lo, em especial agora que ela está perdida para nós — disse ela, balançando a mão no ar como se quisesse afastar o pensamento. — Até onde sei, as leis de hospitalidade não foram violadas.

Ao dizer aquelas últimas palavras, Helen notou que os olhos de Lucas pousaram sobre Daphne e ela soube que ele havia sentido uma mentira, mas decidira ignorá-la pelo bem maior.

— Convoquei essa reunião para abordar duas coisas muito importantes que dizem respeito às duas Casas — continuou Daphne, com a voz macia. — A primeira é Hector e seu futuro e a segunda é minha filha e sua parte na profecia.

A cabeça de Helen virou para olhar a mãe.

— Minha o quê? — perguntou ela, completamente perdida. Helen não foi a única pessoa que não entendeu. Castor e Pallas olharam ao redor, confusos; até mesmo Cassandra deu de ombros como se admitisse não fazer ideia do que Daphne queria dizer.



372

Jason se levantou e deu um passo pesado à frente.

— Helen é Aquela que Desce que o Oráculo mencionou na profecia, a profecia que diz que Aquela que Desce libertará as Casas do ciclo de vingança — falou ele atrás do pai. — Somente percebi isso essa tarde quando Helen descreveu as terras áridas de forma tão perfeita que eu sabia que ela já havia estado lá. Aquilo, em princípio, me confundiu, porque sei que ela não é uma Curadora. Depois ela falou que desceria para tirar tanto Claire quanto eu de lá se eu não fosse forte o suficiente para fazer a jornada por conta própria. Pela sua confiança, eu soube que ela estava falando sério e

também suspeitei que ela tivesse estado lá fisicamente mais de uma vez.

— A areia em seus pés — exclamou Ariadne quando lembrou os pés sujos de Helen e o mistério dos sinos que não tocaram.

— O que tem isso? — perguntou Helen olhando ao redor para os rostos imóveis.

— Aquele que Desce não só sonha com o Mundo Inferior, Aquele que Desce literalmente vai até lá em seu corpo — respondeu Ariadne, chocada. — Você foi para o inferno toda noite?

— Seus pesadelos — disse Lucas olhando para Helen quando começou a entender.

— Você estava comigo em um deles — falou Helen para ele, confusa. — Na noite em que caímos, antes de acordarmos na praia, eu desci para buscar você, lembra? Você estava perdido e cego e eu o fiz levantar e andar. Fiz você me seguir para sair...

Naquele ponto, Helen precisou parar. Forçar Lucas a andar através do Mundo Inferior havia sido como fazer cirurgia em um animal sem usar analgésico. Ele não entendera que o que ela estava fazendo era para seu próprio bem, só soubera que ela o estava machucando.

— Aquilo foi real? — sussurrou Lucas.

Helen assentiu e esticou-se para pegar sua mão, precisando tocá-lo para se certificar de que ele não estava com medo dela, mas Daphne deteve o gesto no meio do caminho e a puxou de volta, balançando a cabeça em desaprovação.

— Você sabia — disse Lucas, virando-se para Daphne.



373

— Assim como Jason, descobri o talento de Helen esta tarde — reagiu Daphne. — Esse é um dos motivos pelos quais convoquei esta reunião.

— E quais são seus outros motivos? — perguntou Cassandra com frieza enquanto inúmeros clarões da aura do Oráculo começavam a acender o contorno do rosto dela.

Daphne abaixou a cabeça em reverência às múltiplas presenças que começaram a honrar Cassandra.

— Como Eneias, minha filha precisará da ajuda da Sibila no

Mundo Inferior — disse Daphne em tom formal. — Peço que a Casa de Tebas cuide de sua prima Helen, Herdeira da Casa de Atreus, enquanto ela cumpre seu destino no Mundo Inferior. Eu, Daphne, Chefe da Casa de Atreus, garantirei refúgio e proteção a Hector Delos, Banido da Casa de Tebas.

Todos se entreolharam, chocados tanto com o pedido quanto com a oferta de Daphne. A sala ficou em silêncio enquanto as expectativas eram recalibradas.

— Por que você faria isso por meu filho? — perguntou Pallas ao se erguer um pouco da cadeira, dividido entre agradecimento e indignação.

— Porque ele é um dos Descendentes mais fortes que já vi, mas é também um dos mais orgulhosos. A perda de seu lugar na Casa vai mudá-lo, e sem orientação ele poderia tornar-se um perigo para todos nós. Já vi isso acontecer antes — falou Daphne com calma. Então se virou para Lucas e o olhou nos olhos para ter certeza de que o que dissera fosse comprovado por ele como verdade. — Somos todos uma família e já é hora de começarmos a agir como tal.

— Ela não está mentindo — disse Lucas olhando para Pallas,

que assentiu, aliviado.

Lucas, no entanto, parecia desolado. Ele ouvira a verdade de Daphne: Helen era um membro da família dele.

Castor e Pallas se entreolharam em acordo e então olharam para Cassandra por uma aprovação final. Ela assentiu uma vez e então se levantou e deixou a biblioteca sem outra palavra.



374

— Uma última coisa — continuou Daphne, educadamente ignorando a saída rude de Cassandra —, Hector quer saber o que vai acontecer com o corpo de Creon.

— Vamos contatar Mildred para que venha buscar o filho — disse Castor, olhando para baixo, para as mãos. — Ela vai querer levá-lo de volta para o pai, para o funeral.

— Claro — falou Daphne com tristeza. — Vocês me avisariam quando ela chegar? Hector mencionou alguma coisa sobre encará-la para pedir por perdão... — Ela se interrompeu, relutante, como se

não tivesse certeza se Hector deveria fazer aquilo.

— Eu ligo para você — prometeu Pallas com firmeza na voz e saiu apressado da sala.

Daphne ficou mais um pouco e garantiu ao restante da família que Hector ficaria saudável, mas ela foi direta quanto ao fato de que ele não estava psicologicamente bem. Depois de avisar a todos que transmitiria o amor deles a Hector, ela saiu também com pressa, dizendo que já o havia deixado sozinho o tanto que se atrevia. Helen a acompanhou até a porta.

— Hector viu você na forma de Pandora na praia hoje? — perguntou ela em voz baixa para sua mãe quando chegaram à porta da frente.

— Não. E ele jamais pode ficar sabendo — disse Daphne, encarando Helen intensamente. — Você e eu somos a única família que ele tem agora, e ele precisa confiar em mim. Vocês dois precisam.

Helen sabia que sua mãe havia arriscado a vida para ajudar Hector, mas da forma como Helen enxergava, confiança era algo que se conquistava, não algo que se pudesse exigir. Mesmo que essa pessoa fosse sua própria mãe.

— Entrarei em contato com você nos próximos dias para deixá-la a par sobre o plano — prometeu Daphne ao pegar a bolsa no gancho e abrir a porta.

— Uma última coisa — pediu Helen enquanto mantinha a porta aberta. — Eu ficarei quieta sobre o que vi na praia se você concordar em livrar Jerry da influência do cinturão. Você nunca o amou, mas Kate o ama, e acho que já está na hora de você deixar alguém na sua vida ser feliz, não acha?



375

Daphne encarou Helen, chocada pelo fato de sua filha obediente finalmente ter expressado sua própria opinião, então olhou para o lado, distraída, como se estivesse ouvindo um som distante.

— Está feito — falou ela, alegre, voltando do transe momentâneo. — Não posso prometer que o relacionamento dele com Kate vai dar certo, mas o coração de Jerry é dele para que faça

o que preferir.

— Já era tempo — disse Helen, friamente.

— Toda essa dor que causei foi para protegê-la. E funcionou.

Então, não lamento nada disso — falou Daphne com um sorriso triste para Helen, antes de se virar e sair.

Helen fechou a porta e voltou para o restante da família, a testa franzida em pensamento. Assim que ela colocou os pés na sala de estar, a cabeça de Lucas virou para olhar para ela. Ele gesticulou para que fosse até ele. Apesar de saber que era a última coisa que deveria fazer, era a única coisa que queria fazer.

— Eu preciso ir pra casa — disse a ele assim que se aproximou, tentando não tremer muito. — Deixei um bilhete de despedida para meu pai em cima da minha escrivaninha quando pensei... — Ela parou e precisou respirar fundo. — De qualquer forma, tenho que me livrar do bilhete antes que ele acorde e o encontre. Ele já passou por muita coisa.

Lucas fechou o punho direito e o enfiou no bolso. Helen nunca tinha visto Lucas fazer aquele gesto antes e se deu conta de que ele estava fazendo aquilo para se impedir de pegar a mão dela.

— Então vamos — disse Lucas, desviando o olhar.

— Mas pensei que você e eu fôssemos ficar longe um do outro.

A voz dela falhou estranhamente.

Lucas balançou a cabeça, decisivo.

— Creon fez Pandora arrastar Daphne até aquela praia porque ele iria tirá-la de barco dessa ilha. O que significa que ele deveria se encontrar com alguém na água — falou Lucas, com expressão dura.

— Quando eles se derem conta de que Creon está desaparecido, virão procurá-lo, e quando não o encontrarem, virão atrás de Daphne, e então de você. Você está mais em perigo agora do que



376

jamais esteve, e eu não me importo com o quão difícil isso é para a gente. Não vou tirar os olhos de você nem por um segundo.

— Então, o que devemos fazer? — ela quase gritou jogando as mãos para o alto em rendição. Havia atingido seu limite físico e emocional.

— Venha — disse Lucas agarrando a mão dela e puxando

Helen para fora da sala.

Todos se viraram e olharam para eles, mas estavam tomados demais pelas tantas perdas que sofreram para prestar atenção na explosão de Helen.

— Vou levá-la para casa e ficar lá para vigiá-la — falou Lucas para Ariadne, que estava choramingando baixinho na cadeira.

Assim que eles chegaram do lado de fora, saltaram juntos para o ar, voando para o céu noturno.

O ar gelado era como um tapa na cara. Tirou Helen de seu estado confuso e ela se deu conta de que, não importava o que tivesse passado naquele dia, Lucas passara por coisa muito pior. Era hora de parar de sentir pena de si mesma e prestar atenção nele.

Momentos depois, eles pousaram na sacada de Helen, e Lucas virou-se para ela sem expressão no rosto, largando sua mão.

— Entre. Vou ficar bem aqui — sussurrou ele. Helen deu um passo para mais perto dele, mas apenas balançou a cabeça. — Não posso entrar — disse baixinho, a voz falhando sem esperança. — Perdi muita coisa hoje, não estou forte o suficiente.

— Eu sei — disse ela. — Sinto muito, Lucas. Helen colocou os

braços ao redor dos ombros dele. Ela o segurou, dando-lhe apoio, até Lucas estar forte o bastante para ficar em pé sozinho de novo. Ele se afastou suavemente de Helen e deu um sorriso discreto para que ela soubesse que estava melhor.

— Espere aqui um segundo, preciso avisar meu pai que cheguei.

— Não vou a lugar algum — prometeu Lucas.

Helen voou para o jardim da frente e notou que o carro de Kate ainda estava estacionado na entrada da garagem. Ela pousou e entrou pela porta da frente sem ter certeza do que diria ou faria. Encontrou seu pai dormindo no sofá na sala de estar; sentou perto



377

dele e o balançou devagar até que acordasse. Jerry pareceu aliviado por uns dois segundos, depois se sentou e suspirou desapontado.

— Você sabe o que me fez passar, certo? — perguntou ele com o coração partido. Helen sentia-se tão culpada que não conseguia

olhar nos olhos dele. Ela só balançou a cabeça. — É bom você começar a explicar.

Helen pensou em como tanta gente em sua vida já sabia o que ela era e só por um momento pensou em contar tudo para o pai. Mas se ela abrisse aquela caixa de segredos, também teria que contar que Daphne estava de volta, e não podia fazer isso. Não depois de finalmente liberá-lo daquela ligação artificial com ela. Pela primeira vez em quase duas décadas Jerry tinha a chance de ter uma vida real com uma mulher que, de fato, o amava também. Helen não permitiria que qualquer coisa ameaçasse aquilo.

— Não posso, pai. Pelo menos não agora. Acho que eu poderia inventar uma desculpa, mas seria uma mentira — disse Helen desanimada enquanto esfregava as mãos no rosto e na cabeça, que doía. — E nunca quero mentir para você.

— É assim que as coisas serão entre a gente agora? Sem confiança, sem comunicação, sem respeito?

— Não, pai. Nem fale isso — disse Helen balançando a cabeça cansada, mirando os olhos do pai.

— Já passei por isso antes, sabe? — falou Jerry, baixo. —

Passei várias noites esperando bem aqui neste sofá que alguém

chegasse em casa. E ela nunca chegou. Não vou mais fazer isso, Helen.

— Bom — disse Helen vendo uma faísca, que nunca vira antes, em seu pai. — Não quero que você desperdice mais um segundo de sua vida esperando por ninguém. Nem mesmo por mim. Minha vida está doida agora e não posso prometer que não vou desaparecer de novo. Mas posso prometer que sempre voltarei para você. Não vou abandoná-lo, pai. Nunca.

— Sei que não vai — disse ele, como se acabasse de se dar conta de que era verdade. Respirou fundo e sentou-se, calado por um momento, pensando. Então prosseguiu: — Bem, sempre soube que você era diferente e também sabia que um dia você se daria



378

conta disso. Essa é toda a explicação que vou ter de você agora, não é?

— Por enquanto — falou Helen com um sorriso carinhoso para

aquele que tinha que ser o melhor pai de todos os tempos.

— Faria alguma diferença colocá-la de castigo? — perguntou ele com um brilho de humor nos olhos enquanto se levantava e espreguiçava.

— Acho que não — disse Helen, rindo.

Ela se levantou e abraçou o pai. Ele retribuiu com mais do que perdão. Ele a abraçou para que ela soubesse que a aceitava exatamente como ela era — noites sem dormir e tudo mais. Enquanto andavam até a escada juntos, um pensamento feliz ocorreu a Helen.

— Você vai deitar? — perguntou Helen, olhando para ele com um olhar manhoso. O pai assentiu. — Achei que tinha visto o carro de Kate lá fora. Ela está no seu quarto?

— Está — disse ele com os olhos um pouco fechados e os lábios apertados. — Por isso eu estava no sofá.

— Você não está mais no sofá — observou Helen com a voz inocente. Jerry parou à porta do quarto dele e se virou para olhá-la.

— Você vai ficar bem com isso? — perguntou ele, sério. Helen sabia que, se dissesse que isso a incomodava, ele se viraria e

passaria o resto da noite sozinho.

— Pai, nunca estive melhor com qualquer outra coisa na minha vida — falou Helen honestamente.

Entrou no quarto dela e fechou a porta com firmeza para que ele soubesse que ela lhe daria privacidade.

Helen ouviu o pai acordar Kate e contar para ela que tudo estava bem e então se virou para rasgar o bilhete que deixara sobre sua escrivaninha. Saiu voando pela janela para encontrar Lucas na sacada.

— Você ouviu tudo? — perguntou quando viu o olhar solidário dele.

— Isso a incomoda?

Ele tirou o saco de dormir do baú e o estendeu para os dois se sentarem.



379

— Não — disse ela, balançando a cabeça. — Eu teria lhe

contado de qualquer forma. É como se, de alguma forma, qualquer coisa por que eu esteja passando não aconteça de verdade até você ficar sabendo.

— Sei o que quer dizer — sussurrou ele.

Eles se sentaram perto um do outro na beirada da sacada, as coxas apertadas entre as barras da grade e os pés balançando para fora da casa.

— É segunda-feira. Temos que ir para a escola daqui a algumas horas — falou Helen. — Imagino que seria suspeito se todos ficássemos em casa, não é?

— Muito suspeito — replicou Lucas. — Além do mais, você ficará mais segura em um lugar público. Os Cem não vão atacá-la na frente de testemunhas humanas.

— E você? — perguntou Helen olhando para as mãos. — Os Cem virão atrás de você e sua família, agora?

— Não sei — respondeu Lucas balançando a cabeça, cansado.

— Mas qualquer coisa que fizerem, sabem que se matarem um de sua própria espécie se tornarão Banidos e, quanto mais Banidos existirem, mais longe estarão de recuperar Atlântida. Acho que vão concentrar as energias em Daphne e Hector. E em você.

Helen assentiu e pensou se deveria continuar fazendo perguntas.

— E amanhã, o que devo dizer sobre Hector se alguém perguntar? Ou Pandora? — perguntou Helen de forma gentil, sabendo que toda vez que falava o nome deles machucava Lucas um pouco mais.

— Pandora voltou para a Europa para estudar arte em Paris — murmurou Lucas. — E Hector ficará em casa pelos próximos dias com uma gripe terrível, até que possamos coordenar um plano com sua mãe.

— Eu não confio na minha mãe — disse Helen enquanto encarava o sol nascente.

— Cassandra também não — replicou Lucas sem olhar para ela. — Ela acha que Daphne está escondendo alguma coisa.

— Você acha que minha mãe é perigosa? — perguntou Helen. Então se virou para Lucas, preocupada.



— Acho que ela está cem por cento dedicada a libertar os Vadios e os Banidos — respondeu ele escolhendo as palavras com cuidado. — Desde que a gente se lembre disso, acho que não há nenhuma razão para não confiar nela. Ela não tem mentido.

Helen assentiu, aceitando a interpretação de Lucas.

— Eu tenho bastante bagagem para conseguir pensar de forma racional sobre minha mãe.

— Essa é a coisa engraçada de ser um Descendente — disse Lucas sorrindo no ar cor-de-rosa do frio amanhecer. — Nossas lutas podem destruir o mundo inteiro, mas para nós são apenas brigas de família. E ninguém jamais age de forma racional quando a questão envolve a família.

Helen sorriu de volta para ele, de novo tocada pelo quão sensível ele era. Então se deu conta do que estava fazendo e lembrou como era importante manter distância dele. Ela virou o rosto e fez força para ficar em pé.

— Você vai ficar bem? — perguntou ela.

Ele não respondeu, apenas sorriu para ela e assentiu antes de voltar o rosto para o horizonte.

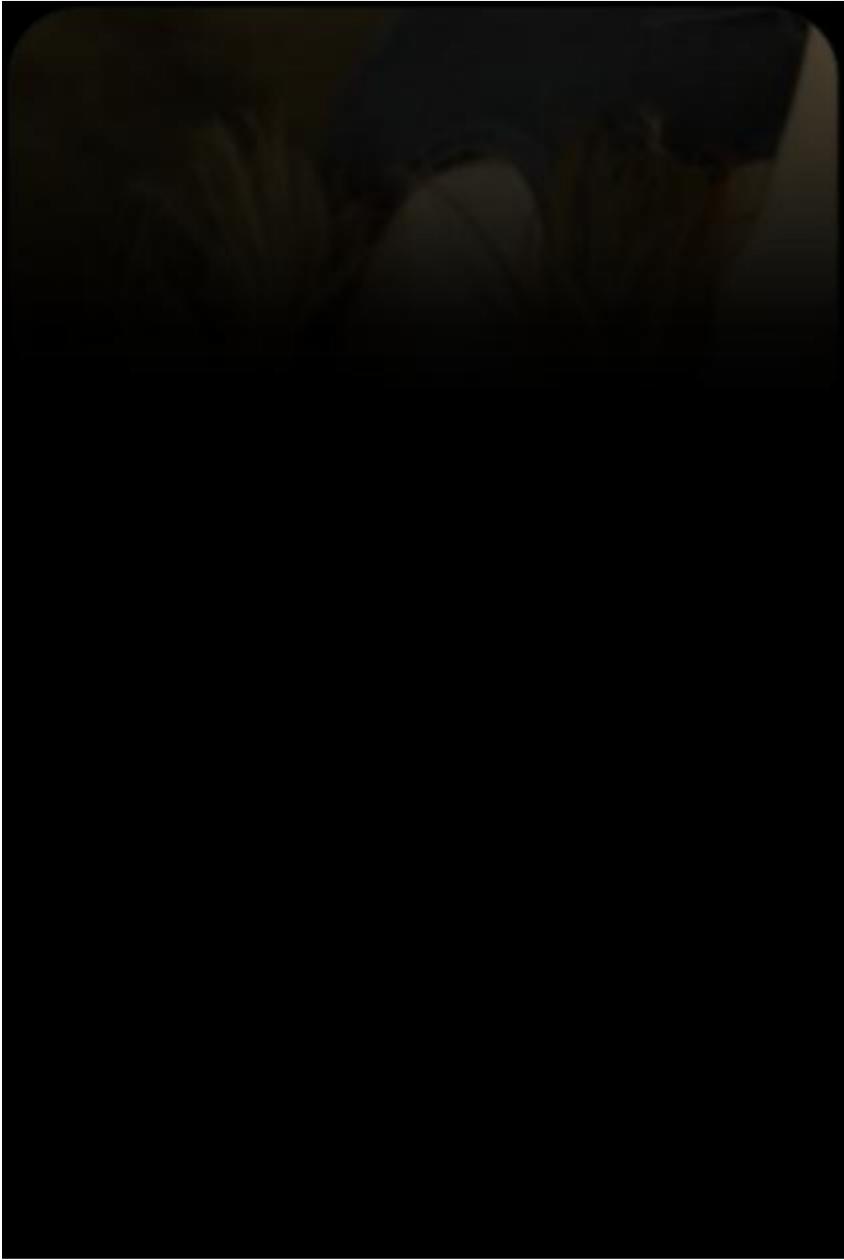
— Bom dia, Lucas — disse ela, sua voz suave e triste enquanto saía.

— Bom dia, Helen — respondeu ele sem se permitir virar e olhar para ela enquanto o deixava.

Helen, amada pela deusa do amor, desceu as escadas para se enfiar na cama vazia enquanto Lucas, filho do sol, se inclinava para trás apoiando-se nos cotovelos e assistindo a seu deus-pai fazer brilhar as tábuas de madeira crua da sacada de Helen.

Fim...

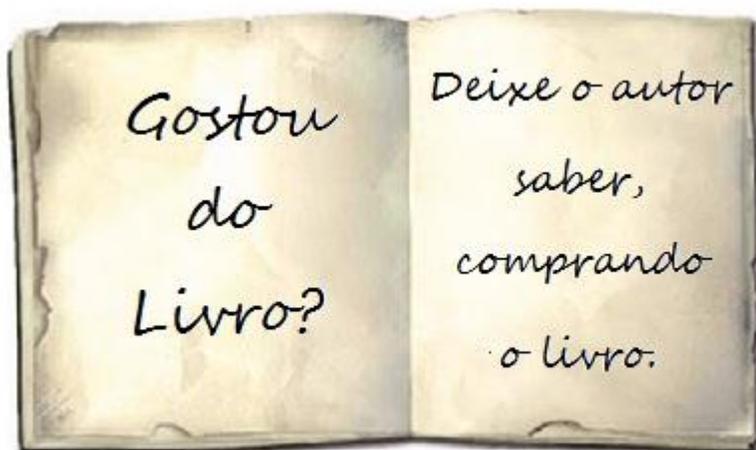












381

Josephine Angelini nasceu no estado de Massachusetts e é a mais nova de oito irmãos. Filha de um fazendeiro, se formou pela New York University's Tisch School of the Arts em teatro, com foco nos clássicos. Ela agora vive em Los Angeles com o marido.



AFTER DARK

☪ *All Creatures of the night get together After dark* ☪



Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>



